

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

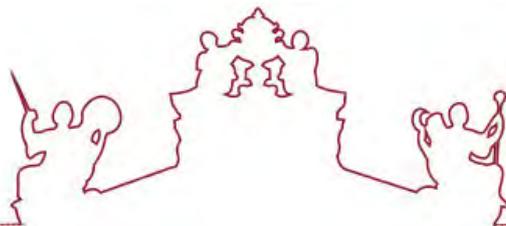
**Projeto de Arquitetura para um Centro Interpretativo e
Museográfico em Barranco do Velho. Estrada Património
Almodôvar a São Brás de Alportel.**

Ana Teresa Cavaco Gonçalves

Orientador(es) | João Rocha

Ricardo Costa Agarez

Évora 2024



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

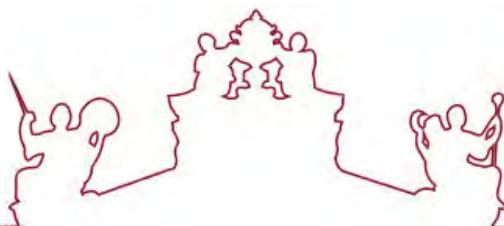
**Projeto de Arquitetura para um Centro Interpretativo e
Museográfico em Barranco do Velho. Estrada Património
Almodôvar a São Brás de Alportel.**

Ana Teresa Cavaco Gonçalves

Orientador(es) | João Rocha

Ricardo Costa Agarez

Évora 2024



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Maria Teresa Alves (Universidade de Évora)

Vogais | Francisco Freitas (Universidade de Évora) (Arguente)
João Rocha (Universidade de Évora) (Orientador)

Architectural Project for an Interpretive and Museum Center in Barranco do Velho

Projeto de Arquitetura para um Centro Interpretativo e Museográfico em Barranco do Velho

Heritage Road Almodôvar to São Brás de Alportel

Estrada Património Almodôvar a São Brás de Alportel



Orientação científica: Professor Doutor Arquiteto João Rocha

Coorientação científica: Professor Doutor Arquiteto Ricardo Costa Agarez

Ana Teresa Cavaco Gonçalves | 30175

À minha Família,
Aos meus Amigos,
Aos meus Vizinhos
e a todas as pessoas que contribuíram para o desenvolver deste trabalho,
o meu profundo agradecimento.

Um especial agradecimento a todas as entidades: Câmara Municipal de Loulé; Câmara Municipal de São Brás de Alportel; Câmara Municipal de Almodôvar; Arquivo Distrital de Faro; Museu do Traje – São Brás de Alportel, ACP - Automóvel Club de Portugal e SNIT – Sistema Nacional de Informação Territorial, por terem cedido cartografia e fotografias antigas. Aos participantes da pesquisa: Henrique Guerreiro; Michel Guerreiro e Deodato Cavaco, por terem cedido várias fotografias antigas do Barranco do Velho e da Cortelha. E aos entrevistados por terem aceitado o desafio e terem contribuído com tanto conhecimento e histórias: Manuel Guerreiro, Marília Ramos, Maria Lopes, Maria Conceição, Vítor Gonçalves, Rui Lopes, Manuel Catarina Cavaco, Manuel Joaquim Cavaco, Adérito Cavaco, Serafina Guerreiro, Raquel Santos, Henrique Mendonça e Vitalina Martins.

RESUMO

Projeto de Arquitetura para um Centro Interpretativo e Museográfico em Barranco do Velho
Estrada Património Almodôvar a São Brás de Alportel

A presente Dissertação de Mestrado tem como objetivo conhecer, preservar, conservar, cuidar, salvaguardar e divulgar um património que ainda resiste à passagem do tempo. Este património tem como objeto de estudo, um troço da Estrada Nacional Nº 2, a qual atravessa Portugal de Norte a Sul. Esse troço – Almodôvar - S. Brás de Alportel – classificado de Estrada Património, faz a passagem do Alentejo para o Algarve com a travessia da Serra do Caldeirão. Trata-se de um eixo, repleto de várias construções, de carácter arquitetónico, histórico e patrimonial, de que são exemplo as construções de arquitetura tradicional algarvia, as infraestruturas construídas no Estado Novo de apoio à própria Estrada Nacional Nº 2 e a Necrópole de origem romana na localidade do Ameixial.

Esta estrada, depois de serem construídas outras vias de acesso ao Algarve, acabou por ser menos utilizada, tendo como consequência a desertificação das povoações localizadas ao longo da via. Uma dessas localidades, o Barranco do Velho, era considerada uma estância de paragem para os viajantes, contendo, predominantemente, comércios e um sítio de estadia, que, assim, foram desaparecendo com o tempo. Esta localidade é também, o único ponto do Algarve, onde a Estrada património se cruza com a Via Algarviana, um conjunto de percursos pedestres, internacionalmente reconhecidos que percorre a região no sentido longitudinal e, por fim, é também o único ponto onde divergem outras estradas para diferentes destinos do Algarve.

A desertificação é uma problemática que urge resolver, pelo que a proposta consiste num projeto de arquitetura e conteúdos expositivos para recuperação de uma construção arruinada na localidade do Barranco do Velho para a instalação de um Centro Interpretativo e Museográfico da Estrada Património. Este novo equipamento contribuirá para a revitalização daquele eixo de ligação entre as vilas de Almodôvar e de São Brás de Alportel com a divulgação da Estrada Património e das estruturas que a envolvem, e a promoção, mediante a apresentação de um exemplo concreto, da preservação e conservação do património, no sentido da sua valorização histórica, urbanística, arquitetónica, sociocultural e económica.

Palavras-Chave:

Estrada, Património, Memórias, Etnografia, Arquitetura.

ABSTRACT

Architectural Project for an Interpretive and Museum Center in Barranco do Velho
Heritage Road Almodôvar to São Brás de Alportel

This Master's Dissertation aims to know, preserve, conserve, care, safeguard and disseminate a heritage that still resists the passage of time. This heritage has as its object of study, a section of the National Road Nr. 2, which crosses Portugal from North to South. This section - Almodôvar - Brás de Alportel - classified as Heritage Road, makes the crossing from Alentejo to the Algarve through the Caldeirão Mountain. It is an axis, full of various constructions of architectural, historical and patrimonial character, such as the constructions of traditional Algarvian architecture, the infrastructures built in the Estado Novo in support of the National Road Nº 2 itself and the Necropolis of Roman origin in the locality of Ameixial.

This road, after being built other access roads to the Algarve, was less used, resulting in the desertification of villages along the road. One of these locations, Barranco do Velho, was considered a stopping place for travelers, containing predominantly trades and a place of stay, which thus disappeared over time. This town is also the only point in the Algarve, where the Heritage Road intersects with the Via Algarviana, a set of internationally recognized walking routes that run along the region in the longitudinal direction and, finally, it is also the only point where other roads diverge to different destinations in the Algarve.

Desertification is a problem that needs to be solved, so the proposal consists of a project of architecture and exhibition content to recover a ruined building in Barranco do Velho for the installation of an Interpretive and Museographic Center of the Heritage Road. This new equipment will contribute to the revitalization of that connecting axis between the villages of Almodôvar and São Brás de Alportel with the disclosure of the Heritage Road and its surrounding structures, and the promotion, through a concrete example, of the preservation and conservation of heritage, in the sense of its historical, urbanistic, architectural, socio-cultural and economic valorization.

Key words:

Road, Heritage, Memories, Ethnography, Architecture.



Figura 1 A Estrada Nacional Nº2, por Duarte Belo

O trabalho da Dissertação tem por base o novo acordo ortográfico e segue a norma APPA

ÍNDICE

009 RESUMO

010 ABSTRACT

018 | 022 INTRODUÇÃO

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

I A SERRA DO CALDEIRÃO

027 | 034 Origem e História

035 Território

036 Serra

037 Ribeira

038 Montanha

039 Vale

040 Paisagem

041 | 042 Paisagem Natural

043 | 044 Paisagem Construída

045 | 047 Arquitetura Vernacular Serrana

II ESTRADA PATRIMÓNIO ALMODÓVAR - SÃO BRÁS DE ALPORTEL

050 | 052 A Origem da Estrada e sua Evolução Histórica

053 Neolítico

053 | 054 Época Romana

056 Época Islâmica

056 Época Medieval

056 Idade Média

057 | 058 Século XIX

058 | 059 Século XX

059 | 060 Século XXI

065 | 067 A Formação da Estrada

068 | 069 Lanço São Brás de Alportel – Alportel

070 | 071 Lanço Alportel – Barranco do Velho

072 | 073 Lanço Barranco do Velho – Cortelha

074 | 075 Lanço Cortelha – Cumeada dos Cavalos

076 | 079 Lanço Cumeada dos Cavalos – Ameixial

- 080 | 081 Lanço Ameixial – Ribeira do Vascão
- 082 | 083 Lanço Ribeira do Vascão – Almodôvar
 - 084 As construções de apoio à estrada
- 085 | 089 Secções de Conservação
- 090 | 099 Casas dos Cantoneiro
 - 100 Casetas
- 101 | 103 Postos de trânsito
- 104 | 108 Fontanários
- 109 | 113 Parques de Lazer e Miradouro
- 114 | 130 Estalagens
- 131 | 132 Escolas Primárias
- 133 | 136 Pontes

III AS POVOAÇÕES

- 139 O Território Humanizado
- 140 Breve Caracterização das Povoações
- 140 | 142 Almodôvar
 - 143 Dogueno
- 144 | 152 Ameixial
 - 153 Besteiros
 - 153 Cavalos
 - 153 Vale da Rosa
- 154 | 155 Vale Maria Dias
- 156 | 160 Cortelha
 - 161 Barranco do Velho
- 162 | 164 Bicas da Serra
- 165 | 166 Alportel
- 167 | 171 São Brás de Alportel

IV A IMPORTÂNCIA DO BARRANCO DO VELHO NA ESTRADA PATRIMÓNIO

- 174 | 175 A Pertinência do Lugar
- 176 | 179 A Situação Topográfica do Barranco do Velho
- 180 | 181 A Origem
- 182 | 183 População e os Costumes
- 184 | 188 Atividades Económicas
- 189 | 192 A Figura Estanco Louro
- 193 | 198 A Arquitetura

V PROPOSTA PARA UM CENTRO INTERPRETATIVO E MUSEOGRÁFICO NO BARRANCO DO VELHO

202 As Ruínas

203 | 204 Ruína 1

205 | 206 Ruína 2

207 Ruína 3

208 A Proposta

208 Percurso

208 Centro Interpretativo e Museográfico

208 Torre Panorâmica

208 | 209 Abrigo

211 | 213 CONSIDERAÇÕES FINAIS

214 | 217 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

219 | 254 TESTEMUNHOS ORAIS

256 | 273 FOTOGRAFIAS DA MAQUETA

INDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 A Serra do Caldeirão, por Duarte Belo	23
Figura 2 Carta Corográfica do Reino do Algarve, 1842	27
Figura 3 Esquema - Divisão do Algarve: Serra, Barrocal e Litoral (executado pela autora) in Casas e Montes entre as extremas do Alentejo e do Algarve, de Miguel Reimão Costa	28
Figura 4 Fragmento de Estela com inscrição periférica, Monte da Portela, Ameixial, Séculos VI-Va.C., in Loulé Territórios, Memórias e Identidades	30
Figura 5 Delimitação da Serra do Caldeirão, A - Baixo Guadiana B - Serra de Tavira C - Serra Alta D - Vertente Ocidental, executado pela autora	32
Figura 6 Colhendo grãos com foices na Serra do Caldeirão, por Dan Stanislawski	34
Figura 7 Desenho em aguarela das montanhas da Serra do Caldeirão, executado pela autora	36
Figura 8 Ribeira do Vascão, por autora	37
Figura 9 As encostas desmatadas do Caldeirão com montes de trigo, por Dan Stanislawski	38
Figura 10 Paisagem Serrana na Primavera, por autora	42
Figura 11 Anta do Beringel, Ameixial, por autora	43
Figura 12 Anta da Pedra do Alagar, Ameixial, por autora	43
Figura 13 Casa Serrana, por Artur Pastor	44
Figura 14 Postal Casa Algarvia, cedido por Deodato Cavaco	46
Figura 15 Palheiro, Corte D'Ouro, Ameixial, por autora	46
Figura 16 Postal do Algarve – Mulheres a escolher figos secos, cedido por Deodato Cavaco	46
Figura 17 Postal do Algarve - Chaminés Algarvias, cedido por Deodato Cavaco	46
Figura 18 Estrada Nacional N°2, sítio do Alportel, cedida por Câmara Municipal de São Brás de Alportel	51
Figura 19 Camião algures na Estrada Nacional N°2, cedida por Deodato Cavaco	51
Figura 20 Mapa Portugal Automobilismo, 1905, in Biblioteca Nacional	52
Figura 21 Calçadinha, São Brás de Alportel, cedida por Câmara Municipal de São Brás de Alportel	55
Figura 22 Calçadinha, São Brás de Alportel, cedida por Câmara Municipal de São Brás de Alportel	55
Figura 23 Capa da Revista - Pedra & Cal	61
Figura 24 Mapa esquemático de Portugal, concelhos que a estrada nacional N°2 atravessa, executado pela autora	62
Figura 25 Mapa esquemático de Portugal, rios que a estrada nacional n°2 atravessa, executado pela autora	63
Figura 26 Mapa esquemático de Portugal, serra que a estrada nacional N°2 atravessa, executado pela autora	64
Figura 27 Trabalhos na estrada, cedida por Acp	66

Figura 28 Esquema dos três concelhos que a estrada Património atravessa (Almodôvar, Loulé e São Brás de Alportel), a base do esquema foi obtido através do Sistema Nacional de Informação Territorial (SNIT), editado e executado pela autora _____	67
Figura 29 Lanço São Brás de Alportel - Alportel, por autora _____	68
Figura 30 Esquema Estrada Património, Lanço São Brás de Alportel, executado pela autora _____	69
Figura 31 Lanço Alportel - Barranco do Velho, por autora _____	70
Figura 32 Lanço Alportel - Barranco do Velho, por autora _____	70
Figura 33 Esquema Estrada Património, Lanço Alportel - Barranco do Velho, executado pela autora _____	71
Figura 34 Lanço Barranco do Velho - Cortelha, por autora _____	72
Figura 35 Esquema Estrada Património, Lanço Barranco do Velho - Cortelha, executado pela autora _____	73
Figura 36 Lanço Cortelha - Cumeada dos Cavalos, por autora _____	74
Figura 37 Esquema Estrada Património, Lanço Cortelha - Cumeada dos Cavalos, executado pela autora _____	75
Figura 38 Lanço Cumeada dos Cavalos - Ameixial, por autora _____	77
Figura 39 Lanço Cumeada dos Cavalos - Ameixial, por autora _____	78
Figura 40 Esquema Estrada Património, Lanço Cumeada dos Cavados - Ameixial, executado pela autora _____	79
Figura 41 Lanço Ameixial - Ribeira do Vascão, por autora _____	80
Figura 42 Esquema Estrada Património, Lanço Ameixial - Ribeira do Vascão, executado pela autora _____	81
Figura 43 Lanço Ribeira do Vascão - Almodôvar, por autora _____	82
Figura 44 Lanço Ribeira do Vascão - Almodôvar, por autora _____	82
Figura 45 Esquema Estrada Património, Lanço Ribeira do Vascão - Almodôvar, executado pela autora _____	83
Figura 46 Marco de Secção, Barranco do Velho, por autora _____	85
Figura 47 Marco de Secção, Barranco do Velho, por autora _____	85
Figura 48 Secção de Conservação, Barranco do Velho, executado pela autora _____	86
Figura 49 Secção de Conservação, Barranco do Velho, executado pela autora _____	86
Figura 50 Planta rés do chão, Secção de Conservação de São Brás de Alportel, cedida por Museu de São Brás de Alportel _____	87
Figura 51 Planta Piso 1, Secção de Conservação de São Brás de Alportel, cedida por Museu do Traje de São Brás de Alportel _____	88
Figura 52 Alçado Principal, Secção de Conservação São Brás de Alportel, cedida por _____	89
Figura 53 Secção de Conservação de São Brás de Alportel, executado pela autora _____	89
Figura 54 Planta da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro _____	91
Figura 55 Casa dos Cantoneiros de Dogueno, executado pela autora _____	91
Figura 56 Alçado Principal da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro	

	92
Figura 57 Alçado Lateral da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro	92
Figura 58 Corte Longitudinal da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro	93
Figura 59 Corte Transversal da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro	93
Figura 60 Paineis em Azulejo utilizados no Projeto tipo para as Casas dos Cantoneiros	95
Figura 61 Planta Projeto tipo para as Casas dos Cantoneiros localizadas no Algarve, in	96
Figura 62 Alçado Principal Projeto tipo para as Casas dos Cantoneiros localizadas no	96
Figura 63 Corte Projeto tipo para as Casas dos Cantoneiros localizadas no Algarve, in	97
Figura 64 Casa dos Cantoneiros de Cumeada dos Cavalos, executado pela autora	98
Figura 65 Casa dos Cantoneiros de Vale Maria Dias, executado pela autora	98
Figura 66 Casa dos Cantoneiros de Bicas da Serra, executado pela autora	99
Figura 67 Caseta, executado pela autora	100
Figura 68 Polícia Oliveira na companhia de crianças no Posto da Polícia da Viação	102
Figura 69 Projeto tipo dos Postos da Polícia de Viação e Trânsito em Portugal, in	102
Figura 70 Antigo Posto da Polícia de Viação e Trânsito, por autora	103
Figura 71 Antigo Posto da Polícia de Viação e Trânsito, por autora	103
Figura 72 Fonte da Seiceira, Ameixial, executado por autora	105
Figura 73 Fonte da Catraia, Barranco do Velho, executado pela autora	106
Figura 74 Depósito de Água, JAE, Barranco do Velho, executado pela autora	107
Figura 75 Depósito da Água, JAE, Barranco do Velho, executado pela autora	107
Figura 76 Fonte das Bicas da Serra, executado pela autora	108
Figura 77 Parque de Lazer, entre o Dogueno e Almodôvar, executado pela autora	109
Figura 78 Parque de Lazer, entre o Dogueno e Almodôvar, executado pela autora	110
Figura 79 Parque de Lazer, entre a Ribeira do Vascão e o Ameixial, executado pela	110
Figura 80 Parque de Lazer, Ameixial, executado pela autora	111
Figura 81 Parque de Lazer, Bicas da Serra, executado pela autora	111
Figura 82 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora	112
Figura 83 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora	112
Figura 84 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora	113
Figura 85 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora	113
Figura 86 Antigo Cartão de Visita, Abrigo de Montanha, cedido por Henrique Guerreiro	114
Figura 87 Mapa de Portugal com a marcação das principais	115
Figura 88 Antiga fotografia de jornal da Casa da Tia Bia, localizada em frente	116
Figura 89 Estudo em Planta, pertencente ao piso 1, da Estalagem do Barranco	117
Figura 90 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro	118
Figura 91 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro	118
Figura 92 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro	119

Figura 93	Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro	119
Figura 94	Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro	120
Figura 95	Abrigo de montanha, em fase de demolição, para construção	120
Figura 96	Restaurante/Pensão Tia Bia, cedido por Henrique Guerreiro	121
Figura 97	Recorte de Jornal, cedido por Henrique Guerreiro	122
Figura 98	Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás (2015), p.9	123
Figura 99	Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás, (2015), p.116	125
Figura 100		126
Figura 101	Plantas: Piso 0 e Piso 1 e Piso 2 e Cobertura	126
Figura 102		127
Figura 103		127
Figura 104	Alçados: Poente e Norte, nascente e Sul	127
Figura 105	Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás (2015), p.158	128
Figura 106	Interior da Pousada, in Pousada de São Brás (2015), p.97	129
Figura 107	Interior da Pousada, in Pousada de São Brás (2015), p.98	129
Figura 108	Pousada vista de cima, in Pousada de São Brás (2015), p.128	130
Figura 109	Escola Primária de Almodôvar, executado pela autora	131
Figura 110	Escola Primária do Ameixial, executado pela autora	132
Figura 111	Escola Primária de Besteiros, executado pela autora	132
Figura 112	Ponte Romana de Almodôvar, executado pela autora	133
Figura 113	Ponte nova e pedonal de Almodôvar, executado pela autora	134
Figura 114	Ponte do Morgadinho, executado pela autora	134
Figura 115	Ponte do Vascão, executado pela autora	135
Figura 116	Ponte do Vascão, executado pela autora	136
Figura 117	Planta geral do alargamento da faixa de rodagem na localidade do	145
Figura 118	Proposta de fachada de habitação, para um habitante da aldeia, in	146
Figura 119	Planta referente á proposta de fachada da habitação, para um	146
Figura 120	Proposta de fachada de habitação, para um habitante da aldeia, in	147
Figura 121	Proposta de fachada de habitação, para um habitante da aldeia, in	147
Figura 122	Rua Principal dos Ameixial (Nacional N°2) atualmente, por autora	148
Figura 123	Ruína da habitação, representada na Figura 117, por autora	148
Figura 124	Pormenor da Ruína da habitação representada na Figura 117, por autora	149
Figura 125	Ruína de antiga habitação, por autora	149
Figura 126	Igreja Ameixial, por autora	150
Figura 127	Bomba de Gasolina, edifício construído pela JAE, por autora	151
Figura 128	Cemitério, edifício construído pela JAE, por autora	151
Figura 129	Alçado Escola Primária, in Arquivo Distrital de Faro	152
Figura 130	Escola Primária, atualidade, por autora	152
Figura 131	Vista aérea de Vale Maria Dias, cedido por Deodato Cavaco	154
Figura 132	Vista aérea da Barragem do Vale Maria Dias, cedido por Deodato	155

Figura 133	Bomba de gasolina, Cortelha, cedido por Deodato Cavaco _____	157
Figura 134	Bomba de gasolina, Cortelha, cedido por Deodato Cavaco _____	158
Figura 135	Passagem de um rally á entrada da povoação da Cortelha, cedido _____	158
Figura 136	Motocross na Pista do Cemitério, 1979, cedido por Deodato Cavaco _____	159
Figura 137	Vista aérea Povoação da Cortelha, cedido por Deodato Cavaco e _____	160
Figura 138	Vista aérea Povoação da Cortelha, cedido por Deodato Cavaco e _____	160
Figura 139	Passagem histórica da volta a Portugal pelo Barranco do Velho, _____	161
Figura 140	Sítio das Bicas da Serra, por autora _____	162
Figura 141	Sítio das Bicas da Serra, por autora _____	163
Figura 142	Sítio das Bicas da Serra, por autora _____	164
Figura 143	Sítio das Bicas da Serra, por autora _____	164
Figura 144	Fonte Férrea, Alportel, cedido por Câmara Municipal de São Brás de _____	166
Figura 145	Miradouro do Alto da Arroiteia, por autora _____	166
Figura 146	Vista aérea de São Brás de Alportel, no início da década de 80, _____	168
Figura 147	Vista aérea de São Brás de Alportel antigo, cedido por Câmara _____	168
Figura 148	Rua Gago Coutinho, registo antigo, cedido por Câmara _____	169
Figura 149	Rua Luiz Bivar, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São _____	169
Figura 150	Igreja Matriz, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São _____	170
Figura 151	Terreiro, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de _____	170
Figura 152	Trecho do Jardim, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de _____	171
Figura 153	Trecho do Jardim, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de _____	171
Figura 154	Cruzamento á entrada da aldeia, recorte de jornal antigo, cedido _____	174
Figura 155	Esquema do cruzamento de vias - Estra Nacional N°2, Estrada Nacional N°124 e Via Algarviana, executado pela autora _____	175
Figura 156	Mapa Topográfico, Barranco do Velho, esc_ 1:25000, executado pela autora __	177
Figura 157	Mapa Hidrográfico, Barranco do Velho, esc_ 1:25000, executado pela autora __	179
Figura 158	Monte de Baixo, Barranco do Velho, in Boletim Casa das Fontes _____	181
Figura 159	Família Pereirinha, rodeando um sobreiro, Museu do Traje _____	183
Figura 160	Esquema Percurso da Via Algarviana pelos Sítios Rede Natura 2000, executada pela autora _____	186
Figura 161	Fonte do Chafariz ou do Álamo, Barranco do Velho, por autora _____	187
Figura 162	Fonte do Serro Alto, Barranco do Velho, por autora _____	187
Figura 163	Fonte do Chafariz, Barranco do Velho, por autora _____	188
Figura 164	Fonte Férrea, Barranco do Velho, por autora _____	188
Figura 165	Estanco Louro com o seu cão de caça à entrada de casa, _____	191
Figura 166	Estanco Louro (segundo da direita) e sua família, cedida pelo Museu do Traje São Brás de Alportel _____	192
Figura 167	Prédios e Igreja, Família Pereirinha, in Portugalfotografiaaerea _____	194
Figura 168	Prédios e Igreja, Família Pereirinha, in Portugalfotografiaaerea _____	194
Figura 169	Casa de Manuel Pereira, Serro Alto, cedido por Museu do Traje São _____	194

Figura 170 Casa de Manuel Pereira, Serro Alto, cedido por Museu do Traje São _____	195
Figura 171 Torre da Igreja, cedido por Michel Guerreiro _____	196
Figura 172 Mal Julgado, Barranco do Velho, cedido por Michel Guerreiro _____	197
Figura 173 Mal Julgado, Barranco do Velho, cedido por Michel Guerreiro _____	197
Figura 174 Casa das Fontes, Monte de Baixo, Barranco do Velho, in Boletim Casa das ____	198
Figura 175 Casa das Fontes, Monte de Baixo, Barranco do Velho, in Boletim Casa _____	198
Figura 176 Ilustração da Ruína da Casa de férias de Estanco Louro, executado pela autora	203
Figura 177 Ruína 1, casa térrea, executado pela autora _____	204
Figura 178 Ruína 1, casa térrea, executado pela autora _____	204
Figura 179 Ilustração Ruína 2, Castelinho, executado pela autora _____	205
Figura 180 Ruína 2, executado pela autora _____	206
Figura 181 Ruína 2, executado pela autora _____	206
Figura 182 Ruína 3, executado pela autora _____	207
Figura 183 Maqueta vista de cima, executada pela autora _____	256
Figura 184 Vista em perspetiva da Maqueta, executada pela autora _____	257
Figura 185 Edifícios Abrigo, vistos de cima, executado pela autora _____	258
Figura 186 Vista em perspetiva da maqueta, Edifícios Abrigo e Torre Panorâmica, executado pela autora _____	259
Figura 187 Vista em perspetiva dos Edifícios do Abrigo, executado pela autora _____	260
Figura 188 Vista em perspetiva da Maqueta, Edifícios Abrigo e Torre Panorâmica, executado pela autora _____	261
Figura 189 Vista de cima Torre Panorâmica, executado pela autora _____	262
Figura 190 Percurso arquitetónico até à Torre Panorâmica, executado pela autora _____	263
Figura 191 Percurso arquitetónico até à Torre Panorâmica, executado pela autora _____	264
Figura 192 Vista em perspetiva, Edifícios Abrigo e Torre Panorâmica, executado pela autora _____	265
Figura 193 Torre Panorâmica, executado pela autora _____	266
Figura 194 Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora _____	267
Figura 195 Vista de cima, Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora ____	268
Figura 196 Vista em perspetiva, Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora _____	269
Figura 197 Vista em perspetiva, Centro Interpretativo e Museográfico e em segundo plano o restante conjunto arquitetónico, executado pela autora _____	270
Figura 198 Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora _____	271
Figura 199 Vista em perspetiva, Conjunto arquitetónico, executado pela autora _____	272
Figura 200 Conjunto Arquitetónico, executado pela autora _____	273

INTRODUÇÃO

Com a realização do presente trabalho pretende-se levar a cabo uma investigação que possa transformar-se numa proposta arquitetónica, que dê resposta às problemáticas existentes no troço Almodôvar - São Brás de Alportel (Estrada Património) da Estrada Nacional Nº 2 e nas povoações envolventes, com epicentro na localidade do Barranco do Velho.

O Projeto de Dissertação aborda como tema o património rodoviário, cultural e arquitetónico de um Troço da Estrada Nacional Nº 2, o eixo de Almodôvar - São Brás de Alportel, classificado Estrada Património em 2003. A narração sobre este tema, consiste em alertar para a degradação e a desertificação dos locais que dependiam exclusivamente do tráfego da estrada e que, atualmente, apesar da Estrada Nacional Nº 2 ter sofrido grandes melhoramentos, após ter sido classificada Estrada Património, ainda estão votados ao abandono. Sendo a estrada parte do nosso património, temos que assegurar a sua conservação e preservar o ambiente arquitetónico e naturalista que a rodeia. Assim, esta investigação pretende produzir uma proposta arquitetónica, na localidade do Barranco do Velho, que responda às problemáticas existentes na estrada e nas localidades. Uma proposta que pretende resolver parte dos problemas ao divulgar a via e as infraestruturas que a envolvem, ao promover o conhecimento da preservação e conservação do património cultural, no sentido de valorização histórica, urbanística e arquitetónica, ao revitalizar a economia existente, e por fim, dar lugar a uma definição, distinta, de estrada, não sendo somente um eixo de ligação entre localidades, mas também uma via que interaja com as comunidades existentes e que faça parte de uma vivência sociocultural e arquitetónica.

Neste eixo viário existem várias construções, tais como, os miradouros; os parques de lazer; os fontanários; as pontes; as casas dos cantoneiros, as secções de conservação; as casetas e os postos e polícia de viação e trânsito, e localidades que ao longo do tempo têm perdido a sua importância e o seu valor, contribuindo assim para a degradação e desertificação das povoações na sua continuidade.

O Barranco do Velho, é uma destas localidades, uma pequena povoação da freguesia de Salir, concelho de Loulé, na região do Algarve. É um sítio que, antigamente, era um local de paragem para os viajantes que passavam pela EN2 para chegar ao Algarve, sendo uma povoação considerada como uma área de serviço para o viajante, pois continha vários tipos de comércio e também locais para pernoitar. Atualmente poucos destes serviços persistem ou quase nenhuns. Assim, é a povoação do Barranco do Velho, a localidade escolhida para um estudo mais aprofundado, por ser uma das localidades que mais dependia do abundante tráfego de outrora e por conter algumas destas construções importantes para a estrada.

Em suma, os objetos de estudo resultam numa proposta dupla: uma proposta arquitetónica de recuperação de uma construção arruinada e abandonada em Barranco do Velho que funcionará como um Centro Interpretativo e Museográfico da Estrada Património para a comunidade e os visitantes e uma proposta de conteúdos para a secção de Centro Interpretativo do conjunto que se propõe criar. A escolha do local a intervir, deveu-se ao facto do Barranco do Velho ser a localidade ideal para propor uma intervenção arquitetónica que responda a estas problemáticas, pois é a única localidade, ao longo da Estrada Património, de onde divergem vários eixos para outros destinos, sendo um local

de passagem por excelência. É também a única localidade em que a grande rota pedestre que liga Sagres a Alcoutim designada Via Algarviana cruza com a Estrada Património, passando sempre inúmeros caminhantes pela povoação de todos os cantos do mundo. A proposta pode, ainda, servir de modelo para outras povoações que se encontrem na mesma situação.

A metodologia desta investigação consiste, numa primeira abordagem, teórica, em apresentar ao leitor o lugar, a Serra do Caldeirão, e em seguida, registar a história e a origem da Estrada Património que é tão importante para o Algarve, e assim, com base numa fundamentação bibliográfica e de testemunhos orais, pretende-se recolher toda a informação sobre cada localidade e perceber que motivos contribuíram para as suas desertificações e degradações, com especial enfoque na localidade do Barranco do Velho, comparando a sua evolução urbana com a atualidade. Essa comparação será fundamentada, paralelamente, com um levantamento fotográfico, bibliográfico e cartográfico do antigo e do existente. E, com base numa identificação das tipologias e funções existentes nas infraestruturas e povoações ao longo da estrada, pretende-se criar uma base de material para a elaboração da proposta de conteúdos museográficos do Centro Interpretativo.

Assim, e em conformidade com o tema escolhido, começa-se por fazer uma primeira abordagem do local, da emblemática Serra do Caldeirão, através de explicações sobre a sua origem, o seu território, a sua ocupação histórica e a caracterização da sua paisagem, que é composta pela paisagem natural e a paisagem construída.

Seguidamente, aborda-se a questão da "Estrada Património", revelando-se a sua história, desde as suas origens até ser classificada Estrada Património. Neste contexto, levou-se a cabo uma pesquisa minuciosa sobre a sua formação, com a explicação das diferentes etapas da sua construção e o levantamento dos equipamentos de apoio que foram construídos ao longo da estrada e qual a sua função, tais como, as casas dos cantoneiros, as secções de conservação, os fontanários, os miradouros, os parques de lazer, os postos da polícia de viação e trânsito, as casetas, as pontes e a Pousada de São Brás.

Outro ponto importante é perceber quando, onde, como e porquê o território serrano foi ocupado, e o papel decisivo que tiveram as povoações, no que diz respeito à Estrada Património. Far-se-á, ainda, a identificação de cada povoação que se situa na Estrada Património, desde Almodôvar a São Brás de Alportel, fazendo uma breve caracterização sobre cada uma delas.

Em relação ao Barranco do Velho será feita uma descrição mais minuciosa de modo a demonstrar a sua importância histórica, a sua localização estratégica, o património arquitetónico, as suas histórias e costumes, bem como as figuras mais relevantes da região, dando especial enfoque ao ilustre historiador e escritor, Estanco Louro, que viveu nesta localidade, explicando o perfil desta figura, referindo a sua obra, e as razões que o levaram a habitar neste sítio.

Numa segunda abordagem, de aplicação prática da recolha empírica feita, resulta um projeto teórico-prático que tem como objetivo oferecer um exemplo concreto de como preservar e conservar a estrada património e todas as infraestruturas que a envolvem - Património Rodoviário -, bem como potenciar a dinamização desse troço. Propõe-se, no projeto prático, um Centro Interpretativo e Museográfico da Estrada Património, que dote a localidade de Barranco

do Velho de quatro equipamentos distintos e inexistentes: um equipamento de apoio aos caminhantes pedestres e ciclistas com balneários, bicicletas de aluguer e outros equipamentos necessários a quem se desloca a pé ou de bicicleta, pois na própria estrada património passam inúmeros caminhantes e ciclistas; um equipamento de abrigo para que o passante possa pernoitar e no dia seguinte possa continuar a sua jornada; um equipamento de comércio, que contenha uma cafetaria e uma loja de conveniência; um espaço museológico que pretende dar a conhecer a história, o património naturalista e arquitetónico que esta estrada tem para oferecer aos viajantes e residentes e que integra o projeto teórico, ou seja, todo o programa de conteúdos desta investigação. Considerando que o território envolvente à Estrada Património é uma zona de excelência de produção de cortiça e medronho poderá ainda o Centro ser um polo dinamizador das atividades económicas da região promovendo a Rota da Cortiça e Museu da Cortiça em S. Brás de Alportel e visitas aos alambiques de produção de medronho (Besteiros, Cortelha e Barranco do Velho). Propõe-se, ainda que seja a população a promover estes diferenciados equipamentos como reativação das localidades deste eixo histórico, podendo ser fator motivador dos jovens pelo interior.

Esta proposta contemplará vários conteúdos programáticos, nomeadamente, a Estrada Património de Almodôvar - São Brás de Alportel, as figuras históricas e contemporâneas do sítio do Barranco do Velho, o burgo "Barranco do Velho", referindo as suas tradições, património edificado e oral, as suas atividades económicas mais tradicionais e relevantes, bem como os seus processos de produção.

O Centro Interpretativo e Museográfico em Barranco do Velho faz convergir uma vertente arquitetónica e uma vertente etnográfica com o intuito de trazer uma nova dinâmica para a região, criando infraestruturas de apoio que irão servir, por um lado, os utilizadores no desempenho da sua atividade desportiva, e por outro, tanto os residentes na recuperação da sua memória coletiva, como os visitantes, de modo a compreenderem o valor intrínseco da "Estrada Património", que, efetivamente, contém muito mais do que a singularidade das suas curvas.

ESTADO DA ARTE

As obras mais pertinentes para o desenvolvimento desta investigação são aqui apresentadas como contribuição de conhecimento, mas também como estudo das problemáticas. Existem algumas obras sobre a Estrada Património, Almodôvar a São Brás de Alportel e infraestruturas adjacentes e também sobre o Barranco do Velho, que são relevantes para um novo estudo desta temática, que merece uma sistemática e profunda investigação que se pode transformar em vários conteúdos expositivos que irão dar a conhecer a toda população a Estrada e todo o Património que a envolve.

O livro, *Estradas Património, Da Planície Alentejana ao Barrocal Algarvio*, lançado pelo Instituto de Estradas de Portugal, é uma obra que apresenta a história do eixo de Almodôvar a São Brás de Alportel, mas numa perspetiva turística e cultural, para o viajante. Segundo Amélia Aguiar Andrade, esta obra é: *"(...) Um texto que pretende ser um mediador entre o viajante interessado e o itinerário a seguir e que pode contribuir para a sua interpretação mais profunda, permitindo ainda o desvendar de aspetos menos valorizados ou até de certa maneira escondidos, proporcionando assim uma fruição integrada do trajeto (...)".* (Andrade, 2003:6)

Na Dissertação de Mestrado, da Universidade de Coimbra, sobre *O Barranco do Velho, Tentativa de Estudo de uma pequena região portuguesa*, Mariana Amélia Machado Santos explica e apela para que futuramente seja explorada e mais aprofundada esta temática das pequenas regiões, relatando: *"(...) Tão pequenina é ela que só nos mapas em grande escala aparece mencionada, mas por ser tão acentuadamente característica e ter um carácter de exploração e produção agrícola dominante, nos tentou a procurar descrevê-la, não numa cuidada e irrepreensível monografia mas no simples estudo que tínhamos de apresentar e que, por ser feito de admiração por uma terra tão linda do nosso Algarve, gostaríamos que pudesse contribuir, de algum modo para que alguém mais autorizado e competente que nós, a estudasse melhor e a soubesse descrever de maneira condigna".* (Machado, 1931:2) Este trabalho sobre o Barranco do Velho trata um pouco de todos os temas tal como a sua origem, o relevo, a hidrografia, o clima, a vegetação, os modos de exploração do solo, a fauna, a produção e a arquitetura tradicional da região.

Numa Dissertação de Mestrado em Estudos do Património, da Universidade Aberta, sobre *As Casas dos Cantoneiros do Algarve*, Maria Isabel S. Carneiro explica que *"(...) o Algarve constitui uma exceção, que as casas dos cantoneiros desta região são as únicas que apresentam uma uniformidade quase absoluta entre si, o que torna o conjunto único em todo o país. Mas nos dias de hoje, estão em risco de desaparecer por terem perdido a sua função e levando consigo parte da história e da memória do trabalho de conservação e das próprias estradas. A sua reutilização no âmbito de um projeto de turismo cultural pode ser a única forma de salvaguardar e de dar a conhecer, não apenas as estradas e as casas dos cantoneiros, mas também as memórias e os vários patrimónios da região em que se situam..."*. (Carneiro, 2011:3)

O livro *Alegoria do Património* de Françoise Choay consiste na valorização do património e a importância da sua conservação, e faz uma reflexão citando: *"Entre os bens incomensuráveis e heterogêneos do património histórico, escolho como categoria exemplar aquele que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, o património histórico representado pelas edificações"*. (Choay, 2001:12)

Outro livro importante para este trabalho é *Património Cultural: Realidade Viva* de Guilherme de Oliveira Martins que cita: *"Perante a exigência do reconhecimento mútuo do património inerente às diversas tradições culturais que coexistem e de uma responsabilidade moral partilhada na transmissão do património às futuras gerações, realizamos um exercício prático, em que, a propósito da herança cultural e da salvaguarda de marcos de memória, descobrimos a importância do diálogo entre valores e factos, entre ideais e interesses, entre autonomia e heteronomia."*

O certo é que os valores, quando reconhecidos socialmente, adquirem um carácter de permanência, tornam-se expressão da memória e do movimento, da tradição e da criação e aliam-se às constantes e invariáveis axiológicas numa relação complexa em que o património e a herança culturais se tornam fatores de liberdade, de responsabilidade, de emancipação, de respeito mútuo e de afirmação da dignidade humana.” (Martins, 2020:6)

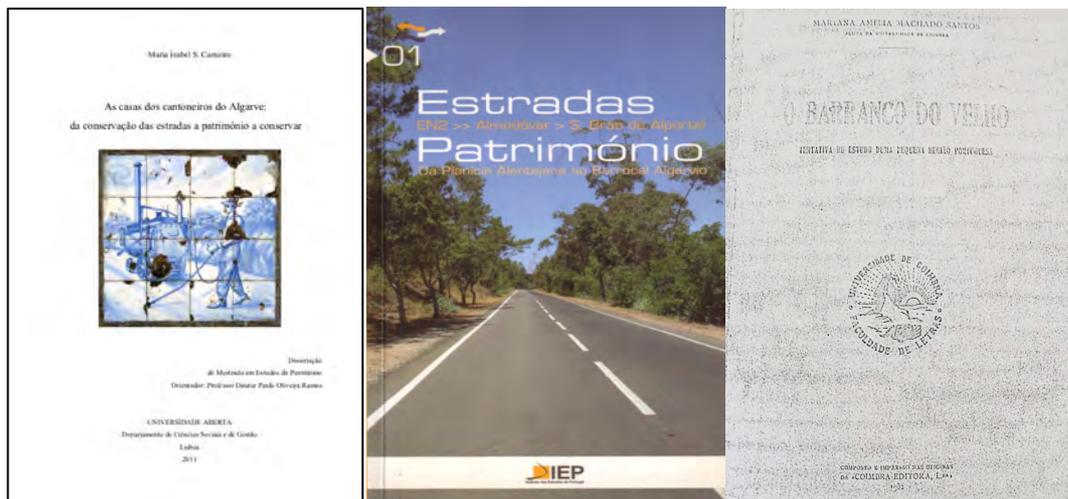




Figura 1 A Serra do Caldeirão, por Duarte Belo

CAPÍTULO I

A SERRA DO CALDEIRÃO

O Caldeirão é uma serra
Que se deve preservar
Compete a todos nós
Não a deixar degradar

É sítio de encantos certos
Ainda longe do mar
Poucos são os espertos
Que ainda a sabem amar

Os rios, os montes e a flora
Brilham e transparecem
As rãs, os grilos e os pássaros
Cantam e agradecem

Seus caminhos nos orientam
Suas paisagens nos fascinam
Seus murmúrios se lamentam
Suas gentes nos ensinam

Matam peixes, deitam fogo
Trazem lixo, cortam ramos
Acabem com esse jogo
Deixem a serra que amamos

À Serra do Caldeirão
Poucos dão, muitos tiram
Deviam ter mais respeito
Pelo ar que respiram

Vitor Gonçalves

in Boletim Informativo nº 0, Centro Ambiental da Pena, Poetas da nossa Terra, Janeiro, 1999

A ORIGEM E A HISTÓRIA

O Algarve, é uma província histórica de Portugal, tendo sido por muitos séculos um reino autónomo. Esta região é a mais importante a nível nacional e europeu devido ao seu clima temperado, caracterizado por invernos curtos e amenos e verões longos e quentes, às suas paisagens naturais, ao seu património histórico, arquitetónico e etnográfico e à sua gastronomia. A região do Algarve estende-se desde a Serra até ao Litoral, sendo cada uma das características referidas totalmente distintas em cada uma das suas três zonas: a Serra, o Barrocal e o Litoral, sendo que a Norte se encontra a Serra Algarvia e a Sul o Oceano Atlântico.

No Livro de Alportel, Estanco Louro menciona uma outra divisão adotada pelo povo serrano, para explicar como existe uma grande diferença não só nas características do território algarvio, mas também em quem o habita: "(...) para o povo, Serra e Algarve são antónimos – tão flagrante é o contraste de duas regiões algarvias, no aspeto exterior dos homens e das coisas!" (Louro, 1996:4)

A zona da Serra, caracterizada, essencialmente, por um relevo muito acidentado, nem sempre existiu da forma como a conhecemos, Estanco Louro descreve que a serra é:

" (...) a parte mais velha, quási com tantos anos como os das terras mais velhas do mundo. No entanto, ela já esteve imersa muitos séculos, já foi o fundo do mar como a ossatura da Ibéria, a meseta, de que é a última ramificação austral do seu aspeto geotectónico denominado sistema mariânico". (Louro, 1996:9)

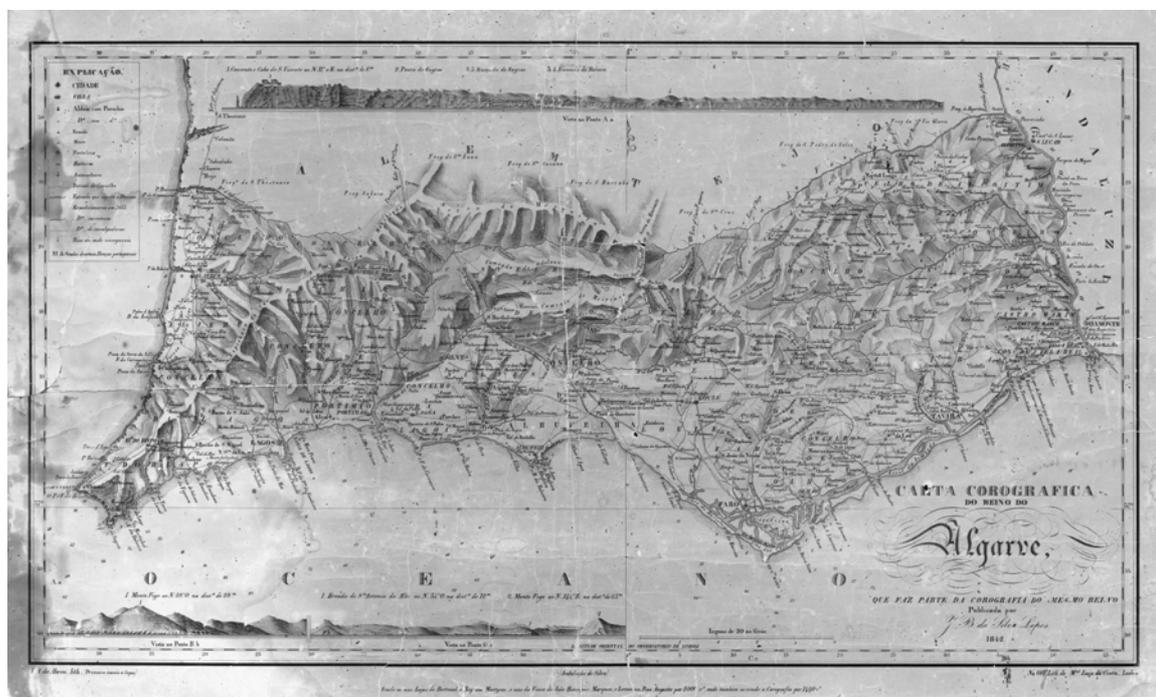


Figura 2 Carta Corográfica do Reino do Algarve, 1842

Esse mar, que ao longo dos tempos, foi desaparecendo, moldou uma Serra formada por um relevo acidentado, cheio de vales e barrancos, fazendo com que criasse uma barreira física contra os ventos frios que vinham de Norte, criando, assim, um clima temperado mediterrânico. Na perspetiva de Estanco Louro este mar, era um:

" (...) mar secundário que se tinha formado, roubando o seu lugar ao continente Ibérico que se prolongava mais para O., a dentro do Atlântico, como mostram as Berlengas e os Farilhões, também, como tudo, acabou um belo dia, fugindo, recuando dos bordos da Serra, pouco a pouco, até à formação do torturado Vale de Alportel, depois, talvez mais repentinamente, em movimento tectónico mais convulsivo, quando a sul do Vale de Alportel era orla marítima do mar oolítico ou neocomiano. " (Louro, 1996:9)

Neste contexto, a Serra Algarvia é uma cadeia montanhosa, que faz fronteira com o Barrocal e Litoral algarvios e com as penepalanças alentejanas e estende-se deste o Guadiana até à Costa Vicentina. Estas montanhas são divididas por três cumes distintos: a Serra do Caldeirão, situada na zona central e oriental, a Serra de Monchique, localizada na zona ocidental do Algarve, e a Serra de Espinhaço de Cão localizada a oeste de Monchique. Assim, mais detalhadamente, a serra:

" (...) corresponde na sua maior superfície a uma paisagem de elevações de xistos e grauvaques do Maciço Antigo. É atravessada de Noroeste para Sudeste pela depressão tectónica de São Marcos a São Bartolomeu de Messines, também designada Portela de São Marcos, que constitui historicamente um dos atravessamentos privilegiados da Serra. Para poente, sobre o soco de xisto que se estende depois, até ao Atlântico, na serra de Espinhaço de Cão, eleva-se aos 902 m de altitude o maciço sienítico de Monchique. Para nascente, formando a parte central e oriental da cadeia, desenvolve-se a Serra do Caldeirão formada exclusivamente pelos relevos dobrados do Maciço Hespérico que só muito raramente sobem até aos 500m." (Costa, 2014:30)

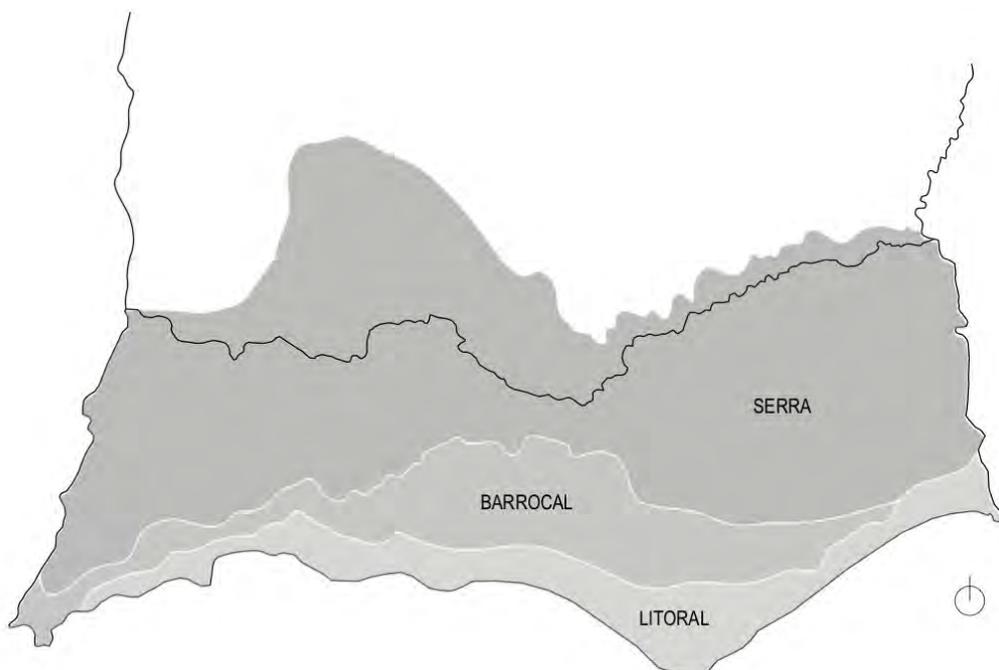


Figura 3 Esquema - Divisão do Algarve: Serra, Barrocal e Litoral (executado pela autora) in Casas e Montes entre as extremas do Alentejo e do Algarve, de Miguel Reimão Costa

Dan Stanislawski define a Serra do Caldeirão como um museu de coisas do passado; uma terra de pouco rendimento, onde as pessoas viviam frugalmente, segundo modos que, em alguns casos, se estendiam até a época da chegada dos povos neolíticos em Portugal. Apesar das estradas atuais colocarem a área em íntima relação com as cidades comerciais da costa sul, a aceitação de novos caminhos é, cautelosa, na melhor das hipóteses; essas pessoas, com a sua cultura de vários milhares de anos, aceitam mudanças seletivamente, se é que se podem considerar mudanças.

A serra é um parêntesis entre o Baixo Algarve ativo e comercial, a sul, e a conservadora, um tanto medieval, mas dinâmica província alentejana, ao norte, cujos latifundiários ainda exercem poder nos assuntos políticos portugueses. A área do Caldeirão é em grande parte um mundo autosuficiente e não modernizado, com uma população esparsa de aldeões que vive da produção de cereais e rebanhos. (Stanislawski, 1963:196)

Este território evoluiu devagar, pois a Serra era uma zona alta e de difícil acesso, mas apesar de ser um território penoso, foi povoada desde longa data. Sabe-se que existiram povoados, desde o 3º Milénio a.C.¹, neste território, o Cerro do Castelo, na Corte João Marques, considerado um ninho de arqueometalurgistas do cobre, é um exemplo da sua existência.²

Mas, foi na 1ª Idade do Ferro que os Cónios, um povo de etnia celta, formado por várias tribos, ocupou toda a área da Serra do Caldeirão e, especialmente, os seus planaltos. Foi o povo mais avançado a nível cultural no território Português e na Península Ibérica, devido ao seu conhecimento da escrita, desenvolvendo uma escrita própria, a escrita do Sudoeste, que também pode ser mencionada como escrita cónia.³

¹ Começou no primeiro dia de 3000 a.C. e terminou no último dia de 2001 a.C. Neste milénio ocorre da antiga para a média Idade do Bronze.

² "Em 1978, decorriam trabalhos na Anta das Pedras Altas (Mealha) quando um pastor errante falou a um de nós (VSG) de um sítio antigo, o Cerro do Castelo, em Corte João Marques, onde à, superfície, se encontravam bocados pequenos <<de tijolos>>. O topónimo era claro e à primeira vista mostrou tratar-se mesmo de um povoado, inédito, do 3º milénio. Os trabalhos efetuados evidenciaram uma área, na encosta sul de um cerro muito destacado na paisagem e de acesso difícil, plena de vestígios de arqueometalurgia do cobre." (Gonçalves, Sousa, 2017:111)

³ "A Serra do Caldeirão foi uma importante zona de povoamento mineiro, associada à chamada cultura da escrita do Sudoeste, que teve o seu apogeu entre os Séculos VIII e V a.C. A sua formação social é ainda mal conhecida assim como o seu sistema produtivo. O povo que aí vivia corresponde à etnia dos Cynetos ou Kónioi, descritos nas fontes greco romanas pelo menos desde o século V a.C. O isolamento relativo da Serra e a sua ligação para sul deve tê-los mantido mais protegidos das infiltrações célticas e túrdulas que penetraram, respetivamente, a zona de Barlavento e o vale do baixo Guadiana a partir dessa época e que ocuparam de um modo geral toda a face norte da serra algarvia até ao Século III. As suas ligações comerciais e sociais com o litoral remontam seguramente à pré-História e adquirem um novo conteúdo a partir do Século VIII a.C. com a colonização fenícia da costa algarvia. A Cidade de Ossonoba é a resultante local deste longo processo e o seu desenvolvimento teve como causa relevante a riqueza da Serra, suficientemente grande para gerar todo um rosário de povoados litorais proto urbanos ligados ao mundo dos Tartessos: Ipses (Alvor), Cilpes (área de Silves), Ossonoba (Faro), Balsa (área de Tavira) e Baesuris (Castro Verde), existindo sem dúvida outros ainda não conhecidos." (Da Silva, 2002:19)

Na Época Romana, os Cónios foram fortemente influenciados pelos romanos, tendo sido integrados no Império Romano durante o período de 200 a.C. a 141 a.C. Mas este relacionamento, que era favorável para os romanos, não durou muito tempo, pois um pouco mais tarde, no ano de 141 a.C., os Cónios revoltaram-se contra os romanos, tendo, no entanto, sido derrotados, por um procônsul romano, Fábio Máximo Serviliano, e assim integrados definitivamente no Império Romano. Nos séculos seguintes, esta população nativa, os Cónios, foi absolutamente romanizada, adotando o latim como língua, e integrada nos termos políticos, económicos e culturais na civilização e no Império Romano.

Durante esta Época Romana, a economia e a cultura tiveram um desenvolvimento muito significativo, pois a região era muito propícia para a produção agrícola. Foi também neste período que, segundo Dan: " (...) a vida na cidade foi introduzida, e, provavelmente a irrigação, juntamente com uma organização maior da agricultura. " (Stanislowski, 1963:9)

Na Serra do Caldeirão, havia uma economia bastante relevante, pois de acordo com Orlando Ribeiro: " A economia de montanha, com episódicas culturas de cereais nas encostas e larga utilização de produtos dos bosques, cedeu lugar ao aproveitamento intensivo dos bons solos e planura do vale, com emprego regular do arado de madeira, que ainda se usa. Se não se introduziram plantas novas, desenvolveu o cultivo do trigo, da vinha, da oliveira, das árvores de fruto, especialmente no Sul. "7

Este desenvolvimento súbito resultou por causa da sua localização geográfica, por ser um apoio importante nas rotas de navegação marítima que ligavam os portos romanos do mar mediterrâneo com os portos do Oceano Atlântico, da Hispânia (Espanha), da Gália (antiga região francesa, povoada pelos gauleses) e da Britânia. Os rios também serviam esse propósito, pois, tanto o Rio Guadiana, como o Rio Arade, tinham contacto com o interior do Algarve.



Figura 4 Fragmento de Estela com inscrição periférica, Monte da Portela, Ameixial, Séculos VI-Va.C., in Loulé Territórios, Memórias e Identidades

Todos estes fatores contribuíram para um crescimento estável durante muitos séculos, por isso Orlando Ribeiro refere que: " A romanização manifestou-se em todo o território português por uma profunda transformação das paisagens e modos de viver. " (Ribeiro, 1993:72).

Durante o Alto Império, segundo Luís Fraga da Silva: " (...) nos momentos de expansão económica e social de Ossonoba, a prosperidade estende-se até á Serra através da expansão da vinha e sobretudo do olival, culturas comerciais em terrenos marginais do barrocal, é o que sucede a partir do século I e se mantém ao longo da fase mais florescente do império romano até ao século III." (Da Silva, 2002:21)

O extenso domínio romano também deixou consequências ambientais, apesar da desflorestação ainda não ter atingido a amplitude que viria a atingir, a partir da Época Islâmica.

No entanto, o Império Romano, durante este período foi conquistado por vários povos bárbaros, na época das invasões bárbaras, mas a cultura e o cristianismo persistiram. O povo que sucedeu os romanos, foram os Visigodos, ocupando de seguida a região da Serra do Caldeirão, este povo tinha mais interesse no campo do que nos núcleos urbanos, pois eram, maioritariamente, criadores de gado. A meio do seu domínio, após o ano de 550, não há conhecimento, mas Stanislawski menciona que pode supor-se que o Algarve, então, como a maior parte das suas experiências históricas, permaneceu quieto e autocontido. (Stanislawski, 1963:9) No ano de 552, este território foi reconquistado pelo Império Bizantino, ocupação essa, que durou até 571. Na perspetiva de Orlando Ribeiro estima-se que: " depois da conquista romana, nenhuma alteração mais profunda se introduziu na monótona vida dos nossos campos: nem os árabes, com plantas novas e culturas de regadio, fizeram nada de comparável." (Ribeiro, 1993:143)

No ano de 715, este território é conquistado pelos árabes, de uma forma lenta e progressiva até 1249, sendo as populações nativas convertidas ao islão, apesar de o cristianismo ainda se ter mantido entre a população do Algarve nessa época. Durante o governo muçulmano, este território também teve algum desenvolvimento económico e cultural, tão importante como o dos romanos, tais como o cultivo de figueiras, oliveiras e alfarrobeiras e um maior uso de irrigação. De acordo com Miguel Reimão Costa:

" (...) o povoamento da serra não parece comportar, neste período e numa primeira fase, uma rutura significativa relativamente aos padrões anteriores, conformando-se a continuidade da localização de alguns sítios ocupados desde o período romano e a implantação em altura de algumas alcarias que poderiam também corresponder a sítios com ocupação anterior." (Costa, 2014:47)

Em 1267, a região do Algarve foi reconquistada pelos portugueses e declarada território português. Esta conquista expulsou definitivamente os omíadas, e aconteceu no reinado de D. Afonso III. Com o fim da presença árabe, neste território, começa uma nova fase, a consolidação do povoado na Serra do Caldeirão, que hoje em dia conseguimos reconhecer. Miguel Reimão Costa explica a sua consolidação:

" Não que este padrão se distinga dos padrões de dispersão de pequenos assentamentos que sempre caracterizaram a ocupação da serra; antes confirma a incapacidade deste território constituir aglomerados de dimensão considerável, a partir da exploração dos seus recursos da agricultura, da pastorícia ou da exploração de minério. Este ciclo compreende, numa primeira fase, um decréscimo demográfico considerável, que poderia vir já da fase final do período de ocupação muçulmana. É esse território escassamente povoado

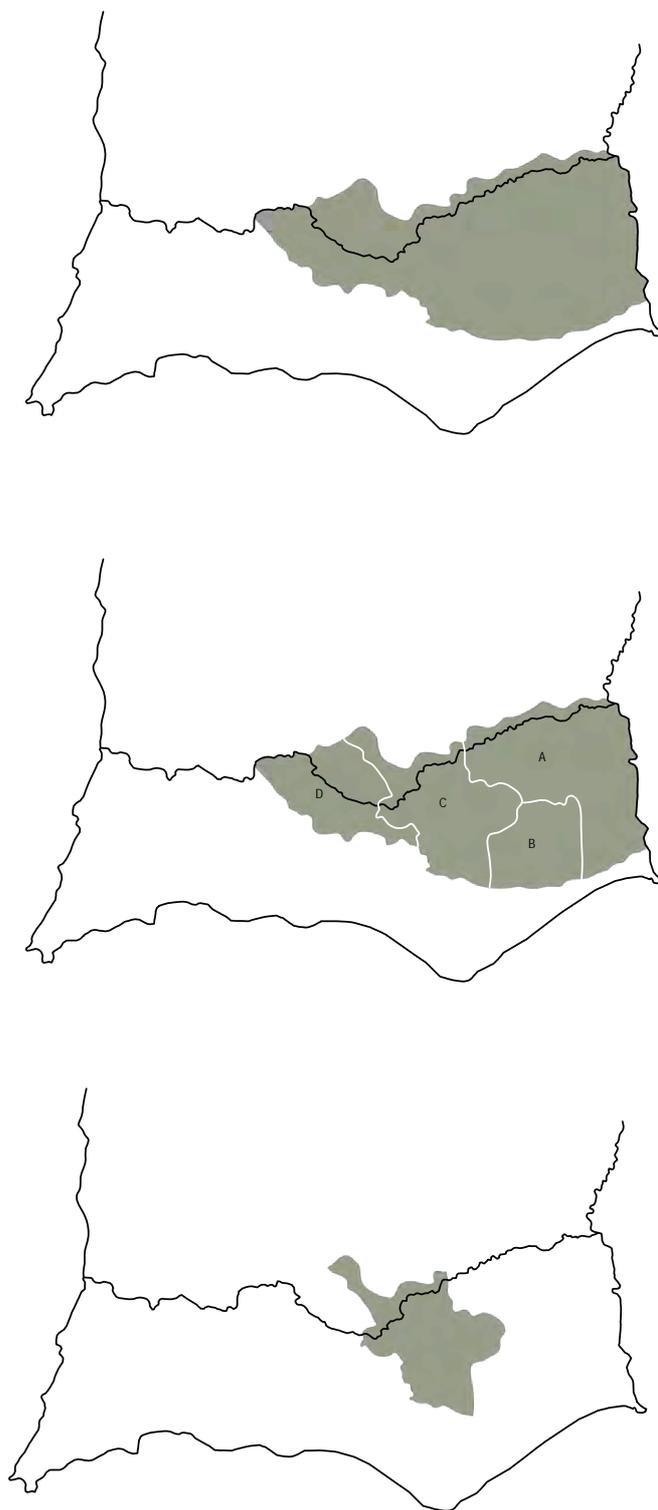


Figura 5 Delimitação da Serra do Caldeirão, A - Baixo Guadiana B - Serra de Tavira C - Serra Alta D - Vertente Ocidental, executado pela autora

que os monarcas portugueses procuram repovoar, fundamentalmente a partir do início do século XIV, concedendo foros e privilégios e instituindo coutos de homiziados.⁴ Nos séculos seguintes à reconquista, muitas das alcarias que haviam conformado a ocupação da serra no período islâmico encontrar-se-ão desabitadas, ao mesmo tempo que se desenvolvem novos núcleos de povoamento que corresponderam às novas paróquias e, em muitos casos, aos montes que hoje pontuam a serra.” (Costa, 2014:47)

Depois de terminada a reconquista cristã, durante o reinado de D. Afonso III, este território, que anteriormente, se considerava à parte do resto de Portugal, é incluído no seu reino cristão. A partir daí, este território foi bastante explorado, dando especial importância às explorações marítimas, da costa africana e da conquista das praças marroquinas.

As terras da Serra do Caldeirão eram no século XVI, tal como viriam a ser no século XX, terras de pão e pastagem e com hortas à beira dos ribeiros. (Costa, 2014:52)

Depois da conquista do Reino do Algarve, esta região continuou separada do resto do País, ou seja, sendo considerado o segundo Reino da Coroa Portuguesa, um reino de direito separado de Portugal, mas sem ter nenhuma autonomia ou privilégios próprios, na verdade era simplesmente um título honorífico que lhe era dado, mas na prática era igual ao resto do país.

Com o fim da descoberta e exploração das praças africanas, este território entrou novamente numa fase de decadência, mas mais acentuada, devido ao Terremoto de 1755. Em 1808, esta região foi palco, de várias revoltas em defesa da soberania nacional portuguesa, devido às invasões francesas. O Reino do Algarve foi extinto em 1834.

Sucessivamente, inicia-se o século XX, com uma economia baseada na cultura dos frutos secos, na pesca e na indústria conserveira. Na Serra do Caldeirão, na área de maior altitude, a partir da década de 60, a exploração e valorização do preço da cortiça, subiram a um nível considerável, sendo São Brás de Alportel e Silves dois dos grandes centros de transformação e comercialização da mesma. (Costa, 2014:70) A produção de aguardente estava, de igual modo, bem explorada, nesta década. A sua importância, destaca-se semelhantemente à cortiça, devido ao grande número de destilarias implantadas na altura, nos assentamentos da Serra mais alta. (Costa, 2014:72)

Nos finais da primeira metade do século XX, a exploração destas matérias-primas abrange grande parte da Serra do Caldeirão. No entanto, na perspetiva de Miguel Reimão Costa, principalmente na década de 70, “ (...) transformarão as partidas pontuais para as campanhas do cereal no Alentejo ou dos frutos secos no baixo Algarve em saídas definitivas para o litoral e para outros pontos do país e do estrangeiro, iniciando uma fase de regressão demográfica que a Serra não conheceu provavelmente desde os séculos posteriores à Reconquista.” (Costa, 2014:73)

Mas o povoamento é muito disperso e de poucos habitantes, iniciando uma colonização, que começa por evoluir na sua maioria pelos barrancos e vales. A Serra, ainda não era considerada, por esta altura um território seguro, então devido a esse problema muitos proprietários e pastores que possuíam grandes rebanhos, juntavam-se em grupos, para se poderem deslocar com mais segurança, para a serra, com os seus animais. Neste tempo, existiam outros recursos que começaram a ser explorados para além da cortiça, da mineração, da floresta ou da pecuária, tal como, a recolção de mel⁵, de pastel e da cochinhilha⁶. (Silva, 2002:29)

⁴ Os Coutos de Homiziados eram definidos por um lugar imune e defeso que pertencia ao clero, com o objetivo de dar asilo e guarida contra a ação da justiça.

⁵ Única fonte de açúcar conhecida na antiguidade.

⁶ Corante conhecido e utilizado desde a antiguidade clássica.

O povo serrano, tal como referido anteriormente, defende que o Algarve se divide em dois: " (...) a orla do Maciço Antigo; o resto é Serra, um mar de cerros de xisto que sobe a mais de 500 metros." (Ribeiro, 1993:200)

Segundo Orlando Ribeiro, o povoamento, " (...) é recente e ainda ralo; não há lavouras que precisem de montes nem terra para grandes aldeias; apenas grupos de poucos fogos, indício de uma colonização quase familiar que, partindo das baixas, progrediu ao longo dos barrancos." (Ribeiro, 1993:200)

Hoje em dia, a Serra não contém muito património construído, e o que existe, maioritariamente encontra-se num estado de degradação elevado ou até mesmo em ruína. Perduram, em pouca quantidade algumas casas circulares, denominadas de palheiros, que marcam a antiguidade do povoamento.



Figura 6 Colhendo grãos com foices na Serra do Caldeirão, por Dan Stanislawski

TERRITÓRIO

Este território é caracterizado, segundo Orlando Ribeiro, pelo:

" (...) solevamento desta área que começa a marcar-se no arredondado das colinas, nos valeiros que se ramificam, e aprofundam: depois é uma imagem de regularidade e perfeição nos galbos dos montes, que para uns evocam montículos de toupeiras, para outros as tendas de um imenso acampamento de nómadas. Depois das grandes arroteias, o solo magro que cada enxurrada empobrece, passou a produzir montado e trigo. Nuns sítios explora-se a cortiça e criam-se porcos; noutros, o desbaste pelas queimadas, processo de depredação usado ainda, abriu enormes clareias de seara pouco compensadora. " (Ribeiro, 1993:200)

"Esta cordilheira de rugosidades ásperas e bem vincadas podemos classificá-la, senão o mais amplo, um dos mais amplos centros orográficos de distribuição das águas do nosso país." (Costa, 1996:11) Isto porque, é nesta serra que têm origem um grande número de pequenos rios e ribeiras. Até ao século passado, havia sítios de difícil atravessamento, como por exemplo nos locais em que os caudais das ribeiras e pequenos rios já eram consideravelmente grandes, existia só, uma pequena vereda estreita, em que só um animal de carga poderia seguir, à vez, mas com dificuldade, pois era nestes sítios que passavam, em geral, os transportes pela serra. (Costa, 2014:31)

Serra

A Serra é uma unidade composta por uma forma estrutural, que resulta da erosão, mas também um aglomerado de montanhas, montes e vales, com terrenos íngremes e acidentados. Este conjunto possui uma vertente mais inclinada e outra menor, e caracteriza-se por possuir montanhas singulares em vez de agrupadas. A serra, considera-se um subconjunto de montanhas que reside dentro de outro conjunto muito extenso e de maiores dimensões, definido por cordilheira.

Os povos serranos também distinguem de uma forma singular, dois tipos de serras: " Serra braba, lhe chamam, para a distinguir da serra chã, que se lhe segue, para o norte, menos pincre e mais andaimosa, isto é, de pendor mais suave. Braba para as gentes que não conhecem outra braveza e têm diante de si dois tipos distintos de relevo." (Guerreiro, 1991:8) A diferença entre estes dois tipos de serra, tem a ver com o seu declive, pois a Serra Braba, é a serra que constitui um terreno mais acidentado e íngreme, enquanto que a Serra Chã, é mais variável, pois pode conter declives, mas pouco acentuados e também zonas de terreno mais plano. Tal como Miguel Reimão Costa cita, " A paisagem da Serra é marcada pelo contraste entre as terras baixas, as terras das encostas e as terras das achadas." (Costa, 1996:11)



Figura 7 Desenho em aguarela das montanhas da Serra do Caldeirão, executado pela autora

Ribeira

É um curso de água, que costuma ser, afluente de um rio e permanente ou temporário, com grande ou pouco caudal. Forma-se a partir de correntes de água que vão desaguar noutra curso de água, num rio ou no mar. A ribeira surge numa nascente, que por norma tem lugar no ceio da serra, a água segue o declive segundo o talvegue, do lado onde nasce para o lado onde desagua.

De acordo com Francisco Dias da Costa: " (...) E se as águas, numa zona que não é rica de chuvas, não são abundosas, a surpreendente verdade não deixa de afirmar-se de forma convincente ao considerarmos o grande número de pequenos rios e ribeiras que nesta serra sulina têm origem e por ela são condicionados." (Costa, 1996:11)



Figura 8 Ribeira do Vascão, por autora

Montanha

Uma forma de relevo que tem uma altitude superior a uma colina. Normalmente, as montanhas mais elevadas, resultam de dobramentos, ou seja, estruturas que constituem as rochas magmáticas ou sedimentares, que são pouco resistentes, e que por isso, são afetadas por forças tectônicas. Essas forças provocam o enrugamento o que faz com que nasçam as cadeias montanhosas.

A montanha, é um território íngreme, de terreno acidentado e de difícil acesso, e por isso, por vezes não era povoado, sendo usado por fugitivos, por vezes, como abrigo.

Ainda assim, Orlando Ribeiro, refere que: *"Ligada assim a três mundos tão diferentes, a Montanha, apesar de fragmentada em múltiplas serras e dos cambiantes que a contornam, conserva, graças ao isolamento, relativa uniformidade."* (Ribeiro, 1993:126)



Figura 9 As encostas desmatadas do Caldeirão com montes de trigo, por Dan Stanislawski

Vale

É definido por um acidente geográfico, em que a sua extensão pode chegar a milhares de quilómetros. É uma área de baixa altitude e circundada por montanhas ou colinas. Geralmente, os vales são designados por Vales Fluviais. Estas depressões têm normalmente a forma em "v", devido à ação da água corrente, que causa erosões no terreno.

Na Serra do Caldeirão, em particular, existem vales fluviais, que tanto podem ser designados por vales secos, quando o vale perde a água para outro vale, mas também por vale sego, que é quando o vale perde a água por infiltração, sendo este, talvez, o caso mais frequente neste território.

Orlando Ribeiro, menciona a importância destes conceitos para a definição do território da Serra do Caldeirão, da seguinte forma: "*Contraste entre as terras altas e baixas: Serra e ribeira, Campo e Monte, Montanha e Vale, Terra Alta e Terra Chã, exprimem, no conceito do povo que criou e aplica estas designações, o contraste determinado pela altitude e decorrentes feições do clima, da economia e do povoamento.*" (Ribeiro, 1993:157)

PAISAGEM

Paisagem (a.i), s, f. Porção de território que se abrange num lance de olhos; quadro que represente um sítio campestre; desenho sobre um motivo rústico; aspeto; vista.

In Costa, Almeida J., Sampaio e Melo, A., Dicionário de Língua Portuguesa, Dicionários Editora; Porto Editora; 5ª Edição:1043.

Uma paisagem consiste na dimensão de um terreno que se pode contemplar a partir de um sítio específico. É um conceito que tem diversos usos dependendo da matéria em questão. A paisagem é, normalmente, composta por características ambientais e naturais, mas também pela influência humana. Este cenário visual, é formado por três tipos de paisagem: a paisagem natural, a paisagem cultural e a paisagem humanizada, dentro deste panorama alterado pelos humanos, existe a arquitetura, considerada neste ambiente por construções históricas, algumas conservadas e restauradas, e outras que não resistiram, porque foram abandonadas e acabaram por se ir degradando com o tempo. Estas construções, que maioritariamente, são de arquitetura tradicional serrana, ajudam a demonstrar as suas características históricas e a perpetuar a cultura de um povo. Todos estes aspetos definem o que é a paisagem, seja natural ou tocada pelo homem.

Assim, a paisagem consiste também na captação de todos os nossos sentidos, como o cheiro de um determinado sítio, o som gerado no local, o sabor de algo e o toque sobre as diferentes texturas encontradas na paisagem.

Paisagem Natural

A Serra do Caldeirão com uma área de 2970 Km², é constituída por um vasto conjunto de montanhas, que correspondem a uma paisagem imensa de vegetação densa com um relevo acidentado. Assim, existe uma zona desta serra designada mais alta, devido à sua altitude. Esta parte da serra, desenvolve-se no sentido sudeste/noroeste desde a Serra de Santa Catarina da Fonte do Bispo até à zona oriental de São Barnabé. Esta zona do território, corresponde a uma paisagem de revestimento vegetal muito concentrado. A flora mais predominante nesta região são, os conjuntos de sobreiros, as medronheiras e as alfarrobeiras, mas nas zonas mais secas e de uma forma mais dispersa, a norte do Ameixial prevalecem as manchas de azinheira. Como cita Orlando Ribeiro, *“Estas terras eram, até ao começo do século, pouco menos que matagais maninhos e ainda conservam belos revestimentos de sobreiros e medronheiros.”* (Ribeiro, 1993:200)

Este tipo de flora predominante, contribui para a exploração da cortiça, que é retirada dos sobreiros⁷ e vendida a grandes compradores, como fábricas de cortiça, contribuindo para um maior desenvolvimento económico da região da Serra do Caldeirão.

Na perspetiva de Alexandre Cancela D'Abreu:

“ (...) a Serra do Caldeirão é onde se encontram as maiores altitudes, o clima é mais húmido do que para este, o que faz com que apresente melhores condições para o sobreiro que surge quase sempre com matos a revestir o solo. No entanto, aqui também o eucaliptal tem vindo a ocupar extensas superfícies onde antes existiram matos e sobreiros. Para norte, na proximidade de Almodôvar, intensifica-se a secura e a sensação de se estar num mundo esquecido e abandonado, assistindo-se à substituição do sobreiro pela azinheira. Apenas nos vales mais encaixados se encontram vestígios da vegetação natural.” (D'Abreu, 2004:174)

Nos dias de hoje, ainda existem vestígios de uma serra que foi em tempos densa e extremamente florestada com variadas espécies de sobreiros. Mas antes, não era o sobreiro que dominava a Serra, mas sim os carvalhos e os soutos, que ocupavam este território em grandes extensões, nas zonas de mais humidade. (Da Silva, 2002:25)

Mas quando se entra na área da estrada nacional nº2, apercebe-se desta falsa impressão da cobertura vegetal nas montanhas. Para além desses pequenos vestígios da antiga floresta, do Caldeirão, existem eucaliptos, bosques de pinheiros, sobreiros. Estas árvores vistas da estrada, fazem com que a Serra do Caldeirão pareça mais bem florestada do que na realidade o é. (Stanislowski, 1963:200)

Esta paisagem serrana caracteriza-se também pela sua mínima relação com os povoamentos, visto que é uma Serra maioritariamente constituída por mato, montados e uma abundante área florestal, e escassos povoamentos, estando cada vez mais em risco de abandono, a natureza apodera-se das ruínas e torna-se cada vez mais um conjunto

⁷ “ Os sobreiros são encontrados em torno da maioria das aldeias. O pequeno proprietário pode tirar a cortiça dos seus próprios sobreiros, mas geralmente o trabalho é entregue a um homem qualificado em tal trabalho, que recebe um salário alto, o dobro do salário do trabalhador agrícola comum. O corte só deve ser feito de acordo com as regras estabelecidas e mantidas firmemente pelo governo. Deve haver um período de pelo menos sete anos entre as estações de corte, e somente a cortiça de partes específicas da árvore pode ser removida. ” (Stanislowski, 1963:213)

de riquezas cromáticas devido à floração de plantas e árvores distintas, maioritariamente na primavera e no verão. (D'Abreu, 2004:173) Assim, esta paisagem é caracterizada pela tranquilidade, isolamento, abandono, solidão, ar puro e silêncio. (D'Abreu, 2004:177)

Paralelamente, existem extensas áreas, para usos agrícolas, completamente ao abandono e destruídas, tendo a própria natureza se apoderado desses espaços, que outrora serviram para cultivo. Isto, devido à exploração excessiva da cortiça e lenhas e do sobre pastoreio. Apesar de algumas destas áreas agrícolas, tenham sido florestadas, acabaram por ser abandonadas o que levou a uma difícil recuperação natural. (D'Abreu, 2004:176)

Esta paisagem tem características próprias e únicas, e Manuel Viegas Guerreiro descreve-a da melhor forma, concebendo-lhe características da sua verdadeira natureza:

“ À direita a subida íngreme da serra. Os caminhos amplos já lá vão; começam os trilhos. O sobreiral das umbrias não move uma folha. Nem homens, nem aves, nenhum indício de vida animal. Um silêncio absoluto de sonho de mistério. Quase me parece sacrilégio misturar palavras ao divino sossego da natureza ... do cimo da colina avistamos quase toda a serra braba do Algarve. Barrancos muito fundos, vales caindo em vales, manchas escuras de mato, terras nuas de lavoura, rebanhos apascentando-se nas encostas e ao longe e ao perto os cumes boleados dos montes. E em todo este horizonte vasto e belo, soltando-se como hálito da terra, uma neblina violácea e azul, transparente e doce e macia sob um céu prodigiosamente luminoso.” (Guerreiro, 1991:7)



Figura 10 Paisagem Serrana na Primavera, por autora

Paisagem Construída

Com o tempo, a paisagem natural começou a ser alterada pelo homem. Principalmente, muitos dos sítios perto da água e de vales, foram os primeiros a ser alterados, nascendo pequenos aglomerados de casas – as aldeias.

Estes pequenos aglomerados começaram por se instalar em sítios estratégicos onde a água era abundante. Um exemplo é o rio Vascão que nasce, segundo Francisco Dias da Costa:

" (...) na vertente nordeste do empinado Cerro do Zêbro na freguesia de Salir, já na Serra Chã, cuja altitude anda pelos quinhentos e cinquenta metros – um pouco a montante da Moita da Guerra, primeiro povoado estabelecido junto ao rio, na margem direita, hoje totalmente abandonado e em ruína. Resta, nas imediações, uma pequena família. Este é um sítio ótimo para contemplar a nascente, sobretudo em época de chuvas torrenciais, pois o incipiente curso precipita-se, em forte pendor, de quotas muito elevadas." (Costa, 1996:19)

Existem alguns afluentes, como a ribeira do Vascanito, que devido à construção de açudes, moinhos de água e predominância de montados e medronheiras, a população começou por se fixar nas suas vertentes devido à possibilidade económica e das suas comodidades. (Costa, 1996:19)

A população começou a ocupar o relevo, o que acabou por formar pequenos aglomerados. Estes pequenos aglomerados eram formados, principalmente, devido à necessidade de defesa, ou seja, não era possível uma habitação estar construída numa zona dispersa e nem um aglomerado ser de grandes dimensões devido às características do relevo, maioritariamente rochas. Esta população há 50 anos era mais avultada, pois, Francisco Dias da Costa explica que:

" Essa maior população era sustentada (e explicada) pela fome e pelas safras de azeitona, de mondas e ceifa que os locais iam fazer ao Alentejo. Esquecendo a Europa comunitária, essa população, pode ser encontrada hoje em Lisboa e no Litoral Algarvio. Aí vive. Não com maior segurança. Mas com a ilusão, periodicamente renovada, de conseguir um posto de trabalho que lhe dê um viver digno e tranquilo." (Costa, 1996:53)



Figura 12 Anta da Pedra do Alagar, Ameixial, por autora



Figura 11 Anta do Beringel, Ameixial, por autora



Figura 13 Casa Serrana, por Artur Pastor

Arquitetura Vernacular Serrana

A Arquitetura Vernacular⁸ assume-se como um elemento estruturante entre o território e a paisagem. É um género de arquitetura que utiliza materiais e recursos existentes no lugar, e é com estes que a edificação é construída.

A Casa da Serra do Caldeirão descreve-se, numa primeira abordagem, como uma arquitetura de carácter primitivo e simples, porque inicialmente, estas habitações, eram feitas de uma rocha campestre, como o xisto ou de terra compactada, o adobe. A primeira casa na serra era descrita, maioritariamente, por uma planta e fachada retangulares onde se abriam duas portas de altura mínima: uma para a habitação, com postigo, que em ambos os lados, por onde saía um poial de pouca altura, onde o proprietário poderia repousar; e outra para a cavaliça. No interior da casa, não existiam muitas divisões, mas sim os espaços essenciais, como a casa de estar à entrada, um quarto, por vezes com uma janela de pequeníssimas dimensões, a casa do fogo e o celeiro. As coberturas destas casas primitivas eram constituídas por uma água e de telha mourisca e o chão era de terra batida, com ladrilhos ou lajes. Estas casas típicas tinham luz e ventilação através de uma porta de pequenas dimensões, essa porta que durante o dia, aberta, permitia a entrada de luz natural, nas outras divisões não existia uma única abertura para iluminar os espaços interiores, fazendo com que não houvesse iluminação. Tal como na perspetiva de Orlando Ribeiro, esta casa primitiva era uma:

“(…) casa térrea, com telhado de uma só água, às vezes adaptada à encosta por dois níveis do chão, servindo de habitação, palheiro e curral, sem ser exclusiva da Serra Algarvia é aí dominante, formando por vezes bloco por sucessiva adjunção de vários elementos, cada um com a sua cobertura própria; as poucas povoações assim constituídas tomam um aspeto cerrado que lembra os lugarejos de Berbere de Rife. Não é impossível que estes relevos, relativamente chuvosos, tenham atraído montanheiros, arboricultores e criadores de porcos à bolota, enquanto os árabes preferiram as cidades e vilas cercadas, de ruelas tortuosas, de casas cobertas de açoteias, rodeadas de hortas cultivadas com esmero que alimentavam ricos bazares.” (Ribeiro, 1993:110)

Devido às paredes por rebocar, ao seu tom castanho, ar bruto e tosco a casa primitiva encaixava-se na paisagem da Serra do Caldeirão na perfeição.

Porém esta primeira casa serrana começou a ter influências da casa do Barrocal, devido ao homem de montanha se querer integrar na sociedade. Assim, começa a cair de branco as rugosidades da sua habitação, descaracterizando a mesma e ofendendo a paisagem. (Guerreiro, 1991:8) Nas pequenas aldeias a caiação só era dada nas habitações das famílias com maiores posses deixando assim as casas das famílias mais pobres com a pedra ou o adobe à vista, sendo somente caiados os revestimentos das paredes interiores da casa.

Com o passar do tempo, a qualidade da casa serrana vai melhorando e o número de vãos aumenta, mas só as casas de famílias mais prósperas começam a ter as janelas envidraçadas e alguns cómodos, como usar cada divisão para um só propósito, assim como o quarto seria só para dormir ou a cozinha só para cozinhar.

⁸ Vernacular surge da palavra vernáculo, adj. próprio do País a que pertence; pátrio; nacional; fig. genuíno; correto; puro; que escreve ou fala sem mesclas de estrangeirismos. (in Costa, Almeida J., Sampaio e Melo, A., Dicionário de Língua Portuguesa, Dicionários Editora; Porto Editora; 5ª Edição:1479)



Figura 15 Palheiro, Corte D'Ouro, Ameixial, por autora



Figura 14 Postal Casa Algarvia, cedido por Deodato Cavaco



Figura 16 Postal do Algarve – Mulheres a escolher figos secos, cedido por Deodato Cavaco



Figura 17 Postal do Algarve - Chaminés Algarvias, cedido por Deodato Cavaco

Outras características também começam a surgir na Casa Serrana, como variadas estruturas adjacentes à habitação principal, tais como pocilgos, espaços para armazenamentos de cereais ou ferramentas e também uma casa separada que por vezes pode ser utilizada como cozinha durante o verão, que pode conter ou não um forno. (Stanislawski, 1963:217)

Uma das construções com uma arquitetura bastante singular é o palheiro, considerado um traço arcaico da vida material dos serranos, é uma estrutura circular, alta, construída com terra e barro, e coberta por um teto cónico de palha e centeio. As suas características e materiais têm uma simples razão, pois uma estrutura redonda era mais fácil de encher como também de esvaziar, o telhado cónico permitia um melhor escoamento das águas da chuva e o seu material de palha de centeio, era um material que se conservava fresco o que permitia que não houvessem humidades nem bolores. (Guerreiro, 1991:9)

A casa serrana continuou a ser alterada, devido à progressiva industrialização dos materiais e técnicas de construção, a partir do século XIX, o que levou à construção da açoteia, também ela uma característica das casas do barrocal. A açoteia era um sistema de cobertura horizontal que servia para secar os frutos secos, essencialmente, mas também para a recolha das águas da chuva para as cisternas. Com a transformação e modernização das técnicas de construção surgiu um elemento mais visível nas cimalhas⁹ dos edifícios, a platibanda, que era um género de murete com um metro de altura que escondia o remate inferior do telhado. A platibanda rapidamente assumiu um valor ornamental importante, de uma forma arquitetónica – decorativa, porque dava mais imponência e significado visual à edificação. Esta ornamentação, que se enquadrou no processo de modernização da casa vernacular, adaptou-se quer à cobertura em telhado, quer à cobertura com açoteia, ou o modelo em que se utilizam os dois sistemas. (Fernandes, 2008:49)

Outra característica que as casas algarvias têm, tanto as da Serra como as do Barrocal ou Litoral são as chaminés cinzeladas e rendilhadas, normalmente com um tamanho superior à chaminé normal, fazendo com que seja a característica da casa que salta mais à vista no seu contexto geral exterior.

Hoje em dia, neste território da Serra do Caldeirão, é onde se encontra mais preservada e intacta a casa tradicional serrana, térrea, caiada e construída em xisto. Infelizmente, é preservada pela sua lenta decadência ou mesmo pelo abandono, necessitando urgentemente de recuperações, visto que é essencial que não se deixe perder este património que tanto nos caracterizou em tempos.

⁹ Uma cimalha é a extremidade inferior de uma cobertura, que sobressai sobre a parede. A sua principal função é desviar a chuva da parede, evitando que esta escorra e a deteriore. (Gómez, 2014,:206)

CAPÍTULO II

ESTRADA PATRIMÓNIO ALMODÔVAR – SÃO BRÁS DE ALPORTEL

ORIGEM DA ESTRADA E A SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

“ (...) a Serra do Caldeirão era também ela atravessada por caminhos e almocreves (...) ”

(Cavaco, 1976:13)

O percurso que rasga a Serra do Caldeirão através da Estrada Nacional 2, nos dias de hoje, teve como origem um caminho pedestre tortuoso, o único troço natural, que passava pelas áreas de melhor terreno e menos declivosas, e foi devido a este percurso, que surgiram as construções das sucessivas estradas, sobrepondo-se ao longo de várias épocas da história, tais como, a Estrada de Portugal, a Estrada Real Nº 17, a Estrada Distrital Nº 128 e por fim a Estrada Nacional Nº 2. Este percurso atravessa três unidades de paisagem distintas: até ao sítio de Dogueno percorre-se a planície alentejana, a partir daí entramos na Serra do Caldeirão que se estende até Alportel, pois é nesta aldeia que entramos no Barrocal.

Esta estrada está na maioria assente na linha de fecho principal da Serra do Caldeirão, e é separada pelas inúmeras bacias das ribeiras que se aproximam da Ribeira do Vascão, no atravessamento de uma linha de fecho secundária.

Este eixo rodoviário, foi muito importante em termos de economia local, tal como na atividade corticeira, constituindo-se um elemento marcante na transformação dos aglomerados populacionais adjacentes à mesma. (Costa, 2014:40)

De acordo com Orlando Ribeiro, devido a Lisboa ser o grande centro consumidor da altura, existiam vários circuitos comerciais referentes à criação de gado, ligados a uma rede de estradas que passava pela importante malha urbana do Sul em direção a Lisboa, onde existiam maiores oportunidades de negócio. Mas, como já foi referido foram surgindo várias povoações ao longo deste troço, devido ao isolamento de outras, nas montanhas, havia a necessidade de se estabelecerem pontos de comércio adjacentes à estrada de onde surgiram as povoações hoje conhecidas. Estes pontos de comércio e negócio, eram frequentados maioritariamente por almocreves¹⁰, tendeiros e camponeses. (Ribeiro, 1993:83)

“ O afastamento desta zona em relação a áreas mais centrais do reino e o facto de este itinerário não se inserir em eixos viários fulcrais associados às localidades mais populosas não o tornou, por certo, beneficiário, das primeiras medidas, determinadas ainda nos finais do século 18, para a conservação do pavimento e contenção da vegetação das bermas. Do mesmo modo, é muito pouco provável que o insuficiente número de cantoneiros, resultante da publicação do Regulamento de Conservação de Estradas e Pontes do Reino, de 1826, alguma vez tivesse exercido a sua acção na manutenção deste troço. ”
(Andrade, 2003:80)

Hoje em dia o viajante distingue de imediato uma autoestrada, de um itinerário principal ou de uma simples estrada, pois qualquer um destes tipos de eixos está associado a uma determinada e específica imagem material – traçado, pavimento, balizagem, obras de arte, sinalização, construções de apoio, arborização, etc. -, sem, todavia,

¹⁰ O Almocreve era um indivíduo que conduzia bestas de carga.

conseguir explicitá-la com clareza. A paisagem rodoviária que temos presentemente resultou de um longo e lento processo de construção durante os séculos XIX e XX.



Figura 18 Estrada Nacional Nº2, sítio do Alportel, cedida por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 19 Camião algures na Estrada Nacional Nº2, cedida por Deodato Cavaco

Telegramas: **WATCHWORD** Lisboa

COLONIAL OIL COMPANY N.º 570

Escritorio Principal
PALACIO FOZ
AVENIDA DA LIBERDADE

MAPPA de PORTUGAL para O AUTOMOLISMO

COLONIAL OIL COMPANY LISBOA

Candieiros Americanos
Systema aperiolpede



Candieiro de suspensão

Seo os mais economicos, praticos e de maior segurança, dando uma luz muito brilhante sem produzir cheiro.

Resultado estes candieiros e os melhores e perfeccionados, são vendidos por preços extremamente reduzidos e excepçoes.

Candieiros Americanos Nickelados



N.º 4902

A ultima palavra em **Candieiros a petroleo**

Caloriferos a petroleo

PERFECTION

Sem fumo
Um vez reparatadas para sempre usadas



N.º 25

Para aquecimento de pequenos quartos, salões, etc.

Caloriferos a petroleo

PERFECTION

Sem fumo
Sem perigo
Muito solidos



N.º 450

Para aquecimento de grandes quartos, salas, halls, antecamaras, etc.

COLONIAL OIL COMPANY
Petroleos e Gazolinas
GRANDES DEPOSITOS EM SANTO AMARO
LISBOA

SIGNAES CONVENCIONAES

Localidades onde deve encontrar-se gasolinas
Localidades onde deve encontrar-se mechicagens
Localidades onde deve encontrar-se garagens e auto-charging
Localidades onde deve encontrar-se garagens electricas e estagios automaticos
Estagios automaticos
Linhaes telegraphicas

AUTOMOVEL-GAZO
Gazolina especial
PARA AUTOMOVEIS

1478
v. 12. cc

Figura 20 Mapa Portugal Automobilismo, 1905, in Biblioteca Nacional

NEOLÍTICO

Foi a partir do Neolítico, na 1ª metade do 4º milénio antes de Cristo, que a presença humana se tornou mais evidente na Serra do Caldeirão. Num território abrupto e de terrenos acidentados começaram a surgir caminhos por onde os animais passavam, e que depois o homem começou por frequentar, muitas vezes para atravessar a serra com o gado, para ser vendido nos grandes aglomerados.

Estanco Louro explica que nesta altura, na Serra existiam, em vez de caminhos: “(...) as veredas que acompanham todo o barranco, todo o ribeirão que as bordam de loendros; que sobem ofegantes, em ziguezagues, todas as vertentes. No leito das veredas não há pedras, nem precipícios porque êle tem apenas alguns centímetros.” (Louro, 1996:36)

ÉPOCA ROMANA

Sendo o Império Romano conhecido pela construção de um extenso e complexo sistema de estradas, quando conquistaram a região do Algarve, houve um grande desenvolvimento tanto cultural como económico devido ao traçado construído através dos itinerários antigos. Assim, os romanos limitaram-se a transformar estes caminhos indígenas em estradas autênticas, aproveitando alguns dos seus itinerários existentes, os que melhor serviriam em termos económicos e administrativos. (Mantas, 1997:315)

A Serra foi, sem dúvida, um território que os romanos ocuparam de forma desorganizada, limitando-se a construir sítios mineiros, estações viárias e controlos militares. Porém, segundo Luís Fraga da Silva, existiam:

“(...) As vias principais utilizadas pelo cursos publicus¹¹ estariam sem dúvida englobadas em corredores policiados, cujas estações se acompanham de pontos de vigilância e de sinalização. Embora estes sítios não deixem quase nenhum vestígio arqueológico (exceto moedas – em casos de muita sorte), a fisiografia dos percursos deixa advinha-los com uma certa facilidade, sobretudo quando sobrevive uma toponímia de índole militar que assinala os pontos de maior interesse estratégico ao longo dos percursos: estes exemplos são muitos comuns em todos os corredores naturais que atravessam a Serra, obviamente usados como vias terrestres no período romano devido ao seu número limitado.” (Silva, 2002:26)

Neste novo traçado construído pelos romanos existia uma lista de percursos, criada por razões fiscais e militares, no século II, chamada a Via do Itinerário Antonino, que incluía três trajetos distintos: “(...) de Faro (Ossonoba) a Alcácer do Sal (Salacia Imperatoria); de Castro Verde (Baesuris) a Beja (Pax Iulia) por Faro (Ossonoba) e Évora (Ebora) e por fim de Beja (Pax Iulia) a Castro Verde (Baesuris) por Mértola (Myrtillis). ” (Silva, 2002:30) Sabe-se que o primeiro trajeto mencionado, foi um percurso que se perdeu com o tempo, os dois últimos foram duas vias principais que ligavam a cidade de Beja (Pax Iulia) à cidade de Faro (Ossonoba), a primeira atravessava Tavira (Balsa), Castro Marim (Baesuris) e acompanhava o Rio Guadiana até Mértola (Myrtillis) e a segunda atravessava a Serra do Caldeirão

¹¹ O curso público foi um serviço de correio imperial que assegurava o transporte de encomendas e documentos oficiais e administrativos do Império Romano. Este serviço foi fundado durante o reinado de Augusto e funcionava devido a várias estações de serviço localizadas ao longo das estradas romanas.

por S. Brás de Alportel, Barranco do Velho e Ameixial. (Marques, 1999:45) Mais tarde, este último trajeto, foi designado como Estrada de Portugal, tal como Estanco Louro menciona que: “ *Esta Estrada de Portugal data naturalmente do tempo dos romanos, pois como já dissemos, eles construíram estradas de Balsa a Ossónoba para Mértola e principalmente Beja e era por ali necessariamente esse caminho. Ainda hoje, há aqui e além, indicando o seu leito, consideráveis desaterros cortando colos e gargantas da serra Alportelense, desaterros que indicam portelas de trânsito milenário.* ” (Louro, 1996:152) Porém, existiria outro eixo também designado Estrada de Portugal, este trajeto tinha início junto ao Castelo de Loulé e seguia pela Tôr, Salir e prosseguia para nordeste, cruzando com o primeiro trajeto, em Barranco do Velho, a partir daí, seria só uma única Estrada de Portugal. Segundo Angelina Pereira, de acordo com a documentação antiga, a “ *... densidade de vestígios romanos e medievais que acompanham o itinerário, acima sugerido, conduzem-nos a apontar aquele trajeto como sendo a proposta mais viável para a travessia principal da Serra do Caldeirão. Ao propormos aquele traçado, partimos, pois, de uma hierarquização viária e por conseguinte, relegamos para um plano secundário a via que partia de Ossónoba (Faro) para norte, São Brás de Alportel.* ” (Pereira, 2006:22)

Estes importantes eixos viários resistiram praticamente até aos dias de hoje, devido ao aproveitamento dos melhores eixos de circulação.



Figura 21 Calçadinha, São Brás de Alportel, cedida por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 22 Calçadinha, São Brás de Alportel, cedida por Câmara Municipal de São Brás de Alportel

ÉPOCA ISLÂMICA

Os muçulmanos foram os herdeiros, da autêntica rede viária, construída pelos romanos. Nesta Época, estas vias, sofreram algumas alterações, nenhuma de grande amplitude, devido à estrutura dos aglomerados urbanos, tais como Faro e Silves. Vasco Gil Mantas, explica que:

“ (...) a rede de estradas algarvia, foi durante vários séculos, de domínio muçulmano, descontando os inúmeros caminhos regionais e locais ao serviço de aldeias e castelos, caminhos que em parte sobreviveram até aos nossos dias sem grandes modificações, e que se limitou a adaptar o esquema viário recebido da Antiguidade Tardia.

Um documento de 1473 mostra que a Reconquista não alterou profundamente a estrutura das grandes vias de comunicação do Algarve, a qual contava com três eixos principais, unindo Beja a Tavira, pelo vale do Guadiana, Beja a Faro, por Almodôvar, e Ferreira do Alentejo a Lagos.” (Mantas, 1997:322)

Nesta época, para leste da Serra do Caldeirão, um grande eixo de comunicação, o Rio Guadiana, começa a ser muito utilizado pelos muçulmanos, “ (...) esta dinâmica de contactos proporcionou a afirmação do Barranco do Velho como local de charneira das vias de comunicação nos sentidos norte-sul e leste-oeste, em conexão com o litoral, o Guadiana e o centro Al – Andaluz.” (Andrade, 2003:22) Devido a se tratar de um eixo difícil e agreste, característico do relevo da Serra do Caldeirão houve a necessidade de se articular com outras vias regionais e locais, devido a estas articulações essenciais, afirmou-se o sítio do Barranco do Velho.

ÉPOCA MEDIEVAL

Nos séculos medievais, a região algarvia foi conquistada pelo Reino de Portugal, no entanto, a área da Serra do Caldeirão só foi integrada quando a independência portuguesa já se encontrava consolidada pelo reconhecimento papal e pelo extenso alargamento territorial obtido devido à guerra contra os muçulmanos. Mesmo assim não foi uma tarefa fácil, pois a zona da Serra do Caldeirão continha os últimos redutos muçulmanos o que requeria um esforço régio, pois ainda a disputaram com os castelhanos, depois sancionado pelo tratado de Badajoz em 1267.

Passado todo este processo, toda a herança viária, de anteriores ocupações, foi-lhes desvendada, o que permitiu a Afonso III e aos seus acompanhantes, percorrer a estrada, que outrora se chamava Estrada de Portugal, para se encontrar com o Mestre da Ordem de Santiago, em Salir, com o objetivo de conquistar a cidade de Faro, vitória essa que, em 1248/49, se realizou garantindo a tutela cristã sobre toda a zona desde Almodôvar a São Brás de Alportel. (Andrade, 2003:23)

IDADE MÉDIA

Entre os Séculos XVI e XVIII, no final da Idade Média, sucederam-se tempos difíceis devido á conquista bem sucedida de Ceuta, em 1415, o que fez com que muita gente partisse em busca de uma vida melhor, garantindo a

ocupação e colonização dos novos territórios conquistados e deixando este percurso viário um tanto reduzido de ocupação humana.

Devido, aos escassos habitantes que a zona da Serra continha, este troço não evoluiu, durante este período, mesmo quando, nos finais do século XVIII, outros países começavam a tomar consciência e tomar novas medidas a respeito das vias de comunicação, mas Portugal nada fez. (Marques, 1999:386)

SÉCULO XIX

Este período foi caracterizado sobretudo por várias perturbações e perdas humanas devido às consequências causadas pela Guerra Civil, entre 1831 e 1834. Segundo Amélia Aguiar Andrade, a serra foi durante algum tempo abrigo para várias guerrilhas, devido às suas difíceis acessibilidades, estes grupos não aceitavam a vitória do liberalismo, e envolveram-se em vários combates e assaltos, muitos deles a várias localidades, tal como o Ameixial. Estes movimentos perturbadores duraram cerca de dois anos, e eram executados, especialmente pelos guerrilheiros do grupo chefiado pelo Remexido¹².

Por outro lado, no final do século XIX, começou-se a promover a abertura de eixos de comunicação centrados no caminho-de-ferro e nas estradas, o que veio permitir uma nova dinâmica entre ligações, na qual se afirmou o eixo viário entre Almodôvar e São Brás de Alportel. De acordo com Maria da Graça Maia Marques, só a partir da década de 1840, é que se entendeu a importância das redes viárias, por isso, foi:

“ com a Regeneração, movimento encabeçado por Saldanha, em 1849, que se deu uma nova arrumação das forças políticas e estabeleceu-se o sufrágio universal direto por um ato constitucional que reformou a Carta Constitucional de 1826, entrando, assim, o país num período que contrastou com o anterior pelo clima de calma e de estabilidade governativa que se antevê até ao século XX. É neste contexto e através de um vasto programa de reformas e realizações públicas iniciado por Fontes Pereira de Melo, em especial, no domínio das Comunicações e dos Transportes que se começam a sentir em Portugal os primeiros efeitos da Revolução Industrial Europeia.” (Marques, 1999:387-388)

Este troço, denominado por estrada de Faro a Castro Verde, em Julho de 1871, sofreu uma intervenção que veio proporcionar a consolidação definitiva do percurso com a melhoria do pavimento e a construção de pontes, dando cumprimento à legislação, datada de 1848, que estabelecia os itinerários fundamentais de contacto para a metade sul do país, o que englobava o eixo viário onde se insere o troço que liga Almodôvar a São Brás de Alportel. O desenvolvimento da indústria corticeira na região exigiu uma melhoria das acessibilidades viárias, despoletando, na década de setenta, em 1872, o início dos trabalhos preliminares para a reforma da estrada que só viriam a ser autorizados por legislação emitida em 1876. Assim, foram feitos estudos prévios, projetos, plantas, cadernos de encargos, expropriações de terrenos e medições. As obras desenvolveram-se em simultâneo, no troço que ligou S. Brás de Alportel ao Ameixial e no sentido inverso em direção a Faro, tendo sido necessário recorrer a mão-de-obra vinda de fora e tiveram uma duração de cerca de 7 anos (1878 – 1884), sendo que o processo que levou à construção da ponte

¹² Nome que ficou conhecido o guerrilheiro algarvio, José Joaquim de Sousa, 1797 – 1838.

sobre a ribeira do Vascão, indispensável à consolidação do troço a norte do Ameixial, se iniciou apenas em 1883, com vista à eliminação de um importante obstáculo à circulação de pessoas e mercadorias – a passagem da ribeira.

A construção do caminho-de-ferro teve início em 1856 e rapidamente chegou ao Baixo Alentejo em 1864 e ao Algarve em 1889. Esse interesse e entusiasmo refreou a progressão da construção da estrada com pavimento de macadam, de acordo com os padrões técnicos da época, tornando-se mais lenta a partir dos anos oitenta, o que fez prolongar a reforma do lanço entre Ameixial e Dogueno até às vésperas (1911-14) da Primeira Guerra Mundial.

Desse modo entre os finais de novecentos e os princípios do século seguinte, a atenção orientou-se para pequenos troços secundários de conexão a esta estrada, como o que ligava o Barranco do Ximeno ao Ameixial (1890-1905). (Andrade, 2003:77-78)

SÉCULO XX

É em 1906, que se volta a mencionar a estrada de Faro a Castro Verde, mas a sua construção evoluiu muito devagar, segundo Maria da Graça Maia Marques, em " O Algarve: Da Antiguidade aos nossos dias ":

" (...) Nessa altura, ainda não estava definido o local onde iria ser construída a ponte sobre o Vascão. Em plena república, no Mês de Maio de 1911, ainda não era possível percorrer a estrada até Castro Verde. Esta estrada viria a encurtar a distância entre o Algarve e a capital do país, de tal forma que um bom automóvel percorreria a distância em menos tempo que o comboio. Uma via tão importante para a economia da província demorou cerca de quarenta anos a construir. Projetada para facilitar o acesso à estação do caminho-de-ferro de Beja acabou por ver chegar o caminho-de-ferro a Faro, Olhão e a Vila Real de Santo António. Até os primeiros automóveis chegaram a Faro bastante antes da sua conclusão. " (Marques, 1999:388)

A utilização de automóveis e camiões como meios preferenciais de transporte, nas primeiras décadas do século XX, fez surgir este itinerário como a única via de ligação para o Algarve, apesar do percurso surgir indicado a tracejado no mapa divulgado pelo *Automóvel Club de Portugal* em 1913 e nos diversos Guias do Automobilista que se começaram a publicar, com maior frequência a partir dos anos 20.

Com a criação da Junta Autónoma de Estradas (JAE) em 1927, a estrada, cujo pavimento já se encontrava em muito mau estado, voltou a ser merecedora de atenção e cuidados reparadores desde a tapagem de covas a obras mais profundas e demoradas, que se estenderam por quase duas décadas.

" Em 1933/34 iniciou-se o processo de alargamento da faixa de rodagem bem como da implantação de revestimento betuminoso, obras que se prolongaram até 1936/37, devido a atrasos causados pelos temporais invernosos. Simultaneamente, levaram-se a efeito todas as tarefas necessárias à edificação de um conjunto de construções – casas de cantoneiro, casetas de recolha de material, secções de conservação – de suporte à manutenção e conservação da estrada e que foram dadas por concluídas em 1938.

A plena afirmação do conceito de estrada-panorama nos anos 40, resultante de um interesse crescente pelo fomento turístico, que deve ser associado a uma maior facilidade na utilização do transporte automóvel, gerou uma renovada atenção por esta estrada. Considerada uma das mais belas do país pelo Guia de

Portugal publicado em 1927, devido às paisagens que se estendiam perante os olhos do viajante, era ainda apontada como um caminho óbvio para as praias algarvias ou para os bons ares serranos do Caldeirão, estes últimos muito procurados nesses tempos em que os males pulmonares incomodavam um grande número de portugueses, o que motivara a construção de um Sanatório no lugar de Tesoureiro e das respetivas vias de acesso denominadas todavia ainda de caminhos em 1937, o que atesta o seu carácter mais que secundário.

Um interesse que, por certo, esteve na origem de construir, em 1940, uma pousada – uma das primeiras de uma rede que veio a abranger todo o território nacional – num local que proporcionava uma admirável vista sobre a vista de São Brás de Alportel e sobre a zona do Barrocal. Assim, para ligar a estrada ao local de implantação da pousada foi construído, entre 1939 e 1942, um troço de ligação.” (Andrade, 2003:78-79)

Foi, ainda, nos anos 40, na localidade do Ameixial, que a estrada sofreu uma intervenção de alargamento da via com consequentes demolições, reconstruções, alterações e outras obras de melhoramento que alteraram significativamente a organização do espaço da localidade. Nas décadas seguintes, a estrada património ficou integrada no extenso eixo viário que liga Chaves a Faro, o qual, até hoje, permanece inalterável, tendo tido apenas pontuais e recorrentes intervenções de reparação. Foi a estrada que, durante décadas, foi considerada o único itinerário de conexão com o Algarve, tendo somente como concorrente o caminho-de-ferro. No entanto, as exigências de eficácia e rapidez na circulação rodoviária foram votando a estrada ao esquecimento, que apesar das suas belezas paisagísticas, foi preterida por outros percursos alternativos que permitiam circular a mais velocidade. (Andrade, 2003:79-80)

Mas é a partir dos anos 60, com a melhoria das condições da rede de estradas do Sul de Portugal e nomeadamente deste eixo, de Almodôvar a São Brás de Alportel, que começa a haver um grande dinamismo, devido à divulgação intensiva da prática de férias, que conduziram ao crescente interesse pelas estadias à beira-mar, o que permitiu uma maior afirmação do Algarve como destino, na estação do Verão. Amélia Aguiar Andrade explica como o turismo dinamizou de forma positiva o Algarve:

“ O turismo permitiu, através dos trabalhos sazonais na indústria hoteleira e na restauração, que Serra e Barrocal mantenham contactos com o Litoral. A inexistência de atividades industriais, associada ao afundamento de práticas agrícolas outrora muito devedoras de elevado número de mão-de-obra, conduziram, todavia, a uma generalizada dificuldade em reter população, sobretudo a mais jovem. Uma situação que nem as iniciativas autárquicas, permitidas e potenciadas pela renovação trazida pelo 25 de Abril, conseguem contrariar.” (Andrade, 2003:33)

SÉCULO XXI

É no ano de 2003, que se volta a mencionar a Estrada Nacional N°2, no âmbito de um projeto chamado – Estradas Património – lançado pelo Instituto de Estradas de Portugal, atual Infraestruturas de Portugal. Na sequência deste projeto, o objetivo era classificar um troço desta estrada, mais propriamente o lanço desde Almodôvar, no quilómetro 663 até São Brás de Alportel, no quilómetro 718. Foi devido ao aparecimento da A2 que, no final do século XX, o Instituto de Estradas de Portugal e o Centro Rodoviário Português refletiram sobre que futuro teria o troço da Estrada Nacional N° 2, Almodôvar a São Brás de Alportel.

“ Este troço, atravessando a Serra do Caldeirão, constituía um traçado secular sinuoso, quase só utilizado pelo tráfego local ou por visitantes que se queriam afastar do movimento do IC1 e tinham curiosidade em descobrir um caminho não aconselhado nos mapas. No final de uma época dedicada à construção de estradas, pretendia-se dar mais atenção à manutenção do património construído, o qual sem essa manutenção se poderia perder.” (Carvalho, 2018:316)

Este novo conceito de Estrada património tinha como objetivo divulgar o património rodoviário direcionado para as antigas estradas que constituem percursos notáveis e viagens agradáveis. De acordo com António Lamas, numa entrevista para a Revista Pedra & Cal, uma estrada património para ser considerada como tal, obedece a três tipos de critérios:

“(…) no primeiro tipo estão estradas com interesse histórico – porque correspondem a percursos com origem e importância histórica assinaláveis (como antigas estradas romanas, caminhos de Santiago, estradas abertas por motivos históricos relevantes) ou porque são estradas cuja construção constituiu um marco importante na história da comunicação e dos transportes ou na história das técnicas construtivas. No segundo tipo situam-se as que se podem designar por estradas panorâmicas. Correspondem a percursos que, pelo interesse paisagístico ou beleza da sua envolvente natural, podem proporcionar pontos de vista notáveis, por exemplo, estradas que atravessam parques naturais ou zonas protegidas.

Por último, também podem ser Estradas Património as rotas turísticas ou rotas turístico-patrimoniais, que são percursos que proporcionam o acesso a valores de interesse cultural com potencial turístico.” (in Pedra & Cal, 2003:8)

Estes 55 quilómetros de estrada, enquadram-se nos três critérios que definem uma estrada património, o que permite seguir este conceito de uma forma eficiente. Em paralelo, com esta classificação de estrada, houve um conjunto de intervenções de restauro das infraestruturas que se encontram em torno da mesma, nomeadamente, miradouros, fontanários, sinalética, áreas de lazer, guardas de proteção, pontes, casetas, postos de viação e trânsito e casas de cantoneiro e secções de conservação.

Neste mesmo ano, e também em paralelo com esta intervenção, o Instituto de Estradas de Portugal editou um Roteiro Turístico e lançou um conjunto de livros denominado Estradas Património em que o primeiro volume tratava o troço de Almodôvar a São Brás de Alportel. Esta estrada foi a primeira a ser distinguida como Estrada Património, num projeto que tinha como finalidade classificar estradas *“(…) cujas características intrínsecas e/ou as da sua envolvente imediata apresentem valor cultural, histórico, etnográfico e/ou panorâmico capaz de se traduzir em interesse turístico.”* (Carvalho, 2018:316)

Mais recentemente, em 2018, o Guia de Destinos “Foge Comigo!” lançou um Guia de Viagens pela Estrada Nacional Nº 2 em parceria com as Infraestruturas de Portugal e a Rota Estrada Nacional Nº2 para promover o turismo, gastronomia e todo o património envolvente e as povoações abrangidas.



Figura 23 Capa da Revista - Pedra & Cal



Figura 24 Mapa esquemático de Portugal, concelhos que a estrada nacional N.º2 atravessa, executado pela autora



Figura 25 Mapa esquemático de Portugal, rios que a estrada nacional nº2 atravessa, executado pela autora



Figura 26 Mapa esquemático de Portugal, serra que a estrada nacional N°2 atravessa, executado pela autora

FORMAÇÃO DA ESTRADA

A hoje classificada Estrada Património teve uma construção demorada e dividida por vários lanços, sendo que o primeiro lanço a ser construído, de acordo com o troço, São Brás de Alportel a Almodôvar, foi o Lanço desde São Brás de Alportel a Alportel, prosseguindo pela ordem das povoações seguintes, ou seja, o segundo Lanço a ser construído foi desde Alportel a Barranco do Velho, depois do Barranco do Velho até à Cortelha, da Cortelha à Cumeada dos Cavalos, da Cumeada dos Cavalos ao Barranco do Xemeno, do Barranco do Xemeno até ao Ameixial, do Ameixial à Ribeira do Vascão e por fim da Ribeira do Vascão a Almodôvar.

De acordo com os cadernos de encargos dos lanços referidos acima, o perfil geral da estrada foi desenhado com a largura total de 6.00 metros, sendo que as faixas de rodagem têm 4,40 m e cada berma 0,80 m. Esta estrada foi construída de acordo com o sistema de Mac Adam¹³, que implicava a pavimentação, ou seja, a utilização de macadam, mas também mediante a delineação do perfil e a definição da sua orientação, procurando reduzir os obstáculos à circulação, o que conduziu à construção, no trajeto Almodôvar – S. Brás de Alportel, da ponte do Vascão.

“ Uma intervenção dinamizada pela Junta Autónoma de Estradas (JAE), um organismo criado em 1927 e que, para esse fim, irá ser contemplado com amplos poderes legislativos que lhe permitiram intervir não só no leito da estrada, mas também nas suas imediações, propiciando assim ações globais sobre o que então se considerava uma valiosa parcela do património nacional.

Se bem que a estrada ideal, com curvas de grandes raios, traneis suaves, óptima visibilidade, amplo espaço para um intenso tráfego, conforme enunciava um dos primeiros relatórios de actividades da JAE, em 1935, só tenha sido concretizada em escassos troços, a acção interventiva dessa instituição alterou decisivamente a imagem de estrada até essa altura predominante, afirmando os contornos de um modelo que só veio a ser substituído, e mesmo assim parcialmente, em tempos recentes, com a implantação da rede de auto – estradas e de itinerários principais.

(...) Assim promoveu-se a implantação de um pavimento de macadame betuminoso por semipenetração com o qual, sobretudo a partir de 1936, se harmonizou a pavimentação da maioria das estradas portuguesas localizadas a sul do rio tejo.

A ocorrência de vestígios de paralelepípedos de granito sugere, todavia, que possa aqui ter havido recurso a esse tipo de material, considerado na década de 30 do século XX como o pavimento nacional por excelência, mas que os elevados custos aconselhavam a que fosse preferencialmente utilizado na região norte do país, onde essa matéria-prima era abundante, não exigindo, por isso, onerosos transportes. ” (Andrade, 2003:82-83)

¹³ John Loudon McAdam foi um Engenheiro Escocês, que desenvolveu, em 1820, um tipo de pavimento para estradas. Este processo recebeu o nome de Mac Adam em homenagem ao seu criador, e consiste em aplicar três camadas de pedras colocadas numa fundação, com valas laterais para enxugo da água da chuva. As primeiras duas camadas são colocadas a uma profundidade de 20 cm e recebem brita de tamanho máximo de 7,5 cm. Na terceira camada são colocadas duas camadas de 5 cm, cheias de pedra de tamanho máximo de 2,5 cm. Cada uma das camadas é calçada com um cilindro (rolo pesado), para que as pedras abatam. Esta base de sucessivas camadas de pedra gradualmente menor, tem como objetivo, que as pedras maiores sirvam de base sólida para que o cascalho fino nivele o solo, este método é conhecido como *macadam waterbound*. Mas este método é o que requer muita mão-de-obra, mas valeria a pena, pois resultava num pavimento forte e enxuto.

A legislação promulgada por Costa Cabral, em 1845 pretendeu com a instalação de marcos, dar uma imagem formal da rede de estradas do reino. Os marcos eram construídos em pedra, com forma prismática e dimensões uniformizadas para todo o reino e eram auxiliares preciosos para os viajantes, pois não só assinalavam as distâncias, em léguas, em relação às cidades e vilas importantes como também registavam o nome da povoação mais próxima. Essa imagem foi completada com as primeiras manifestações de interesse pela arborização das bermas, que era frequentemente requerida, pois, para além de embelezar as estradas, facilitava a circulação e protegia do calor e dos ventos, quer as pessoas quer os animais.

Esse conjunto de elementos ajudava já a estabelecer por escrito a fixação de critérios para as primeiras classificações de estradas, que deixaram de ser exclusivamente elaboradas a partir da importância das localidades terminais ligadas pelo eixo viário, passando por exemplo a levar em conta a largura, ainda que, muito possivelmente, apenas em troços principais mais importantes, como é o caso de Almodôvar - S. Brás de Alportel.

Na década de 30 do século XX, com o aumento da circulação automóvel, a estrada, tal como a restante rede viária portuguesa, foi alvo de intervenções profundas e diversificadas, que foram decisivas para a construção da sua paisagem rodoviária e da transformação de toda a zona envolvente, para além de ser um elemento decisivo para a materialização das orientações políticas do chamado Estado Novo, à semelhança de outras potências europeias desse tempo. (Andrade, 2003:80-81-82)

A classificação das estradas da rede nacional determinada em 1928 foi a primeira etapa desse processo, pois veio determinar o tipo de intervenção a realizar. Inserido num itinerário que já se tinha anteriormente afirmado como decisivo nos contactos da zona sul do país, o troço de Almodôvar – S. Brás de Alportel passou a integrar uma estrada catalogada como nacional.



Figura 27 Trabalhos na estrada, cedida por Acp

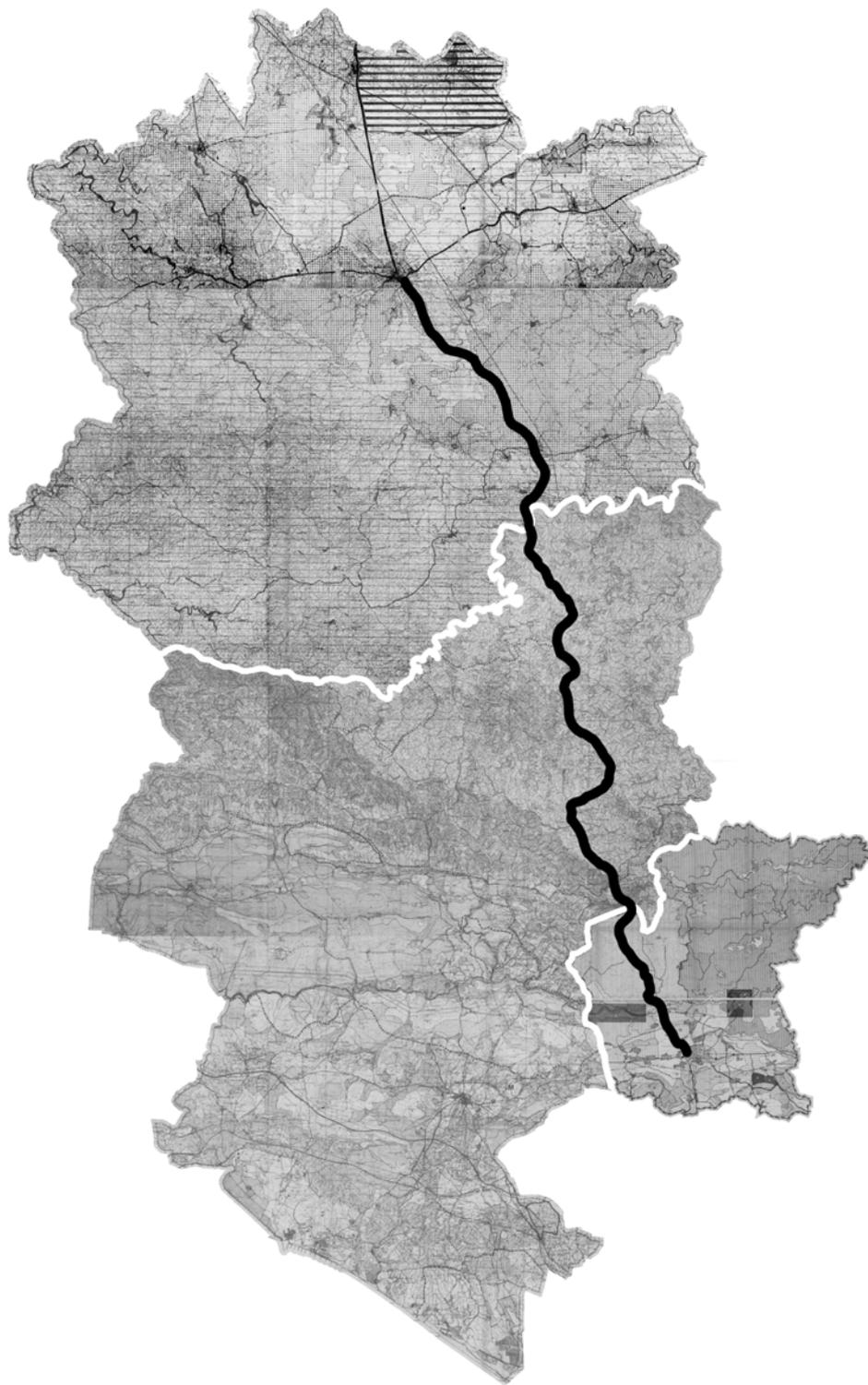


Figura 28 Esquema dos três concelhos que a estrada Património atravessa (Almodôvar, Loulé e São Brás de Alportel), a base do esquema foi obtido através do Sistema Nacional de Informação Territorial (SNIT), editado e executado pela autora

LANÇO SÃO BRÁS DE ALPORTEL – ALPORTEL

Este Lanço foi projetado para ser construído entre São Brás de Alportel e o Sítio de Alportel, em 1874 e com uma extensão de 3.495,04 metros. O engenheiro responsável pela sua construção explica que quando desenhou a diretriz do lanço tentou conciliar as condições técnicas e económicas, devido à topografia acentuada do terreno no local da Portela de Santo António, propondo atravessá-la com um traçado que cumprisse com as condições técnicas e de economia animal para que não causasse nenhum prejuízo.

O Engenheiro encarregado, começou a traçar a linha do lanço proposto, perto da Póvoa de São Brás, acompanhando a estrada velha caracterizada de leves inclinações.

Mais à frente, teve que abandonar a estrada velha (estrada real nº 17) e produzir um traçado que iria assentar na diretriz localizada na vertente Este do Serro da Portela de Santo António. A partir deste sítio à colina a oeste da Portela, o responsável aproveitou as características do terreno e desenhou um traçado com declives aceitáveis, para, até ao sítio de Alportel, onde termina o lanço, atingir as melhores condições.

Relativamente às obras de arte construídas ao longo deste lanço, apenas foram necessários alguns aquedutos e um pontão de 4 metros de vão.

Em suma, o Engenheiro responsável explica a urgência da construção deste lanço para com o sítio de Alportel: *“ A importância do sítio de Alportel, centro de grande comércio de cortiça, que o Algarve tem com o Alentejo, reclamo a urgência da construção deste lanço e parece-me que o seu projecto e orçamento está nas condições da merecida aprovação dos poderes superiores ”*. (ADFAR, JAE 3 (Vol.1), 1874-1875)

De acordo com o orçamento total do lanço, feito pelo Engenheiro encarregado, sem as expropriações incluídas, era de 6:275\$534 reis, o que dava 1:795\$555 reis por quilómetro.



Figura 29 Lanço São Brás de Alportel - Alportel, por autora

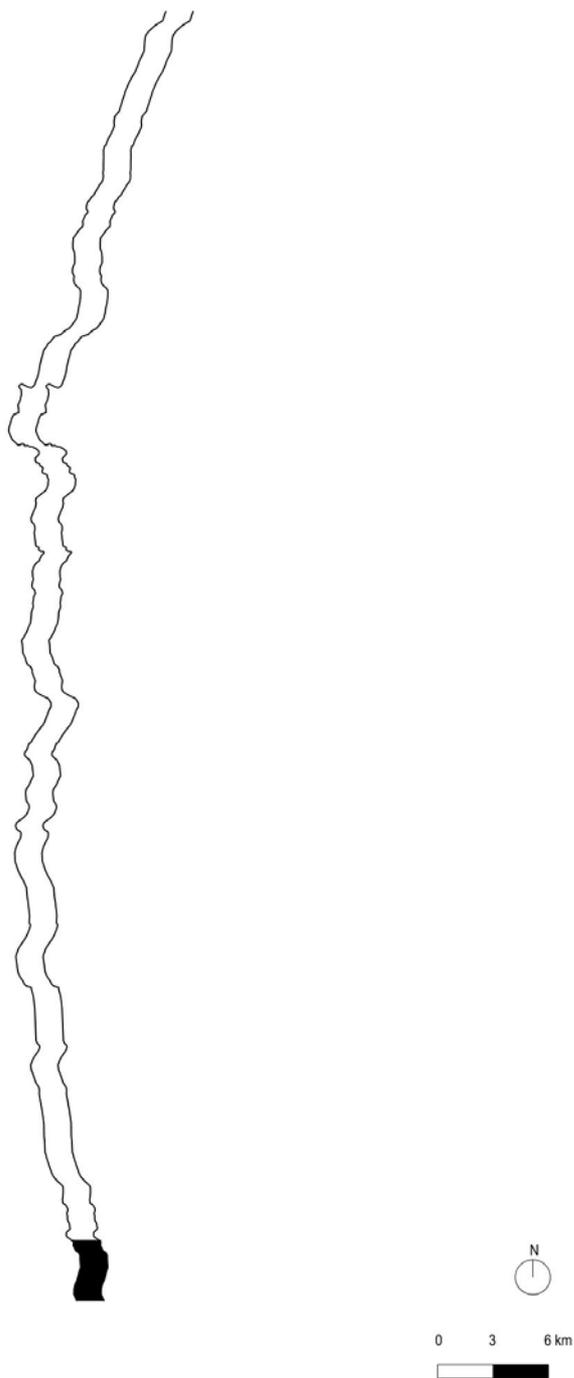


Figura 30 Esquema Estrada Património, Lanço São Brás de Alportel, executado pela autora

LANÇO ALPORTEL – BARRANCO DO VELHO

O Troço de Alportel a Barranco do Velho começou a ser construído a 19 de Julho de 1882. Para a construção deste lanço tinham sido necessários alguns procedimentos, começando por um estudo aprofundado do terreno com o objetivo de perceber onde seria o local ideal para a estrada passar. Mas devido à Crise que se abatia no Algarve, nesse mesmo ano, os trabalhos foram começados sem o projeto estar completamente estudado.

Este lanço, alcançou uma extensão de 10.665.70 metros na sua totalidade o que requereu bastantes expropriações de terrenos para a sua construção. (ADFAR, JAE 2 (Vol.1), 1879-1883)



Figura 31 Lanço Alportel - Barranco do Velho, por autora



Figura 32 Lanço Alportel - Barranco do Velho, por autora

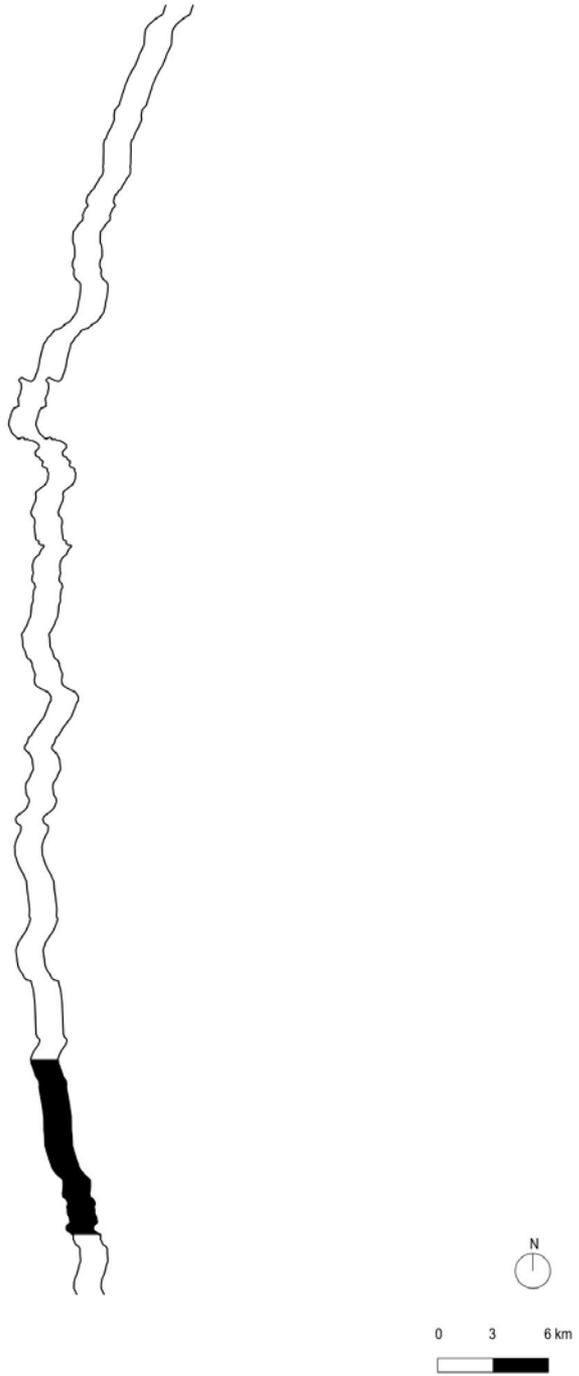


Figura 33 Esquema Estrada Património, Lanço Alportel - Barranco do Velho, executado pela autora

LANÇO BARRANCO DO VELHO – CORTELHA

Este lanço é compreendido entre o Barranco do Velho e a Cortelha tendo começado a ser construído a 16 de Janeiro de 1884. O projeto primitivo foi concluído a 7 de Fevereiro de 1881 e foi submetido à apreciação da Junta Conselheira de Obras Públicas e Minas, que, de seguida, emitiu um parecer a 21 desse mesmo mês e ano, sugerindo que se procurasse encontrar na variante um traçado adequado ao terreno.

Devido a este parecer, avançou-se para o estudo da variante, onde obtiveram um resultado satisfatório, de acordo com as indicações da Junta. Devido a este resultado, conseguiu-se que a extensão total do lanço, de 2.880,16 m, e a introdução de algumas curvas reduzissem o orçamento de modo a não alterar as indicações de perfil.

A variante proposta foi estudada ao pormenor, mas a linha de projeto teve que ser modificada, para que no final se estabelecesse a ligação com a estrada primitiva (Estrada Real nº17). (ADFAR, JAE 5 (Vol.2), 1878-1886)



Figura 34 Lanço Barranco do Velho - Cortelha, por autora

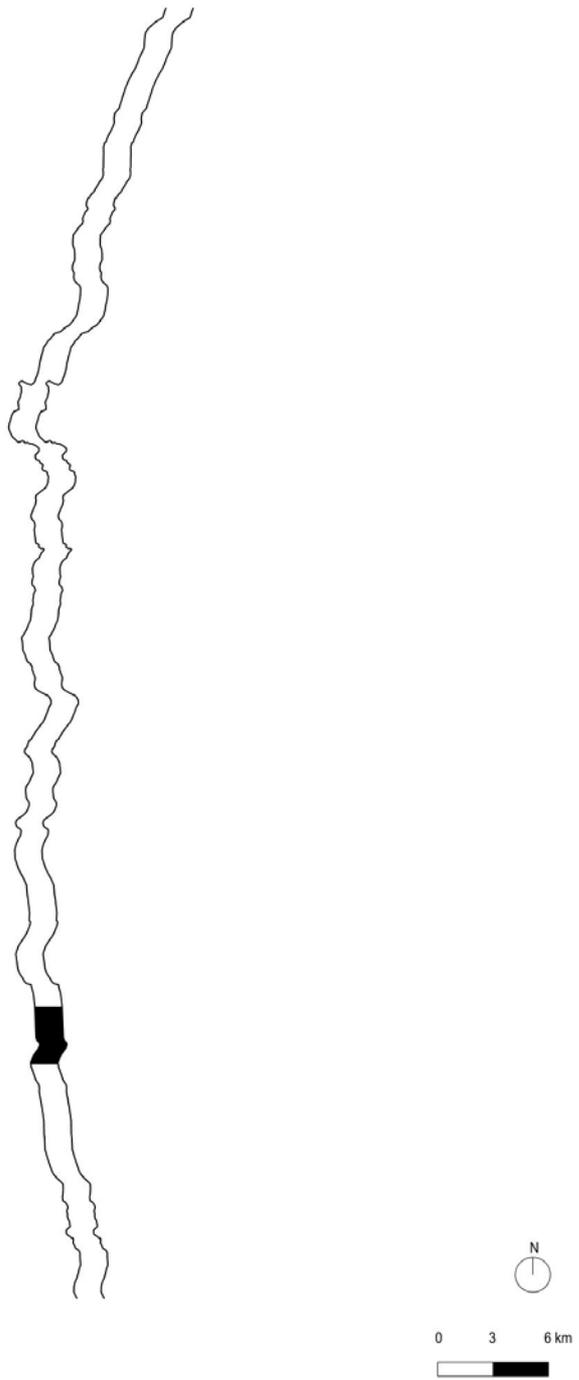


Figura 35 Esquema Estrada Património, Lanço Barranco do Velho - Cortelha, executado pela autora

LANÇO CORTELHA – CUMEADA DO CAVALOS

A 11 de Fevereiro de 1879 foi ordenada a construção por pequenas empreitadas e tarefas do lanço compreendido entre a Cortelha e a Cumeada dos Cavalos, mas somente no dia 18 de agosto de 1882, começaram as obras de construção do lanço com uma extensão de 8.330,78 m.

A partir do Sítio da Cortelha o terreno é considerado difícil e acidentado, pois além de ser caracterizado por grandes declives é completamente recortado em quase todas as direções, por esta razão houve alguma dificuldade em assentar a estrada em boas condições técnicas e económicas. A natureza deste terreno, nas suas camadas inferiores, era rocha, o que dificultava a construção do lanço e exigia mais mão-de-obra.

No que diz respeito às obras de arte efetuadas neste troço, foram construídos 33 aquedutos e 2 pontões, sendo posteriormente acrescentados muros nos aquedutos devido a frequentes quebras no terreno. (ADFAR, JAE 6, 1880-1884)



Figura 36 Lanço Cortelha - Cumeada dos Cavalos, por autora

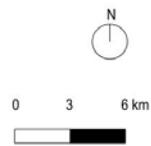
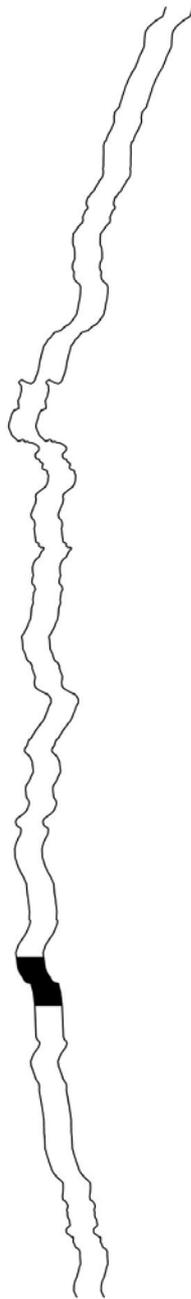


Figura 37 Esquema Estrada Património, Lanço Cortelha - Cumeada dos Cavalos, executado pela autora

LANÇO CUMEADA DOS CAVALOS – AMEIXIAL

Este lanço da Estrada Distrital Nº 128, era compreendido entre a Cumeada dos Cavalos e o Ameixial e a sua construção começou por volta de 1884.

Este pequeno troço até ao Ameixial foi traçado num terreno extremamente acidentado tal como se refere na memória descritiva do respetivo lanço:

“ ... parte da Cumiada dos Cavallos, ponto extremo do ultimo lanço em construção da estrada distrital nº 128, atravessa a Portella do Valle da Coiza Branca, do Sertão e do Xemeno, segue pela Cumeada dos Barrancos do Xemeno, corta o Barranco do Caldeirão, passa nas Portellas das Pedras Brancas e dos Palmeiros e no sitio de Gil Barbeiro, corta o Córrego do Frade e o Barranco do Valle da Burra, e termina no Ameixial, acompanhando em quase toda a sua extensão a Estrada Velha, de que só se afasta quando é indispensável contornar o terreno para não mudar o limite das inclinações, ou para obter curvas de raio não inferior ao limite mínimo marcado. O terreno em que assenta esse traçado é extremamente acidentado, apresenta pontos forçados a que é muito difícil, senão impossível, fugir, e, por isso mesmo não se presta a grandes hesitações reduzindo, se o trabalho de estudos quase que exclusivamente a adaptar o traçado ao terreno, pela melhor forma, entre cada dois pontos forçados. ” (ADFAR, JAE 7 (Vol.1), 1884)

Devido às características apresentadas no terreno, foi desenhado um traçado muito sinuoso, com uma extensão em curva de 3.649,04 m, e no total de 3.173,64 m. Na maior parte deste traçado o terreno forçou a que se traçasse uma curva contracurva com um mínimo raio, mesmo em traineis de elevada inclinação.

Outra característica do terreno que dificultou a construção deste lanço, foi a sua natureza geológica, pois para proceder á construção foram necessárias várias escavações no terreno onde foi descoberta uma rocha dura e branca, o xisto, que atingia uma grande dureza. Parte dessa rocha que era extraída das trincheiras era aproveitada para britar ou para alvenaria ordinária.

Devido ao inexistente povoamento onde atravessava o traçado deste lanço, foi essencial serem construídas duas casas dos cantoneiros como obras acessórias para os empregados, como alojamento e depósito de ferramentas, para evitar grandes percursos de todos os trabalhadores da estrada até encontrarem habitações.

Relativamente, às obras de arte que foram construídas neste lanço de estrada, foram construídos, primeiramente, dois pontões, um de 2,00 metros de vão, localizado no Barranco do Caldeirão, e outro, com 4,00 metros de vão, localizado no Barranco do Vale da Burra e por fim alguns aquedutos, uns com 0,60 e 0,80 metros de vão. (ADFAR, JAE 7 (Vol.1), 1884)



Figura 38 Lanço Cumeada dos Cavalos - Ameixial, por autora



Figura 39 Lanço Cumeada dos Cavalos - Ameixial, por autora

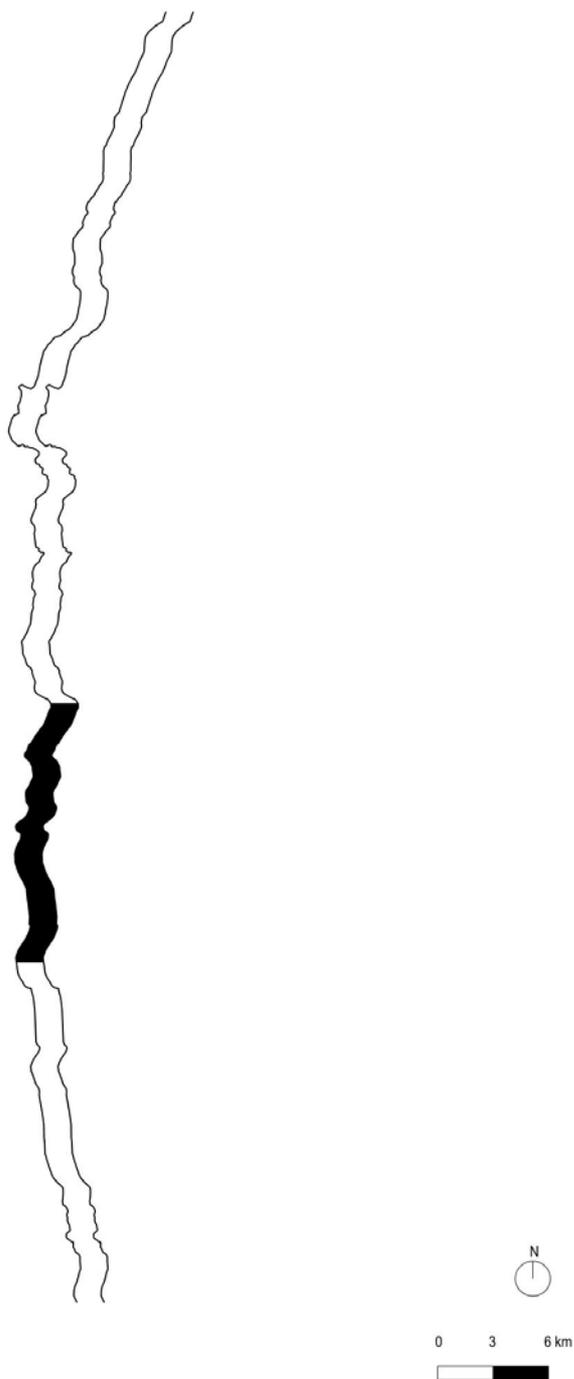


Figura 40 Esquema Estrada Património, Lanço Cumeada dos Cavados - Ameixial, executado pela autora

LANÇO AMEIXIAL – RIBEIRA DO VASCÃO

“ O traçado desta variante vai da povoação do Ameixial (cota 442) e segue ao seu ponto forçado, portella de Valle de Pereiros (cota 440) passando neste espaço pelos barrancos da Pedra do Lagarto, onde tem de descer oito metros que em seguida sobe até à portella. Por aqui desce seguidamente até às margens da ribeira do Vascão pelas encostas de Valle de Pereiros que conflui com o Vascão, debaixo do nome de Valle do Ameixial.

Antes porem de chegar às margens do rio corta o Valle do Ameixial a procurar o perfil transversal da ribeira mais própria para o estabelecimento da ponte.” (ADFAR, JAE 10 (Vol.1 e 2), 1889-1913)

Este lanço, pertencente à estrada distrital nº 128 e atual estrada nacional nº2, começou a ser construído em 1889. O terreno, tal como acontece nos lanços anteriores, é bastante acidentado nas vertentes da Serra, não permitindo um traçado mais linear, por isso é uma construção onde se utiliza muito a escavação e o aterro. A extensão total em curva é de 2.069,18 metros e a extensão reta é de 3.861,04 metros. Relativamente aos graus das curvas, “ (...) nunca passaram dos limites regulamentares sendo porem necessário a eliminação das partes rectas concordando as curvas contracurvas a que de certo sucedem apenas em quatro pontos nas passagens de barrancos profundos e bastante apanhados.” (ADFAR, JAE 10 (Vol.1 e 2), 1889-1913)

De acordo com a memória descritiva da construção deste lanço de estrada projetou-se um eixo viário com a largura de seis metros sendo dois metros para as bermas, cumprindo as mesmas medidas que os lanços anteriores.

As obras de arte construídas são formadas por aquedutos, que foram adaptados em conformidade com o modo de construção adotado na parte construída da estrada; um pontão, que se localiza no Vale das Pereiras e tem 4 metros de vão e 1,80 metros de altura e muros, sendo necessário construí-los para puder suportar o pontão ou mesmo os perfis correntes onde a inclinação transversal do terreno era grande.



Figura 41 Lanço Ameixial - Ribeira do Vascão, por autora

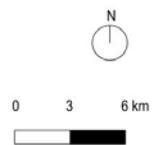
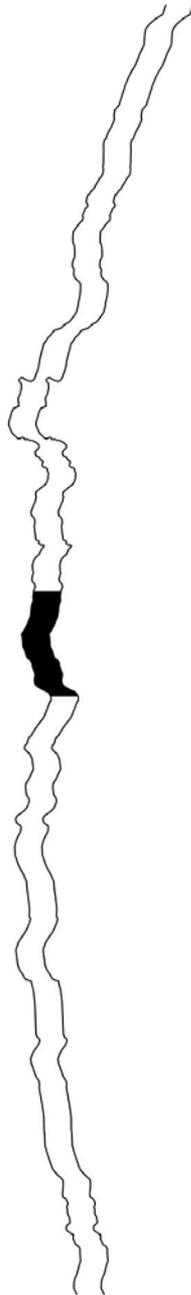


Figura 42 Esquema Estrada Património, Lanço Ameixial - Ribeira do Vascão, executado pela autora

LANÇO RIBEIRA DO VASCÃO – ALMODÔVAR

O Lanço desde a Ribeira do Vascão a Almodôvar é o único troço pertencente à Estrada Património, inserida na Estrada Nacional Nº2, que não se obteve qualquer informação nos Arquivos de Faro e Beja. Assim, calcula-se que este trecho da estrada tenha sido construído por volta do início da construção da Ponte do Vascão, em 1913.



Figura 43 Lanço Ribeira do Vascão - Almodôvar, por autora



Figura 44 Lanço Ribeira do Vascão - Almodôvar, por autora

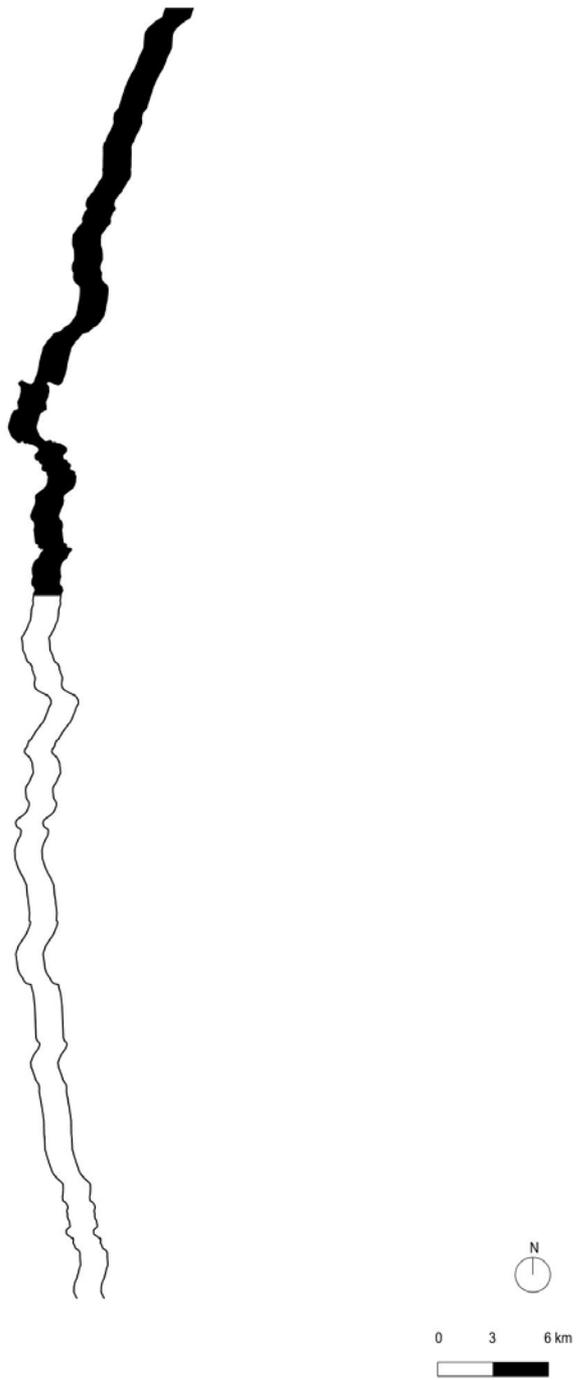


Figura 45 Esquema Estrada Património, Lanço Ribeira do Vascão - Almodôvar, executado pela autora

CONSTRUÇÕES DE APOIO À ESTRADA

As Infraestruturas que foram surgindo ao longo da estrada eram exclusivamente de apoio ao viajante e de apoio ao cantoneiro. Com o Estado Novo e a construção da nova estrada nacional nº 2, houve necessidade de construir novas estruturas turísticas e de acolhimento aos viajantes e que acabou por evoluir de uma forma natural num sistema que pretendia centralizar toda atividade de lazer na origem de novas instalações hoteleiras que acolhessem cidadãos com outras posses e exigências. (Santos, 2014:67)

Estas construções foram implantadas pela Junta Autónoma de Estradas a partir dos anos 30 do século XX, destinadas à manutenção e conservação das estradas. Adaptaram tipologias arquitetónicas muito próprias e cada infraestrutura continha uma sinalética, que em termos visuais, era muito sugestiva e homogénea, onde constava sempre o logótipo da JAE. A sua função era armazenar materiais necessários às reparações da estrada ou outras obras e também a de alojar os trabalhadores, tais como chefes de secção de conservação, cantoneiros ou gentes inesperadas que necessitavam de passar a noite. (Andrade, 2003:90)

Com o passar do tempo, esta preocupação relativa à vigilância e conservação das estradas foi-se desvanecendo. Assim estas infraestruturas, foram perdendo a sua função, e entraram numa progressiva degradação. Hoje em dia, esta degradação começa a ser contrariada através da reutilização dos edifícios para outros fins, como por exemplo habitação. (Andrade, 2003:94)

“ A profunda intervenção realizada na estrada onde se insere o itinerário Almodôvar – S. Brás de Alportel transformou uma estrada num eixo ordenador da paisagem, tornando-o em elemento de convergência e distribuição da ocupação humana da zona por ele percorrida, que aí encontrava, assim, um elemento por de mais dinamizador. A secundarização vivida por este eixo viário nas últimas décadas levou a que as intervenções sofridas fossem de carácter pontual quanto à natureza e área abrangida vale, o que permitiu que a estrada mantivesse, ainda que empobrecida, a imagem do que seria uma estrada nacional nos finais dos anos 40 do século passado. Um património a conservar porque é o testemunho de uma outra época, de um outro saber, de outros objetivos. ” (Andrade, 2003:94)

SECÇÕES DE CONSERVAÇÃO

As Secções de Conservação existentes neste troço rodoviário, da Estrada Nacional nº2, resumem-se a duas, a Secção de Conservação do Barranco do Velho e a Secção de Conservação de São Brás de Alportel.

Estes edifícios foram construídos com a função de albergar os Chefes de Secção de Conservação, para que pudessem controlar a secção de estrada de que eram responsáveis. De acordo com Maria Isabel Carneiro:

“ A partir do Decreto de 31 de Dezembro de 1864, que reestruturou os serviços de conservação, as estradas foram divididas em secções, que ficaram sob a responsabilidade de fiscais, e aquelas em cantões, a cargo do pessoal cantoneiro; este, por sua vez, era constituído pelos cabos e, finalmente pelos cantoneiros. Um novo diploma datado de 16 de Junho de 1868, reorganizou os serviços de conservação, com uma nova divisão das estradas em secções, lanços e cantões, que ficaram entregues, respetivamente, aos chefes de secção, aos cabos de cantoneiros e aos cantoneiros, designações que se mantiveram até à extinção da Junta Autónoma de Estradas.” (Carneiro, I Volume, 2011:44)

Estas construções tinham funções um pouco distintas das casas de cantoneiro, pois destinavam-se exclusivamente, para a habitação do Chefe de Secção de Conservação, para o tratamento de assuntos correspondentes à secção de estrada e para o armazenamento de ferramentas e maquinarias relativas à construção e conservação da estrada. *“ As fachadas são encimadas por frontões, com a indicação das respetivas Direção de Estradas e Secção de Conservação, em painéis de azulejo.” (Carneiro, I Volume, 2011:73)* Com a intenção de evitar gastos, e custos de transporte de materiais, eram utilizados os materiais existentes na região.



Figura 47 Marco de Secção, Barranco do Velho, por autora



Figura 46 Marco de Secção, Barranco do Velho, por autora

SECÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE BARRANCO DO VELHO

A Secção de Conservação, localizada no sítio do Barranco do Velho, no quilómetro 708,5, faz parte de um projeto-tipo, de 1933, a cargo do Engenheiro Joaquim Barata Correia, que englobava as Casas de Cantoneiro dos Cavalos, do Vale Maria Dias e das Bicas da Serra. Estas quatro construções têm características arquitetónicas muito similares.

Este edifício é composto por dois corpos, um para os serviços de secretaria e habitação e outro para a garagem. Esta Secção apresenta volumes simples, mas com uma composição arquitetónica rigorosa. Estas casas desenhadas de acordo com o projeto-tipo do Engenheiro Joaquim Correia tinham referências na arquitetura tradicional da região, neste caso a Serra do Caldeirão.



Figura 48 Secção de Conservação, Barranco do Velho, executado pela autora



Figura 49 Secção de Conservação, Barranco do Velho, executado pela autora

SECÇÃO DE CONSERVAÇÃO DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

A Secção de Conservação, localizada na vila de São Brás de Alportel, no quilómetro 722, apresenta características arquitetónicas próprias, pois este edifício adveio de uma casa preexistente, situada no centro urbano de São Brás de Alportel.

Este edifício correspondia à 8ª Secção de Conservação das estradas do Distrito de Faro, em 1968. Uma construção composta por dois pisos, com uma fachada caracterizada com alguns elementos arquitetónicos da época de português suave, uma arquitetura aplicada no Estado Novo. Os vestígios encontrados no próprio local sugerem-nos que o piso térreo era um espaço de armazenamento ferramentas e outros materiais de trabalho, com casa de banho e pequena estrutura para refeições. O piso superior era utilizado como escritório do dirigente do cantão o último dos quais foi o chefe Almeida Matias ainda hoje muito presente na memória dos mais velhos.

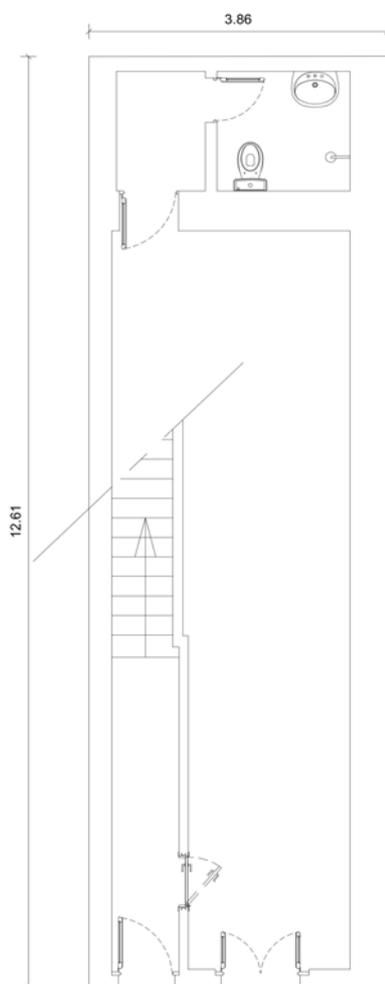


Figura 50 Planta rés do chão, Secção de Conservação de São Brás de Alportel, cedida por Museu de São Brás de Alportel

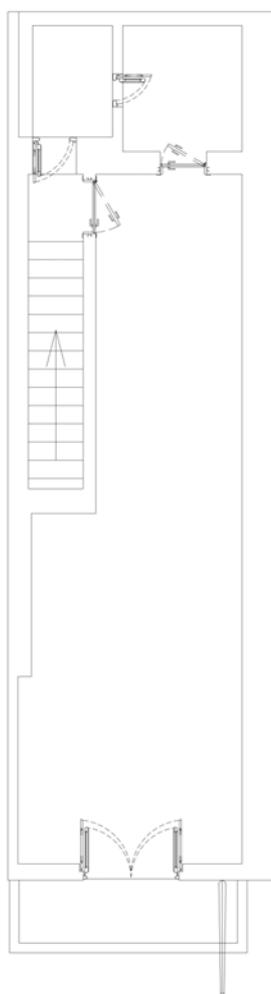


Figura 51 Planta Piso 1, Secção de Conservação de São Brás de Alportel, cedida por Museu do Traje de São Brás de Alportel

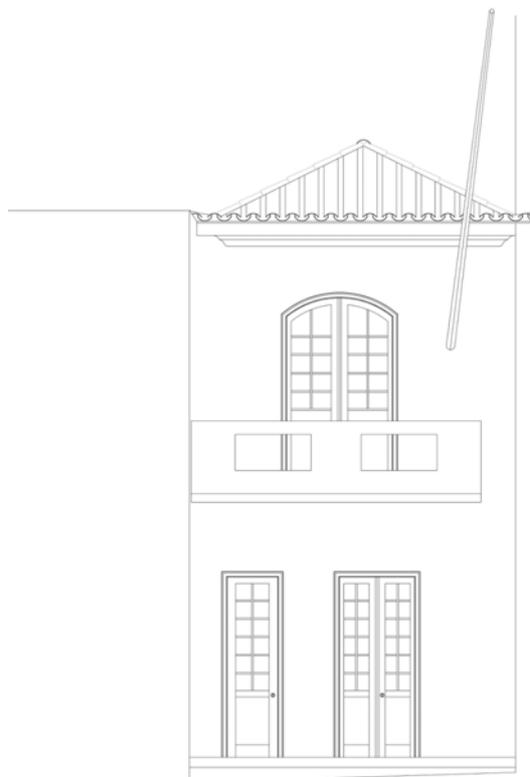


Figura 52 Alçado Principal, Secção de Conservação São Brás de Alportel, cedida por Museu do Traje de São Brás de Alportel



Figura 53 Secção de Conservação de São Brás de Alportel, executado pela autora

CASAS DE CANTONEIRO

Nesta estrada património existe uma sucessão de casas de cantoneiro, a Casa de Cantoneiro de Dogueno, situada no quilómetro 674,6, a Casa de Cantoneiro de Cavalos, situada no quilómetro 694,9, a Casa de Cantoneiro de Vale Maria Dias, situada no quilómetro 704,2 e a Casa de Cantoneiro das Bicas da Serra, situada no quilómetro 714,7.

Estas Casas, localizadas em sítios isolados, destinavam-se à habitação de dois cantoneiros, que tinham como sua responsabilidade assegurar um conjunto de trabalhos modestos, com constante vigilância e conservação dos seus cantões¹⁴.

“ Pode, assim, dizer-se que o cantão, mais do que um local de trabalho, era, de facto, o sítio onde o cantoneiro vivia, pois era obrigado a residir na habitação que o Estado ai lhe fornecia. E se a casa, por um lado, significava a segurança de um teto para si e para a sua família, por outro, tornava-o refém do emprego, por mais duras que fossem as condições de trabalho. ” (Carneiro, 2011:39)

Eram habitações construídas pela Junta Autónoma de Estradas, de uma forma simples, mas digna, com o objetivo de alojar um número gradual de servidores. (Andrade, 2003:91) Mas colocava-se em questão se as casas de cantoneiro eram consideradas como habitação operária, devido à sua finalidade, ou como habitação rural, devido ao sítio onde eram construídas. Segundo Maria Isabel Carneiro, estas casas:

“ (...) por um lado, obedeciam à lógica da habitação-tipo, pois eram construídas a partir de um projeto uniforme, eram cedidas pela entidade patronal para fixação do trabalhador e localizadas junto do local de trabalho, pelo que se podem considerar habitação, se não operária, pelo menos, funcional. Por outro, eram isoladas e em meio rural. Todas as casas que se tem conhecimento foram, julga-se que pela JAE, dotadas de um logradouro, com área suficiente para cultivo e de instalações para animais domésticos, bem como, parte delas, de poço e de um forno, para facilitar uma certa autonomia em áreas isoladas, o que lhes confere características de habitação rural. Assim, opta-se por considerá-las, também, um tipo híbrido de habitação. ” (Carneiro, 2011:79-80)

¹⁴ Cada duas léguas de estrada eram divididas em cinco partes, os cantões, que constituíam um partido de estrada, cuja manutenção era responsabilidade de um cantoneiro. (Andrade, 2003:93)

CASA DE CANTONEIRO DE DOGUENO

A Casa de Cantoneiro, localizada em Dogueno, nas peneplanícies do Alentejo, é a única neste troço pertencente ao Distrito de Beja. Situa-se no quilómetro 674,6, e foi concluída em 1941, é também a única neste percurso que apresenta características diferentes das restantes. " *Incluindo do mesmo modo duas habitações e mantendo a simetria da composição, acrescenta mais aberturas na fachada e despe-se dos beirados, do frontão e das molduras em pedra. Somente um estreito friso caiado enquadra o tradicional painel de azulejos, aqui claramente mais depurado e moderno.* " (Andrade, 2003:92-94)

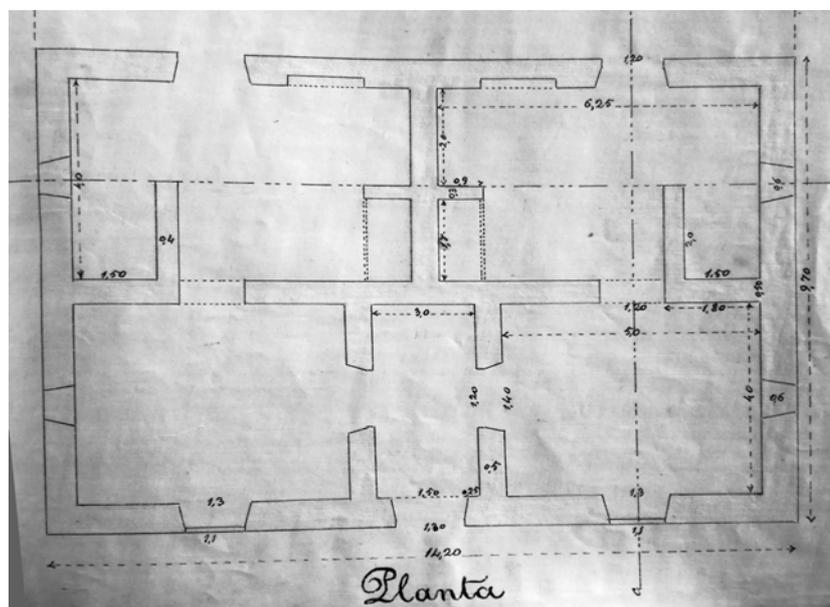


Figura 54 Planta da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro



Figura 55 Casa dos Cantoneiros de Dogueno, executado pela autora

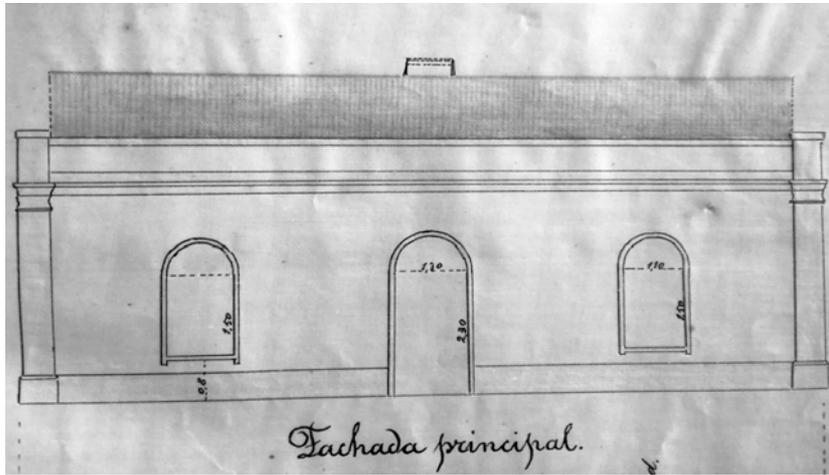


Figura 56 Alçado Principal da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro

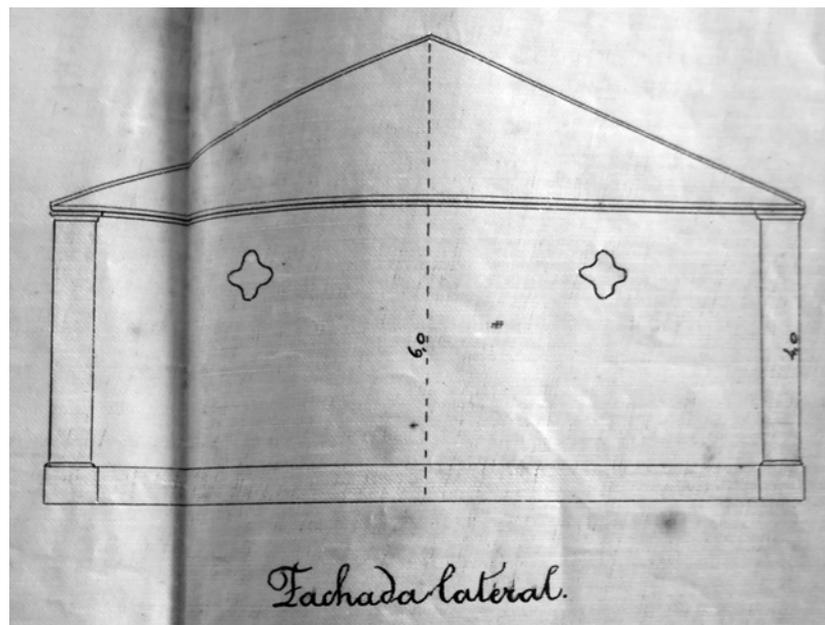


Figura 57 Alçado Lateral da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro

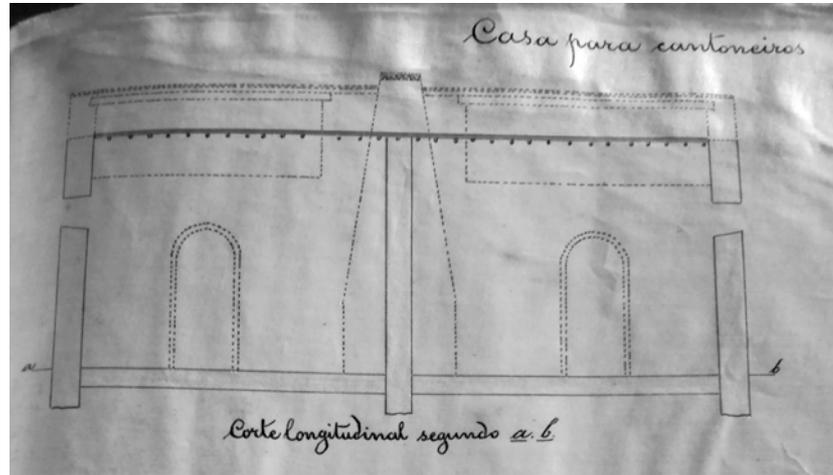


Figura 58 Corte Longitudinal da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro

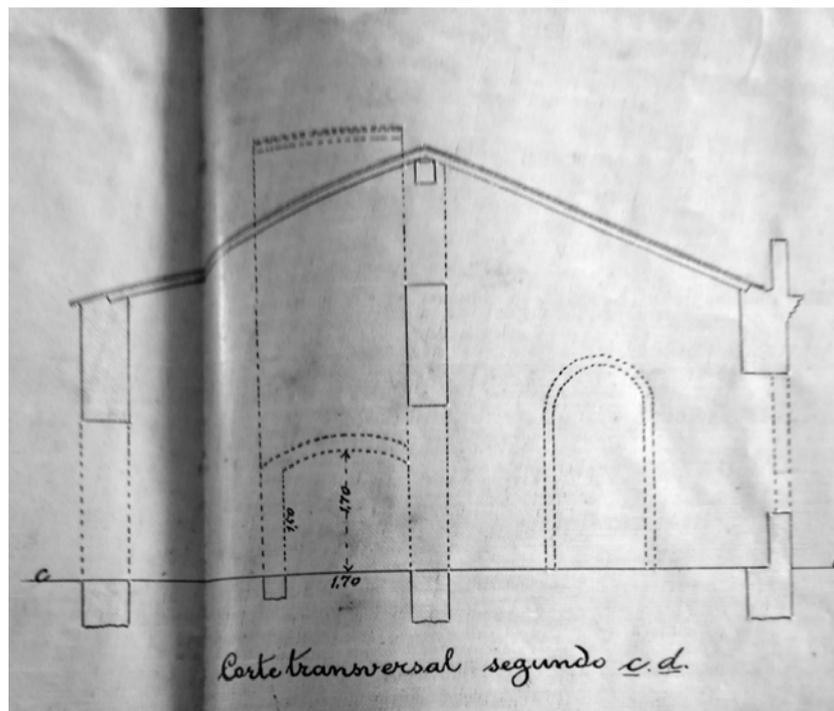


Figura 59 Corte Transversal da Casa dos Cantoneiros de Dogueno, in Arquivo Distrital de Faro

CASAS DE CANTONEIRO DE CAVALOS, VALE MARIA DIAS E BICAS DA SERRA

Estas três casas de cantoneiro localizadas em Cavalos, Vale Maria Dias e Bicas da Serra, apresentam configurações idênticas devido a terem sido construídas de acordo com um projeto-tipo, de 1933, realizado pelo Engenheiro Joaquim Barata Correia¹⁵. De acordo com Maria Isabel Carneiro, que escreve sobre as Casas dos Cantoneiros do Algarve, este projeto-tipo,

“ (...) era composto por duas habitações unifamiliares geminadas, organizando uma planta muito clara, resultante da união de dois quadrados e apresentando uma divisão interna também quadripartida. Implantadas à beira da estrada, afastadas das povoações, mas nas imediações dos limites entre dois cantões, para assim albergarem, numa só construção, dois cantoneiros. Possuem um só piso – apenas a casa de Vale Maria Dias tem dois pisos, devido ao declive do terreno no lado traseiro – e um amplo logradouro, onde se situam pequenas construções de apoio, como o forno, a capoeira, o poço, as arrecadações (...).” (Andrade, 2003:91)

Relativamente ao seu aspeto exterior, Joaquim Correa, adaptou estas casas aos novos tempos, quer no exterior como no interior com o objetivo de as tornar mais confortáveis para os cantoneiros e para as suas respetivas famílias.

Estes edifícios eram de uma construção simples, mas de qualidade, o Estado era muito exigente relativamente aos materiais empregues nas construções, e ao trabalho executado. Com o objetivo de proporcionar um maior conforto, mas também que as construções tivessem uma maior durabilidade e uma boa aparência. (Carneiro, 2011:107)

Os elementos na fachada principal, são todos simétricos entre si, sendo estes, duas portas e duas janelas, com o frontão curvo marcado como eixo. É neste frontão onde é aplicado um painel de azulejos, onde é identificada a categoria da construção. Numa das fachadas laterais existe também um painel de azulejo onde indica as localidades com as respetivas distâncias quilométricas. *“ O telhado de quatro águas, interrompido pela chaminé, assenta em beirado e cimalha, apontamentos decorativos sempre presentes nas portas e janelas, tal como a cantaria que garante as aberturas e assinala os cunhais das paredes. ” (Andrade, 2003:92)*

¹⁵ “ O Engenheiro Joaquim Barata Correia, contratado como Engenheiro Ajudante pela Junta Autónoma de Estradas em 13 de Setembro de 1927, foi, logo na altura, colocado na Direcção de Estradas do Distrito de Faro, da qual veio a ser nomeado Director em 26 de Janeiro de 1935.

Entre os muitos projetos elaborados por ele no Algarve, como os de obras de melhoramentos das estradas e de construção de todos os chafarizes junto a estas, são da sua autoria os projetos de reconstrução de todas as casas de cantoneiros existentes no distrito, os de construção de edifícios para habitação de cantoneiros e de construção de 3 edifícios para Sede de Secções de Conservação, ou seja, todas as casas afectas à conservação das estradas, novas ou recuperadas, foram da sua responsabilidade, o que explica a uniformidade e do conjunto destes edifícios. ” (Carneiro, 2011:104-105)



Figura 60 Painel em Azulejo utilizado no Projeto tipo para as Casas dos Cantoneiros localizadas no Algarve, in Arquivo Distrital de Faro

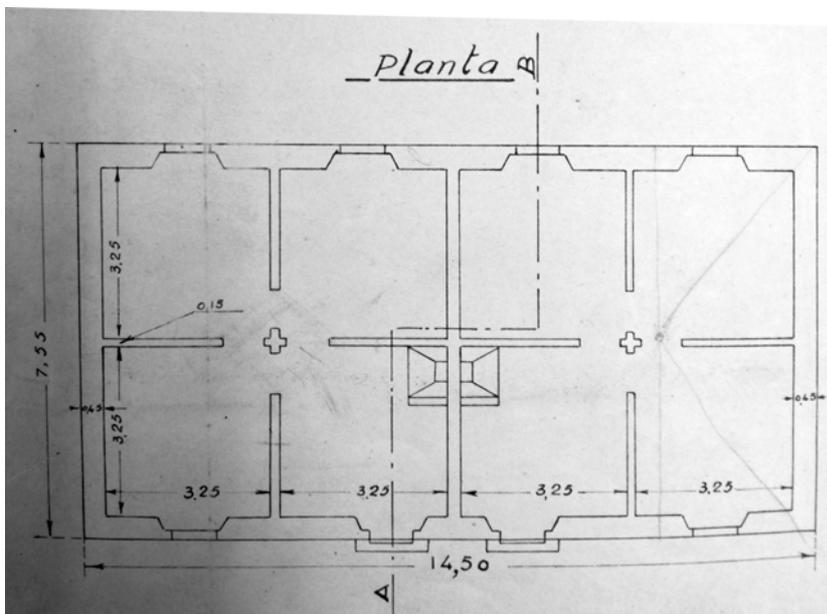


Figura 61 Planta Projeto tipo para as Casas dos Cantoneiros localizadas no Algarve, in Arquivo Distrital de Faro

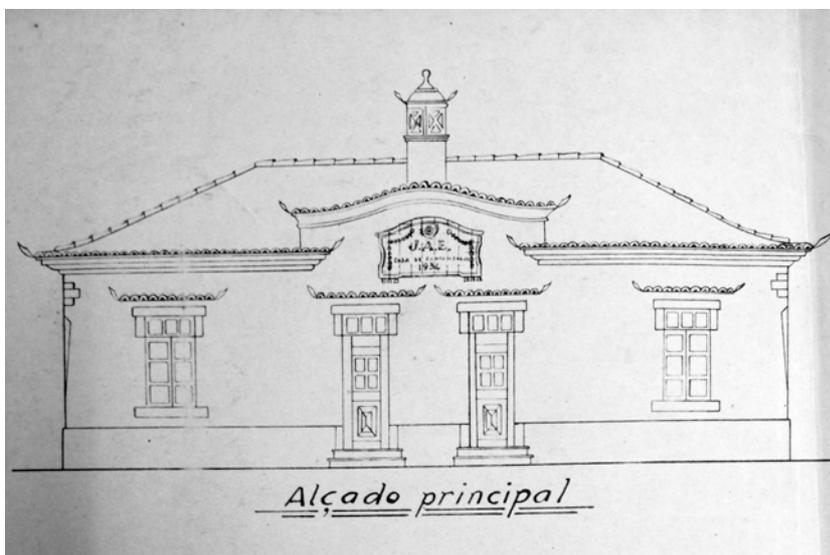


Figura 62 Alçado Principal Projeto tipo para as Casas do Cantoneiros localizadas no Algarve, in Arquivo Distrital de Faro

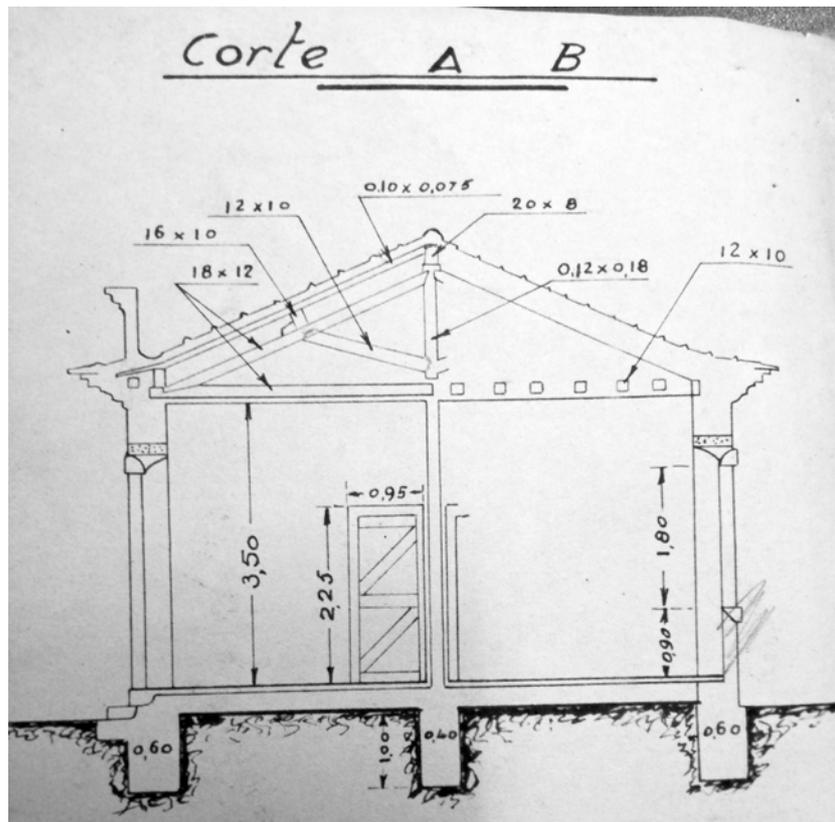


Figura 63 Corte Projeto tipo para as Casas do Cantoneiro localizadas no Algarve, in Arquivo Distrital de Faro



Figura 64 Casa dos Cantoneiros de Cumeada dos Cavalos, executado pela autora



Figura 65 Casa dos Cantoneiros de Vale Maria Dias, executado pela autora



Figura 66 Casa dos Cantoneiros de Bicas da Serra, executado pela autora

CASETAS

A Caseta, situada no quilómetro 670,5, tem a mesma tipologia que se encontra na Casa de Cantoneiros de Dogueno, porque ambas as construções se localizam no Distrito de Beja.

Este tipo de construção é caracterizado por um cubo de pequenas dimensões e com cobertura plana, a sua fachada principal é constituída por uma porta descentrada e um alpendre que tem como função delimitar a entrada. As casetas eram construídas com o intuito de guardar ferramentas e materiais utilizados na estrada. (Andrade, 2003:94)



Figura 67 Caseta, executado pela autora

POSTOS DE VIAÇÃO E TRÂNSITO

As preocupações com a vigilância e regulamentação da circulação, deram origem, em 1928, à criação do Conselho Superior de Viação e ao primeiro Código de Estrada em língua portuguesa. Em 1933 o Estado Novo remodelou este organismo dando origem à Direção dos Serviços de Viação e estabeleceu o Regulamento Especial de Transportes em Automóveis Pesados. A Direção dos Serviços de Viação, foi acompanhada pela formação de um corpo policial, com o objetivo de vigiar o trânsito.

Mas foi a partir de 1935, que este agrupamento policial foi reforçado, " (...) através da construção de uma rede de posto fixos que ajudou não só a consolidar a marca material da instituição, mas também constituiu um elemento fulcral de apoio ao trabalho das brigadas móveis, da depois conhecida como Polícia de Viação e Trânsito (PVT)." (Andrade, 2003:96)

Deste modo, entre 1935 e 1947, foram construídos 86 edifícios, seguindo um projeto-tipo reproduzido para todo o país que padronizava a imagem da Polícia de Viação e Trânsito.

" Tratava-se de um tipo de construção de dimensões modestas, sem fins habitacionais ou de armazenamento, sendo por isso constituído por uma sala associada a duas divisões de apoio: os lavabos e os arrumos. Contudo a solução arquitetónica utilizada mostrava-se bem mais moderna do que as utilizadas em outras instalações de suporte à circulação rodoviária, nomeadamente as da iniciativa da JAE, pois pretendia-se reforçar a visão de modernidade associada ao automóvel.

Estes edifícios eram facilmente identificáveis pela sua forma característica, projetando um volume semicircular, acompanhado pelo prolongamento em pala da cobertura plana (...)." (Andrade, 2003:97)

Estas construções localizavam-se nos núcleos urbanos, geralmente, nos cruzamentos entre grandes eixos viários. Tal como acontece em São Brás de Alportel, o único Posto de Viação e Trânsito existente na Estrada Património, situado no quilómetro 722. Este Posto começou a funcionar entre os anos de 1939 e 1940, mas aproximadamente, na década de 70 este tipo de edifício conheceu uma contínua degradação e descaracterização, relativamente à sua forma inicial e à sua função, devido à extinção do corpo de policiamento.

Atualmente, este edifício, e antigo Posto de Viação e Trânsito, em São Brás de Alportel, tem uma funcionalidade totalmente diferente de outrora, pois é utilizado como uma Pizzaria. Mas, mesmo tendo outra função é uma construção cujas características arquitetónicas se percebem perfeitamente pois foram mantidas desde a sua anterior ocupação. É claramente um ponto positivo, no que diz respeito a estas estruturas tão únicas no nosso país, continuarem a fazer parte da vivência de uma estrada tão importante como esta.



Figura 68 Polícia Oliveira na companhia de crianças no Posto da Polícia da Viação e Trânsito, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel

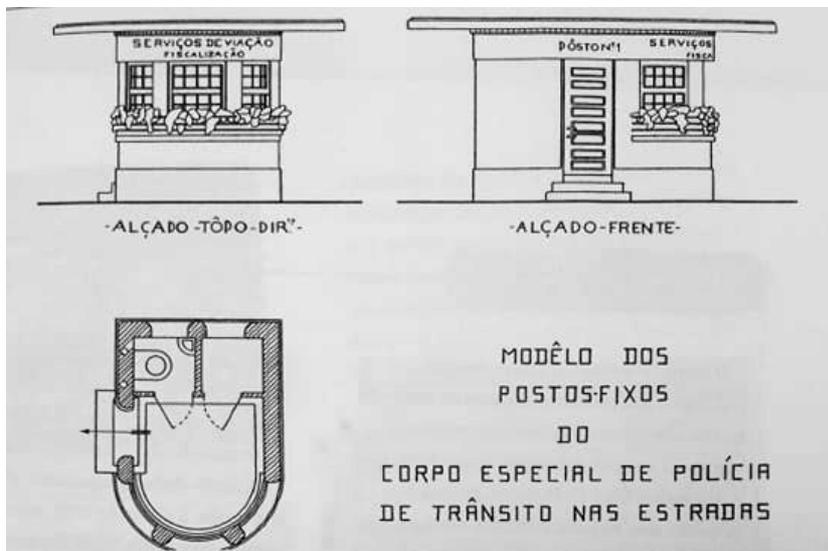


Figura 69 Projeto tipo dos Postos da Polícia de Viação e Trânsito em Portugal, in Guia dos Destinos (2018)



Figura 70 Antigo Posto da Polícia de Viação e Trânsito, por autora



Figura 71 Antigo Posto da Polícia de Viação e Trânsito, por autora

FONTANÁRIOS

Os Fontanários ou chafarizes, desde longa data que são construções de grande necessidade e importância principalmente, no atravessamento da Serra do Caldeirão, onde era difícil encontrar pontos de água.

Neste percurso, de Almodôvar as Sãos Brás de Alportel, de grande interesse patrimonial, foram construídas e restauradas várias fontes pela Junta Autónoma de Estradas, tais como a Fonte da Seiceira, localizada no Ameixial; a Fonte da Catraia e um Depósito de água, localizados no Barranco do Velho e a Fonte das Bicas da Serra.

FONTE DA SEICEIRA

Esta fonte foi construída perto de uma das margens do pequeno barranco da Seiceira, onde se encontra a ribeira do Vascãozinho, um dos principais afluentes do Rio Vascão. Este local com uma nascente bastante rica em água, já era de um uso muito antigo, devido às suas águas bicarbonatadas, um pouco menos ferrosas do que noutras localidades na Serra. Esta água era classificada como uma água hidromedicinal e era adequada para tratar infeções ou problemas no aparelho digestivo.

Este elemento é considerado uma fonte de mergulho¹⁶ e pertence ao século XIX e “ (...) situa-se no próprio local da nascente, no fundo de uma escadaria, abastecendo um chafariz com uma só bica, encimado por um frontão de cantaria que culmina numa coroa estilizada.” (in Rota da Água, Via Algarviana:17)

Hoje em dia, é uma das fontes mais conhecidas no Concelho de Loulé, por causa de algumas festas e convívios que ali acontecem, tais como a festa no dia 1 de maio e algumas durante o verão. Também acontecem algumas atividades, referentes ao Walking Festival Ameixial, um festival que tem como objetivo promover a serra através de várias caminhadas, que acontecem durante 3 dias, normalmente no mês de Abril. Devido a todos estes convívios, foram instaladas várias infraestruturas de apoio, no espaço envolvente da fonte, tais como sanitários, mesas de piquenique, palco, coreto e um terreiro. Mais tarde, foi construído um espelho de água, que aproveita a água da fonte transformando este sítio, num local agradável para passar uma tarde, num dia de maior calor no interior da Serra do Caldeirão.

¹⁶ É uma fonte a uma cota inferior ao solo, constituída por escadas para o acesso à água. No sítio, onde a água se encontra, geralmente, existe uma abobada feita em pedra que protege este espaço.

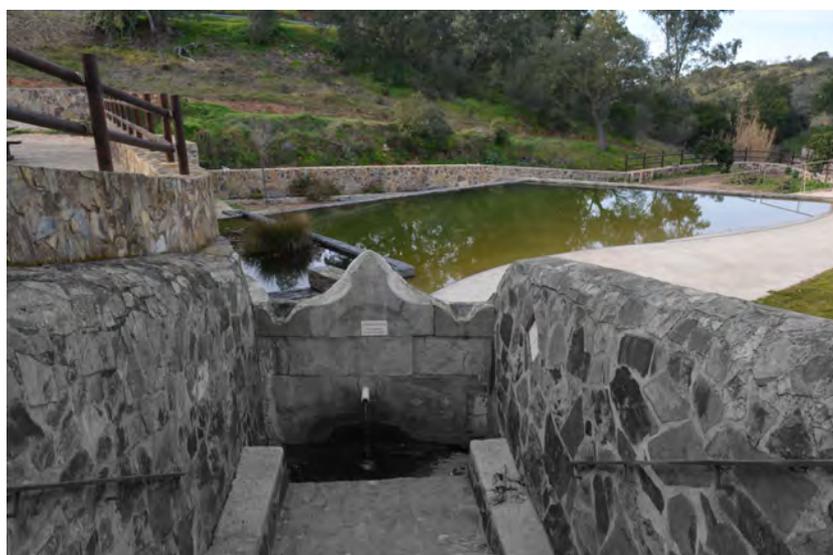


Figura 72 Fonte da Seiceira, Ameixial, executado por autora

FONTE DA CATRAIA E DEPÓSITO DE ÁGUA

A Fonte da Catraia, localizada no Barranco do Velho, estima-se que foi construída em finais do século XX, devido à sua arquitetura mais moderna. Este chafariz localiza-se num pequeno espaço cercado e muito próximo da estrada património. O seu acesso é feito por umas escadas, e tem algumas características particulares, tais como ter uma “ (...) forma de uma coluna de pedra, rodeada por uma pia circular e encimada por uma esfera.” (in Rota da Água, Via Algarviana:15) Nos dias de hoje, é uma fonte desativada e sem conservação, o que a deixa parecer abandonada e a precisar com urgência de uma limpeza e restauro.

Relativamente ao Depósito de Água, foi construído pela JAE, com o objetivo de abastecer de água a Secção de Conservação do Barranco do Velho, pois na altura os meios para obter água não eram os mais fáceis. Atualmente, está ao abandono e sem qualquer uso, deixando que o tempo se apodere do que resta.



Figura 73 Fonte da Catraia, Barranco do Velho, executado pela autora



Figura 74 Depósito de Água, JAE, Barranco do Velho, executado pela autora

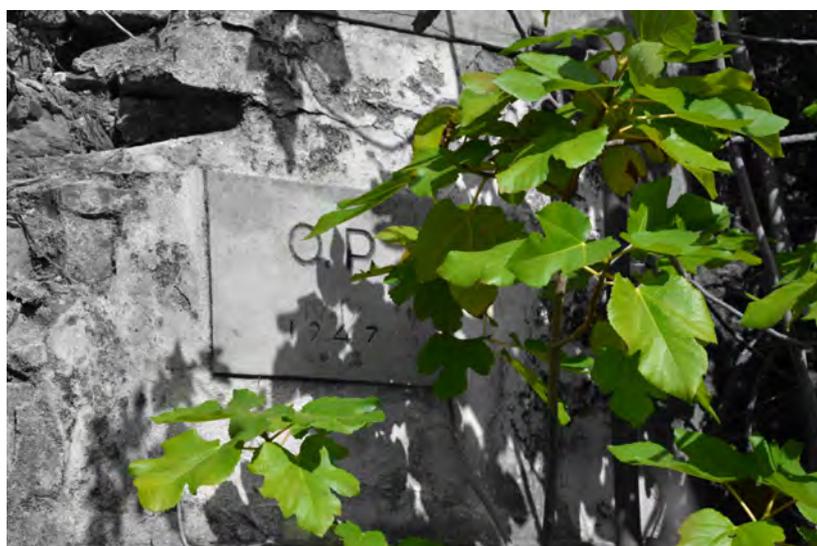


Figura 75 Depósito da Água, JAE, Barranco do Velho, executado pela autora

FONTE DAS BICAS DA SERRA

A Fonte, localizada no sítio das Bicas da Serra, no quilómetro 713 e pertencente ao concelho de São Brás de Alportel, insere-se num parque de merendas, construído, pela Junta Autónoma de Estradas, com o objetivo de oferecer um espaço de paragem ao viajante. Porém, era também para usufruto, da escassa população ali existente e para os dois cantoneiros e as suas respetivas famílias, que habitavam na Casa dos Cantoneiros, que se localiza mesmo ao lado do parque e da respetiva fonte.

Esta fonte tem características arquitetónicas que se assemelham ao estado novo, apesar de não se saber a data em que foi construída. Este elemento é o único, neste trajeto, que contem dois pequenos painéis em azulejo, que retratam o trabalho do cantoneiro. Nos dias de hoje, é outro elemento arquitetónico de grande interesse, que se encontra desativado, esquecido e sem qualquer cuidado. Sendo poucos ou nenhuns, os viajantes, hoje em dia, que ali param para descansar.



Figura 76 Fonte das Bicas da Serra, executado pela autora

PARQUES DE LAZER E MIRADOURO

Em meados do século XX, na década de 40, começou a existir uma maior preocupação, relativamente ao aproveitamento turístico da estrada. Assim, devido a um constante interesse pelo lazer e uma maior acessibilidade do automóvel, originaram a construção de várias infraestruturas com o intuito de proporcionarem segurança e tranquilidade para a observação e apreciação dos panoramas mais belos da Serra do Caldeirão.

O que originou a construção de parques de merendas e um miradouro, " (...) em locais aprazíveis que permitissem aos viajantes um seguro usufruto da paisagem. Assim aconteceu nesta estrada publicitada como turística, como capaz de proporcionar vistas magníficas, como a do mar de montanhas, prenúncio de um outro mar a chegar; o do Algarve. O que justificou o estabelecimento no quilómetro 698, em Vale da Rosa, de um miradouro sobre a Serra do Caldeirão." (Andrade, 2003: 94)



Figura 77 Parque de Lazer, entre o Dogueno e Almodôvar, executado pela autora

PARQUES DE LAZER

Os parques de lazer, são espaços de uma organização simples e de uma arquitetura modesta, mas funcional. Na generalidade são constituídos por um parque de estacionamento, um espaço de piquenique, com algumas mesas de pedra e situados num local à beira da estrada, com uma vista magnífica. Na totalidade existem quatro parques neste trajeto, estando integrado neste grupo, o Miradouro do Caldeirão.

O primeiro parque, no sentido de Almodôvar a São Brás de Alportel, é logo a seguir ao sítio de Dogueno, é um parque singular, com uma cobertura constituída com vigas e pilares, construída com o objetivo de sombrear o espaço de merendas. Depois de passar a Ribeira do Vascão, encontra-se outro parque de lazer, este mais simples e sem vista panorâmica. De seguida surge o parque e Miradouro do Caldeirão e, por último, o parque, situado nas Bicas da Serra, em que faz parte do seu conjunto o fontanário e a Casa dos Cantoneiros. É um parque de pequenas dimensões, distribuindo-se da seguinte forma: o fontanário à cota da estrada e à sua esquerda umas escadas que nos conduzem à parte de cima da fonte, onde se encontra o parque de merendas à sombra dos sobreiros.



Figura 78 Parque de Lazer, entre o Dogueno e Almodôvar, executado pela autora



Figura 79 Parque de Lazer, entre a Ribeira do Vascão e o Ameixial, executado pela autora

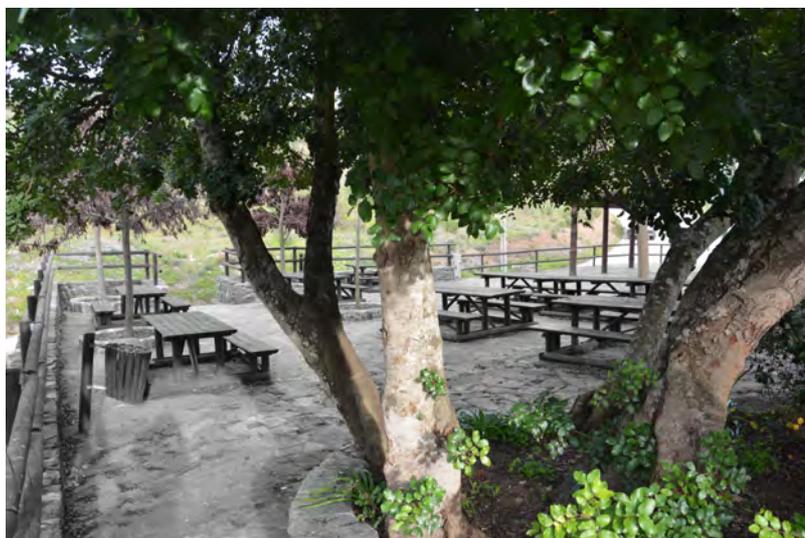


Figura 80 Parque de Lazer, Ameixial, executado pela autora

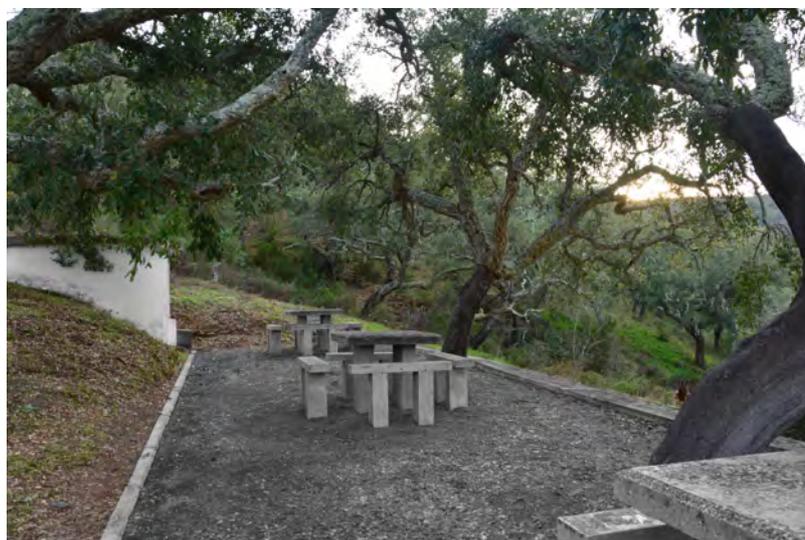


Figura 81 Parque de Lazer, Bicas da Serra, executado pela autora

MIRADOURO DO CALDEIRÃO

O Miradouro do Caldeirão é o ponto de maior importância neste eixo, e localiza-se num dos principais cumes da Serra do Caldeirão, a 575 metros. Este elemento arquitetónico foi construído nos anos 40, e é composto por estacionamento e parque de merendas, tal como os parques anteriormente, mencionados. " Deste miradouro pode admirar-se uma panorâmica geral da Serra do Caldeirão, autêntico "mar de cabeços" reminescente das vagas de um oceano petrificado. " (in Rota da Água, Via Algarviana:16)



Figura 82 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora



Figura 83 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora



Figura 84 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora



Figura 85 Miradouro do Caldeirão, executado pela autora

ESTALAGENS

Estalagem, s.f. casa de comidas e dormidas; hospedaria; albergaria; pousada.

In Costa, Almeida J., Sampaio e Melo, A., Dicionário de Língua Portuguesa, Dicionários Editora; Porto Editora; 5ª Edição, p.593.

As estalagens eram outro equipamento imprescindível, ao longo de um eixo viário, pois serviam para que o viajante pudesse parar, descansar e pernoitar e no dia seguinte continuar a sua viagem. Eram definidas como, um pequeno estabelecimento onde se oferecia alojamento e alimentação a preços acessíveis. Nesta estrada património, existiam duas construções muito importantes e distintas, e com o mesmo objetivo e funções, o Abrigo de Montanha, localizado em Barranco do Velho, no quilómetro 707 e a Pousada de São Brás de Alportel, localizada no quilómetro 720.



Figura 86 Antigo Cartão de Visita, Abrigo de Montanha, cedido por Henrique Guerreiro

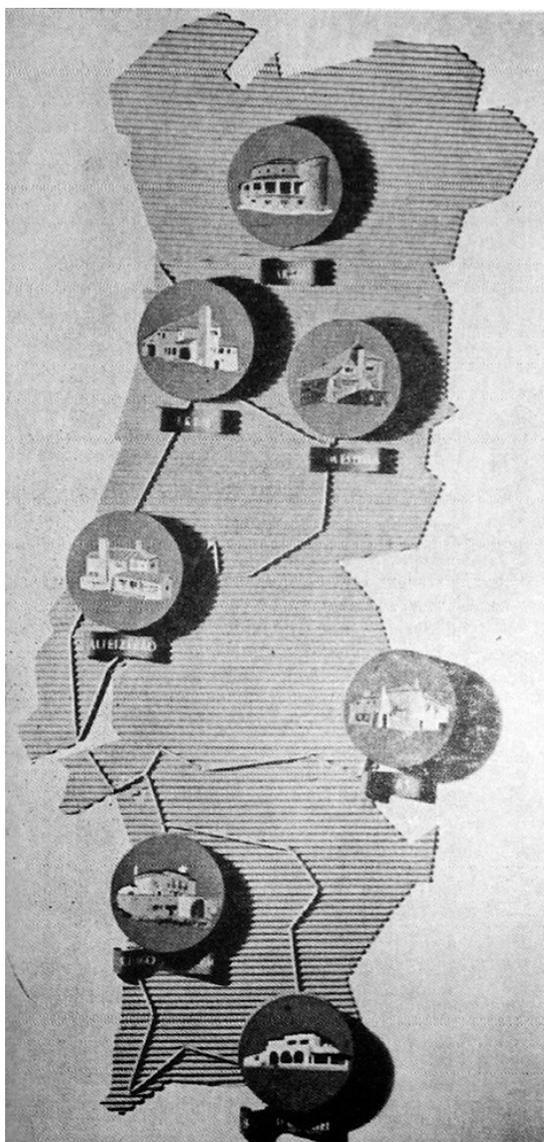


Figura 87 Mapa de Portugal com a marcação das principais Pousadas, in Pousada de São Brás (2015)

ABRIGO DE MONTANHA EM BARRANCO DO VELHO

Antes de ser estrada nacional nº2, já existiam algumas infraestruturas à sua beira, que tinham como objetivo dar apoio ao viajante, um desses apoios era o Abrigo de Montanha (atualmente o Restaurante/Pensão A Tia Bia), localizado no sítio do Barranco do Velho. De acordo com um processo de melhoria de visibilidade do cruzamento entre a estrada nacional nº124 e a estrada nacional nº 2, datado desde 1945 até 1947, em Barranco do Velho, percebe-se perfeitamente, que este abrigo se situava no meio deste cruzamento o que obstruía a visibilidade dos automobilistas que ali passavam. Para resolver esta situação, reuniram-se neste mesmo cruzamento, no dia 22 de Junho de 1946, no sítio chamado "Entroncamento", o Engenheiro Chefe da 10ª Secção de Construção, Joaquim Barata Correia e Pedro António Gamito, como representantes da Junta Autónoma de Estradas, com Salvador do Rosário e a sua esposa Ludovina Guerreiro proprietários do prédio de alvenaria, utilizado como albergue para viajantes. Concluiu-se que este prédio iria ser demolido pela Junta Autónoma de Estradas com o objetivo de melhorar a visibilidade no cruzamento das duas estradas nacionais.

" Pelos representantes da junta foi dito, que é necessário proceder à demolição do prédio e anexos (forno, pocilgo e galinheiro) existente no cruzamento das estradas nacionais números 2 e 124, no sítio denominado o "Entroncamento", e que o Estado, como compensação, se compromete a executar obras no montante de 25 000 escudos, quantia por que foi avaliado o prédio e anexos a demolir, e incluindo o terreno a ceder ao Estado para o alargamento das estradas e o arranque das árvores que existem. " (ADFAR, JAE 198 (Vol.1), 1945-1947)



Figura 88 Antiga fotografia de jornal da Casa da Tia Bia, localizada em frente ao Abrigo de montanha, cedida por Henrique Guerreiro

Os representantes da Junta Autónoma de Estradas declararam ainda, nesse mesmo dia, que executariam as obras de reconstrução do novo prédio, de acordo com um projeto desenhado por eles. E também que estes trabalhos a executar atingiriam os 35 000 escudos. Por isso, os trabalhos que ficassem por terminar depois de chegarem a esse valor, eram realizados pelos proprietários. Tal como, menciona o Engenheiro Joaquim Barata Corrêa, numa memória justificativa do projeto:

“ Verifica-se que a sua localização em nada prejudica o cruzamento que pretendemos melhorar e obedece ainda nos preceitos regulamentares. Os interesses dos proprietários são também, na medida do possível, atendidos e é desta circunstância que resultou ter-se chegado a acôrdo com eles.” (ADFAR, JAE 198 (Vol.1), Memória Justificativa, 1945-1947)

Esta Estalagem, com o tempo foi passando para as gerações seguintes da família de Salvador do Rosário e Ludovina Guerreiro, tal como Maria Serafina Rosário mais conhecida por “ Bia”, que continuou a explorar a estalagem incluindo também o serviço de alguns petiscos.

A partir do final do século XX e início deste século, este estabelecimento foi comprado pelo sobrinho de Bia, Henrique Guerreiro, que continuou a exploração deste estabelecimento, que passou a nomear-se de A Tia Bia. Este estabelecimento continua a ter as duas funções, pensão e restaurante, estando classificado, hoje, como um dos melhores restaurantes do Algarve.

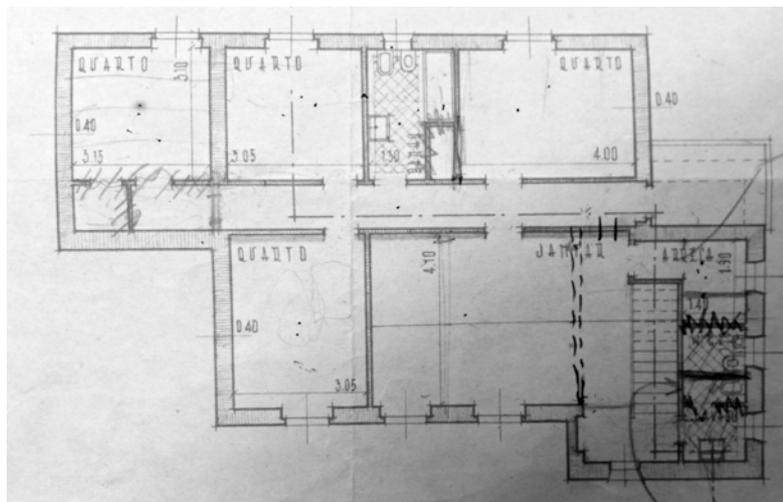


Figura 89 Estudo em Planta, pertencente ao piso 1, da Estalagem do Barranco do Velho, construída pela JAE, in Arquivo Distrital de Faro



Figura 90 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro



Figura 91 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro



Figura 92 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro



Figura 93 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro



Figura 94 Abrigo de montanha, em fase de demolição, cedido por Henrique Guerreiro



Figura 95 Abrigo de montanha, em fase de demolição, para construção de futuro Restaurante/Pensão Tia Bia, cedido por Henrique Guerreiro



Figura 96 Restaurante/Pensão Tia Bia, cedido por Henrique Guerreiro

AQUI VAI SER UMA ESTALAGEM

Muita gente ainda se lembra do antigo Abrigo de Montanha, ou da Casa da «Tia Bia» do Barranco do Velho, que era ponto de paragem obrigatória para muitos que utilizavam os caminhos da Serra, e que foi desactivado após a inauguração da nova estrada chamada de São Marcos.

Entretanto, e apesar do aspecto de abandono e degradação, sabemos que um empresário de Mira de Aire, terá adquirido aquele imóvel, para ali instalar uma Pousada depois dos necessários trabalhos de recuperação e adaptação.

Pensamos que será um projecto viável e com futuro naquela região serrana, tanto mais, que ali próximo, vai ser construído um outro complexo para apoio à 3.ª Idade, para além do aproveitamento que vai ser dado, ao «Chalet» dos Pereiras, segundo consta.

Oxalá se confirmem todos estes projectos, pois o Barranco do Velho reúne todas as condições para vir a ser uma estância turística de qualidade e futuro.



Figura 97 Recorte de Jornal, cedido por Henrique Guerreiro

POUSADA DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

O tema das pousadas começou a ter mais visibilidade em Portugal a partir de meados dos anos trinta do século passado, muito influenciado por motivações exteriores, tal como a rede de *Paradores e Albergues de Carretera*¹⁷ criados em Espanha na década anterior. (Santos, 2015: 65) Assim surgiu um conjunto de pousadas regionais, lançadas oficialmente em 1938, de acordo com o Plano de comemorações do Duplo Centenário da Fundação e Restauração de Portugal. O objetivo que se pretendia era dotar as principais estradas do país de estabelecimentos de alojamentos adequados para os visitantes, mas também era promover a imagem turística do país; reabilitar edifícios com valor patrimonial e promover turisticamente as localidades das regiões abrangidas.

" (...) o automóvel do ministro galgou, depois, os contrafortes da cordilheira, logo que Almodôvar se perdeu de vista. São cinquenta quilómetros de curvas, ásperas, apertadas, quasi assassinas, em que o volante tem de conservar todas a sua calma, sem um desvio, sem uma hesitação ... E em que a paisagem doentia, triste, amarfanhada pela força indomável da Natureza, parece erguer um côro de queixumes a Deus e aos homens. Trezentas e cinquenta curvas, contadas uma a uma, na travessia da serra escalvada, num galgar de distâncias e de alturas, dominando as forças brutas de uma orografia que não tem nada, mesmo nada, de poético. Mas depois, um sonho ...

O Ministro, nesse dia, ia até ao Algarve numa missão de artista: escolher o local para uma Pousada que fosse o albergue de quantos turistas percorrem o país em peregrinações de arte, descobrindo as terras de oito séculos de história ergueram pacientemente, através de gerações e gerações de portugueses. " (Aguilar, 1944: -)

Foi a partir deste acontecimento, que o Engenheiro Duarte Pacheco escolheu o local em que surgiu a Pousada de São Brás de Alportel, construída no cimo de um cabeço entre o sítio de Alportel e a vila de São Brás de Alportel, e na proximidade da estrada nacional nº2, tal como refere Luís Fraga da Silva,



Figura 98 Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás (2015), p.9

¹⁷ Conjunto de pequenos hotéis situados na rede de estradas espanhola e desenhados pelos Arquitetos Martin Dominguez Esteban e Carlos Arniches Moltó.

" (...) Este Cerro da Pousada domina uma linha de visão de todo o planalto e vale, a sul até ao Monte Figo e a Norte até às longínquas cristas da Serra. Representa assim um sítio de características defensivas notáveis, onde provavelmente se situaria o castelo assinalado pelas fontes árabes. Muito provavelmente as obras da pousada destruíram os últimos vestígios da fortificação, que tem sido procurada em vão pelos arqueólogos." (Silva, 2002:75)

É a partir daqui que se começa a pensar a escolha do lugar, " (...) à escala do projeto, com o desenho do espaço privilegiado da pousada em meio círculo, alcandorado sobre a encosta a sudoeste, abrindo a panorâmica, marcada pelo traçado da estrada, desde a então Vila de São Brás com o mar no plano mais afastado passando pelos núcleos de Farrobo e Alportel até à silhueta das elevações da serra do caldeirão ao fundo." (Santos, 2015: 115-117) O projeto incluía, também o acesso em calçada desde a estrada nacional nº2 até à pousada e era da autoria do Arquiteto Miguel Jacobetty Rosa, sendo que só evoluiu para as fases seguintes depois de receber um parecer positivo do Arquiteto Raul Lino. Este projeto, primeiramente, desenvolvia-se com um alpendre que marcava a entrada da pousada, este espaço abria-se e percebia-se claramente que num primeiro plano se encontrava, a nascente, a garagem; no piso superior os quartos; o elemento das escadas num plano secundário e a poente o desenho da pérgula que sombreia a face curva onde se localiza a sala de jantar, que se abre sobre a paisagem. (Santos, 2015:117)

Esta pousada é descrita como um edifício de características únicas da arquitetura tradicional portuguesa, do Estado Novo, apesar da sua forma curva, que não se identifica com a tradição, é uma construção constituída por vários elementos que caracterizam a arquitetura tradicional do Algarve, tal como a grande chaminé que se estende pelo piso dos quartos, é facilmente identificada como uma característica das casas algarvias. Toda ela é constituída por uma arquitetura muito contida tal como a composição geométrica que se percebe através do duplo beirado existente em todas as fachadas, as grelhas que são utilizadas no elemento das escadas e que também se encontram nas guardas das varandas, os arcos de volta perfeita do alpendre da entrada e também as pérgulas utilizadas nos dois pisos. (Santos, 2015:122)



Figura 99 Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás, (2015), p.116

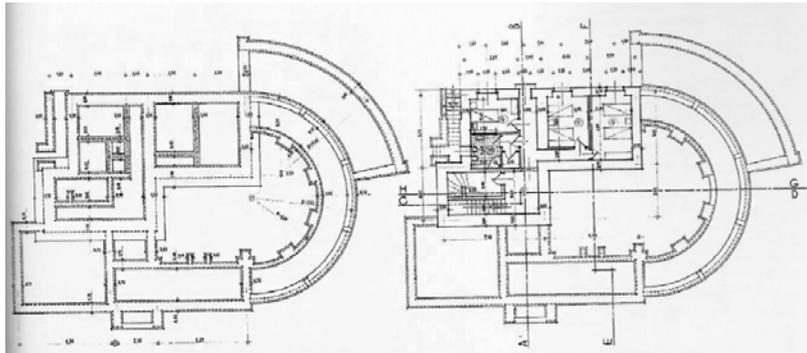


Figura 100

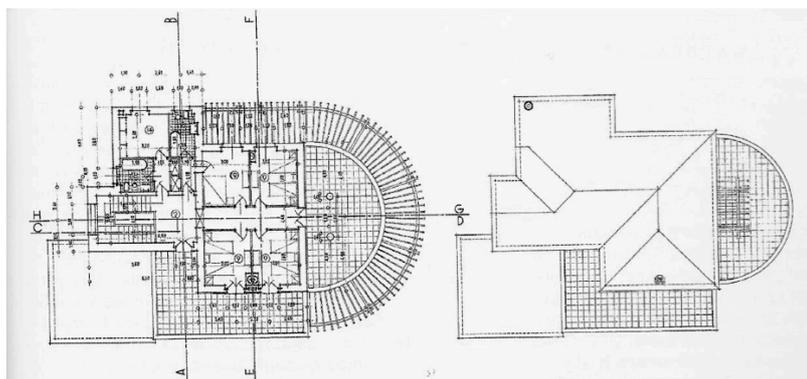


Figura 101 Plantas: Piso 0 e Piso 1 e Piso 2 e Cobertura
Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás (2015), p.119

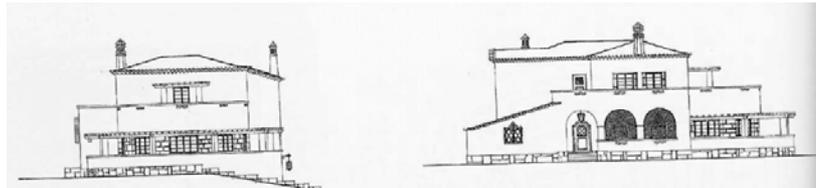


Figura 102

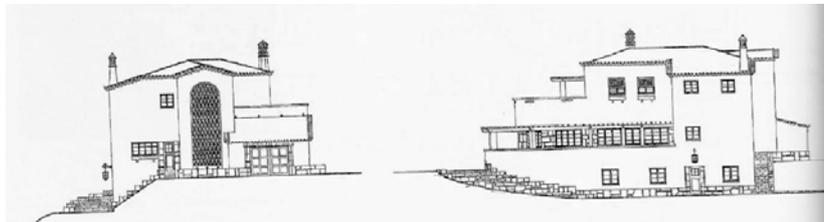


Figura 103

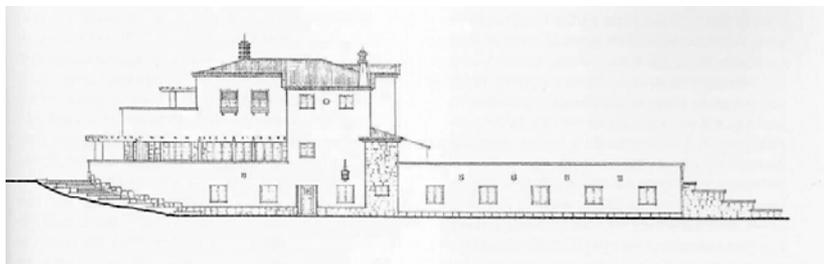


Figura 104 Alçados: Poente e Norte, nascente e Sul
Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás (2015), p.119

A obra de construção da pousada foi atribuída ao empreiteiro António Francisco Contreiras, na segunda metade de 1939 e iniciada com atraso à data inicialmente prevista. Em Janeiro de 1940 iniciam-se as obras de construção da pousada, as quais se prolongam pelos três anos seguintes, devido a vários motivos tais como as dificuldades resultantes da guerra que pouco depois surgiu na Europa, os estragos que um ciclone causou em Fevereiro de 1941, e outros motivos que se desconhecem. Assim, a pousada só ficou concluída em Agosto de 1942, mas só foi inaugurada dois anos depois, a 11 de Abril de 1944. (Santos, 2015:123)

Não demorou muito até a pousada sofrer as suas primeiras ampliações, pois a pousada construída inicialmente, tinha uma escala doméstica, o que não seria suficiente para uma pousada que requer muitas divisões, tanto para os funcionários e serviços como para os visitantes.

“ A transformação significativa que o edifício sofrerá ao longo deste período será, no entanto, determinada pelas opções fundamentais do projeto original, mantendo a composição da planta semicilíndrica associada à sala de jantar e ao terraço panorâmico sobre a paisagem como remate sudoeste do edifício, privilegiando, em campanhas sucessivas, a ampliação para o quadrante oposto e a aproximação aos dois moinhos que pontuavam o cerro a nordeste.” (Santos, 2015:124)

Assim, foi sofrendo alterações constantemente, desde a sua abertura em 1944, que começou por ter quatro quartos, depois catorze e por fim trinta e quatro, o que originou “ (...) uma volumetria pouco cuidada e integrada e uma linguagem anódina que, ainda nos anos 70, em dois momentos distintos, merecerá duras críticas da parte de um técnico da DGEMN.” (Santos, 2015:127)

Após 70 anos de funcionamento, em 2009 a Pousada de São Brás de Alportel é encerrada, e permanece assim durante três anos, sendo alvo de vários roubos, durante esse período. Contudo, em 2013, este edifício, com uma história notável, é vendido a um grupo dinamarquês, a Sociedade Cooperativa “Andelsselskabet Coração do Algarve”, que passado um ano, transformou este edifício num aparthotel de três estrelas e vendido em time-sharing no mercado dinamarquês.



Figura 105 Pousada de São Brás, in Pousada de São Brás (2015), p.158



Figura 106 Interior da Pousada, in Pousada de São Brás (2015), p.97



Figura 107 Interior da Pousada, in Pousada de São Brás (2015), p.98



Figura 108 Pousada vista de cima, in Pousada de São Brás (2015), p.128

ESCOLAS PRIMÁRIAS

As Escolas Primárias foram outro equipamento construído pelo Estado Novo. Era um projeto que tinha como objetivo a construção de escolas primárias por todas as povoações de Portugal, e foram construídas segundo um projeto-tipo aprovado pela Direção Geral dos edifícios e monumentos nacionais, em 1935.

Nesta região do Sul, foram elaboradas pelo arquiteto Raul Lino, e foram construídas em série, mas cada uma delas era adaptada à topografia e de acordo com a arquitetura do sítio, onde seriam construídas, tendo em conta também as condições climáticas e os materiais locais aplicados. Tinham características similares às casas dos cantoneiros, pois também adotavam o estilo arquitetónico português suave, no entanto, também continham alguns traços de arquitetura tradicional, dependendo do local onde eram inseridas. Relativamente, ao número de divisões que continha uma escola variava, pois dependia do número de alunos que existia em cada povoação, por isso foram estabelecidas tipologias base que seriam adaptadas às condições de cada localidade. Mas no geral, cada edifício tinha uma organização muito simples e era constituído por duas ou quatro salas de aula, uma cozinha, um alpendre e instalações sanitárias.

Neste eixo viário, existem algumas escolas, umas que se avistam da estrada e outras mesmo à sua beira, todas elas um pouco distintas das outras tal com a Escola Primária do Ameixial que foi construída de acordo com a arquitetura local da aldeia, de resto todas as restantes conseguem ter características mais homogêneas, tais como as Escolas de Almodôvar, Dogueno, Besteiros e Alportel.

Concluindo, estas escolas faziam parte, dos “ (...) melhoramentos rurais que acompanharam a renovação dos percursos rodoviários na década de 40 do século XX.” (Andrade, 2003:107)



Figura 109 Escola Primária de Almodôvar, executado pela autora



Figura 110 Escola Primária do Ameixial, executado pela autora



Figura 111 Escola Primária de Besteiros, executado pela autora

PONTES

As pontes foram elementos fulcrais, que surgiram para interligar sítios não acessíveis separados por rios, ribeiras, barrancos, vales ou outros obstáculos. Neste eixo rodoviário foram construídas seis obras de arte, para resolver a difícil acessibilidade neste percurso, com um terreno incerto de características severas, traços típicos da Serra do Caldeirão. Por isso, construíram-se cinco pontes e um pontão: a Ponte de Ribeira de Cobres, localizada no quilómetro 663, à saída de Almodôvar; a Ponte Maria Joanes, situada no quilómetro 666,8; a Ponte do Morgadinho, localizada no quilómetro 668; a Ponte de Guenas, localizada no quilómetro 677,5; a Ponte do Vascão, localizada no quilómetro 682,6 e por fim o Pontão de Vale Maria Dias, situado no quilómetro 704.

“ Edificações em alvenaria de pedra, mas em parte rebocada, deixando tendencialmente à vista a cantaria aparelhada dos arcos abatidos – um máximo de nove na ponte de origem mais antiga, a do Vascão – e respectivos pilares, reforçados com quebra – mares, apresentando ainda parapeitos rebocados, mas com molduras em pedra. Traços comuns que apontam soluções técnicas similares e ainda para uma imagem de robustez antiga, onde a modernidade do atravessamento é francamente atenuada, ligando à linguagem tradicionalista do gosto oficial do Estado Novo e que assim ajudava a configurar a imagem da estrada empreendida pela JAE.” (Andrade, 2003:83-85)



Figura 112 Ponte Romana de Almodôvar, executado pela autora



Figura 113 Ponte nova e pedonal de Almodôvar, executado pela autora



Figura 114 Ponte do Morgadinho, executado pela autora

PONTE DO VASCÃO

“ A Ribeira do Vascão que forma em todo o seu percurso o limite entre os Districtos de Beja e Faro, nasce na Serra do Algarve próximo d’uma elevação onde está collocada uma pyramide geodésica de primeira ordem.

A altitude d’esta pyramide é de 575 metros; a linha junto da cumeada que forma o limite semicircular da bacia pode considerar-se como tendo uma altitude média de 500 metros.

Com esta ribeira para leste a lançar-se no Guadiana, quarenta kilómetros acima da sua foz, depois de um percurso de pouco mais de setenta kilómetros, sempre pelo norte da Serra do Algarve.” (ADFAR, JAE 10 (Vol.1 e 2), 1889-1913)

Foi sobre esta ribeira, considerada a fronteira entre o Algarve e o Alentejo que foi construída a ponte mais antiga deste trajeto entre Almodôvar e São Brás de Alportel. Esta ponte foi mandada elaborar a 1 de Maio de 1912, e construída em 1913.



Figura 115 Ponte do Vascão, executado pela autora



Figura 116 Ponte do Vascão, executado pela autora

CAPÍTULO III
AS POVOAÇÕES

O TERRITÓRIO HUMANIZADO

A Estrada Património, como já foi referido no capítulo anterior, passa por três territórios e ambientes distintos: a Planície Alentejana, no Baixo Alentejo, a Serra e o Barrocal, no Algarve. Assim, são também as povoações existentes em cada território, constituintes de características, culturas e tradições únicas.

Almodôvar é a Vila alentejana, onde se inicia o troço da Estrada Nacional Nº 2, classificado como património, e que se estende pela planície até ao sítio de Dogueno, a partir do qual se entra na Serra do Caldeirão,

“ (...) que resultou de um empoamento da planície anterior, algures entre 6 e 3 milhões de anos atrás. Esta serra ergue-se gradualmente, a norte em continuo com a unidade anterior, contactando abruptamente, em escarpa de falha, com o Barrocal a sul. Na parte alta da serra encontram-se ainda extensas áreas aplanadas, restos da antiga planície (zona do Miradouro do Caldeirão, antes do Barranco do Velho). As rochas que constituem a serra foram então fortemente enrugadas, como se pode observar nas barreiras da estrada, que cortaram o xisto, expondo as suas camadas muito contorcidas. ” (Andrade, 2003:37)

O percurso que rasga a Serra em direção ao sul, passa por várias povoações, sendo elas, o Ameixial, os Besteiros, os Cavalos, o Vale da Rosa, o Vale Maria Dias, a Cortelha, o Barranco do Velho e as Bicas da Serra. De seguida chegando ao sítio de Alportel entra-se no Barrocal Algarvio, caracterizado por um relevo ondulado, mas geologicamente mais recente, terminando na Vila de São Brás de Alportel.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS POVOAÇÕES

ALMODÔVAR

“ Almodôvar, vila de gente ordeira, é humilde por natureza e por imposição socioeconómica, entroncada em antigas estruturas medievais.

A planície alentejana, vinda de norte para sul, chega aqui, por uma lenta e suave subida a partir da vila de Castro Verde, rumo à Serra do Caldeirão ou Mú, que separa a província alentejana da Algarvia.” (Gonçalves, 2000:7)

Almodôvar surge pela primeira vez, em vários mapas, na época árabe, Sarracena ou Moura, com o nome *Almudura*. De acordo com um vocábulo etimológico é uma modificação da palavra árabe *Al Mudura* ou *Al mudanura* que quer dizer *cercado em redondo*, que se apresenta pelo verbo *Daura* ou *Dauara*, arredondar ou cercar em redondo. *“ Mas, se o documento consultado diz que Almodôvar foi reconstruída pelos árabes no séc. VIII, é porque naturalmente, alguém a tinha edificado ou fundado antes e daí ...” (Gonçalves, 2000:22)* Não existem documentos que provem a origem desta vila, mas a lenda conta que começou por construções pré-históricas de carácter sepulcral. (Gonçalves, 2000:18)

Esta vila está situada na planície alentejana, que se eleva a uma altitude de cerca de 310 metros acima do nível do mar, delimitada pelo Vale da Ribeira de Cobres e rodeada por vários outeiros¹⁸, pontuados por alguns moinhos de vento, sendo que numa destas pequenas elevações, situa-se uma Capela denominada de Santo Amaro, onde noutros tempos, se localizava um templo solar. *“ Deste local, a quem queira visitá-lo, proporciona a natureza, uma vista maravilhosa. Esta elevação, a de Santo Amaro, encima a copa de um chapéu, se considerarmos esta, rodeada pela planície que se espalha e prolonga até perder de vista, para norte, para este e oeste, limitada lá ao longe pelas serranias e elevações do Mú, do Caldeirão, de Alcaria e de S. Miguel.” (Gonçalves, 2000:7)*

De acordo com António Gonçalves, na Monografia da Vila de Almodôvar, todas as freguesias pertencentes a esta vila que são: Dogueno, Aldeia dos Fernandes, Santo Ildefonso de Almodôvar, São Barnabé, São Sebastião de Gomes Aires, Santa Clara a Nova, Santa Cruz, Nossa Senhora da Graça de Padrões e Nossa Senhora do Rosário, têm como padroeiro um santo ou uma santa o que justifica o quão eram religiosos os seus fundadores e antepassados. (Gonçalves, 2000:7)

Esta povoação situa-se no centro sul da região do Baixo Alentejo, Distrito de Beja e é rodeada pelos Concelhos de Mértola a Nascente, Castro Verde a Norte, Ourique a Poente e Loulé e Silves a Sul e a Sudoeste, e ainda Alcoutim numa curta parcela da Ribeira do Vascão. Almodôvar é também um território que faz fronteira entre a Serra Algarvia e a Planície Alentejana, e com uma área urbana dividida em duas partes, devido ao traçado da Estrada Nacional Nº 2, o que, hoje em dia, condiciona, de uma forma natural, o desenvolvimento urbano da vila. Anteriormente, esta separação não era tão vincada, porque a antiga travessia pela vila era feita em direção à antiga passagem pela Ribeira de Cobres,

¹⁸ Pequenas elevações de terreno. (Costa, 1976:1038)

" (...) um percurso abandonado onde se conserva ainda a ponte¹⁹, de provável construção medieval." (Andrade, 2003:105)

Assim, na área poente à estrada nacional, encontra-se o centro da vila constituído por um eixo de ligação central que conecta a Igreja Matriz e a Praça da República, onde ficam localizadas a Misericórdia e a antiga Casa da Câmara. Este eixo central é composto por duas Ruas: a Rua de Beja e a Rua do Algarve, formando uma espécie de eixo estruturador do espaço urbano e com uma toponímia que recorda os antigos caminhos de ligação para os destinos principais desde Almodôvar, a Norte para Beja e a Sul para o Algarve. Este eixo atravessa toda a área central edificada, longitudinalmente, organizando a malha urbana de forma mais ou menos regular. (Andrade, 2003:105) É em pleno nó viário que se encontra a Igreja Matriz²⁰, o principal elemento de referência da povoação. Percorrendo a Rua de Beja, encontra-se a antiga Praça da Vila onde se situa a Igreja da Misericórdia²¹, escondida entre as casas. No lado contrário da Praça localiza-se a antiga Casa da Câmara e Cadeia²².

O acesso mais importante ao centro da vila, a partir da Estrada Nacional, é feito pela Rua do Mercado, onde se localiza o Mercado Municipal, que é caracterizado pela sua fachada que apresenta um painel de azulejos, inspirado nos trabalhos agrícolas, da autoria de Jorge Colaço²³, e fabricado em 1936. Continuando nesta rua, cruza-se a Igreja, tendo como destino a Rua Serpa Pinto, onde se encontram os atuais Paços do Concelho, de 1887. Na mesma direção situa-se um aglomerado de casas organizadas ao redor de um largo, o Largo de Santa Rufina, sendo o topónimo referente a uma capela que antes se localizava nesse mesmo sítio, mas que foi destruída depois de 1910. O mesmo aconteceu com a Capela de São Pedro, em que hoje em dia, só perdura a sua toponímia como memória à mesma. Já a Capela de Santo António²⁴, que remonta ao século XVIII, e que por conter pinturas murais de grande interesse foi recentemente reconstruída, situa-se numa área isolada, sendo avistada a partir da antiga Rua de Ourique.

¹⁹ Ponte de construção medieval, " (...) classificada como Imóvel de Interesse Público, em 1982. Apresenta três arcos de altura desigual, apoiados em pilares reforçados por talha-mares ou pegões. Quase sempre referenciada como romana, mas certamente de construção medieval, situa-se na encruzilhada da estrada para Mértola e para o Algarve. Ao lado observam-se as ruínas do Poço do Sacoto e, muito perto encontra-se a ponte construída pela JAE sobre o mesmo curso de água." (Andrade, 2003:107)

²⁰ " Dedicada a Santo Ildefonso, é uma construção do século 18, que exhibe no portal as armas da Ordem de Santiago, que tutelou estas terras desde a Idade Média. Possui três naves e o altar-mor foi custeado por D. João V em 1747. A fachada perdeu uma das torres em 1778, devido à queda de um raio, talvez um dos motivos por que se construiu uma Torre do Relógio mais afastada deste local. Ocupa a quase totalidade do que poderia designar-se por largo, mas a escadaria que enquadra o portal foi construída apenas em 1954. Antes o templo era rodeado por um adro em terra batida, rodeado por muros e que serviu de cemitério. Com efeito, desconhece-se qual a forma inicial deste espaço, apesar de ser provável que aqui se tivesse localizado a primeira Igreja de Almodôvar, na proximidade da qual existiram no século XVI um paço ou casas régias." (Andrade, 2003:105-106)

²¹ Um edifício que foi muito restaurado " (...) nos séculos 19 e 20, destaca-se pelo portal de aparência clássica, junto do qual se abre a Capela do Senhor do Calvário. É de notar a continuidade com o edifício que se desenvolve até à Rua do Arco, onde se conserva um passadiço ou galeria superior, em forma de arco, que lhe justifica o topónimo. " (Andrade, 2003:106)

²² " (...) um imóvel recuperado entre 1982 e 1983 para Museu Biblioteca Severo Portela, artista natural de Almodôvar. Edifício sóbrio, talvez construído em fins do século 16 ou início do seguinte, destaca-se pela sua janela de canto. Está também relacionado com a lenda que refere ter aqui dormido D. Sebastião quando se dirigia a Alcácer Quibir, em 1578. " (Andrade, 2003:106)

²³ Jorge Rey Colaço (1869-1942), foi um intelectual, pintor e ceramista português.

²⁴ Classificada como Imóvel de Interesse Público, em 1970. (Andrade, 2003:106)

Na área nascente da Estrada Nacional Nº 2 existe outro conjunto de edificações, onde se situa outro imóvel classificado, em 1993, de interesse público, o Mosteiro Franciscano²⁵, construído em devoção a Nossa Senhora da Conceição.

Por fim, a Este da Vila, perto do eixo viário de Almodôvar para Mértola e Almodôvar para Faro está construída sobre a Ribeira de Cobres a Ponte Medieval, denominada noutros tempos por ponte romana, onde recentemente se descobriu que tem todas as características de uma ponte medieval. Esta ponte tem cerca de 13 metros de comprimento, com três arcos, dois contrafortes que cortam as águas que correm de norte para sul e a sua construção é em pedra. Nos primeiros anos da década de 70 ameaçou ruir o que fez com que fosse restaurada entre os anos de 1971 e 1973. É considerada um dos monumentos de interesse público, desde 1982. (Gonçalves, 2000:47-48)

Em tempos, devido à falta de comunicação com o concelho de Loulé e São Marcos da Serra, os eixos viários eram quase medievais, com exceção da Estrada Nacional Nº 2. Deste modo solucionou-se um grande problema de comunicação porque assim,

“ (...) os serrenhos, quer da zona algarvia, quer da parte alentejana, puderam deixar de dizer aquilo que há tantos anos repetiam, com azeda amargura: - Vós, lá do Algarve, ou Vós os Alentejanos ... E ainda bem! Tal facto, consumado que está, deu fortes possibilidades de rápido escoamento aos produtos agrícolas dessas freguesias vizinhas e limítrofes dos concelhos citados, através das ligações feitas por uma zona natural, a qual no tempo das medronheiras, quer em flor, quer quando carregadas dos deliciosos frutos, apresenta um cambiante surpreendente, deslumbrante mesmo, digno de ser contemplado pelos numerosos turistas que certamente afluíram por esta zona da serra.” (Gonçalves, 2000:8)

Contudo, a população encontra-se envelhecida e dispersa por pequenas aldeias e montes, infelizmente o aparecimento da Estrada Nacional Nº 2 não foi suficiente para trazer mais pessoas para a região, o que torna estes sítios mais isolados.

²⁵ Fundado em 1680, e também conhecido como Convento de São Francisco. É caracterizado por uma “ (...) construção simples, sendo de notar o adro pavimentado com calçada à portuguesa, usando seixo rolado. Na igreja destaca-se um órgão decorado com motivos de inspiração oriental e os retábulos de talha dourada. O claustro, de planta rectangular, apresenta um aspecto modesto, com um só piso e arcaria caiada. É ainda a partir deste conjunto que se toma a direcção da Ribeira de Cobres, onde se ergue a ponte medieval.” (Andrade, 2003:107)

DOGUENO

Dogueno é uma povoação situada à beira da Estrada Nacional Nº 2, que dista 12 km de Almodôvar, o concelho a que pertence, e cerca de 60 km de Faro.

“ Entre Almodôvar e a Serra apenas se destaca a povoação de Dogueno (km 675), que se resume a um pequeno conjunto de construções tradicionais, antecedidas pela Casa dos Cantoneiros.” (Andrade, 2003:108)

É uma aldeia com as suas tradições, tal como outras, o fabrico e distribuição de pão caseiro é uma delas, mas também a exploração e comércio de cortiça, muito vulgar nesta região da Serra do Caldeirão. Por norma, todos estes comércios são de carácter familiar.

Por volta de 1980, realizaram-se as primeiras festas de Dogueno, com o objetivo de angariar fundos para a construção de um Centro de Convívio e de uma pequena Igreja para a população. Estas festas tiveram um enorme sucesso na década de 80, mas apenas a Igreja foi construída.

Atualmente tem poucos habitantes, devido á desertificação que tende a agravar-se no interior do país, e à falta de postos de trabalho na Serra, fazendo com que as pessoas mudem para os grandes centros urbanos.

AMEIXIAL

Ameixial antes denominado como *Machial* no antigo português significa – “ (...) monte abundante em plantas e arbustos silvestres.” (Costa, 2014:141)

“ Os braços principais da serra, em que esta freguesia está assentada, são o Minhoto, Vermelinhos, Cavalos, Pero-Ponto, Corte de Ouro, Beringel, Tavilhão e o Serro. É cultivada por seus habitantes com lavouras de trigo, cevada e centeio, de que é abundante, principalmente em annos invernosos. Tem varias hortas, que se regam com fontes, que nascem da serra, e nellas muito fructas de varias sortes. Alem desta produz esta serra muitas bolotas, com as quaes criam seus moradores muitas porcadas, que as pessoas de outras terras ali vão comprar. Cria também alem dos porcos muito gado de lã e pello, muitas colmêas e muitas caça grossa e miúda, rasteira e do ar; javalis, veados, lebres, coelhos perdizes e outra caça. O clima é demasiadamente frio no inverno, e da mesma sorte quente no verão.” (Oliveira, 1986:141-142)

A aldeia do Ameixial uma freguesia serrana pertencente ao concelho de Loulé, existe desde o período neolítico devido a vários achados arqueológicos. “ No entanto, da história do Ameixial, pouco se sabe sobre o período subsequente à reconquista cristã. A primeira data em que o Ameixial é referido como sede de freguesia é em 1747. A instituição da paróquia é posterior ao séc. XIV.” (In Loco, 2003:111)

Em 1905, sabe-se que esta aldeia continha 390 fogos posicionados na povoação e nas seguintes aldeias, pertencentes à freguesia: Almarginho, Azinhal, Besteiros, Caldeirão, Cavalos, Corte João Marques, Corte de Ouro, Figueirinha, Lagar de Cera, Lameiro, Lourençinho, Medronheira, Minhoto, Mosteiro, Parolinhos, Pereirinha, Pero Ponto, Portella, Reveses, Serro dos Vermelhos, Tavilhão, Valle da Moita, Vermelhos e Xemeno.

“ Todos eles muito antigos, ou pelo menos denotando isso através das suas construções, geralmente de pedra e suas casinhas simples com telhado de duas, e em muitos casos de uma água apenas sob forma de telha árabe assente em travos de madeira; estes sítios apresentam uma imagem rural, acolhedora e simpática de toda uma região.” (Avelino,1992:21)

Nesta época a freguesia era abastecida por três moinhos de água e oito moinhos de vento.

Esta povoação encontra-se no percurso da Estrada Nacional Nº 2, no quilómetro 688, em plena Serra do Caldeirão e está inserida numa área denominada de Nordeste Algarvio. Na perspectiva de José Avelino, “ a serra é recortada por assimetrias gigantescas, com cada ponto mais alto a tornar-se mais majestoso e onde cada vale parece denunciar que o puro e o natural também começam aqui.” (Avelino,1992:1) O Ameixial, embora esteja localizado com alguma proximidade do Alentejo, não prescinde do seu carácter algarvio, marcado pela topografia, a serra e o património, as casas com características arquitetónicas típicas da região.

É um sítio caracterizado pela dispersão de casas, ou seja, vários aglomerados habitacionais em diferentes zonas da povoação, mostrando uma estrutura urbana confusa e indefinida, não sendo perceptível nenhum centro em concreto. A Nascente e a Poente, situam-se as zonas mais antigas, constituídas por várias habitações justapostas, com telhados bastante velhos e de carácter bastante primitivo. A Oeste situa-se a área onde as habitações são mais recentes, na colina onde se encontra a escola primária, junto à estrada nacional nº 2, e de ambos os lados. Junto à estrada

principal, atual Estrada Nacional Nº 2, também existiam muitas casas, mas devido à construção da estrada nacional, que anteriormente era uma estrada muito estreita, foi necessária uma obra mais complexa, tendo que recuar todas as casas existentes à sua beira, para poder executar as obras, da mesma e o seu respectivo alargamento, nessa área da aldeia. Depois da obra de alargamento da estrada estar concluída e as casas recuadas, o Engenheiro Barata Corrêa achou que as fachadas das casas necessitavam de um acabamento diferente, com a pedra à vista. Eram os canteiros que aparelhavam a pedra, um trabalho árduo e de muita mão de obra. O Engenheiro decidiu também, mandar modificar a igreja para ficar com as mesmas características na fachada, tais como as recentes casas. " A escola primária, o posto de abastecimento de combustível, a igreja, os muros e as casas apresentam idênticas paredes caiadas e delimitadas por lambris, cunhais e molduras de pedras irregulares, pretensamente imitando ou representando uma obra moderna, mas adaptada ao modo rústico." (Andrade, 2003:108) Assim, surgiu um contraste puro, na sua arquitetura, ou evidenciando a cor branca da cal ou evidenciando a cor natural da pedra.

Do ponto de vista arquitetónico, de José Avelino, esta aldeia revela pouca clareza na sua estrutura urbana, tanto na zona mais antiga, como na área ao redor da estrada.

" O desornamento e desalinhamento das habitações é uma constante. Razões, de ordem muito variada como é obvio, foram-no essencialmente a construção clandestina e o acrescentamento posterior de casas.

De algum interesse são também as chaminés que se apresentam com uma variação de formas, estilos e cores, sendo por isso mesmo dignas de menção, não obstante algumas apresentarem sinais de degradação. " (Avelino, 1992:3)

Na opinião, de Francisco Dias da Costa, o Ameixial é uma aldeia com um ar aberto e luminoso que oferece a todas as pessoas que a visitam, os seus pequenos e acolhedores cafés onde podem usufruir de uma refeição e das suas esplanadas pois são muito mais tranquilas, e nelas podem apreciar o bom medronho e tomar um cálice desta bebida que é tão característica da Serra do Caldeirão. (Costa, 1996:56)

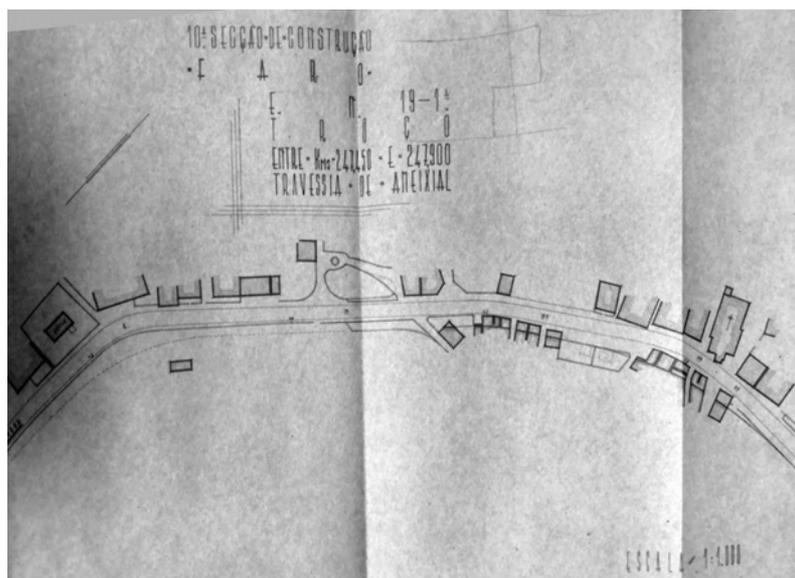


Figura 117 Planta geral do alargamento da faixa de rodagem na localidade do Ameixial, in Arquivo Distrital de Faro

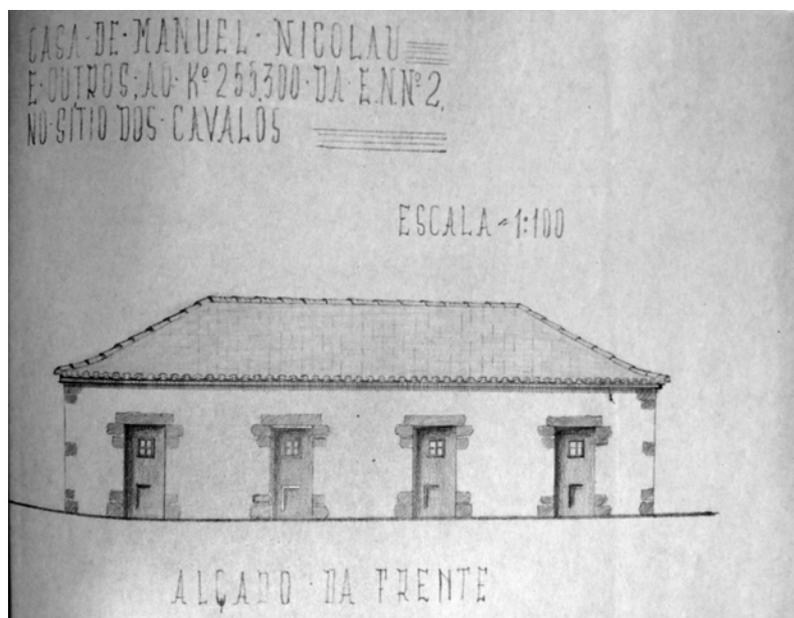


Figura 118 Proposta de fachada de habitação, para um habitante da aldeia, in Arquivo Distrital de Faro

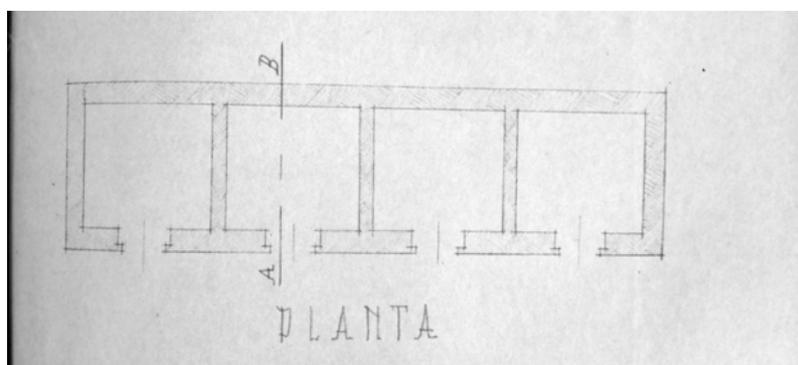


Figura 119 Planta referente á proposta de fachada da habitação, para um habitante da aldeia, in Arquivo Distrital de Faro

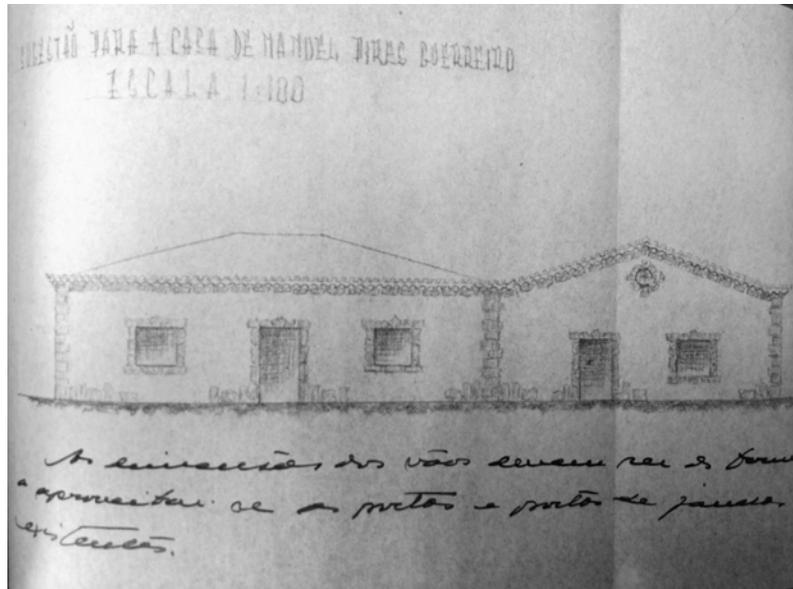


Figura 120 Proposta de fachada de habitação, para um habitante da aldeia, in Arquivo Distrital de Faro

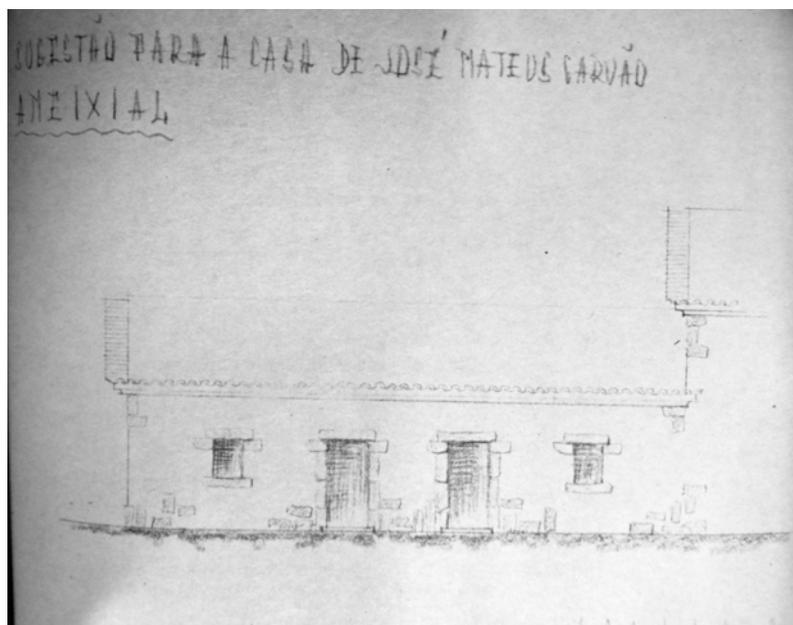


Figura 121 Proposta de fachada de habitação, para um habitante da aldeia, in Arquivo Distrital de Faro



Figura 122 Rua Principal dos Ameixial (Nacional Nº2) atualmente, por autora



Figura 123 Ruína da habitação, representada na Figura 117, por autora



Figura 124 Pormenor da Ruína da habitação representada na Figura 117, por autora



Figura 125 Ruína de antiga habitação, por autora



Figura 126 Igreja Ameixial, por autora



Figura 127 Bomba de Gasolina, edifício construído pela JAE, por autora



Figura 128 Cemitério, edifício construído pela JAE, por autora

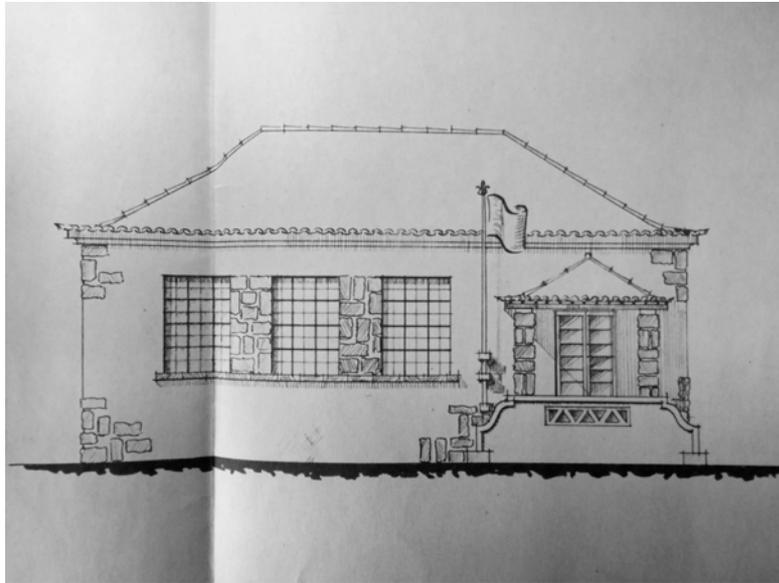


Figura 129 Alçado Escola Primária, in Arquivo Distrital de Faro



Figura 130 Escola Primária, atualidade, por autora

BESTEIROS

Esta pequena aldeia denominada de Besteiros, dista 5 km do Ameixial e situa-se à beira da Estrada Nacional Nº 2, no quilómetro 692,4. Tem uma população pequena e dispersa, percebendo-se bem a divisão que a estrada faz ao estar implantada no meio da aldeia. Aqui existe uma casa, em elevado estado de degradação, que a sua fachada lembra as construções do Ameixial promovidas nos anos 40, que foi, provavelmente, o que influenciou a sua construção. Neste sítio, existem vários fontanários para que as pessoas se possam abastecer de água, estrategicamente distribuídos pela povoação.

Os Besteiros, estendem-se, (...) ao longo de toda uma encosta abrindo vertentes para todos os lados, demonstrando claramente o seu desordenamento e desalinhamento tão característico destes pequenos aglomerados populacionais. O número de pessoas em regime de vivência permanente é cerca de 45. Estas subsistem essencialmente da agricultura em pequena escala. Para além disso existe uma indústria de moagem de cereais, uma oficina onde se fazem portas de ferro e outros e uma caldeira onde ainda hoje se fabrica a pura aguardente de medronho tão característica da zona. Os arruamentos uns asfaltados outros acidentados, permitem boa circulação das pessoas, animais e até veículos, chegando-se sem grande dificuldade a praticamente todos os pontos da localidade. (Avelino, 1992:23)

CAVALOS

Os Cavalos, é uma aldeia pequena que dista 9 km do Ameixial. De acordo, com José Avelino, a sua estrutura urbana, divide-se em duas áreas: uma em que o conjunto das casas é mais próxima da Estrada Nacional Nº 2, onde existem alguns espaços comerciais como por exemplo um café e uma taberna, a outra área é mais dispersa onde existe a presença de 30 a 35 pessoas em vivência permanente.

" Besteiros e Cavalos situam-se junto à estrada nacional. Têm ambos uma população que lhes permite, pelo menos a nível desta freguesia, serem considerados de "montes grandes " e uma característica que muito os aproxima que é o facto de estarem divididos em duas partes, sendo isso mais evidente nos Cavalos." (Avelino, 1992:23)

VALE DA ROSA

O sítio de Vale da Rosa, é o último aglomerado populacional, pertencente à freguesia do Ameixial. Na perspetiva de José Avelino esta povoação é um pouco diferente das anteriores, devido a localizar-se um pouco mais perto da sede do Município de Loulé, o modo de viver acabava por ser um pouco distinto das povoações anteriores, porque a maioria dos seus habitantes tinham o seu emprego em Loulé ou Faro e dispunham de carro próprio.

Relativamente ao tipo de casas, eram de um estilo moderno, com características aproximadas ao estilo da típica moradia de emigrante. Dada a dispersão das casas, torna-se um sítio curioso, devido ao agrupamento de alguns focos populacionais de poucos habitantes. (Avelino, 1992:26)

VALE MARIA DIAS

" (...) já quando o Bispo veio aqui, primeiro ano que o bispo veio cá, e o Bispo perguntou-me assim: Então oiça lá morava aqui alguma Maria Dias? Olhe, pois podia morar, mas eu não sei, até podia ser. Era hipótese de haver aqui uma Maria Dias, pois o bispo até achou estranho ter posta este nome a Vale Maria Dias."

Serafina Cavaco Guerreiro, 80 anos, habitante em Vale Maria Dias.

O sítio de Vale Maria Dias situado ao quilómetro 704,2, surgiu devido à construção de uma Casa de Cantoneiros. Segundo Serafina Guerreiro, habitante de Vale Maria Dias, " essa Casa de Cantoneiros já é muito antiga, já cá estava antes destas casas, quando a minha sogra veio para aqui já ela existia.". Apesar deste aglomerado populacional, ter características de um povoado disperso e de poucas habitações, na altura em qua a estrada nacional tinha mais movimento, existia uma venda, mais propriamente uma mercearia, onde se vendia de tudo um pouco. Pouco tempo depois deixou de existir, o que dificultou o fácil abastecimento dos habitantes de Vale Maria Dias.



Figura 131 Vista aérea de Vale Maria Dias, cedido por Deodato Cavaco



Figura 132 Vista aérea da Barragem do Vale Maria Dias, cedido por Deodato Cavaco

CORTELHA

“Era chamada a “Cortelha do Pau”, como havia aí muitas cortelhas esta chamava-se Cortelha do Pau. Lembro-me bem, de agente brincar de roda da placa, e não era só Cortelha, era Cortelha do Pau.”

Manuel Joaquim Cavaco, 86 anos, natural de Cortelha

Cortelha, uma povoação com alguns habitantes, que se desenvolveu á base de pequenos montes de dois ou três habitantes e que aos poucos se foi aglomerando num só monte. Esta aldeia, é caracterizada por um agregado de casas, mas que é separado ao meio pela passagem da Estrada Nacional Nº 2.

Noutros tempos, numa altura com mais vivência e dinâmica, existia única e exclusivamente uma pequena mercearia para o usufruto dos habitantes, e a Casa dos Presuntos, sítio onde se parava para poder comprar um bom presunto ou enchido tão característico da região. Este edifício da Casa dos Presuntos, é um edifício constituído por dois pisos e com características de arquitetura tradicional algarvia, que se percebe logo devido à sua fachada e platibanda.

“ (...) Passavam e paravam aqui muitos camiões, ali na Casa dos Presuntos, que hoje em dia é um restaurante, mas que antes, vendiam presuntos, pois faziam a criação de porcos e era um sítio de paragem para os camionistas.”

Manuel Catarina Cavaco, 91 anos, natural da Cortelha

Tal como, o Senhor Manuel Cavaco, mencionou, na entrevista que lhe foi feita sobre a aldeia da Cortelha, esta povoação sempre foi um sítio onde vários camionistas faziam as suas paragens depois de uma longa viagem entre as curvas e contracurvas da Estrada Património. Ao longo do tempo tudo foi evoluindo, e o que era só uma casa de venda de presuntos, passou a ser também um restaurante de comida caseira.

Passado algum tempo, foi necessária a colocação de uma bomba de gasolina, devido à extinção da que existia anteriormente em Barranco do Velho, os proprietários da Casa dos Presuntos, resolveram investir também neste negócio, pois facilitava as pessoas locais que precisavam de abastecer os seus veículos, não tendo de fazer quilómetros para os abastecer. Até hoje, ambos os estabelecimentos funcionam. O Restaurante é fundamental para chamar pessoas de vários sítios, que se deslocam para lá principalmente aos fins de semana para se deliciarem com uma comida típica serrana, e conhecer o que a Serra do Caldeirão tem de melhor para oferecer, tais como as suas tradições, gastronomia e cultura.

Contudo, a povoação da Cortelha, hoje em dia também é conhecida por outro assunto, um acontecimento de extrema importância para a região, o Motocross. Esta iniciativa foi fundada pela Associação de Amigos da Cortelha, com o objetivo de promover a nível cultural, desportivo e recreativo a Serra do Caldeirão e as populações diretamente envolvidas com a Associação.²⁶ Devido a esta promoção, já ali se realizaram vários campeonatos nacionais e mundiais no universo do motocross.

²⁶ A Associação de Amigos da Cortelha, foi fundada em 1975, e visa objetivos sem fins lucrativos.

"Há para aí uns 45 anos é que a luz aqui apareceu, foi uma coisa muito boa que aqui apareceu, pois antes era só candeeiros a petróleo."

" Não existia nada, só ali uma mercearia da Gracinha, ficava além em frente onde mora o Chico Costa, também não existia bomba, a bomba era lá no Barranco do Velho. Mas já havia escola, no meu tempo era, na parte de cima, onde hoje é o restaurante da casa dos presuntos, fazíamos aqui até à 3ª classe e a depois tínhamos que ir para o Ameixial fazer a 4ª classe, só muitos anos depois é que construíram a escola primária."

Manuel Catarina Cavaco, 91 anos, natural da Cortelha

Nos dias de hoje, o dia-a-dia é muito diferente do antigamente, mas existem coisas que se mantêm, tal como a Escola Primária, que ainda está em funcionamento, com poucos alunos, mas o suficiente número de crianças para ter um professor. Só por este motivo se percebe que a Cortelha, não perdeu população ao longo dos anos, provavelmente só a ganhou. Pois cada vez existem mais famílias jovens a estabelecer-se nesta aldeia, o que faz com que a Cortelha seja uma das aldeias mais populosas da Serra.



Figura 133 Bomba de gasolina, Cortelha, cedido por Deodato Cavaco



Figura 134 Bomba de gasolina, Cortelha, cedido por Deodato Cavaco



Figura 135 Passagem de um rally á entrada da povoação da Cortelha, cedido por Deodato Cavaco



Figura 136 Motocross na Pista do Cemitério, 1979, cedido por Deodato Cavaco



Figura 137 Vista aérea Povoação da Cortelha, cedido por Deodato Cavaco e editado pela autora



Figura 138 Vista aérea Povoação da Cortelha, cedido por Deodato Cavaco e editado pela autora

BARRANCO DO VELHO

Uma pequena povoação pertencente à freguesia de Salir e Concelho de Loulé, em plena Serra do Caldeirão e onde convergem duas vias de comunicação, a Estrada Nacional Nº 2 e a Estrada Nacional Nº 124.

Segundo Maria Amélia Machado dos Santos, esta aldeia ocupa uma área de 20 quilómetros, dista da sua freguesia 10 quilómetros, 13 quilómetros de São Brás de Alportel e 30 quilómetros do distrito de Faro. (Santos, 1932:1)

Este povoado é de verdadeira importância, pois distingue-se de todas as aldeias que se encontram neste troço património, devido às suas origens, história, cultura, tradição, arquitetura, famílias, figuras, entre outros, e claro, a grande relação que teve com a Estrada Nacional Nº 2 e o que esta lhe trouxe de bom.



Figura 139 Passagem histórica da volta a Portugal pelo Barranco do Velho, 1946, in recorte de jornal, (2000), p.6

BICAS DA SERRA

Um povoado com poucas casas e, decerto, desde sempre, poucos habitantes. Este sítio conta com meia dúzia de habitações construídas à beira da Estrada Nacional Nº 2. Calcula-se que começaram a aparecer, depois da construção da Casa dos Cantoneiros, em 1937.

Uma povoação que nunca teve muita vivência ou dinâmica, devido aos poucos habitantes, ainda assim existia uma construção entre a Casa dos Cantoneiros e o Parque de Merendas e Fontanário, construídos pela Junta Autónoma de Estradas, um café que, talvez, contivesse também uma pequena venda para que os locais se pudessem abastecer de alguns produtos essenciais para o seu dia-a-dia.

Nos dias de hoje, parte das casas existentes foram vendidas, outras encontram-se fechadas e vandalizadas ou em ruína. Existem talvez, três casas onde moram permanentemente pessoas, uma delas é um alojamento local.



Figura 140 Sítio das Bicas da Serra, por autora



Figura 141 Sítio das Bicas da Serra, por autora



Figura 142 Sítio das Bicas da Serra, por autora



Figura 143 Sítio das Bicas da Serra, por autora

ALPORTEL

“ Quem, do alto, olhasse para a superfície do Alportel, ficaria de-certo surpreendidíssimo diante do quadro que tinha em frente, pois que, desde logo, notaria nele acentuados tons de uma arte confusa e misteriosa. O fundo parecer-lhe-ia um espantoso borrão de um verde escuro carregado; depois, aproximando-se mais ou procurando distinguir melhor é que veria nesse borrão informe, aqui e além, matizando-o, umas manchazinhas brancas e linhas ou faixas minúsculas multicolores; depois ainda, e com mais detido exame, é que começaria a discriminar os cambiantes desse verde escuro, infinitos, limitados por linhas inextricáveis, arabescos caprichosos e pacientes que recortavam milhares de formas extraordinárias. ” (Louro, 1996:4-5)

Alportel como sítio, é mais antigo que São Brás. Antigamente, diziam que era considerado como um portal para a Serra, pois tinha a estrada principal. Segundo Luís Fraga da Silva, o topónimo islâmico “ Alportel ” tem origem na palavra latina *Portellus* que significa *Portela*. E está inserido num vale que corresponde ao principal núcleo de implantação rural, constituído por quatro sítios com vestígios romanos: “*Alportel (Cartaxinho) a Noroeste, Alcaria (Tesoureiro) a Sul, Altinho/Lagarinho (Bico Alto) na extremidade Leste.*” (Da Silva, 2002:72-73)

“ Segundo Estanco Louro haveria memória de incontáveis achados que teriam originado a lenda de uma cidade disposta em anfiteatro, de origem anterior aos mouros e muito rica. Se se combinarem os vestígios ainda sobreviventes com esta tradição e com o facto de aqui se encontrar uma das fontes mais abundantes do concelho, poder-se-á colocar a hipótese de se tratar de uma grande villa ou vicus que dominaria todo o vale de Alportel, cuja ocupação se deve ter mantido, sem interrupção, até ao período islâmico.” (Da Silva, 2002:73)

A povoação de Alportel situa-se ao quilómetro 718, e desenvolve-se, do lado esquerdo, no sentido Norte-Sul da Estrada Nacional Nº 2. A sua rua principal, implanta-se paralelamente ao eixo rodoviário, a Estrada Nacional Nº 2, a uma cota mais abaixo, existindo um arco sob a estrada, para a passagem para terras vizinhas. Seguindo por esta rua principal encontra-se o Adro da Igreja de Alportel.²⁷ Na perspectiva de Amélia Andrade, a aldeia de Alportel forma um conjunto de casas com características singulares, devido ao terreno onde se encontram, este terreno com algum declive, dá uma percepção de vários socalcos pela encosta sem se conseguir perceber os vários arruamentos entre as casas. (Andrade, 2003:110)

A arquitetura de Alportel, é muito variada e também muito descaracterizada, devido ao facto de ser uma aldeia de grande comércio de cortiça, reflete-se bem esse ciclo económico na própria arquitetura do lugar. Como se pode observar nas casas mais abastadas com dois pisos, e nas térreas com bastantes pormenores decorativos, particularmente na ornamentação das chaminés e das platibandas onde o uso de cores fortes é evidente.

Nos arredores da aldeia, ou seja, na zona mais baixa, onde o terreno é mais plano, localizam-se as antigas fábricas de cortiça, hoje em dia, umas fechadas e outras ao abandono.

²⁷ Por vezes denominada por Ermida de S. José, um Templo que o Bispo D. Francisco de Avelar mandou construir na transição do século XVIII para o século XIX. (Andrade, 2003:110)

Relativamente a estruturas de valor arquitetónico e cultural, existem nesta região, paralelamente à Estrada Nacional Nº 2 um forno para cozer a cortiça e o seu respetivo tanque.



Figura 144 Fonte Férrea, Alportel, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 145 Miradouro do Alto da Arroiteia, por autora

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

São Brás de Alportel, uma vila localizada no Barrocal Algarvio e também onde termina este Troço Património, pertencente à Estrada Nacional Nº 2, foi considerada uma freguesia do concelho de Faro no dia 1 de Junho de 1914.

Este concelho abrange cerca de 150 km², contendo quarenta sítios dispersos pelo seu território e a sua população ultrapassa os 10 000 habitantes.

De acordo com Estanco Louro, a primeira vez que São Brás de Alportel aparece descrito em documentos é em 1518²⁸. Antes desta data não se descobriu qualquer notícia durante 268 anos. Assim, São Brás de Alportel recebe a designação de lugar em 1601 e a de aldeia em 1604. Devido as estas designações, só a partir de 1591 se pode datar a constituição da freguesia de São Brás. (Louro, 1996:74-75) O significado de freguesia, nestes tempos, definia-se por uma certa extensão territorial e também um certo agregado populacional, “ só em determinado lugar e por determinada pessoa podia receber os serviços mais estritamente obrigatórios da vida religiosa, era o-S. Brás há muito mais tempo, como o prova irrefutavelmente a visitação de 1518”. (Louro, 1996:75)

O Concelho de São Brás de Alportel tem vestígios da presença humana desde o Neolítico, sendo a Época Romana a que deixou mais provas da sua fixação e passagem nesta área, um exemplo disso é a via romano-medieval, conhecida, hoje em dia, por Calçadinha²⁹, que é um testemunho dos primeiros fluxos mercantis na região.

Em 1915, foram encontrados mais vestígios arqueológicos, mas desta vez, referentes à época da invasão dos bárbaros visigodos no século V d.C..

São Brás de Alportel tem uma toponímia Paleo-Cristã, derivada de um sítio nomeado *Shannabush*, ou *Sanbras*, que corresponderá a São Brás, este sítio por sinal, era uma das fontes árabes.

²⁸ Primeira notícia de São Brás – Encontra-se na visitação da Villa de Faro, mandada fazer em 1517, pelo Grão-Mestre da Ordem de S. Tiago, então D. Jorge, filho bastardo de D. João II. S. Brás era então uma *Irmyda* anexa à Igreja de Santa Maria de Faro, e por isso se lhe estendeu a visitação. Eis o documento, em relação a S. Brás:

“Visitamos a dita Irmyda. A qual tem hua capella telhada de ripa com hum arco de pedra \ e o altar he de pedra e cali com a imagem de Sam bras pintada cõ seus mantos e o corpo da Igreja he cuberto de madeira de castanho e tem dous altares hum da invocacam de nossa Sra e outro de Samta C.ª e tem hua pia de bautizar com sua campaa e tem hum campanário | com húa campaa e húa campaynha peqna de comúgar”. (Louro, 1996:55)

²⁹ Esta Calçada romana era uma via que integrava a rede viária romana e que partia da cidade de Ossonoba (Faro), passando pelas Villas Romanas de Milreu (Estoi) e de Vale do Joio (São Brás), cujos vestígios arqueológicos se podem encontrar ao longo de dois troços de igual interesse. Estes dois troços denominados de Troço A e Troço B, separados entre si por alguns metros, eram, antes totalmente pavimentados, mas hoje em dia, estão bastante danificados.

O Troço A tem cerca de 100 metros de extensão, e contém um calcetamento que corresponde às remodelações referentes ao século XIX, que provavelmente foram ordenadas pelo Bispo D. Francisco Gomes de Avelar. É apresentada com um lajeado geométrico, composto por pedras de pequena e média dimensão e um eixo central composto por pedras em cutelo, de onde saem linhas perpendiculares que formam quadriculas, divididas obliquamente em triângulos e retângulos.

Relativamente ao Troço B, tem uma extensão de cerca de 550 metros. Tecnicamente, também apresenta um lajeado, sendo este com pedra de média e grande dimensão, um certo abaulamento do empedrado superior delimitado por pedras em cutelo e uma largura de mais ou menos 2,50 metros, de acordo com as prescrições legais estabelecidas na época.

De acordo com alguns documentos antigos e características técnicas que a calçadinha evidência, pensa-se que este antigo caminho possa fazer parte do itinerário XXI de Antonino, uma das mais importantes vias romanas do Sul da antiga província da Lusitânia.

O montado de sobre ocupa também uma extensa área no concelho de São Brás de Alportel, o que fez com que, São Brás de Alportel, iniciasse o comércio da cortiça, em Portugal. “São ainda os habitantes de S.Brás que acolhe e negocia 50% da produção corticeira do país.” (in Arquivo Parlamentar, 1914)

Era produzida cortiça de grande qualidade e existiam cerca de 20 fábricas em pleno funcionamento, representando uma grande fonte de emprego para os habitantes de São Brás. Hoje em dia, existem duas fábricas em funcionamento, diminuindo significativamente a produção, mas não deixando de ser a região que é simbolizada pela indústria corticeira desde o século XIX, e devido a esta importância negociam-se ainda nesta região 60 % da produção de cortiça do país.

No centro da Vila, encontram-se casas térreas de arquitetura popular, realçando por entre as ruas os prédios apalaçados pertencentes aos antigos comerciantes e industriais da cortiça, caracterizadas por fachadas de azulejos, cantarias esculpidas e varandas de ferro. (Globalgarve, 2003:123)



Figura 146 Vista aérea de São Brás de Alportel, no início da década de 80, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 147 Vista aérea de São Brás de Alportel antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 148 Rua Gago Coutinho, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 149 Rua Luiz Bivar, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 150 Igreja Matriz, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 151 Terreiro, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 152 Trecho do Jardim, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel



Figura 153 Trecho do Jardim, registo antigo, cedido por Câmara Municipal de São Brás de Alportel

CAPÍTULO IV

A IMPORTÂNCIA DO BARRANCO DO VELHO NA ESTRADA PATRIMÔNIO

A PERTINÊNCIA DO LUGAR

A escolha desta localidade para intervir, deve-se ao facto de Barranco do Velho reunir todos os critérios para que seja a povoação ideal para uma intervenção arquitetónica, que possa dinamizar a região e a Estrada Nacional Nº2. Assim, no seguimento deste eixo viário, é a única localidade de onde divergem vários eixos para outros destinos, sendo um local de passagem por excelência. É também a única povoação em que a grande Rota Pedestre que liga Sagres a Alcoutim, designada Via Algarviana, cruza com a Estrada Património, passando sempre inúmeros caminhantes, pela aldeia do Barranco do Velho, de todos os cantos do mundo.

É uma aldeia com uma incrível história, que deve ser conhecida e recordada por quem chegou a viver alguns dos acontecimentos passados neste lugar.



Figura 154 Cruzamento à entrada da aldeia, recorte de jornal antigo, cedido por Henrique Guerreiro

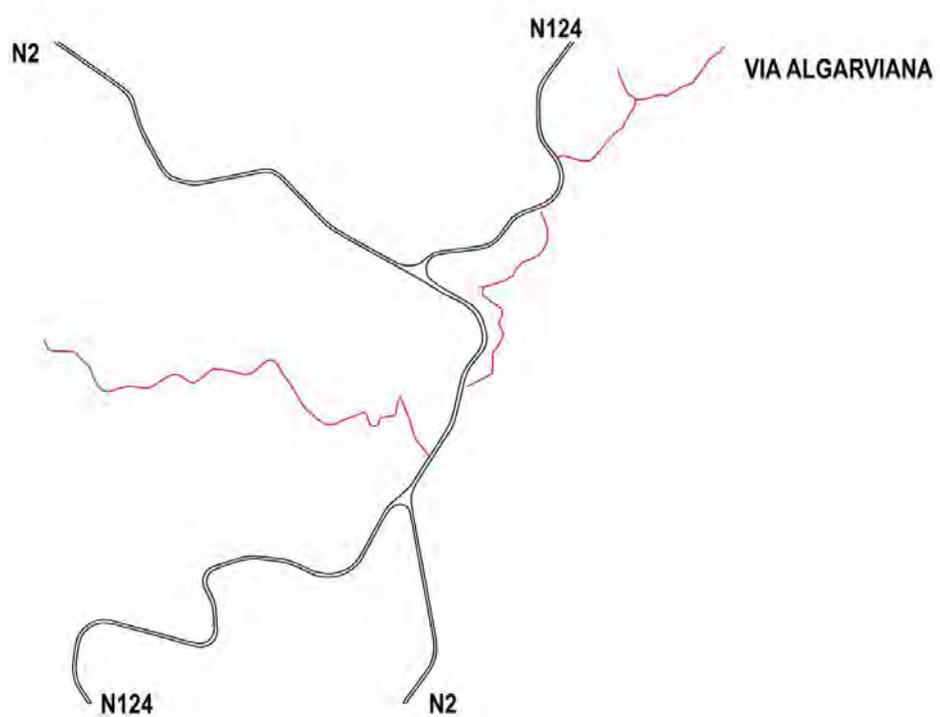


Figura 155 Esquema do cruzamento de vias - Estra Nacional N°2, Estrada Nacional N°124 e Via Algarviana, executado pela autora

A SITUAÇÃO TOPOGRÁFICA E HIDROGRÁFICA DE BARRANCO DO VELHO

O Barranco do Velho, uma pequena aldeia, situada em plena Serra do Caldeirão e pertencente ao eixo mais importante do País, a Estrada Nacional Nº2. Uma povoação inserida no troço património, pertencente á Estrada Nacional nº2 e localizada numa região de grande interesse paisagístico e áreas protegidas.

Pertence ao concelho de Loulé e localiza-se na freguesia de Salir. Ocupa uma área de aproximadamente 20 km de perímetro. O solo é muito acidentado, e são raros os bocados de terreno planos, é um relevo muito irregular e por vezes com desnivelamentos de 50 a 100 metros, a esta situação topográfica denomina-se de Sistema Mariânico da Meseta Ibérica.³⁰

É uma região muito abundante em rochas de natureza externa e argilosas, mas o mais predominante é o xisto ardoso. Outro facto interessante, nesta região são os serros pertencentes à área que ocupa o Barranco do Velho, pois cada um tem uma toponímia e história por detrás muito interessantes. Os principais serros são: o Serro Alto, o Serro das Eiras, o Serro das Pedras, o Serro Queimado e o Serro da Boiça. Segundo Maria Amélia Machado Santos, o Serro das Pedras e o Serro das Eiras evidenciam-se dos restantes. (Santos, 1932:6)

“ O Sêro das Eiras é assim chamado porque nele resolveram os proprietários, de comum acôrdo, fazer as suas eiras. Todo o sêro, por ser muito ventilado, está cheio, de alto a baixo, de eiras circulares, separadas por pequenos muros de pedra solta, não se fazendo nele cultura alguma.

O Sêro das Pedras tem, à superfície, inúmeras pedras grandes e arredondadas e é onde se encontram vestígios de civilizações neolíticas. ” (Santos, 1932:7)

³⁰ “ Esta orla meridional da Meseta está, como diz Paul Choffat, “ ainda mal estudada ” e é constituída por terrenos paleozoicos e mesozoicos, onde aflora o jurássico médio devido a deslocações longitudinais. ” (Santos, 1932:6)



⊙

Figura 156 Mapa Topográfico, Barranco do Velho, esc_1:25000, executado pela autora

Relativamente à hidrografia, o Barranco do Velho é um lugar muito abundante em água férrea. Por esse motivo, existem muitas fontes, uma com uma arquitetura mais primitiva e outras com características mais modernas. Sendo que em alguns lugares a água, simplesmente brota naturalmente da terra, escorrendo por entre os barrancos.

Segundo testemunhos orais, vinham a este lugar muitas pessoas, que sofressem de anemias e outras doenças relacionadas, para beberem da água férrea.

“ E vinham aí de Almodôvar e Beja e também, de baixo, de Olhão, vinham todos beber água férrea para se curarem das anemias e outras doenças. A água do Barranco do Velho era Santa, naquela altura (...).”

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

É também aqui que nasce a Ribeira da Salgada, que por sua vez une-se com a Ribeira do Freixo. Hoje em dia, riachos que levam pouca água, pois cada vez é menos recorrente chover, o que agrava a seca das ribeiras e também dos solos.

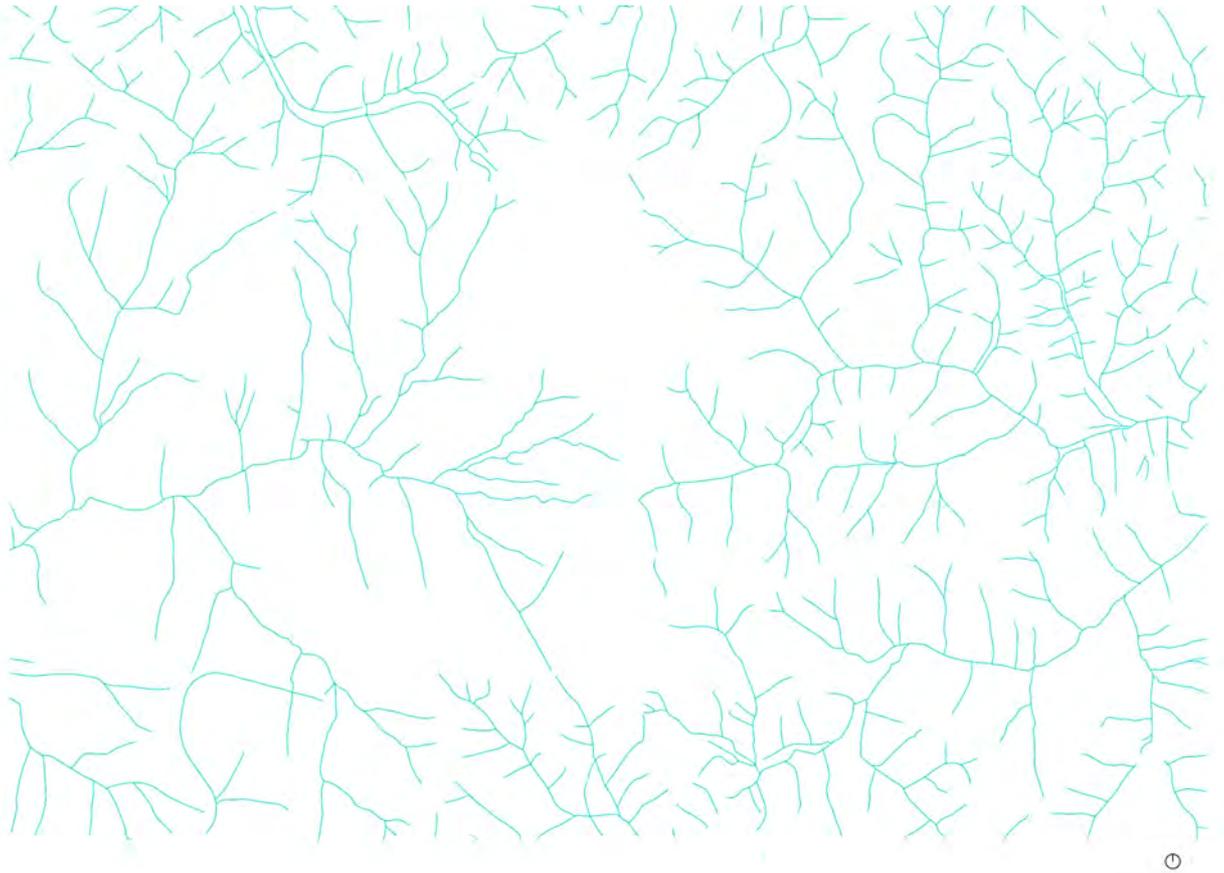


Figura 157 Mapa Hidrográfico, Barranco do Velho, esc_1:25000, executado pela autora

A ORIGEM

“ Onde surgiu a primeira pedra, a primeira semente era no Judeu, por isso é que ficou Barranco do Velho, porque lá estava o velho, no barranco , e assim ficou chamado o Barranco do Velho. E aí começou a ir aparecendo a ir aparecendo, e no nosso tempo, isto à 85 anos, já isto estava formado como está agora, com muita família.”

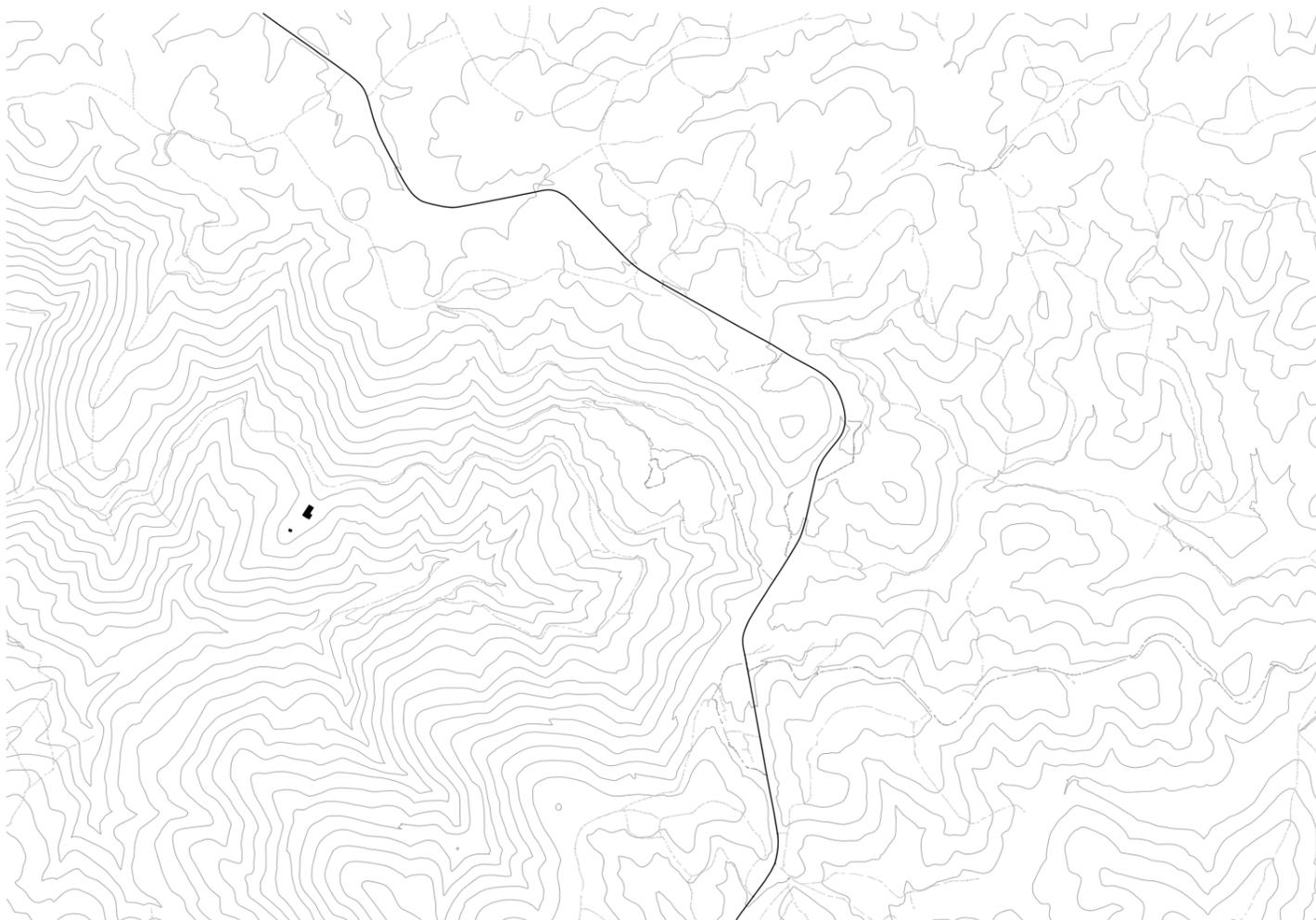
Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

De acordo com uma lenda local, o Barranco do Velho teve origem num sítio chamado de Judeu, localizado a poente do atual núcleo urbano. E com base nos testemunhos da população e também nas palavras de Mariana Amélia Machado Santos, é uma tradição popular que se confirma. Mas mesmo, sabendo da sua origem não se consegue datar quando o sítio do Judeu começou a ser habitado. Na perspetiva de Mariana Amélia Machado Santos, *“é possível que, quando D. Paio Peres Correia, em Julho de 1242, conquistou aos Mouros o Castelo de Salir, já existisse, no Barranco do Velho, alguma casinha de pedra tosca, e sobreposta igual às que hoje ainda ali há.”* (Santos, 1932:6)

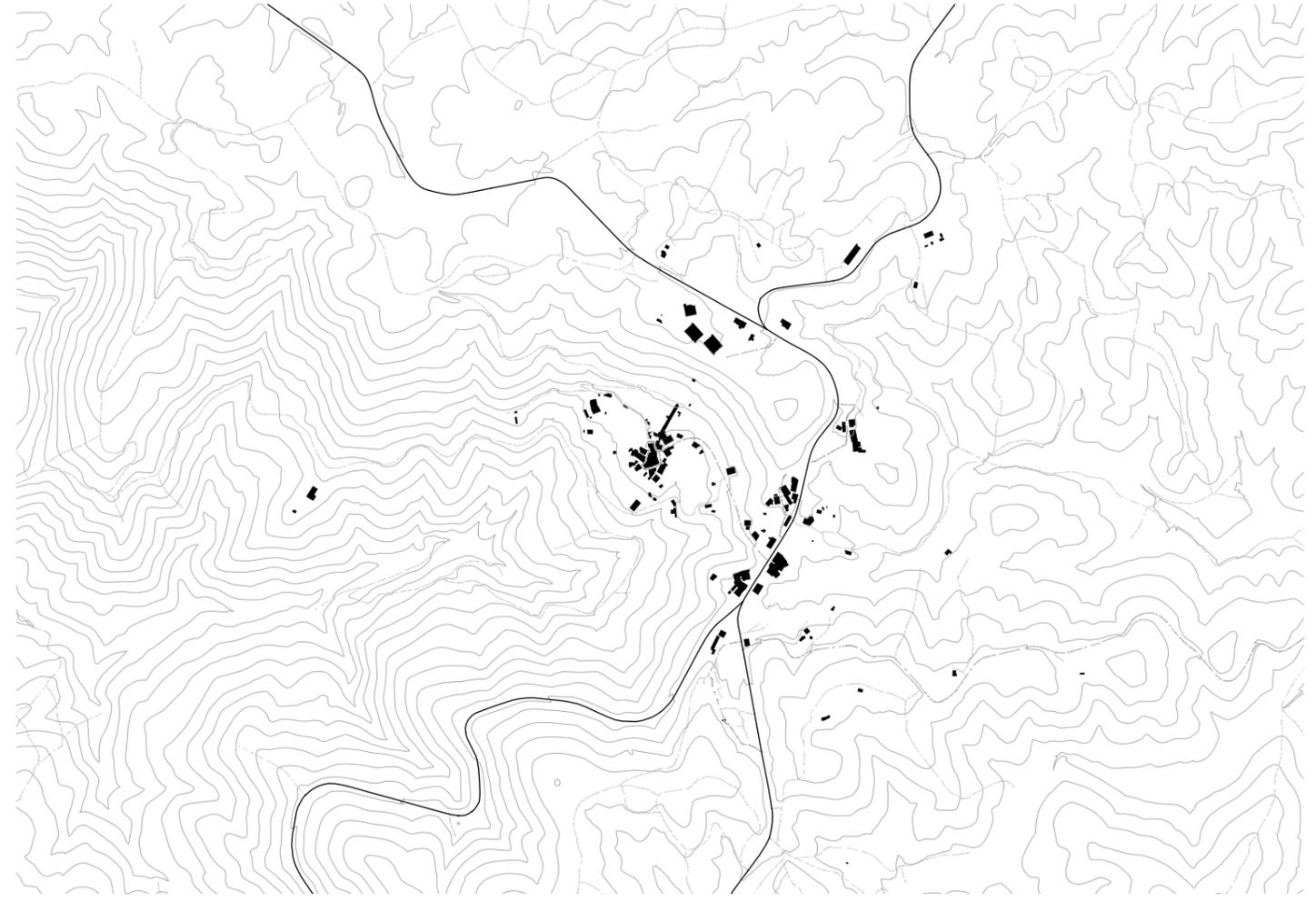
Com o passar dos anos, este sítio começou a ter outra vida, foram surgindo algumas casas no vale, que hoje em dia é denominado de Monte Baixo, tal como explica Vitor Gonçalves, natural do Barranco do Velho: *“ As primeiras casas não surgiram junto á estrada, mas na parte de baixo, a oeste da localidade, que se chama Monte Baixo. Com o surgimento da atual Estrada Nacional Nº2, o núcleo urbano foi-se estendendo em seu redor, conforme hoje o conhecemos.”* E de acordo com Manuel Guerreiro, também natural de Barranco do Velho, estas casas que foram surgindo ao longo da estrada, já existiam no ano de 1910, sendo a estrada pequena e bastante estreita.



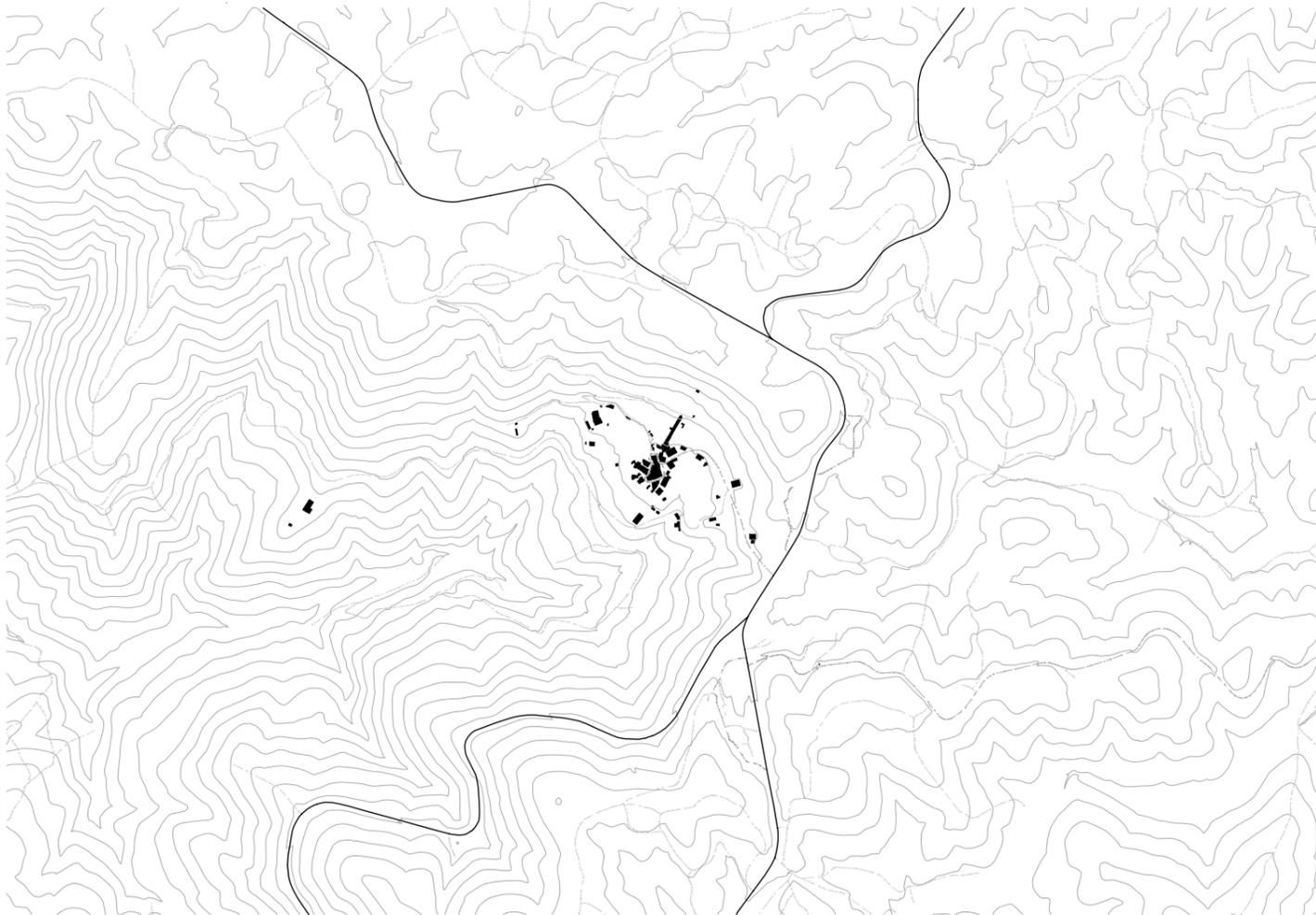
Figura 158 Monte de Baixo, Barranco do Velho, in Boletim Casa das Fontes



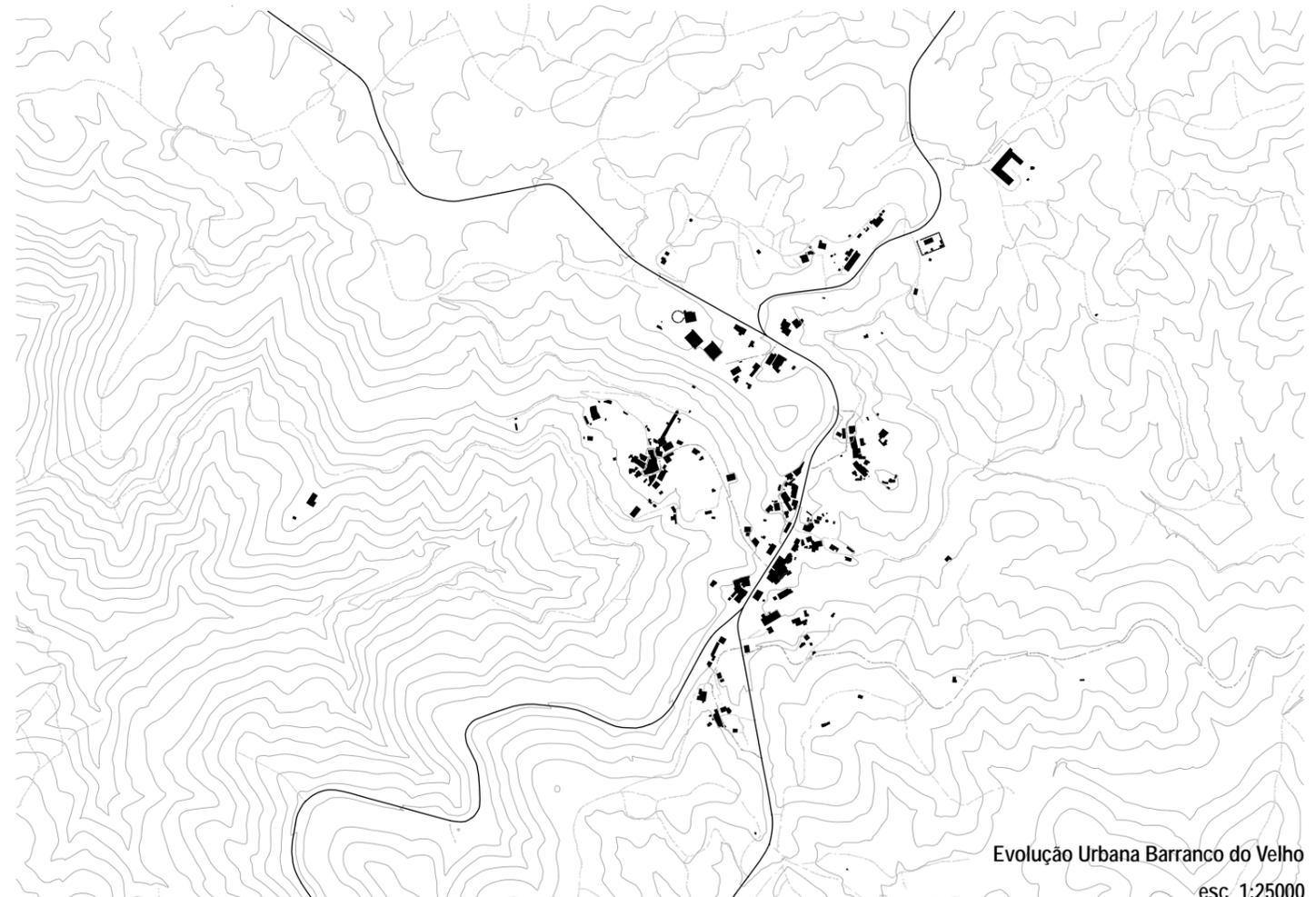
SÉCULO XIV



SÉCULO XIX - DÉCADA DE 70



SÉCULO XIX - DÉCADA DE 50



SÉCULO XX/XXI

POPULAÇÃO E COSTUMES

O lugar do Barranco do Velho, antigamente, era constituído por uma grande população, dinâmica e expedita para criar atividades e eventos que pudessem ajudar o próximo e também que pudessem dinamizar e desenvolver, a sua aldeia.

“Vinte e três raparigas no meu tempo havia aqui, havia tanta gente, era só bailes. À tarde juntava-se tantas pessoas ali no Jardim, as raparigas todas á tarde iam para ali conversar (...).”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

Segundo, Maria Rodrigues Lopes, habitante em Barranco do Velho, o seu avô semeava batatas e oferecia sempre nas festas, para ajudar, porque nessa altura havia muita pobreza, e a população juntava-se toda e fazia uma grande festa para ajudar a pessoa com necessidades. Maria da Conceição, também se recorda bem de como eram essas festas de beneficência, tão importantes para a aldeia e para os seus habitantes.

“Havia festas quase todos os domingos, e também para pessoas que estavam assim mal, juntavam se e faziam uma festa para essa pessoa e o dinheiro da festa era para essa pessoa. Eram na casa da Tita num grande armazém que ela tinha, também tinha uma venda e vinha o verão alugava as casas porque vinha muita gente por causa do ar puro e da água férrea que fazia bem à anemia e à tosse convulsa e outras doenças.”

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

Este lugar, tinha uma singularidade, era uma aldeia onde habitavam na sua maioria famílias com grandes posses. A família que sempre se distinguiu de todas as outras foi a Família Pereirinha, uma família que originalmente não pertencia ao Barranco do Velho, mas segundo conta Marília Ramos: *“(...) o senhor enviuvou e tinha muitos filhos, havia empregadas para todos os filhos, havia a empregada só para cuidar nos filhos, havia a cozinheira, havia a mulher que fazia a limpeza, havia tudo, e tinham muito dinheiro, que os bancos já não recebiam.”*



Figura 159 Família Pereirinha, rodeando um sobreiro, Museu do Traje
São Brás de Alportel.

ATIVIDADES ECONÓMICAS

" As estradas sempre foram um fator importante no desenvolvimento das relações socio económicas , e a Nacional nº 2 não fugiu á regra."

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural do Barranco do Velho

No auge da Estrada Nacional nº2, o Barranco do Velho, continha diversas atividades económicas. Passavam milhares de pessoas todos os dias pela povoação e devido a esse fator este lugar era um ponto de paragem obrigatório para o viajante que vinha do Norte ou Centro do País, com destino ao Sul. Nesta época, por volta dos anos 40, cada habitante tinha o seu negócio e com a passagem recorrente de visitantes, havia uma condição económica estável. Os negócios existentes eram muito diversificados, tal como conta Manuel Gonçalves Guerreiro:

" Quantas vendas haviam? Umas duas, havia a minha e a do Ti Pereira (...) só os homens é que iam às vendas as mulheres não podiam (...) só mais tarde é que se instalou mais comércios (...) mas nessa altura só havia aqui a gente que tinha umas coisitas a vender, e havia lá em cima onde hoje é a Tia Bia, que era do Salvador era uma pensãozita dessas reles que há para ai, e nesse tempo chamava-se Entroncamento, só depois é que deram o nome de Abrigo de Montanha (...)

E também havia criação de chibos e borregos e muito gado, vinha também para aqui nesse tempo umas dezenas largas de porcos para o montado para serem criados livremente, havia um talho (...)"

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

Segundo Maria Rodrigues Lopes, Marília Dias Ramos e Vitor Francisco Ferro Gonçalves havia tudo, sapateiros, barbeiros, havia uma casa para arranjo de bicicletas, havia um artesão que fazia colherões de medronheira, três mercearias, um talho, dois salões para bailes, existia também uma bomba de gasolina móbil, um restaurante e pousada, existiam várias caldeiras em funcionamento para destilar o medronho, mais detalhadamente seis destilarias, existiam também quatro fontes de abastecimento de água para pessoas e animais, uma nave de engorda de animais bovinos, um lavadouro público entre outras coisas.

Mas os maiores negócios do sítio eram, sem dúvida, o negócio da cortiça e do medronho. Pois, tal como, explica Manuel Guerreiro, ex-negociador de cortiça, e personalidade muito conhecida nesse mundo.

"Neste tempo havia esses grandes canudos de cortiça, essas coisas e começou-se a comprar aquilo ali e todos os dias passavam aí 2 ou 3 camionetas, andava aí tudo aí à procura e depois comecei a comprar e pronto."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

No que toca ao negócio do medronho, também se tornou muito frequente a sua apanha e destilaria. Marília Dias Ramos conta que: *"(...) vinha um senhor de Martinlongo que vendia alguidares de barro e panelas, vinha sempre todos os anos, o Ti Carlos vinha com alguidares e panelas e chocolateiras de barro e trocava por medronhos."* Neste tempo, também eram importantes as trocas, pois quando um indivíduo tinha algo que o outro não possuía, podia-se trocar por qualquer coisa que o outro precisasse, podiam ser alimentos, artesanato, objetos dos mais variados usos, entre outras coisas.

Em síntese, haviam muitos acontecimentos, atividades a acontecerem nesta pequena aldeia. Segundo Manuel Gonçalves Guerreiro e Maria Rodrigues Lopes existiam muitos bailes, uns exclusivamente de festejos, outros com carácter beneficente. De vez em quando, vinham á aldeia os saltimbancos, teatro e cinema e era uma alegria para as pessoas que só podiam assistir a esse tipo de eventos quando eles vinham à Serra.

Infelizmente, pouco tempo depois, tudo mudou, os comércios poucos ou nenhuns persistiram, deixando a aldeia sem motivo para o viajante parar. Como explica Vitor Gonçalves, no seu testemunho:

"No meu tempo, o que mais me marcou neste Barranco do Velho, foi o funcionamento deste núcleo populacional como um todo. A sua harmonia entre o seu núcleo urbano e a paisagem envolvente e o compromisso das gentes, numa perspetiva de entreajuda e de alegre vizinhança. O surgimento da estrada e posteriormente da eletricidade, alterou substancialmente algumas posturas ou hábitos, foi responsável pelo surgimento de novos negócios e vivências, mas essa transformação foi lenta e gradual, nunca tendo posto em causa a tal harmonia. Como atrás referi, a economia da região assenta fundamentalmente na extração da cortiça e na transformação do medronho. Essas duas fontes de rendimento continuam hoje a funcionar como motores de desenvolvimento económico e são de alguma forma responsáveis pelo surgimento de novos restaurantes, alojamentos locais e fixação de alguns jovens que com pequenas explorações de destilação de medronho têm criado as suas próprias marcas.

Algumas associações locais tem feito um esforço para recuperar tradições ancestrais, com o duplo propósito de mostrar aos mais jovens, tanto a sua génese como a necessidade e a responsabilidade de as manter vivas. Estou a falar das comemorações dos Santos Populares, do enterro do entrudo, da matança de porco tradicional, entre outras."

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural do Barranco do Velho

Algo também muito importante, é a rota da água. Um percurso semicircular, que está inserido na Via Algarviana, e abrange vários pontos de água no Barranco do Velho. Esta rota, com uma extensão de 5 quilómetros, passa por seis lugares de grande relevância. Começa nos Depósitos da água, situados num cume, onde se pode ter uma vista panorâmica da aldeia. Neste lugar caem 1020 mm de chuva anuais, deste modo a água foi captada e armazenada para a distribuição pública local desde os anos 70, período em que se construiu o primeiro depósito aproveitando um antigo moinho de vento. Atualmente, esse depósito foi substituído por uma estrutura mais recente e inclui uma pequena Estação de Tratamento de Água. (Rota da Água:14) Depois segue-se uma caminhada pelas fontes de maior interesse, a Fonte do Chafariz, também denominada Fonte do Álamo, contem água que vem diretamente do solo, e corre para um tanque, onde antigamente se lavava roupa. Por volta do século XX foi construído um depósito com formato abobadado, que abastece o lavadouro e um chafariz aberto sobre um bebedouro para animais, que se situa

uns metros á frente do lavadouro. A Fonte do Serro Alto, é uma fonte de mergulho típica, encostada a um Serro. Outra fonte, também com muito valor, é a Fonte da Catraia, com uma arquitetura do século XX, que anteriormente, (...) era um poço, a água era tirada com um balde, e vinha o Verão, isso era tanta gente a ir buscar água que aquilo era (...). Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural do Barranco do Velho

Por fim, mas não a última, a fonte férrea, situa-se no fundo do vale. É uma fonte de nascente e de carácter primitivo, bastante similar a uma gruta, suportada por duas grande paredes e abóbada de pedra. A sua fachada principal é em forma de arcada com um pilar no meio, com grandes pedras. No seu interior, pode-se sentar em duas grandes bancadas de pedra, e observar a água férrea a escorrer da nascente que brota naturalmente da parede de pedra.

A fonte do monte, é uma fonte de mergulho, localizada no monte de baixo, uma água de nascente que sai por uma bica. Juntamente a esta Bica, encontra-se um chafariz revestido de azulejos e um tanque, que outrora, servia para a população lavar a sua roupa e dar de beber aos animais.

Esta água existente neste território tem propriedades mineromedicinais para o tratamento de anemias e doenças no fígado, com características várias, como: hipossalinas, alcalinas, sódicas, cálcicas e ferruginosas. Isto aplica-se a qualquer fonte existente nesta localidade. (Rota da água:15)

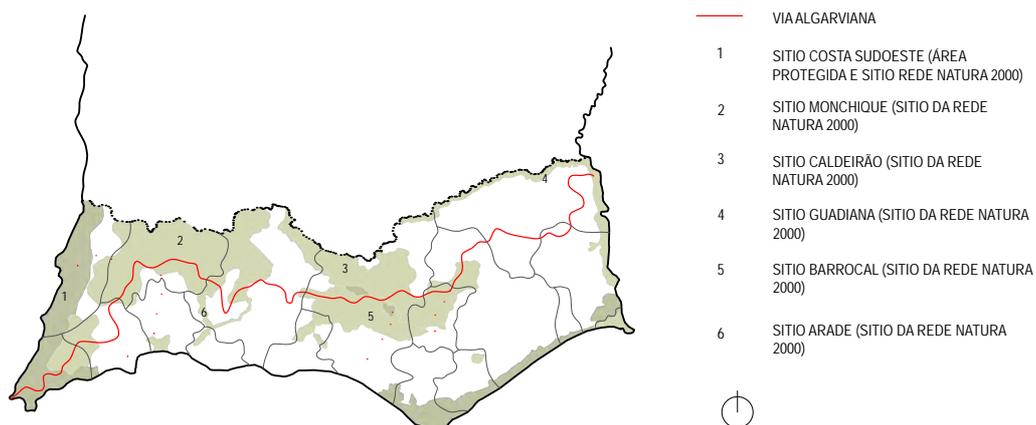


Figura 160 Esquema Percurso da Via Algarviana pelos Sítios Rede Natura 2000, executada pela autora



Figura 161 Fonte do Chafariz ou do Álamo, Barranco do Velho, por autora



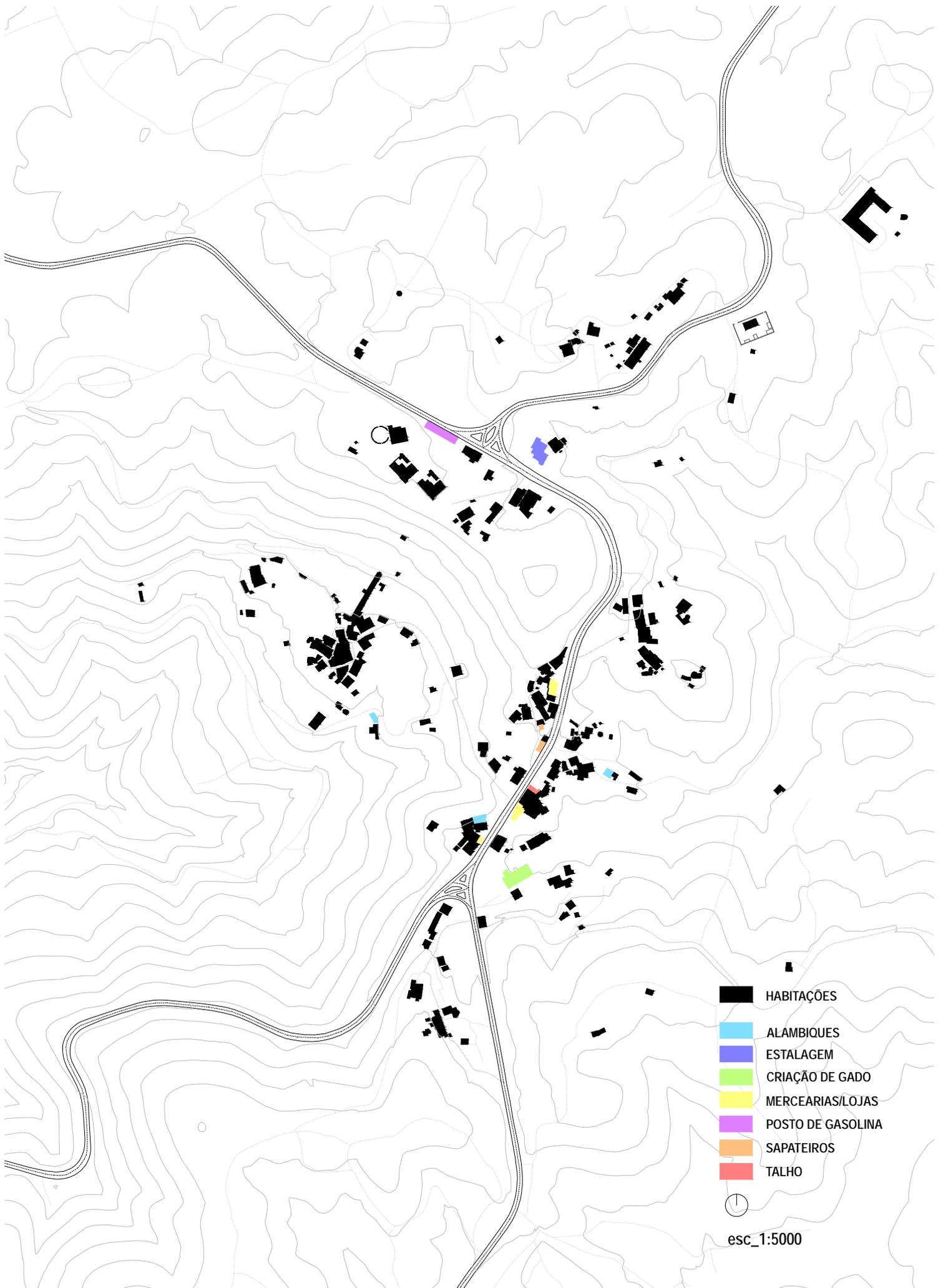
Figura 162 Fonte do Serro Alto, Barranco do Velho, por autora

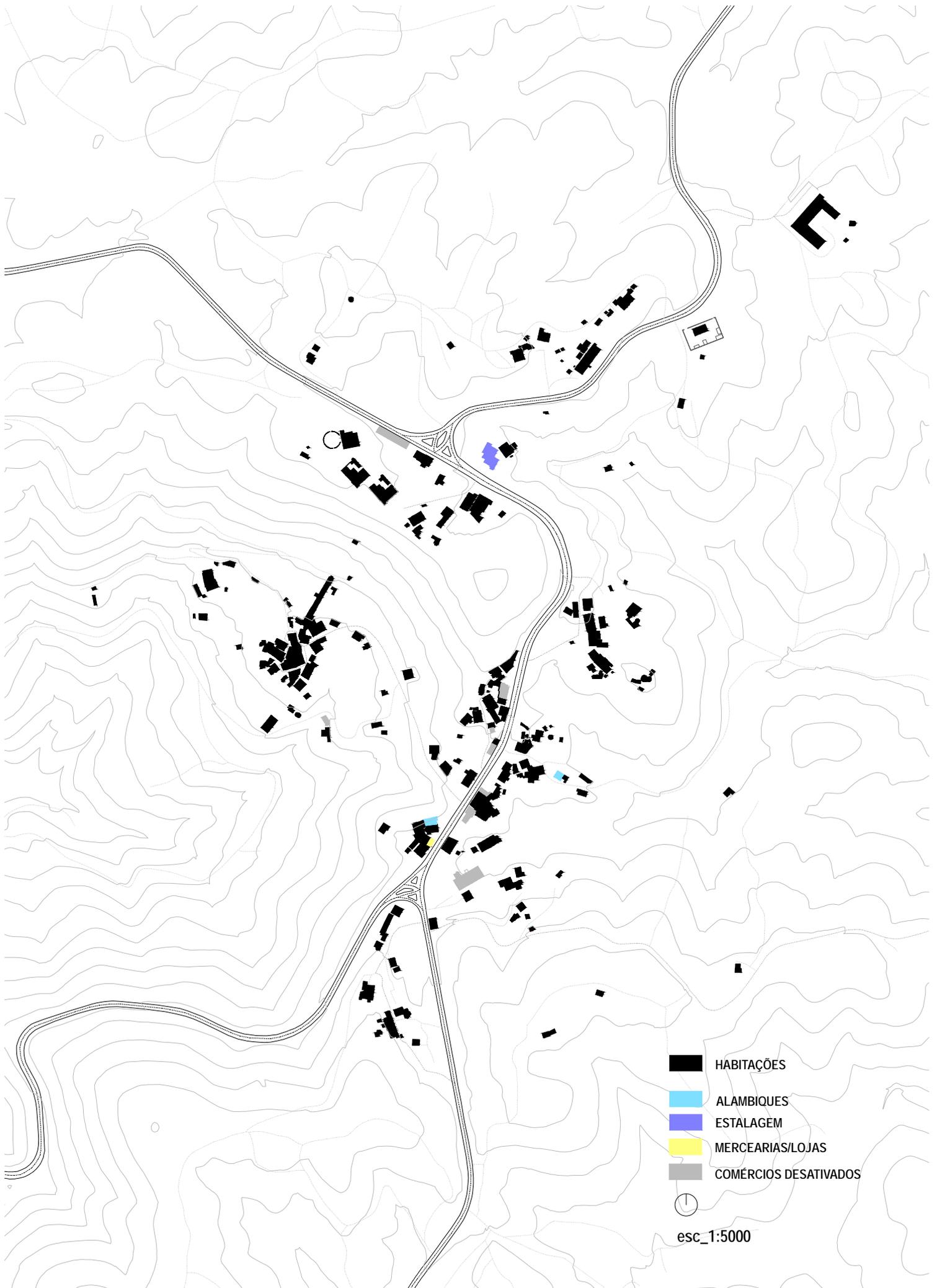


Figura 163 Fonte do Chafariz, Barranco do Velho, por autora



Figura 164 Fonte Férrea, Barranco do Velho, por autora





A FIGURA ESTANCO LOURO

Manuel Francisco do Estanco Louro, Professor, Advogado, Investigador, Etnógrafo e Linguista, nasceu no sítio de Alportel, no dia 6 de Setembro de 1890 e faleceu em Lisboa no dia 21 de Setembro de 1953.

Em 1904, Manuel termina o seu ensino primário com distinção, revelando uma grande inteligência. Assim, a sua família opta por inscrevê-lo no Seminário de Faro, onde esteve cinco anos (1905-1910), mas por falta de vocação eclesiástica decide sair, e para se poder sustentar financeiramente, começa a dar aulas particulares, matriculando-se, no mesmo período no Liceu Nacional de Faro, e concluindo o seu ensino num ano, entre 1910-1911.

É em Faro e São Brás de Alportel que o jovem Estanco Louro, vive maioritariamente, até 1912, quando se inscreve na Faculdade Letras da Universidade de Lisboa, em Filologia Românica.

Nesta fase da sua vida, conhece quatro professores³¹, que influenciaram a sua escolha na investigação, no âmbito da linguística histórica e da etnografia algarvias. No mesmo ano, escreve o seu primeiro artigo, no âmbito da sua formação académica, "Pronúncia dos ditongos no subdialeto do Sotavento Montanhoso Algarvio", publicado no Jornal São-Brasense Ecos do Sul, seguindo o método aplicado nos estudos linguísticos por José Leite Vasconcelos.

No ano de 1914, resolve matricular-se na Faculdade de Estudos Sociais e Direito e inscreve-se em cadeiras diversas relacionadas com ciências humanas, tais como, Estética e História de Arte, História Moderna e Contemporânea, História da Filosofia Medieval, Geografia de Portugal e Colónias e Literatura Espanhola e Italiana. Assim, se entende o seu desejo de estudar todas estas áreas diferentes, pois sempre se assumiu como um indivíduo de extremo interesse e curiosidade humanística, a prova disso é a sua frequência em dois cursos.

Em virtude da Batalha de La Lys³², Manuel teve que interromper os seus estudos. O Corpo Expedicionário Português³³ recruta-o como Oficial Miliciano que se dirige para região de Flandres. Felizmente sobreviveu à agonizante Batalha de La Lys, entretanto revê-se numa situação instável e resolve procurar um emprego estável. É na Escola Normal Superior que se matricula para se formar Professor Liceal. Manuel Louro fez parte de uma geração de professores que procurou encontrar uma nova metodologia de ensino, nas primeiras décadas do século XX. Publica vários estudos científicos, gramáticos e literais. Passado o período de muito trabalho, tanto de investigação como de publicação, conclui a sua Licenciatura em Direito, em 1922 e rapidamente começa a exercer a profissão. Em 1927 recebe um Diploma referente aos seus Estudos Camonianos e é também reconhecido pela sua dissertação sobre "Os Lusíadas e o Povo Português" onde refere a importância que a fala popular tem na obra de Luís de Camões.

Por fim, em 1929, é publicado "O Livro de Alportel", uma obra de carácter etnográfico, histórico, social e económico que o sujeitou a 12 anos de investigação e recolha documental. Com esta obra, foi premiado como a melhor monografia sobre uma região em Portugal. Assim, ainda no mesmo ano, Manuel decide concorrer a Doutoramento com

³¹ José Leite Vasconcelos (1858-1941) linguista, filólogo, arqueólogo e etnógrafo português; José Maria Rodrigues (1857-1942) teólogo e escritor português; José Joaquim Nunes (1859-1932) filólogo e professor universitário; David Lopes (1867-1942) professor de árabe, língua e literatura francesa e historiador, ambos professores na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

³² A Batalha de La Lys aconteceu entre 7 a 29 de Abril de 1918, na fronteira Franco-Belga, na região de Flandres. Foi uma grande ofensiva militar alemã, durante a Primeira Grande Guerra. Esta investida tinha como objetivo romper as linhas aliadas de uma vez por todas na Frente Ocidental Europeia. (wiki)

³³ O Corpo Expedicionário Português foi uma Força Militar Portuguesa enviada para França, na Primeira Guerra Mundial. Com o propósito de conseguir apoios dos seus aliados para evitar a perda dos territórios que estavam perante uma ameaça da Alemanha. (wiki)

"O Livro de Alportel". Infelizmente, após a sua apresentação e defesa, o seu exame ficou pendente. Depois dessa data decide afastar-se do meio académico, e concentrar os anos seguintes à sua obra sobre linguística e etnografia algarvias. Foi talvez nesta altura, que Estanco Louro percorre todos os sítios da serra algarvia recolhendo todas as informações que pode através das pessoas. As pessoas, são a grande fonte de informação e história que podemos recorrer, sem o testemunho delas uma investigação é muito mais incompleta. O fruto desta recolha gerou uma obra inédita constituída por cinco publicações: Subsídios para o estudo da fala popular Algarvia; Toponímia Algarvia; Linguística I: geografia linguística e dialetologia comparada; Linguística II: os factos linguísticos e Etnografia Algarvia.

De acordo, com Teresa Oliveira, *"Os valores que nortearam a sua investigação e a sua vida estão expressos na obra, de forma muito clara, desde os escritos de juventude. Revelam um espírito de grande independência intelectual, associado a uma extraordinária capacidade de horas de trabalho, de campo e gabinete, e um propósito firme no progresso do país pelo trabalho científico rigoroso."* (Oliveira, 2012:5) Posto isto, a obra de Estanco Louro permanece única, contribuindo para discussão científica e estudo da sua obra.

Manuel Francisco era também um indivíduo do campo e que permanecia ligado às suas raízes algarvias. Por isso, encontrou um sítio, perto do sítio de Alportel, a sua terra natal. Esta aldeia chamada Barranco do Velho foi o lugar que escolheu para se desligar do mundo académico, puder descansar e aproveitar a calma e quietude que a Serra do Caldeirão tem para oferecer. Assim, construiu uma casa para poder passar as suas férias, onde podia fazer todas as atividades e passatempos que gostava, tais como agricultura, caça, estar com os amigos, dar os seus passeios com a família.

" E ele era do Alportel, e, entretanto, ali o avô da Marília deu-lhe ordens para ele fazer além aquelas casas, eram muito amigos e ele vinha passar aqui as férias, passar aqui as férias todas. Passava as tardes além na minha casa, e usava uma latinha, era um decilitro, uma latinha era um decilitro. E dizia: " Ó maldito traz lá aí uma garrafinha! " Era assim de estar ali com três ou quatro amigos, não era assim de andar com muita malta. E então bebiam todos e acabavam de beber a latinha e diziam: ó maldito, manda lá vir aí a tua. E faziam ali o serão e às vezes o descanso. Ele era caçador também e ia caçar por aí. E depois semeava uma hortinha ali. Quem o visse ali ninguém dizia que ele era doutor, ou aí pela estrada, trabalhava além em pedreiro, a fazer além as casas e pronto levava essa vida aí. Tinha dois filhos, vinham para aí no Verão."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho.



Figura 165 Estanco Louro com o seu cão de caça à entrada de casa, cedido por Museu do Traje São Brás de Alportel



Figura 166 Estanco Louro (segundo da direita) e sua família, cedida pelo Museu do Traje São Brás de Alportel

A ARQUITECTURA

A arquitetura eterniza e glorifica a história de um lugar. É impossível ela não existir, é uma arte que nos desperta tantos sentimentos, tais como, curiosidade, aconchego, saudade ou prazer.

O sítio do Barranco do velho não foge à regra, lugar onde são notórias as várias correntes arquitetónicas, desde a mais primitiva e vernacular até às do estado novo e moderna.

O aglomerado urbano que aqui se apresenta contém edifícios de grande relevância arquitetónica, sendo estes os que mais se destacam. Estes edifícios foram outrora casas senhoriais de famílias com grandes posses, o que se verifica à primeira vista, pois são casas grandes e de boa qualidade, isto é, foram construídas com os melhores materiais da altura e também decoradas, no seu interior, com o melhor que havia na época. Algumas até foram projetadas e também decoradas por especialistas na matéria, vindos da capital do país. Tais como, os prédios e Igreja da Família Pereirinha, que foram projetados, segundo Marília Ramos, por um Arquiteto *"(...) de Lisboa que se chamava Alcubias e o decorador eu não sei o nome, mas sei que havia um decorador muito famoso em Lisboa. (...)"*.

Os prédios ou Chalés são organizados da seguinte forma, contém dois pisos, sendo que o piso 0 é a garagem e outras divisões como adega e despensas, é no piso superior que se desenvolve a habitação. O acesso ao piso da habitação é feito por uma escadaria que encaminha para uma varanda com uma vista fabulosa para os vales e serros da serra do caldeirão. Estas casas estão construídas com a fachada principal para poente e as duas contém um pátio interior, em que ao seu redor se encontra um forno a lenha e outros espaços de igual importância. Tudo para atender às necessidades de uma casa de família.

Para além destes imóveis que se destacam na paisagem construída de forma imponente, existem outro tipo de casas com pouco interesse arquitetónico. Estas edificações reconhecem-se devido ao seu carácter mais simples, muitas delas pertencentes a famílias com poucas posses. As fachadas são muito retas, sem qualquer decoração, algumas delas eram pequenas vendas de produtos necessários para o dia a dia, ou mesmo para quem passa-se na localidade. Assim, entende-se que à beira da estrada património era onde se encontravam estas casas pouco interessantes, pois serviam para comércio local.

As casas mais primordiais e proeminentes localizavam-se em sítios isolados e de destaque, existindo poucas dentro do aglomerado urbano.

Nos tempos de hoje, é de extrema importância valorizar e salvaguardar a arquitetura que ainda persiste à passagem do tempo, principalmente esta arquitetura que se encontra nestes pequenos aglomerados serranos onde as construções são todas tão distintas entre si, mas com uma característica em comum, todas elas são construídas com a paisagem, a paisagem natural envolvente, a natureza. Tal como descreve o arquiteto Siza Vieira no seu livro *Imaginar a Evidência*, *" A relação entre a natureza e a construção é decisiva na arquitetura. Esta relação, fonte permanente de qualquer projeto, representa para mim como que uma obsessão: sempre foi determinante no curso da história e apesar disso tende hoje a uma extinção progressiva."* (Siza Vieira, 2015:17)



Figura 167 Prédios e Igreja, Família Pereirinha, in Portugal fotografiaaerea



Figura 168 Prédios e Igreja, Família Pereirinha, in Portugal fotografiaaerea



Figura 169 Casa de Manuel Pereira, Serro Alto, cedido por Museu do Traje São Brás de Alportel



Figura 170 Casa de Manuel Pereira, Serro Alto, cedido por Museu do Traje São Brás de Alportel



Figura 171 Torre da Igreja, cedido por Michel Guerreiro



Figura 172 Mal Julgado, Barranco do Velho, cedido por Michel Guerreiro



Figura 173 Mal Julgado, Barranco do Velho, cedido por Michel Guerreiro



Figura 174 Casa das Fontes, Monte de Baixo, Barranco do Velho, in Boletim Casa das Fontes



Figura 175 Casa das Fontes, Monte de Baixo, Barranco do Velho, in Boletim Casa das Fontes



CAPÍTULO V

PROPOSTA PARA UM CENTRO INTERPRETATIVO E MUSEOGRÁFICO EM BARRANCO DO VELHO

"Je vous salue, ruines solitaires, tombeaux saints, murs silencieux! C'est vous que j'invoque; c'est à vous que j'adresse ma prière. Oui! Tandis que votre aspect repousse d'un secret effroi les regards du vulgaire, mon coeur trouve à vous contempler le charme de mille sentimens et de mille pensées. Combien d'utiles leçons, de réflexions touchantes ou fortes n'offrez – vous pas à l'esprit qui vous sail consulter!"

(VOLNEY, 1791:13-14)

As Ruínas

Ruína s.f. *acto ou efeito de ruir; resto; destroço; destruição; fig. decadência; degradação (...).*

In Costa, Almeida J., Sampaio e Melo, A., Dicionário de Língua Portuguesa, Dicionários Editora; Porto Editora; 5ª Edição.

A definição de ruína, é muito associada ao abandono, ao desprezo e ao isolamento. Contudo, provoca uma atração, que se manifesta através da vontade de preservar, conservar e recuperar o que outrora existiu. As ruínas transmitem uma sensação de mistério, porque existe sempre uma história e um passado por detrás de cada uma delas, ainda por descobrir.

No sítio do Barranco do Velho existem muitas ruínas, em vários estados de degradação, devido à desertificação associada ao despovoamento humano. A desertificação humana, não resulta só a ruína, em que em tempos foi uma infraestrutura de relativa importância, mas também o abandono de terrenos, que outrora foram cultivados e a perda de atividades económicas e de população, todas estas condicionantes podem conduzir a uma perda de identidade do lugar.

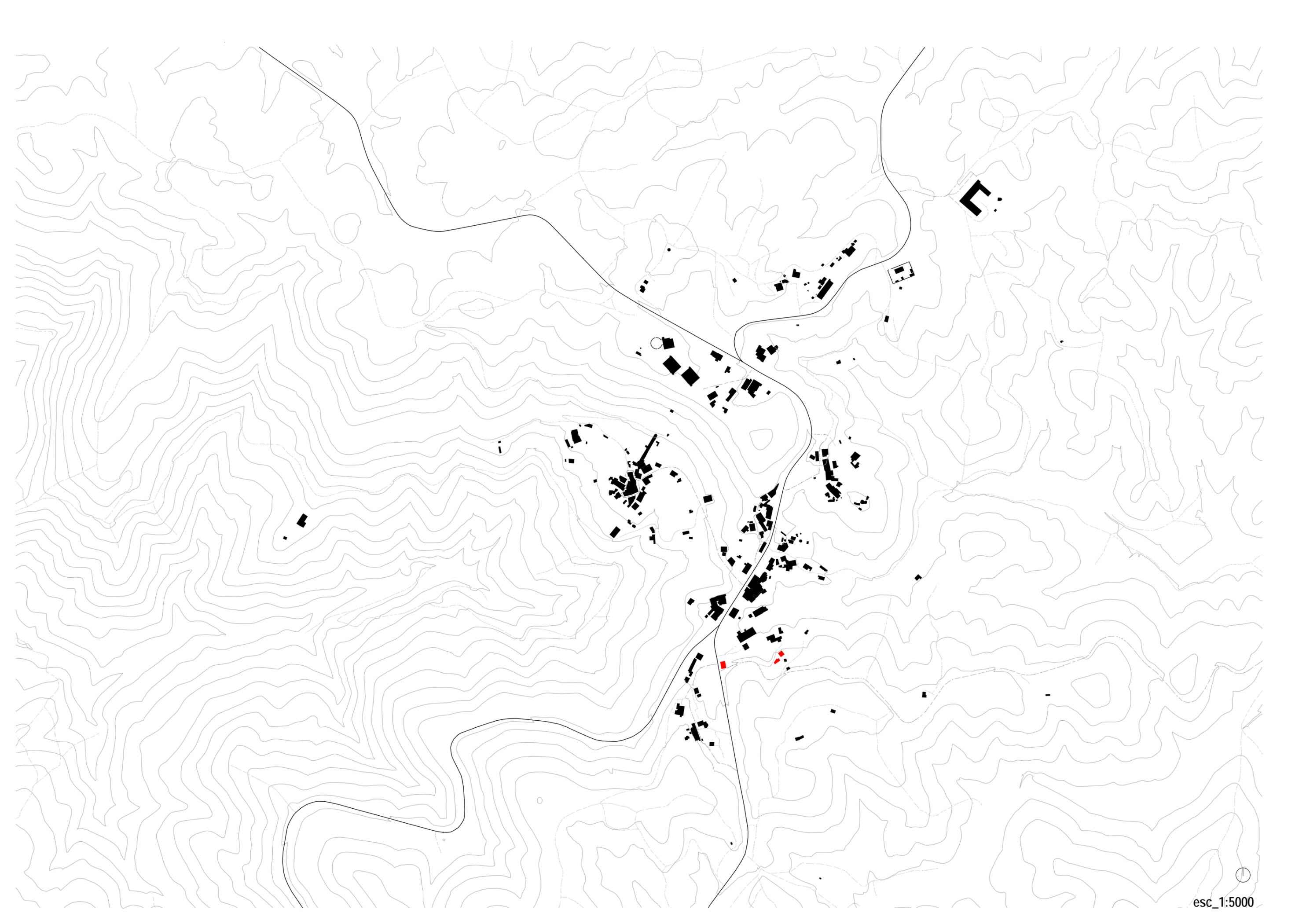
As ruínas pertencentes à área do sítio do Barranco do Velho, estão relativamente espalhadas. Na sua maioria, são antigos pocilgos, que se encontram no meio da vegetação, e que por vezes só predominam algumas paredes. Existem também muitas ruínas de antigas habitações ou comércio e também de antigas eiras.

Esta ruinaría faz parte de uma paisagem construída, mas essa paisagem está em constante degradação, num estado cada vez mais avançado. Por isso, deve-se construir nas ruínas, ou seja, aproveitando o que já existe, para que nasça algo novo nas raízes do velho, não extinguindo as suas características e essência.



RUINAS

esc_1:5000



AS RUÍNAS A INTERVIR

As Ruínas escolhidas para esta proposta arquitetónica são duas casas, onde outrora viveu o Dr. Estanco Louro, esporadicamente, durante as suas férias. E uma outra ruína, de um antigo armazém de cereais que se situa à beira da Estrada Nacional nº2. Relativamente, às casas pertencentes ao Dr. Manuel Louro, são duas ruínas, cada uma no seu estado de degradação

RUÍNA 1

" Era uma casa pequena, a cozinha, uma sala de estar, um quarto e mais nada, e uma pequena varanda, uma casa simples. Era o mais básico e ruralista possível da altura."

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

. A primeira casa, é térrea e com características simples, de uma arquitetura algarvia básica, funcional e prática, constituída por quatro compartimentos, dois quartos, uma cozinha e uma sala, era para ali que o Dr. Louro vinha para passar as férias com a sua família, para descansar da vida que tinha em Lisboa.



Figura 176 Ilustração da Ruína da Casa de férias de Estanco Louro, executado pela autora



Figura 177 Ruína 1, casa térrea, executado pela autora



Figura 178 Ruína 1, casa térrea, executado pela autora

RUÍNA 2

A segunda casa, está num estado de degradação bastante avançado, e segundo Rui Lopes os castelinhos fez o seu avô "(...) na esperança de o meu tio, o Teca, e a minha mãe irem para lá brincar, brincar com os castelinhos, na fortaleza e pronto por isso é que tem aquelas ameias, e ficou a Casa dos Castelinhos. As salas eram muito pequeninas, ao contrário do que são hoje. Portanto havia uma divisão da superfície da casa, em salas, mas numa superfície de 100 m², ali poriam nessa altura umas cinco ou seis divisões, e agora metem-se uma e meia, duas no máximo. Portanto a divisão do espaço era muito diferente, e havia por exemplo, mais tarde até nos anos 50, havia uma sala, que era a sala da costura, onde estava uma criada costureira e onde estava toda a aparelhagem para se coser ou remendar, hoje em dia, isso já não faz sentido, mas nessa altura havia."

Atualmente, a Casa dos Castelinhos, é constituída por dois pisos, no rés do chão é dividida por dois compartimentos, uma sala e cozinha. No piso superior existem três divisões, uma sala e dois quartos. Esta casa contém também uma varanda rodeada por pequenas ameias, o que caracteriza tanto esta ruína, que são as suas semelhanças a um castelo.



Figura 179 Ilustração Ruína 2, Castelinho, executado pela autora



Figura 180 Ruína 2, executado pela autora



Figura 181 Ruína 2, executado pela autora

RUÍNA 3

A terceira, ruína e única que não faz parte do terreno pertencente a Estanco Louro, é ruína, num estado de degradação muito superior às anteriores, em que só restam as paredes exteriores, percebendo-se ainda a sua forma retangular e rodeada de muros, funcionava como espaço de armazenamento de cereais, provavelmente cereais que eram tratados e cortados nas eiras.



Figura 182 Ruína 3, executado pela autora

A PROPOSTA

PERCURSO

“O Caminhar é uma prática e é entendida (...) como um modo óbvio de olhar a paisagem e forma emergente de um certo tipo de arte e de arquitetura.” (Careri, 2018:17) Este modo de caminhar é imprescindível na arquitetura. Para caminhar é necessário existir um percurso, e esse percurso é a ligação entre a arquitetura e a paisagem.

Por isso, nesta proposta arquitetónica é importante que a ligação entre os edifícios seja um percurso arquitetónico que conecte todo o programa e que ao mesmo tempo faça parte dele.

Nesta *promenade* é possível sentir o magnífico cheiro da flora autóctone, observar uma belíssima paisagem sobre a aldeia e a Serra do Caldeirão, ouvir a fauna existente. Este percurso é acompanhado e orientado por um muro existente que de forma natural conecta os três edifícios. Paralelamente a este muro, propõe-se outro, mais baixo, com aproximadamente um 1.20 metros de altura, que marca o percurso pedestre até ao Abrigo.

CENTRO INTERPRETATIVO E MUSEOGRÁFICO

Situado na antiga ruína do armazém agrícola, propõe-se a sua total requalificação e reabilitação de acordo com as características da sua arquitetura primordial, simples e prática, com um telhado de duas águas em telha tradicional, mas que apresenta uma organização interior, espaçosa e com uma luminosidade natural.

Este edifício, tem como objetivo albergar toda a investigação executada sobre a estrada património, a aldeia do Barranco do Velho e também as próprias infraestruturas a serem intervencionadas para que o exterior venha ao interior conhecer o seu património arquitetónico, natural, gastronómico e tradicional. Este espaço pode também ser utilizado de forma formativa, ou seja, podem acontecer várias ações, tais como apresentações de livros, workshops ou conferências que sejam relacionadas com o tema do Centro Interpretativo e também com o património local.

TORRE PANORÂMICA

Um espaço, que surge a meio do percurso, criado exclusivamente para uma observação paisagística de todo o ambiente envolvente. Um ponto que liga o percurso e todos os espaços arquitetónicos propostos. Um edifício composto por um átrio, localizado á cota 0 e uma galeria no piso 1 interligados por uma escada. A cobertura funciona como miradouro. Do átrio pode admirar-se o azul do céu através da abertura zenital da Torre. Este edifício é um complemento ao edifício do centro interpretativo pois contém uma galeria e podem ser expostos trabalhos artísticos de forma temporária. Os materiais a utilizar são a alvenaria dupla de tijolo, rebocado e caiado de branco.

ABRIGO

O Abrigo situa-se nas antigas casas de Dr. Estanco Louro. Propõe-se reabilitar e deixar á vista todas as suas características arquitetónicas. Uma das casas denominada “Castelinhos”, pelos locais, é constituída por dois pisos, alberga espaço para dois quartos. Tal como, o edifício dos “Castelinhos”, a Casa Térrea tem uma área interior muito reduzida, o que exigiu que se acrescentasse uma estrutura complementar paralela à fachada Nascente, da mesma.

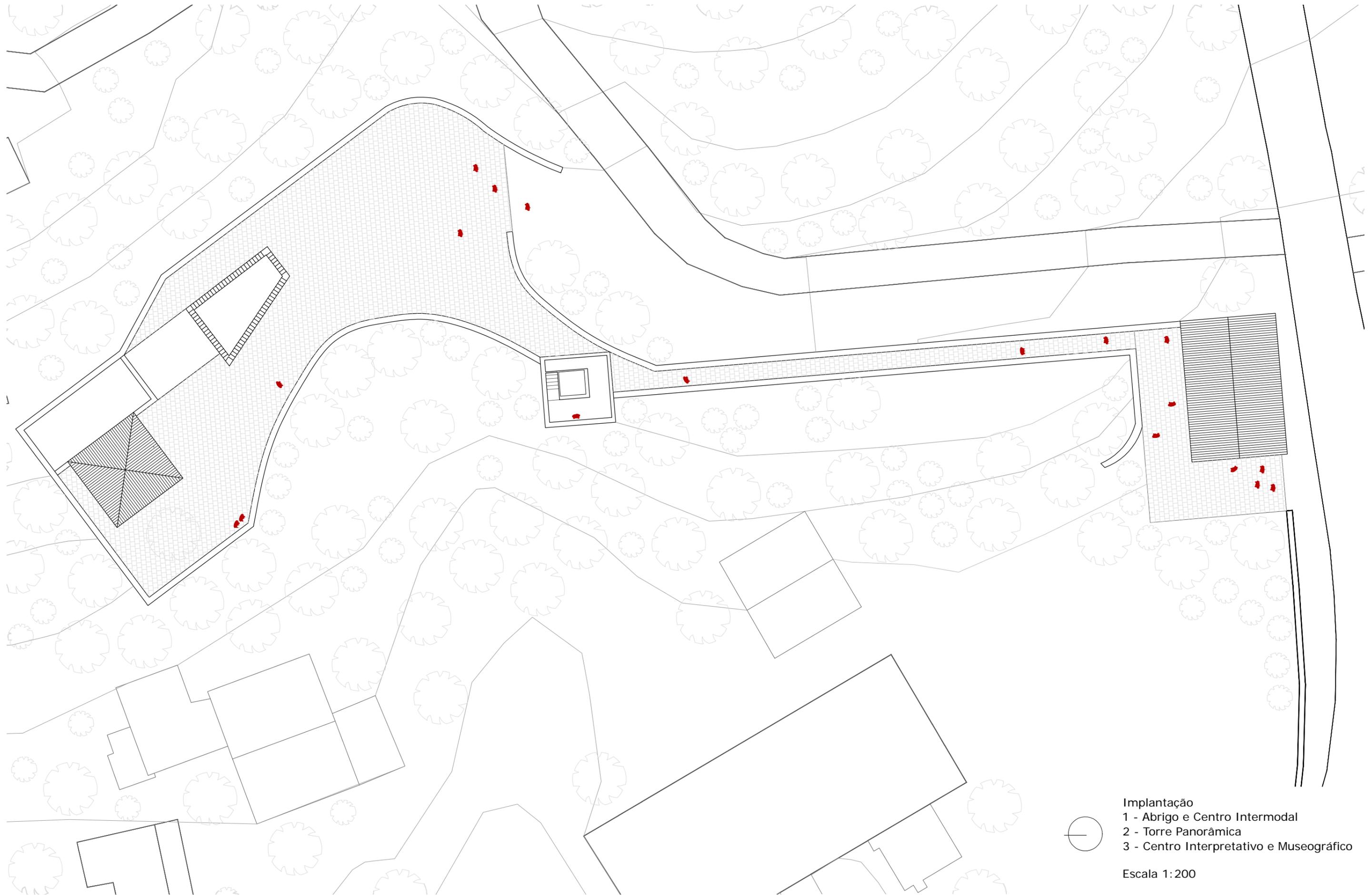
Neste corpo de apoio propõe-se a área técnica, as instalações sanitárias e um espaço de Centro Intermodal, o qual se liga através de uma Pala, ao Abrigo. A área comum com cozinha e zona de convívio, bem como, um bar/mercearia, estarão localizados no lado poente da Casa Térrea. Espaço redesenhado aproveitando os alinhamentos dos muros existentes, e aumentando o alpendre da Casa Térrea, para que possa resultar uma circulação mais ampla e clara entre todos os equipamentos propostos. É de frisar que este espaço foi concebido a pensar nos caminhantes e também nos ciclistas, podendo desta forma adquirir um sítio de pernoita para que no dia seguinte possam continuar a sua jornada.

"(...) temos a obrigação de procurar harmonizar a nossa obra com o conjunto de circunstâncias que dão o carácter especial à localidade." (LINO,2018:34)

Assim, considero que a minha proposta se preocupa em respeitar o traço arquitetónico existente, maximizando os espaços e aproveitando as instalações edificadas, por forma a lhes dar a utilização adequada, no lugar onde se encontram.

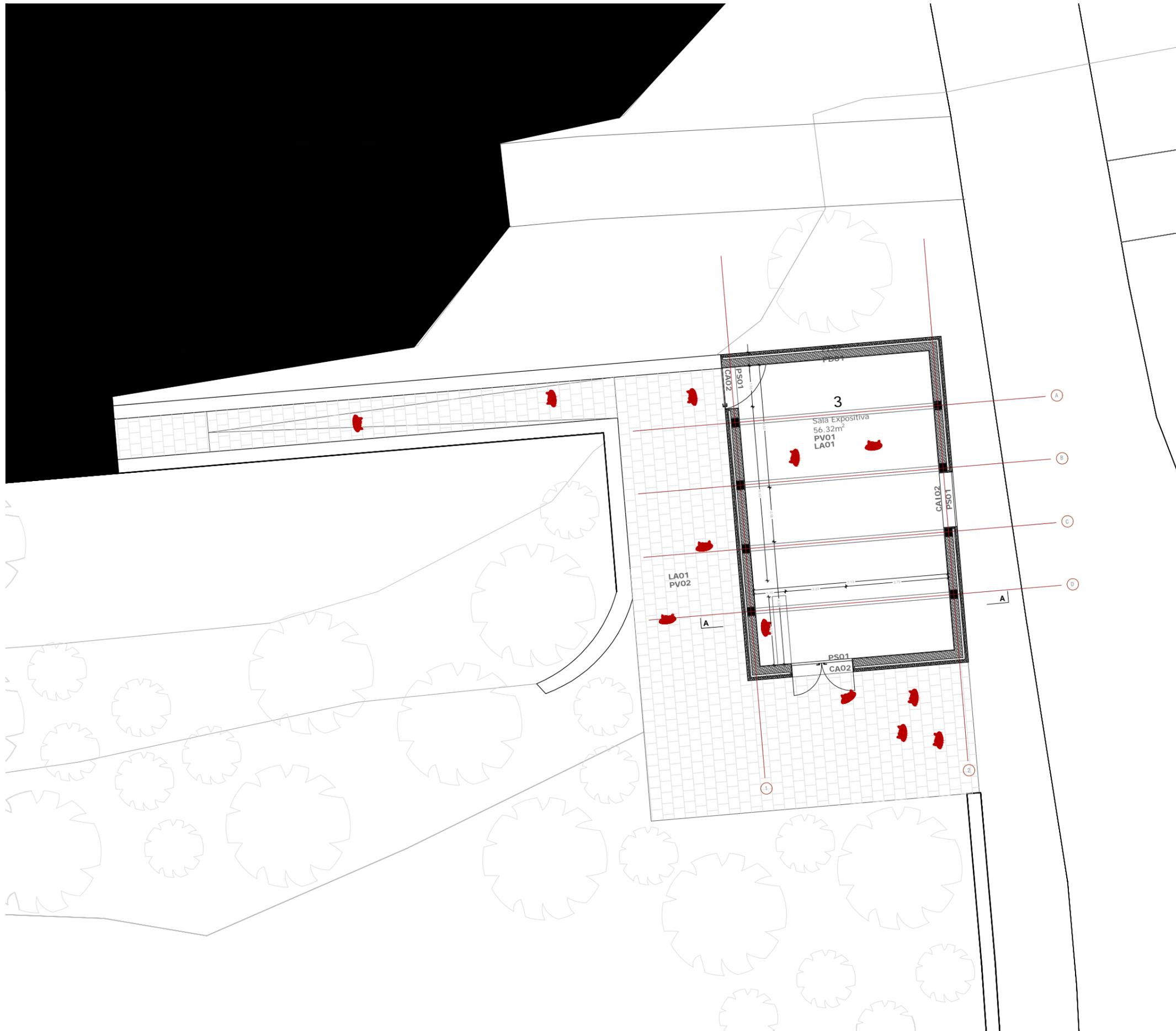
Neste sentido proponho instalar um centro de carácter interpretativo e museográfico, num antigo armazém de cereais que funciona como polo dinamizador de toda a investigação referida neste trabalho, está presente neste espaço, a história e a construção da estrada património, o enquadramento histórico, cultural e também tradicional do sítio do Barranco do Velho, bem como sua evolução urbana. Por fim, outra temática que está patente neste centro é a vida e história do dr. Estanco Louro, que perpetua a sua memória e evidencia a importância que esta figura teve para a comunidade do Barranco do Velho. Este espaço tem um percurso circular e acesso ao percurso arquitetónico entre muros que faz a ligação entre todos os outros edifícios propostos. O percurso termina numa torre panorâmica, um espaço elevado que tem como objetivo observar a paisagem natural e a aldeia. Ao passar pela torre, o percurso alarga até uma grande praça, onde se encontram as duas casas pertencentes ao programa, o abrigo e o espaço de lazer. Esta praça desenhada de acordo com o alinhamento dos muros existentes e acompanhando os declives e formas do terreno, unifica todo o projeto entre muros. O edifício do abrigo tem como finalidade o acolhimento de pedestres e ciclistas e funciona em simultâneo como um centro intermodal, onde o indivíduo pode mudar de modalidade desportiva, quando chega ao local, se assim o pretender. O edifício de lazer, tem o objetivo de dinamizar e dar a conhecer os produtos locais e da região oferecendo um espaço exterior amplo à sombra dos sobreiros.

Concluindo, esta intervenção é necessária neste lugar para que possa trazer desenvolvimento, dinamismo e evolução a esta aldeia no interior algarvio.



- Implantação
- 1 - Abrigo e Centro Intermodal
 - 2 - Torre Panorâmica
 - 3 - Centro Interpretativo e Museográfico

Escala 1:200



- Planta Terrea
 1 - Abrigo e Centro Intermodal
 2 - Torre Panorâmica
 3 - Centro Interpretativo e Museográfico
- Escala 1:100
- CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:**
- PAREDES**
- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
PE02 – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
PE03 – Parede de Alvenaria simples de tijolo
PE04 – Parede divisória de gesso cartonado
- LAJES**
- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
LA02 – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
LA03 – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
LA04 – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.
- ACABAMENTOS**
- Paredes
- PD01** – Rebocado e caiado a branco
- Tetos
- TE01** – Pintura a branco sobre estuque
- PAVIMENTOS**
- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
PV02 – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.
- PEDRAS**
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
PS02 – Bancada de cozinha em granito
- CARPINTARIAS**
- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
CA02 – Portas exteriores, de abrir em madeira
- CAIXILHARIAS**
- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
CAI02 – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
CAI03 – Janelas, do tipo fixo, em madeira

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

- PD01** – Rebocado e caiado a branco

Tetos

- TE01** – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

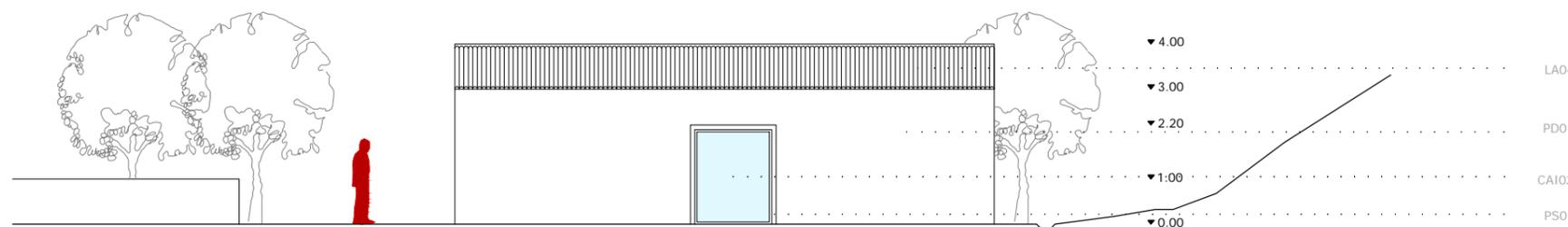
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

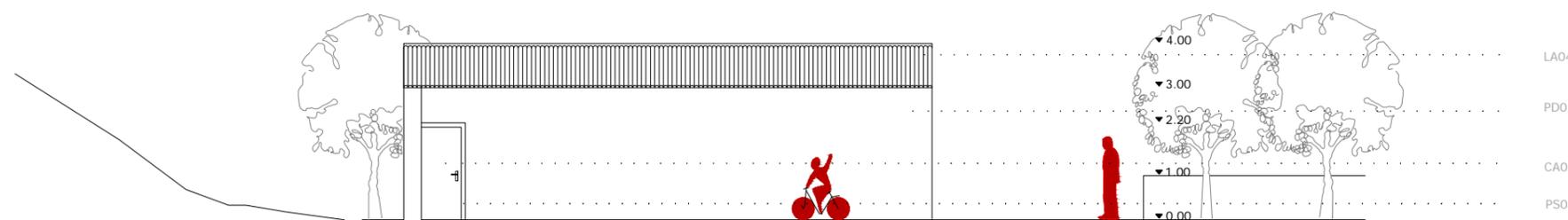
- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

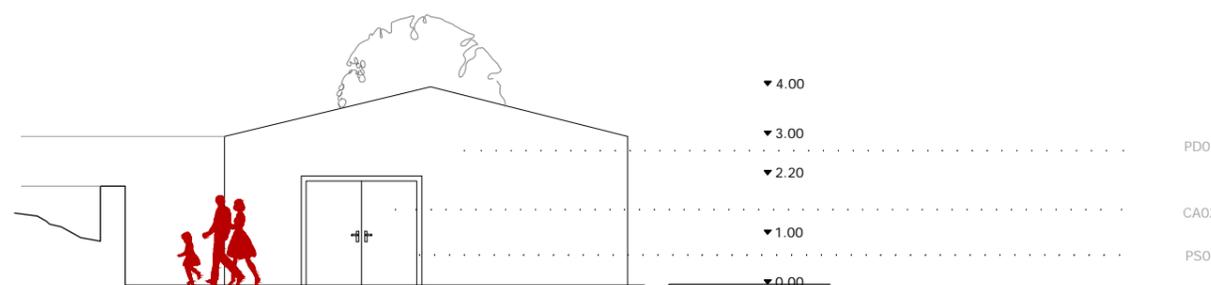
- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



ALÇADO SUL



ALÇADO NORTE



ALÇADO POENTE

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

PD01 – Rebocado e caiado a branco

Tetos

TE01 – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

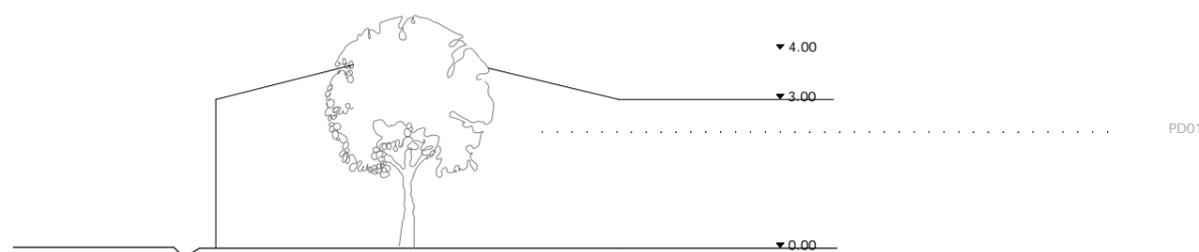
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

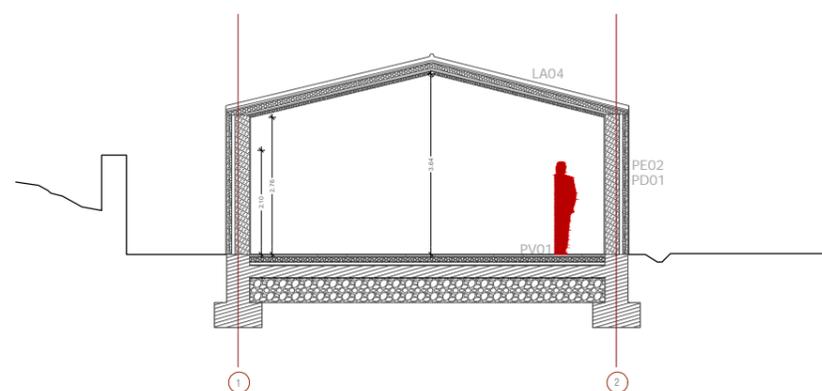
- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

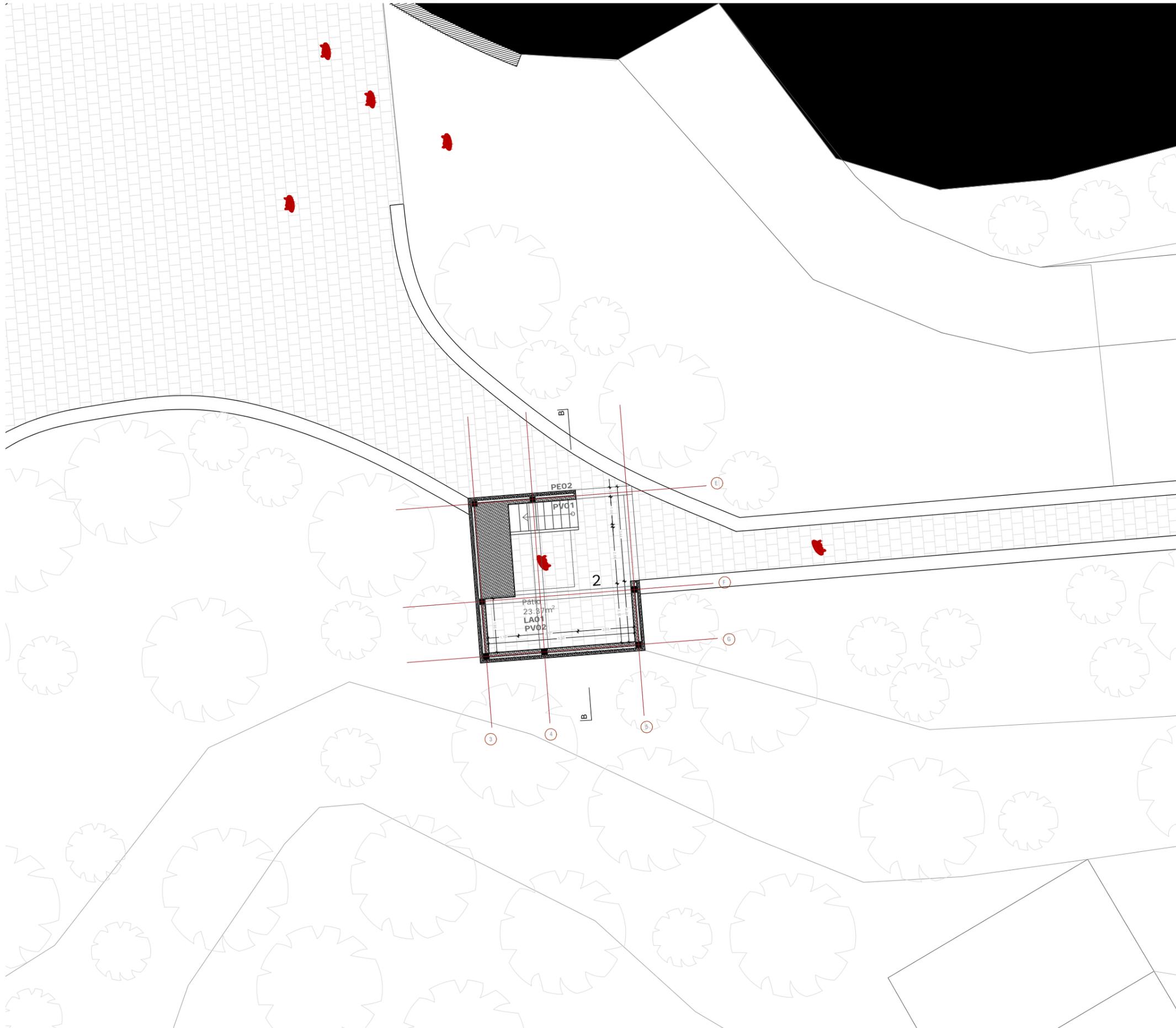
- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



ALÇADO NASCENTE



CORTE TRANSVERSAL AA



Planta Terrea
 1 - Abrigo e Centro Intermodal
 2 - Torre Panorâmica
 3 - Centro Interpretativo e Museográfico

Escala 1:100

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

- PD01** – Rebocado e caiado a branco

Tetos

- TE01** – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

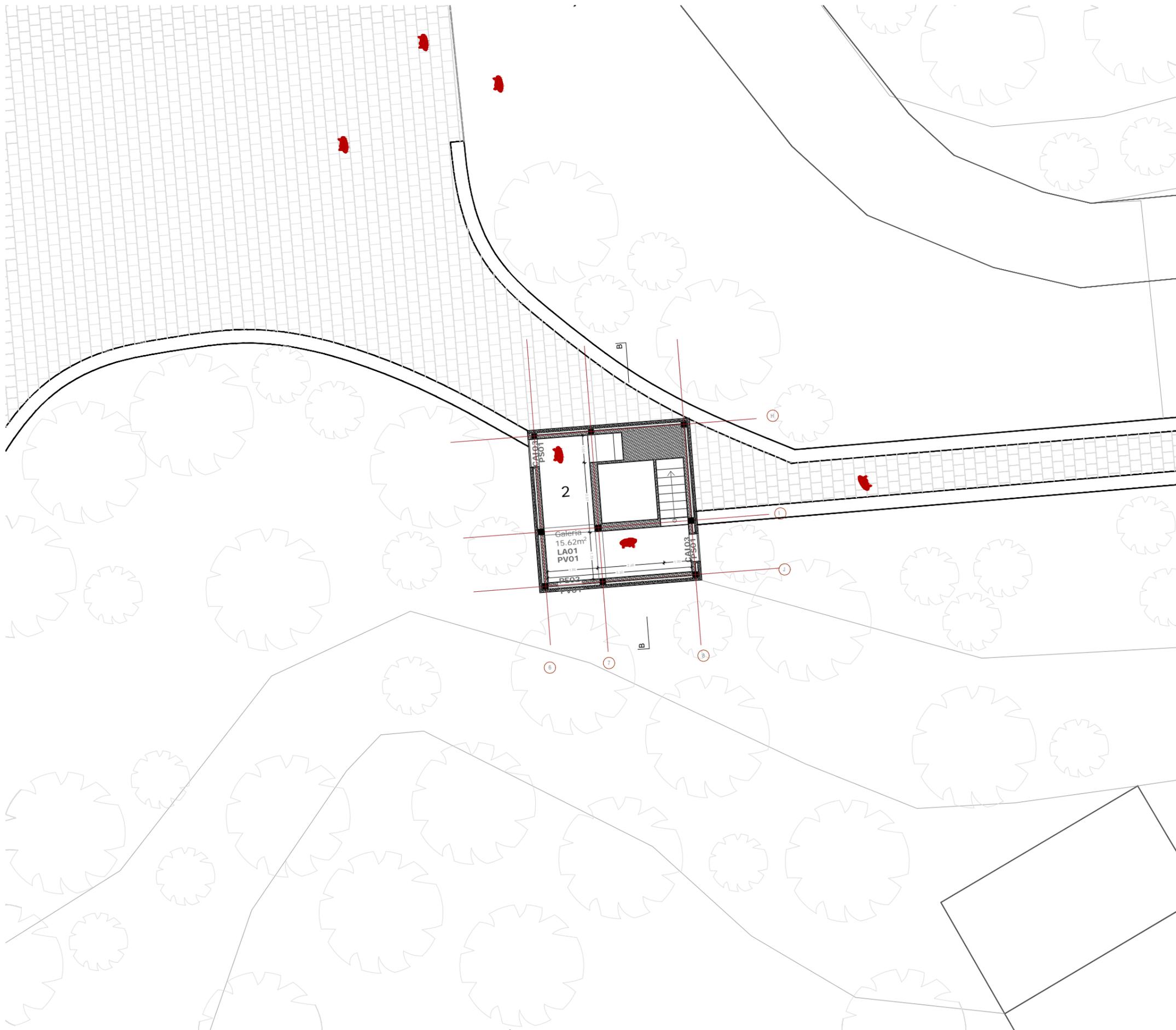
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



Planta Piso 01
 1 - Abrigo e Centro Intermodal
 2 - Torre Panorâmica
 3 - Centro Interpretativo e Museográfico

Escala 1:100

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

- PD01** – Rebocado e caiado a branco

Tetos

- TE01** – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira

Torre Panorâmica
Alçados
Escala 1:100

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lã de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

PD01 – Rebocado e caiado a branco

Tetos

TE01 – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

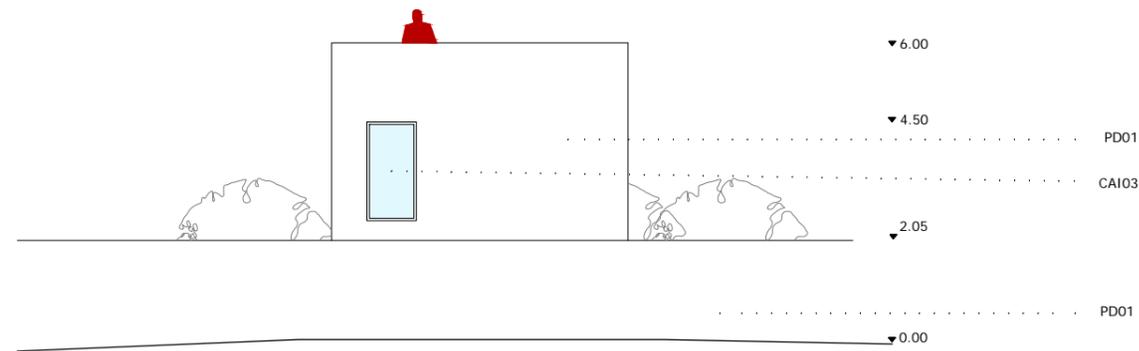
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

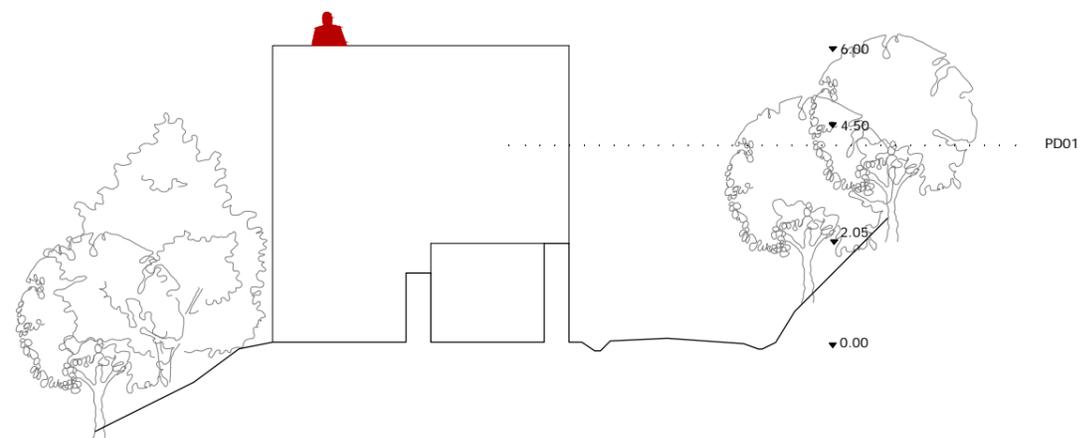
- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



ALÇADO NASCENTE



ALÇADO SUL

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

PD01 – Rebocado e caiado a branco

Tetos

TE01 – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

PV01 – Betonilha afagada sem revestimento
PV02 – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

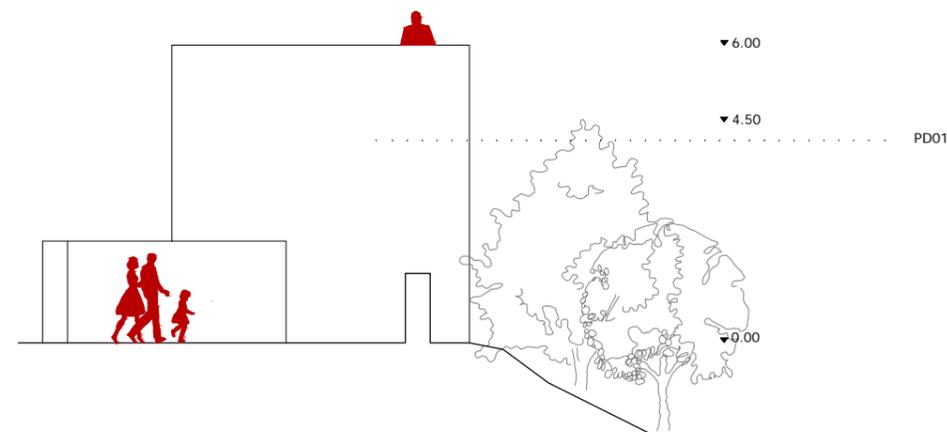
PS01 – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
PS02 – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

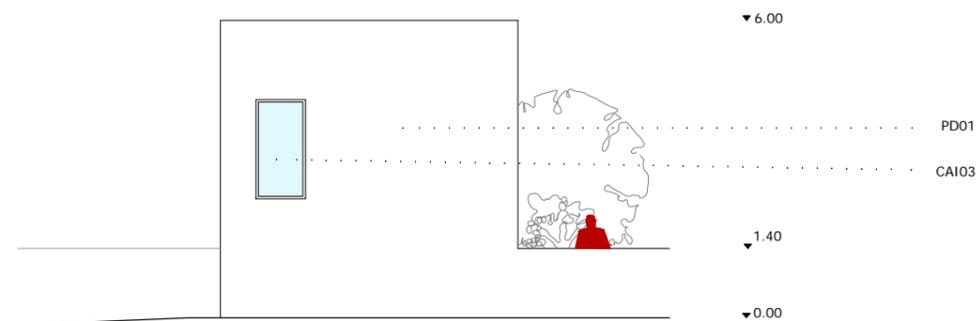
CA01 – Portas interiores, de abrir, em madeira
CA02 – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

CAI01 – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
CAI02 – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
CAI03 – Janelas, do tipo fixo, em madeira



ALÇADO NORTE



ALÇADO POENTE

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

- PD01** – Rebocado e caiado a branco

Tetos

- TE01** – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

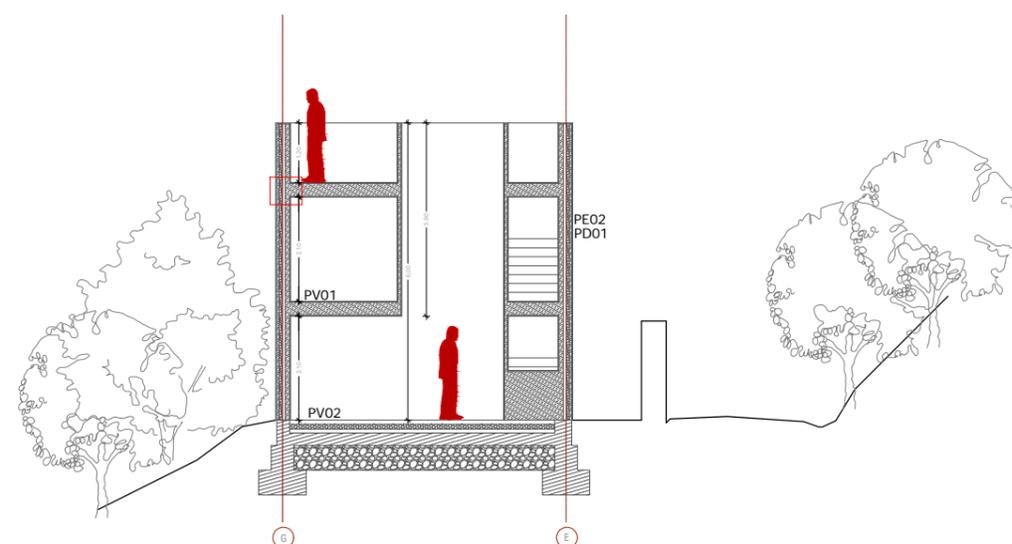
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

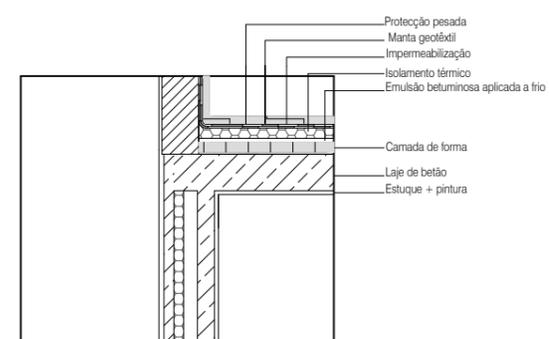
- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



CORTE TRANSVERSAL BB





Planta Terrea
 1 - Abrigo e Centro Intermodal
 2 - Torre Panorâmica
 3 - Centro Interpretativo e Museográfico

Escala 1: 100

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

- Paredes
- PD01** – Rebocado e caiado a branco
- Tetos
- TE01** – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

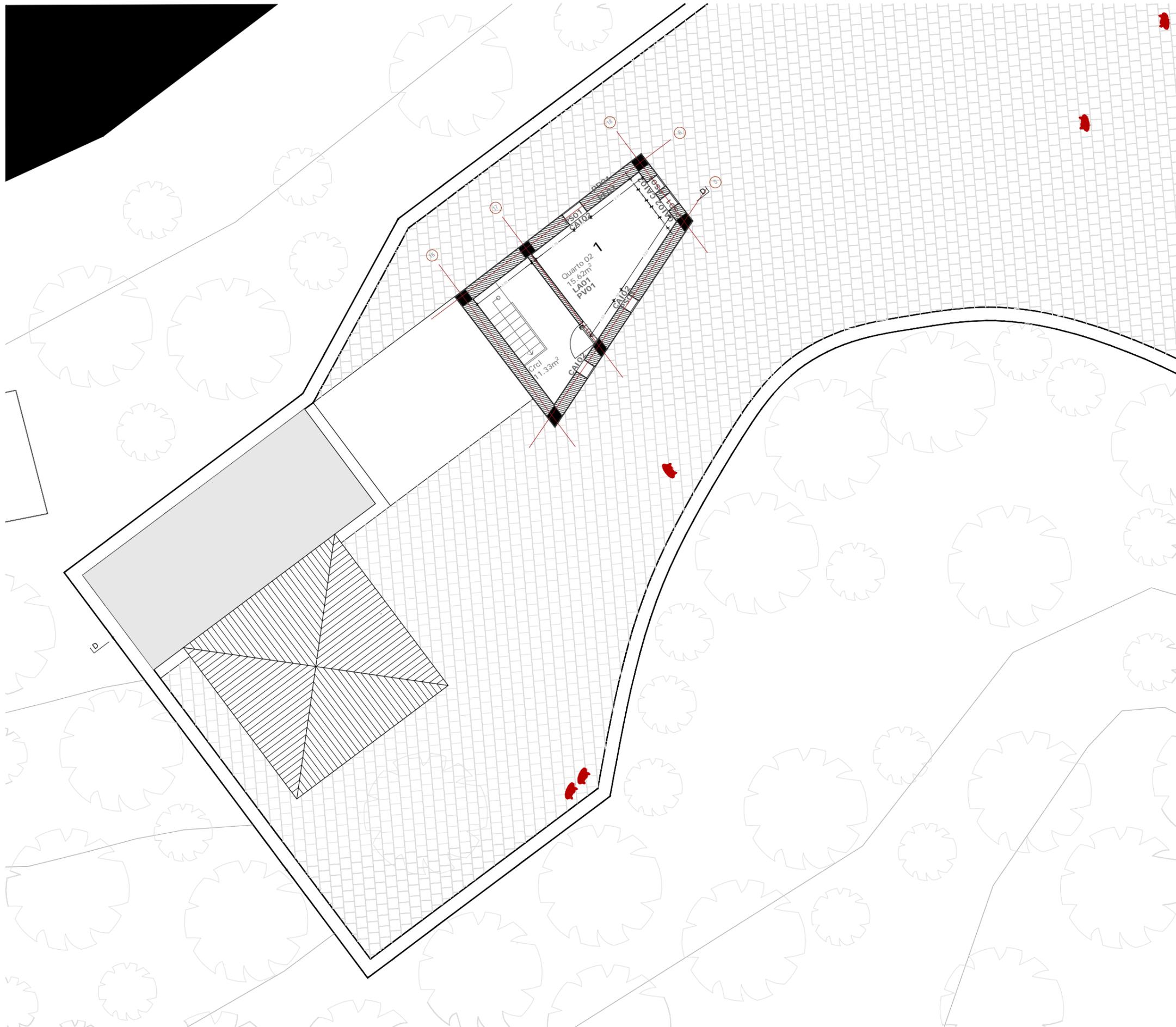
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



Planta Piso 01
 1 - Abrigo e Centro Intermodal
 2 - Torre Panorâmica
 3 - Centro Interpretativo e Museográfico

Escala 1:100

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

- PD01** – Rebocado e caiado a branco

Tetos

- TE01** – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira

Abrigo e Centro Intermodal
Alçados

Escala 1:100

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

PD01 – Rebocado e caiado a branco

Tetos

TE01 – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

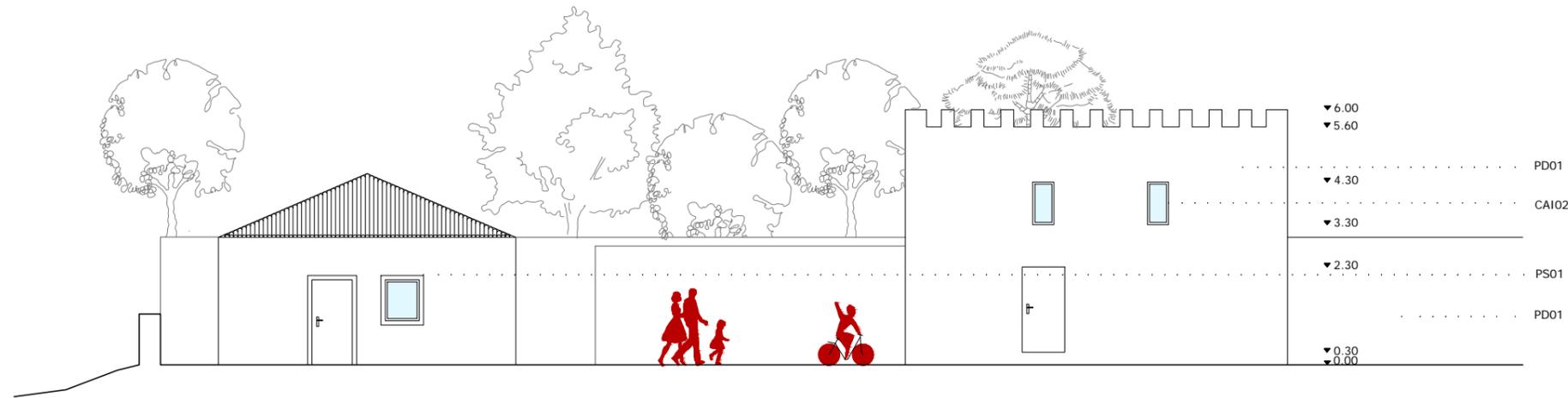
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

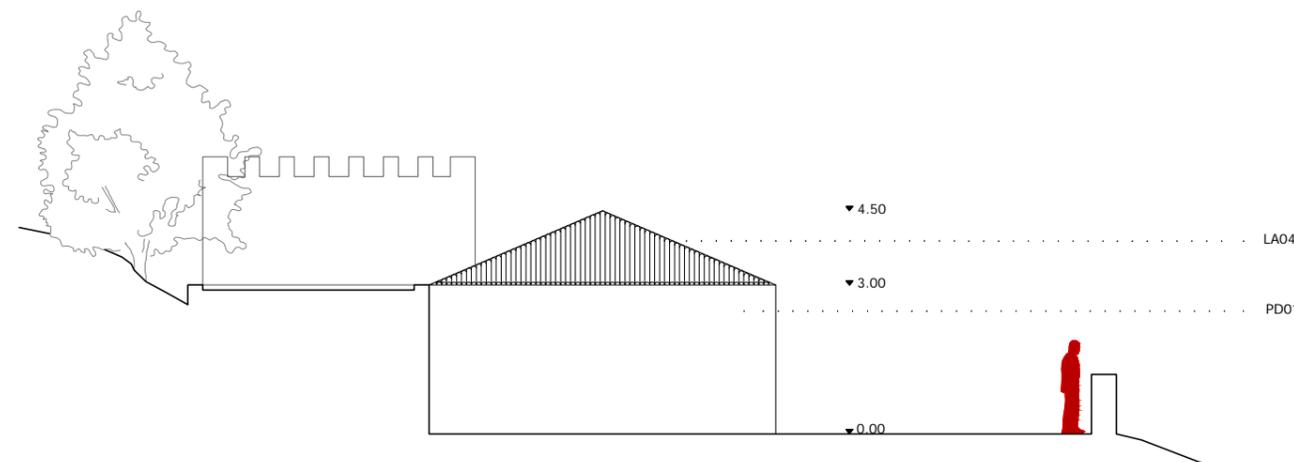
- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

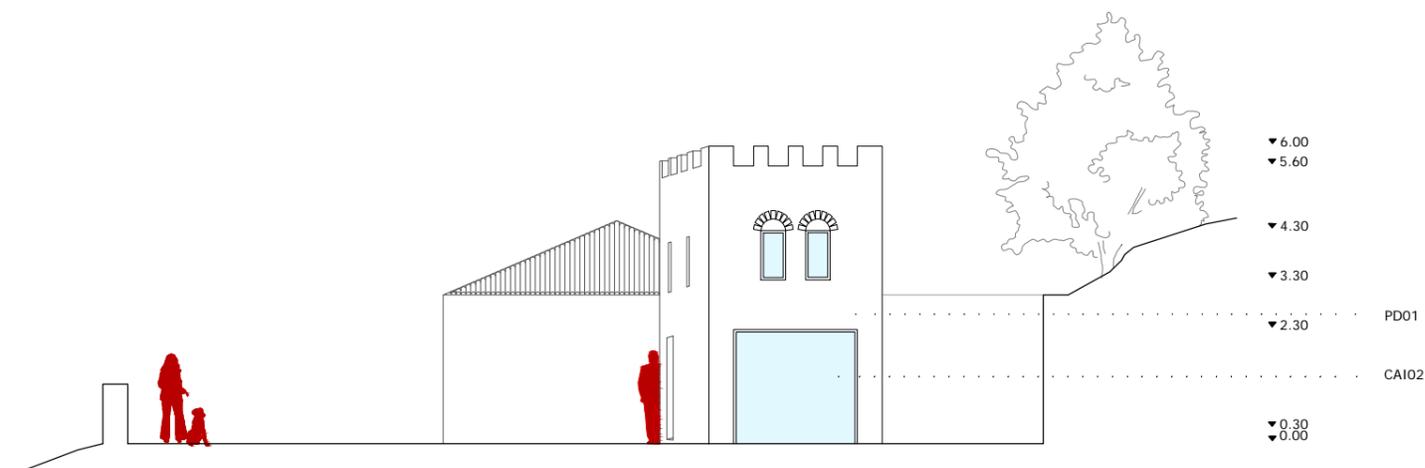
- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



ALÇADO POENTE



ALÇADO NORTE



ALÇADO SUL

CONSTITUIÇÃO DE ELEMENTOS:

PAREDES

- PE01** – Parede Existente de Alvenaria de pedra
- PE02** – Parede de alvenaria dupla de tijolo, caixa de ar e isolamento em poliestireno extrudido (XPS)
- PE03** – Parede de Alvenaria simples de tijolo
- PE04** – Parede divisória de gesso cartonado

LAJES

- LA01** – Laje de pavimento revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS) e Betão afagado
- LA02** – Laje de cobertura existente, revestida a placas de poliestireno extrudido (XPS), sobre o revestimento atual, tela de impermeabilização e betonilha de regularização
- LA03** – Laje de cobertura com camada de forma, placas de poliestireno extrudido, lâmina granular drenante, tela impermeabilizante, manta geotêxtil e terra vegetal
- LA04** – Cobertura inclinada assente em coroamento de paredes de alvenaria, estrutura de viga central e madres de madeira e composta por telha canudo, ripas de madeira, membrana impermeabilizante, placa OSB, isolamento em lâ de rocha, 2 placas de gesso cartonado com membrana mad 4 e canas.

ACABAMENTOS

Paredes

- PD01** – Rebocado e caiado a branco

Tetos

- TE01** – Pintura a branco sobre estuque

PAVIMENTOS

- PV01** – Betonilha afagada sem revestimento
- PV02** – Ladrilhos de terra cota, do tipo Santa Catarina, assentes numa camada de betonilha de regularização.

PEDRAS

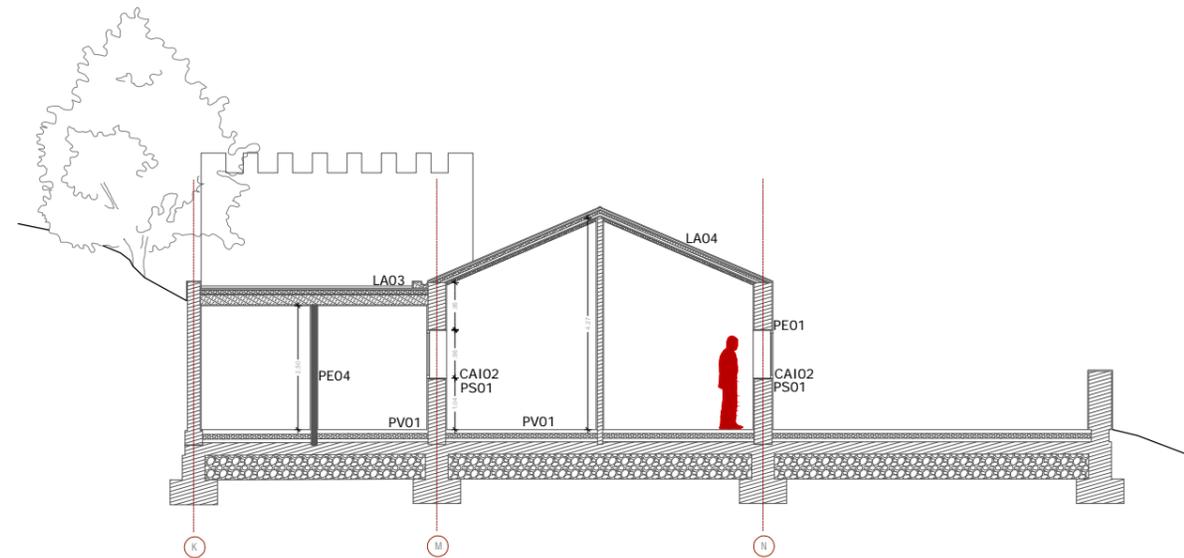
- PS01** – Cantaria de Pedra calcária (ombreiras, peitoris e soleiras)
- PS02** – Bancada de cozinha em granito

CARPINTARIAS

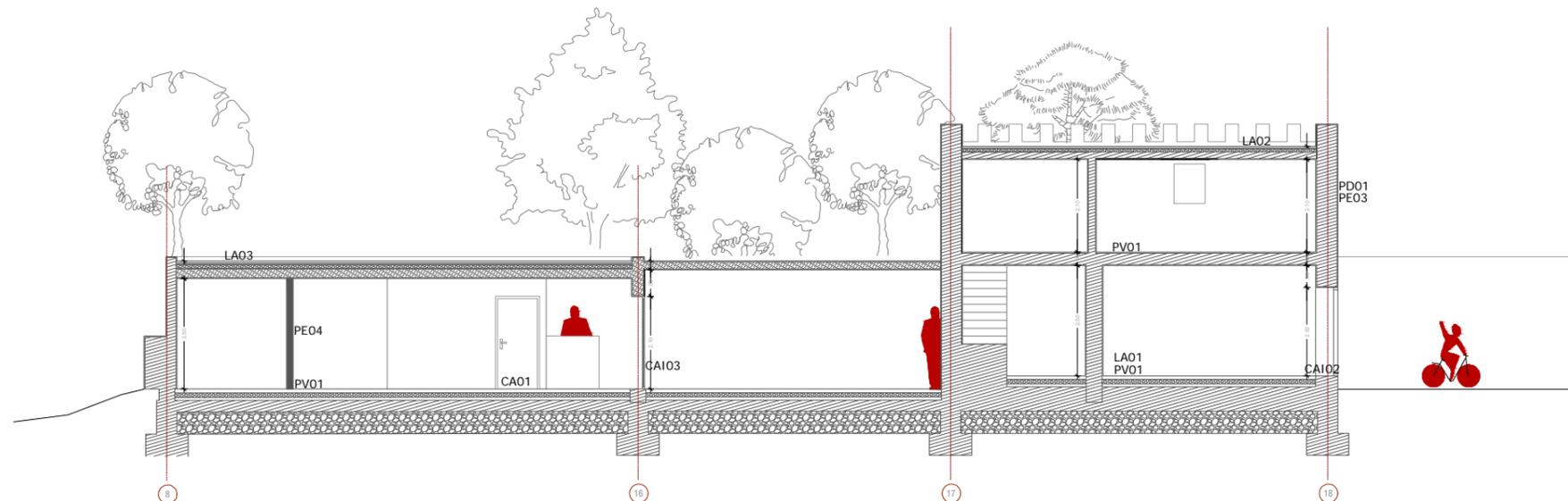
- CA01** – Portas interiores, de abrir, em madeira
- CA02** – Portas exteriores, de abrir em madeira

CAIXILHARIAS

- CAI01** – Janelas, do tipo pivotantes, em madeira
- CAI02** – Janelas, do tipo oscilo-batentes, em madeira
- CAI03** – Janelas, do tipo fixo, em madeira



CORTE TRANSVERSAL CC



CORTE LONGITUDINAL DD

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um arquiteto não pode virar as costas à “provocação” do lugar onde reside.

Foi a provocação de cariz geográfico, humano, cultural e arquitetónico, que me fez decidir atuar no troço Almodôvar - S. Brás de Alportel da Estrada Nacional Nº 2, que atravessa Portugal de Norte a Sul e que está classificado de Estrada Património, fazendo a passagem do Alentejo para o Algarve com a travessia da Serra do Caldeirão.

A investigação sobre a origem e evolução histórica da Estrada Património e das povoações a ela adjacentes desde o Neolítico, passando pela Época Romana, a Época Islâmica, a Época Medieval, a Idade Média, o Século XIX e o Século XX até ao Século XXI, foi determinante para o melhor conhecimento do território, da paisagem e do património arquitetónico, cultural e humano que ainda vamos a tempo de preservar, conservar, salvaguardar, valorizar e divulgar.

O território ao longo do troço, sulcado de vales, serras e barrocais oferece-nos uma paisagem variada de azinheiras, sobreiros, medronheiros e alfarrobeiras, uma flora exuberante, especialmente no Verão, de estevas, rosmaninhos e urzes que nos atraem pelas suas cores, beleza e perfume. A fauna dominante é o javali, o coelho e a perdiz.

A paisagem construída salpica-se ao longo do troço em zonas estratégicas quer pela abundância de água, junto a ribeiras, quer nas vertentes das serras, onde predominam os sobreiros e os medronheiros, devido ao seu valor económico. A arquitetura vernacular é um elemento estruturante entre o território e a paisagem, pois utiliza materiais e recursos existentes no lugar, e é com estes que as edificações são construídas.

Foram estas características que levaram à classificação do troço Almodôvar - S. Brás de Alportel, Estrada Património.

A escolha da localidade para apresentação da minha proposta recaiu sobre o Barranco do Velho, porque é a povoação ideal para dinamizar a própria aldeia e a Estrada Nacional Nº2. É do Barranco que divergem vários eixos para outros destinos, sendo um local de passagem por excelência.

É também a única povoação em que a grande rota pedestre que liga Sagres a Alcoutim, designada Via Algarviana, cruza com a Estrada Património e por onde passam inúmeros caminhantes de todos os cantos do mundo. É uma aldeia com história, que alguns dos seus habitantes vivenciaram e que tive a honra de entrevistar com o objetivo de trazer para o presente essas memórias.

As memórias das pessoas e das pedras, terão que ser religiosamente respeitadas, mas os desafios que o lugar nos oferece e a sua concretização, serão a melhor forma de homenagear os pioneiros e premiar os que, hoje, a toda a hora por ali passam.

Efetivamente, a convergência da estrada nacional nº 2, da estrada nacional 124, da via Algarviana, bem como dos diferentes e inúmeros circuitos pedestres, de BTT e ciclomotores, dos diferentes interesses culturais, gastronómicos e económicos são razões demasiado evidentes para serem ignoradas.

A estrada revelou a capacidade de se assumir como um elemento de ligação entre vários patrimónios. Pois não só, é um meio de circulação como também um constituinte arquitetónico da paisagem, neste caso a paisagem da Serra do Caldeirão. Um eixo que liga várias tipologias, mas principalmente a arquitetura. A arquitetura é explícita em qualquer parte deste troço, desde o desenho das suas curvas e retas, das suas infraestruturas de ótica construção, referentes ao Estado Novo, nas povoações, cada povoação tem características arquitetónicas diferentes e isso distinguem as umas das outras, nas pessoas que são arquitetura, falam de arquitetura e vivem na arquitetura, quer seja ela natural ou construída. A estrada desenvolve-se em redor da arquitetura e a arquitetura em redor da estrada. Por isso, as palavras de ordem são: preservar, conservar, salvaguardar, conhecer e divulgar todos estes patrimónios, sejam eles, orais, históricos, rodoviários, etnográficos, arquitetónicos ou culturais.

Preocupada em dar uma resposta arquitetonicamente consistente e em tudo respeitadora do lugar, das pessoas e dos interesses envolventes, numa perspectiva de futuro, fiz constar na minha proposta, razões culturais, ambientais e materiais, considerando as pessoas e a sua história, o meio ambiente circundante, mas também os materiais predominantes na região, respetivamente.

A proposta apresentada teve um duplo objetivo: a apresentação de um projeto teórico que consiste em todos os conteúdos deste trabalho e a apresentação de um projeto prático traduzido na proposta de recuperação de uma ruína em Barranco do Velho que funcionará como um Centro Interpretativo e Museográfico da Estrada Património para a comunidade e os visitantes.

Com este projeto teórico prático, conclui-se que o património, tanto arquitetónico, como histórico ou oral, fazem parte de uma identidade e de uma sociedade e é isso que o caracteriza. Sendo um registo fundamental para futuras gerações. Este projeto, é fulcral para o desenvolvimento do Barranco do Velho, porque reúne todas as condições que o lugar necessita. Proporciona um espaço de lazer, abrigo e conhecimento, três desígnios muito importantes para o sítio. Transmite diversas sensações ao visitante, o escutar, o sentir, o cheirar, o tocar, o captar, tudo isto sentimentos que este projeto proporciona.

Na presente investigação, que expõe como tema o património rodoviário, cultural e arquitetónico, da Estrada Património, Almodôvar – São Brás de Alportel, pertencente à Estrada Nacional N°2, sucederam-se várias descobertas de interesse histórico, oral e patrimonial devido aos testemunhos orais, são as memórias e lembranças das pessoas que vivenciam os acontecimentos que são importantes para uma narrativa mais completa e detalhada.

Esta Estrada Arquitetónica, de um carácter patrimonial inigualável em Portugal, tem necessidades referentes à preservação e conservação do seu património. Assim, pretendeu-se divulgar a estrada, as suas infraestruturas, a promoção do conhecimento, relativo à conservação e preservação do património cultural, conforme a sua valorização histórica, urbanística e arquitetónica, dando importância, desenvolvimento, crescimento e dinamização à aldeia do Barranco do Velho, para que nela exista uma vivência sociocultural e arquitetónica num futuro próximo.

O Barranco do Velho, um sítio, com tanta história para se contar e descobrir, um sítio onde convergem duas estradas de extrema relevância para a região, a Estrada Nacional nº 2, que atravessa Portugal de Norte a Sul, e a

Estrada Nacional Nº124, que atravessa o Algarve, desde Portimão a Alcoutim, é um lugar com uma evolução urbana próspera, desde o tempo em que só vivia “o velho no barranco”, passando pelos tempos primordiais da Estrada Nacional Nº 2, até aos dias de hoje. Essa evolução parou neste século, relativa ao despovoamento, sobretudo. Mesmo, tendo sido, uma aldeia de famílias ricas, em tempos, com tradições e lendas que tanto a caracterizam. Não teve hipótese de persistir e de conseguir voltar a esses tempos áureos de que tanto os seus habitantes mais antigos relembram, com tanto carinho. É um sítio de passagem, tal como a arquitetura e as suas tendências, logo existem evidências de várias épocas com características arquitetónicas muito distintas, desde o primitivo ao contemporâneo, passando pelo Estado Novo, até ao tradicional. Deste modo, percebe-se a necessidade de uma intervenção arquitetónica que possa trazer inclusão, desenvolvimento, evolução, união, dinamismo e arquitetura.

Sendo o presente trabalho realizado com o objetivo da investigação se transformar numa proposta arquitetónica, sendo o seu núcleo o Barranco do Velho, constata-se que é possível, pelo sítio reunir todos os critérios e condições para que a proposta se desenvolva em torno das três ruínas mencionadas no Capítulo V. Com este projeto teórico prático, conclui-se que o património, tanto arquitetónico, como histórico ou oral, fazem parte de uma identidade e de uma sociedade e é isso que o caracteriza. Sendo um registo fundamental para futuras gerações. Este projeto, é fulcral para o desenvolvimento do Barranco do Velho, porque reúne todas as condições que o lugar necessita. Proporciona um espaço de lazer, abrigo e conhecimento, três desígnios muito importantes para o sítio. Transmite diversas sensações ao visitante, o escutar, o sentir, o cheirar, o tocar, o captar, tudo isto sentimentos que este projeto proporciona.

Em suma, tudo o que é abandonado, arruína-se e degrada-se, por este motivo, é essencial haver um desenvolvimento sustentável que provoque uma intervenção, seja ela, arquitetónica, turística, humana, industrial, cultural ou artesanal, desde que permita, que as pessoas deste território tenham mais qualidade de vida, preservando o património arquitetónico e o seu envolvente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Armando de, *Digressão Turística à volta da Pousada de São Brás*.
- ALONZO, Éric, (2018), *L'Architecture de la voie, Histoire et Théories*, edições Parentheses, Outubro.
- AMARO BASTOS, Sérgio, (2018), *Estrada Nacional 2: Sobre Rodas*, Edições Vieira da Silva, Lisboa.
- ANDRADE, Amélia Aguiar, (2003), *Estradas Património, EN2, Almodôvar – São Brás de Alportel, Da Planície Alentejana ao Barrocal Algarvio*, IEP- Instituto das Estradas de Portugal, Almada.
- AVELINO, José, (1992), *Ameixial – Breve Caracterização*, Junta de Freguesia do Ameixial, associação "IN LOCO".
- BELO, Duarte, (2005), *Território em espera*, Algarve Interior, Editora Assírio & Alvim, Outubro.
- BERNARDES, João Pedro; Oliveira, Luís Filipe (com Colaboração de Paulo Pires), (2002), *A " Calçadinha "de São Brás de Alportel e a Antiga Rede Viária do Algarve Central*, São Brás de Alportel, Câmara Municipal de São Brás de Alportel.
- CARERI, Francesco, (2014), *Walkscapes: O caminhar como prática Estética*, editor: Gustavo Gili, Janeiro.
- CAVACO, Carminda, (1976), *O Algarve Oriental, As Vilas, o Campo e o Mar*, Gabinete do planeamento da região do Algarve, Volume 1, Faro.
- CHOAY, Françoise, (2001), *Alegoria do Património*, Edições 70.
- COSTA, Almeida J., Sampaio e Melo, A., (1479), *Dicionário de Língua Portuguesa*, Dicionários Editora; Porto Editora, 5ª edição.
- COSTA, Francisco Dias Da,(1996), *Floridas na Pedra, A Hidrografia do Vascão e a Serra do Caldeirão ou Mu, O Homem e o Meio*, Edição INLOCO, Outubro.
- COSTA, Miguel Reimão, (2014), *Casas e Montes da Serra entre as Estremas do Alentejo e do Algarve, Forma, processo e escala no estudo da arquitetura vernacular*, Edições Afrontamento, Outubro.
- CUNHA DUARTE, Afonso da, (2008), *Terras de Alportel, Volume II, São Brás de Alportel – Memórias*.
- D'ABREU, Alexandre Cancela, Correia, Teresa Pinto, Oliveira, Rosário, (2004), *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental, Volume V, Coleção Estudos 10, Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano*, Junho.

DA SILVA, Luís Fraga, (2002), A Região de São Brás de Alportel na Antiguidade, Ensaio de Geografia Histórica, Campo Arqueológico de Tavira, Tavira, 1ª Edição.

DE FREITAS, Eduardo, Ferreira, Vítor Matias, (1999), A Serra do Caldeirão, Roteiro Sócio-Cultural, Edição In Loco, 1ª Edição, Faro.

ESCUADERO, Lorenzo de La Plaza, Dicionário Visual de Arquitectura, Quimera Editores.

FERNANDES, José Manuel; Janeiro, Ana; (2006); Arquitectura no Algarve, Dos primórdios à atualidade, uma leitura de síntese, CCDR, Algarve, Edições Afrontamento.

FERNANDES, José Manuel; Janeiro, Ana, (2005), Arquitectura no Algarve, dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese, Edição: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, Dezembro.

FERNANDES, José Manuel; Janeiro, Ana, (2008), A Casa Popular do Algarve, espaço rural e urbano, evolução e actualidade, Edição: Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional do Algarve, Agosto.

GONÇALVES, António J., (2000), Monografia da Vila de Almodôvar, Almodôvar, Associação Cultural e Desportiva da Juventude Almodovarense.

GUERREIRO, Manuel Viegas, (1991), Uma Excursão à Serra do Algarve, 2ª Edição, Câmara Municipal de Loulé, Abril.

GUIA DE DESTINOS, (2018), Foge Comigo!, Portugal de Norte a Sul pela mítica Estrada Nacional 2, Fevereiro.

LINO, Raul, (1998), Casas Portuguesas: Alguns apontamentos sobre o arquitetar das casas simples, edições Cotovia, Abril.

LINO, Raul, (2018), A nossa Casa: Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples, editora Colares.

LOPES, Flávio, (2013), Zonas de Proteção ao Património Arquitetónico – Para que servem, Caleidoscópio - Edição e Artes Gráficas, Maio de 2013.

LOURO, Estanco, (1996), O Livro de Alportel, Monografia, Câmara Municipal de São Brás de Alportel, 3ª Edição.

MAIA MARQUES, Maria da Graça, (1999), O Algarve: Da Antiguidade aos nossos dias, Edições Colibri.

MALRAUX, André, (2018), O Museu Imaginário, Edição: Reimpressão 2023.

MANTAS, Vasco Gil, (1997), Noventa Séculos entre a Serra e o Mar, I.P.P.A.R., Lisboa.

Joaquim Romero; D'Encarnação, José; Vargas Girón, José Manuel; Jorge, Lúcia; Oliveira, Luís Filipe; Duarte, Luís Miguel; Bustamante, Macarena; Lopes de Barros, Maria Filomena; Merchán Garcia, Maria José; Metelo de Seixas, Miguel; Delgado, Noé Conejo; Mateus, Octávio; Barros, Pedro; de Almeida, Rui Roberto; Branco, Rute; Melro, Samuel; Estrela, Susana; Gomez Martínéz, Susana; S. Gonçalves, Vítor, (2017), Loulé, Territórios, Memórias, Identidades, Imprensa Nacional/ Casa da moeda, Dezembro.

STANISLAWSKI, Dan, (1963), Portugal's other Kingdom, The Algarve, University of Texas Press, Austin.

TAHIRI, Alberto; Corvo, Alberto; Cavaco, Carminda; Marado, Catarina Almeida; Caldas, João Vieira; Queiroz, Jorge; Moreno, Luís; Costa, Miguel Reimão; Manteigas, Rita; Jerónimo, Rui Moura, (2010) Cidade e Mundos Rurais – Tavira e as Sociedades Agrárias, Câmara Municipal de Tavira.

VIEIRA, Álvaro Siza, (2012), Imaginar a Evidência, Edições 70, Fevereiro.

VILAS E ALDEIAS DO ALGARVE RURAL, (2003), Edição: Globalgarve / Alcance / In Loco / Vicentina, 2ª edição, Maio.

VOLNEY, Constantin François - Les Ruines, ou méditations sur les révolutions des empires, 1791. Tradução BROWN, Edwards - The Ruins.

ANEXOS

O REAVIVAR DA MEMÓRIA

A importância da memória tem como recurso a recolha de testemunhos orais. Captando as histórias antigas, os acontecimentos, a evolução e desenvolvimento dos locais, da arquitetura, da cultura, da etnografia, entre outros.

Ao cruzar histórias orais, pode-se reconstituir a história, por isso não me restringi só aos documentos escritos, pois se o objetivo é atingir uma determinada profundidade na investigação, tem que se falar com as pessoas. São as pessoas que habitam nos locais que vivenciam os acontecimentos e que têm o conhecimento descritivo mais detalhado. As pessoas que guardam as memórias de uma Serra do Caldeirão, cheia de vida e que sem os seus contributos era impensável realizar uma investigação mais completa.

MANUEL JOAQUIM CAVACO

HENRIQUE MENDONÇA

Marília Ramos

Raquel Santos

Adérito Cavaco

Maria Lopes

Manuel Catarina Cavaco

Vitor Gonçalves

Manuel Guerreiro

Vitalina Martins

Maria Conceição

Raquel Santos

Serafina Guerreiro

Rui Lopes

À CONVERSA COM MANUEL, MARILIA E MARIA NATURAIS DE BARRANCO DO VELHO

Sabe a origem do nome desta terra? Quais foram as primeiras casas? Havia muita população?

"Onde surgiu a primeira pedra, a primeira semente era no Judeu, por isso é que ficou Barranco do Velho porque lá estava o velho, no barranco, e assim ficou chamado o Barranco do Velho. E aí começou a ir aparecendo a ir aparecendo, e no nosso tempo, isto á 85 anos, já isto estava formado como está agora com muita família."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

Os seus pais transmitiram-lhe algumas histórias sobre o Barranco do Velho? A estrada já estava alcatroada? Era da mesma largura? Já havia turistas? As populações vizinhas vinham ao Barranco do Velho fazer negócios? Que meios de transporte utilizavam?

"O meu avô era de Cachopo, era o Ti Antoino de Cachopo o outro era do Javali, é assim essa parte mais antiga mais antiga não sei, eu quando conheci já era o senhor António Viegas essa família já estava formada, há 100 anos. Quando o Senhor Louro andava aí fazendo perguntas por causa do livro batalhou muito para saber a origem das coisas. Porque é que puseram o nome do Javali, e nesse tempo não havia aqui javalis e ele já dizia que era, que estavam ali, e que tinham matado um e ficou o nome."



Não, eu lembro me dessa estrada de Lisboa era alcatroada, mas mais estreita e mal alcatroada e nesse tempo não havia a estrada de Salir nem de Loulé isso foi feito no meu tempo, e a de Cachopo também foi feita na minha altura, era um caminhito."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

Já havia eletricidade? Se não, quando chegou?

" Ah isso foi no outro dia, há 40 anos, havia candeeiros a petróleo da Câmara, a Câmara dava os candeeiros. Eu tenho ouvido falar numa história muito em detalhe, mas a minha cabeça não me dá, muito antiga, mas não sei se consigo. Sei que apareceu um pretinho no Barranco do Velho e que casou nas Cortiçadas e esse pretinho foi num burro a Cachopo com uma arca onde levava libras, mas não sei não estou a associar isso. Era das Cortiçadas e casou no Barranco do Velho e foi num burro para Cachopo e depois quando voltou foi no comboio com um alforge cheio de dinheiro fazer uma escritura a Lisboa e chegou ao notário, e o notário estava à espera de um senhor, chega um pelintra ali, e o senhor diz sou eu, e ele não acredito, e mostra o alforge cheio de dinheiro (...) foi dai que nasceu a Família Pereirinha, a família dos ramos, havia só três famílias no Barranco do Velho, os Pereirinhas e o Judeu, mas eles eram todos malandros e venderam as fazendas."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

A conservação da estrada era importante?

"Nesse tempo quando isto foi feito eu era gaiato pequeno tinha para aí uns 6 ou 8 anos, e nesse tempo vinham carros de besta que carregavam a terra, porque estava aqui uma trincheira e levavam para além ... de Boliqeime. Neste tempo não havia transportes, e era muita gente aí a trabalhar, uns ficavam ali no palheiro outros tanto lá em cima na Estalagem, e dividiam se por aí assim, e era assim que iam vivendo, uns matavam porco em casa e traziam um bocado de chouriço, um bocado de presunto e foi-se fazendo, assim a estrada. Mais tarde quando foi aqui esta de Salir, já ali arranjaram aquelas ... chamavam-lhe a gente uma "gaveluna", os gaiatos, a gente brincava com aquilo, tinha dois carris. E quando cortaram a barreira além de cima, puseram uma coisa daquelas, e o que carregava aquilo era umas bestas, eram carradas e era com aquilo que faziam a estrada e com os tais carros de besta e foi assim que se fez a estrada. "

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

As casas já estavam localizadas ao longo da estrada ou surgiram mais tarde? Que tipo de comércio existia?

"Nesta altura já existiam as casas todas aqui ao pé da estrada, negócios e havia duas vendas vendia-se petróleo e coisas assim ... 1910 já existiam casas ao pé da estrada, pequena e estreita, mas já existia ...

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

“E quando morriam iam num esquife para Salir á mão, e não tinham caixão, iam enrolados num lençol ... Eu só conheci um ... lembro me desse homem, e nesse tempo para ir levar esse defunto para Salir ia se por ai abaixo por estas ladeiras, não havia estrada nenhuma ... O esquife era assim uma coisa como dois paus e uma espécie de um caixote em cima, punham a pessoa enrolada, nos paus e lá ia uma pessoa á frente e outro atrás, do género de um andor. ”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

Comércio/negócios porque desapareceram? Quais as tradições que persistem na região?

“Quantas vendas haviam? Umas duas, havia a minha e a do Ti Pereira (...) só os homens é que iam às vendas as mulheres não podiam (...) só mais tarde é que se instalou mais comércios (...) mas nessa altura só havia aqui a gente que tinha umas coisitas a vender, e havia lá em cima onde hoje é a Tia Bia, que era do Salvador era uma pensãozita dessas reles que há para ai, e nesse tempo chamava-se Entroncamento, só depois é que deram o nome de Abrigo de Montanha ...

E também havia criação de chibos e borregos e muito gado, vinha também para aqui nesse tempo umas dezenas largas de porcos para o montado para serem criados livremente, havia um talho ...”

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

“Havia sapateiros, havia barbeiros ... havia tudo.”

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

Havia uma casa para arranjo de bicicletas e havia o Tio Joaquim da Menta e o Pai da Lídia e Tio da Lídia os que faziam colherões de medronheira que não há quem faça esses colherões hoje em dia.”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

“E os bailinhos existia muitos bailinhos aqui era ali na casa da Tita, antigamente e á do compadre Zé Pedro, onde é hoje a casa da D. Alexandrina, também faziam.”

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

“Neste tempo onde é agora o meu armazém aquilo era uma estalagem, mas fizeram-se ali também vários bailes e teatros vinham os saltimbancos e o cinema também. Fez-se ainda ali muita coisa.”

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

“E havia um senhor que veio dos Guerreiros do Rio viver para aqui que era Guarda Rios, que era o Senhor Martins, José Seguro Martins, e havia a Secção com um Chefe que era importante aqui na terra, era o Senhor Marum, de Loulé. Nasceram os seus filhos aqui, mas hoje em dia vivem em Loulé.”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"Esse senhor, e nesse tempo a Libanita e a regente que dava escola e uma malta porreira que se arranjava ai, eles fizeram uma peça, um teatro, além naquele armazém e esse senhor é que orientou e foi a coisa mais linda que se viu, não é agora esses teatros que se fazem agora aí se comparavam com aquilo."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"O senhor Chefe de Conservação que conheço mais velho foi o Senhor Marum, e a Dona Pintainha, onde tinha um grupo de cantoneiros que vinham buscar os chapéus, a farda, as ordens, e depois iam para os seus respetivos cantões."

"E havia festas de beneficência, houve para o irmão da Fatinha que era deficiente, para o Joaquim do Carmo, houve para o avô da Célia, da Odete lá de cima do café, porque houve um incêndio e morreu-lhe o burro. Foi na central dos telefones que foi a festa e outra foi ali na Cavaquinha. Eram umas grandes festas de beneficência, para os que não tinham."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho



"Esta secção abrangia uma área até ao vascão."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"Dali da curva para cá era daqui, pertencia Salir e aqui o resto do troço da nacional até ao vascão, para lá do marco, pois havia um marco e acho que ainda ali está, pertencia á próxima secção que seria a de São Brás."

"A junta autónoma ainda construiu umas coisas, a secção e ali a casa dos cantoneiros, e também ali o depósito da água, que canalizava a água para aqui para a secção."

"A fonte da catraia antes era um poço, mais acima. O chafariz foi construído pela família Pereira."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"A fonte da catraia antes era um poço, a água era tirada com um balde, e vinha o verão isso era tanta gente a ir buscar água que aquilo era (...)."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"Ainda me lembro o meu avô que semeava batatas no Vale do Podre e oferecia sempre uma saquinha de batatas ás festas."

"Hoje é tudo rico filha, mas antes havia muita pobreza."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"Vinte e três raparigas do meu tempo havia aqui, havia tanta gente, era só bailes. À tarde juntava se tantas pessoas ali no Jardim, as raparigas todas à tarde iam para ali conversar ..."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"Eles deram cabo disto tudo o Jardim era tão bonito agora já não é nada."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"E havia também uma bomba de gasolina móbil ..."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"O sapateiro que havia aqui era dos Ribeirinhos ... era o tio do pai da Maria do Ribeirinho. "

"A minha casa foi feita em 1959 ... "

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"Vinham aqui os alentejanos doentes, que não havia buraco nenhum que não alugassem para vir beber água férrea do Barranco do Velho era como as pessoas irem para Quarteira."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"E vinham aí de Almodôvar e Beja e também vinham de baixo de Olhão vinham todos beber água férrea para se curarem das anemias e outras doenças água do barranco do velho era Santa naquela altura, agora já, já não querem saber disso."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"Havia por exemplo ali o senhor Pereirinha além, trazia muito medronho. Havia muitas caldeiras para destilar medronho Ti Marizinha tinha uma aqui, a Lopes tinha outra, o Pereirinha tinha duas, essas eram certas."

"Neste tempo havia esses grandes canudos de cortiça, essas coisas e começou-se a comprar aquilo ali e todos os dias passavam aí 2 ou 3 camionetas andava aí tudo aí à procura e depois comecei a comprar e pronto ..."



Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

“E vinha um senhor de Martinlongo que vendia alguidares de barro e panelas, vinha sempre todos os anos o Ti Carlos vinha com alguidares e panelas e chocolateiras de barro e trocava por medronhos.”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

Por que altura começaram a desaparecer estes negócios/comércios?

“Começou a desaparecer porque começaram a exigir aquelas licenças aquelas coisas isto e aquilo e aquilo e aquilo até agora não há muitos anos. acabaram com isso tudo agora pois com todas as legislações e assim muitas vendas fecharam na altura mesmo nas grandes superfícies deram cabo deles os comércios com os supermercados.”

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

Quais as famílias e figuras mais importantes no Barranco do Velho?

“ Pois a Família Pereirinha acho que vieram das Corgas Bravas, o senhor enviuvou e tinha muitos filhos, havia empregadas para todos os filhos, havia a empregada só para cuidar nos filhos, havia a cozinheira, havia a mulher que fazia a limpeza, havia tudo, e tinham muito dinheiro, que os bancos já não recebiam ... ”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

“ Não, isso é mais tarde, a Família Pereirinha tinha aqueles filhos todos, e depois o Manuel Pereira Júnior, um dos filhos, tinha a D. Beatriz, a Lilita, a Serafina, ele era das Corgas Bravas, mas depois veio para aqui e esses filhos criaram-se e o que é que acontece, nesse tempo, houve uma que casou em S. Brás, com o Manuel Ventura Frade, esse homem dedicava-se ao negócio da fabricação de conservas lá para Olhão, e fez uma vida boa. O Manuel Pereira Júnior, que no tempo da guerra era o homem mais rico da Península, individual, estava a cuf, estava a saper (...) empresas. Ora individual era o homem mais rico da península, em lisboa tinha terrenos, era ruas inteiras deles, no porto (...)”

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

“ Em Lisboa, uma rua paralela à Avenida de Roma, era só escritórios dele, com aquelas janelinhas pequeninas, parece eu que estou vendo, os vidrinhos assim, tudo tudo era em castanho. Uma rua paralela não sei o nome (...) ”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

“ No Porto, fez lá umas fábricas, umas coisas que tinha empregados aqui de São Brás, era uma coisa tao grande que aquilo não tinha, nem chegava. Eles chegavam a entrar com a camionete lá na fábrica assinar o papel e saiam de lá carregados e iam vender fora, ora trapalhices não sabiam o que fazer ao dinheiro, tinha galeões para a pesca e

negociava com os estrangeiros, bem era uma coisa maluca, pois para ser o homem mais rico da península, e depois pronto foi envelhecendo não é, e depois vai-se perdendo (...) Foi ele que fez a mina do sal de Loulé, muita gente não sabia e eu lembro me num dia que fui a Serpa no negocio da cortiça e dormimos lá para as minas de são domingos e estávamos comendo e vai um senhor e diz assim tão são de onde? Somos de Loulé! Ah então vocês agora estão lá ricos a gente? Sim, vocês têm lá uma grande mina, mina do sal, têm lá sal que dá para anos! Então, mas isso deve ser outro Loulé, não? (...) a gente nunca tinha ouvido falar nunca em nada. Só passado aí uns 4 ou 5 meses é que se começou a ouvir alguns rumores, e porque é que aconteceu? Aconteceu porque a mina de são domingos foi abaixo e eles e os engenheiros que lá estavam e o Sr. Manuel Pereira Júnior conhecia-os, e trouxe os engenheiros a fiscalizar aqui a coisa e esses engenheiros disseram isto que eu estou dizendo, mas a gente cá para fora não se sabia, portanto ele é que foi o iniciador da mina do sal gema."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"Mas, em principio, em 1945, foi inaugurado os Chalés e a Igreja, quem fez o projeto foi um senhor de Lisboa que se chamava Alcubias e o decorador eu não sei o nome, mas sei que havia um decorador muito famoso em Lisboa. Na véspera do ano novo vinham os marujos de Monte Gordo cantar as janeiras, faziam bicha pela escada até chegar cá em baixo, traziam um cesto de cana, porque eles abriam a porta e davam esmola a toda a gente."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

**A família que mais desenvolveu o Barranco do Velho foi a Família Pereirinha, que edifícios construíram?
Viveram cá muito tempo? O que fizeram por esta localidade?**

"Também construíram vários outros edifícios, uma escola, no Santo Isidro, e fizeram a fonte, o chafariz para as pessoas lavarem e para as bestas beberem, fizeram vários caminhos como o do Javali. Tinham uma horta na Budaneira, com um lindo jardim e horta, duas casas ou três. E ele, o Manuel Pereira Júnior, vivia no Serro Alto, usava sempre chapéu e fato com camisa branca e gravata, foi uma pessoa que fez muito pelo Barranco do Velho."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

" E depois durante o inverno trazia aí sempre 20 a 30 homens cavar com uma sachola cavando aí esses matos e essas veredas aí, e limpar aí tudo"

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

" Dava muito dinheiro a ganhar daqui aos Cavalos, e até á Feiteira 95% trabalhou para ele, dava trabalho aqui à serra toda"

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

“ Manuel Ventura Frade continuou no negócio das conservas, comprou umas quintas ali ao pé do Pereiro, em Tavira, comprou aí uma herdade com laranjeiras e depois fez se também velho e agora parece me que já venderam essas coisas. Ele morava em São Brás com a esposa, e tinha o chalé de baixo, pois casou com uma filha do Sr. Manuel Pereira Júnior, a D. Beatriz e eles viviam em Lisboa. O chalé de cima era da irmã Lilita, que casou em São Brás de Alportel, o seu marido (Honrado) fazia seguros lá para Olhão, lá na baixa, e era o dono de uns armazéns e de uma data de propriedades por aí, todos eles têm, nada venderam. ”

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

“Havia o José Viegas Lopes e havia outra que era da ti Maria Zé, mas as principais famílias mais ricas eram a Família Pereirinha e a Família Viegas Lopes. ”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

“O José Viegas era dos Corcitos. ”

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

Relativamente a Estanco Louro: Como era como pessoa? Que atividades e passatempos tinha? Em que épocas é que ele vinha ao Barranco Velho? Relativamente às suas casas, dizem que só vivia na mais pequena e que a de maiores dimensões foi ele próprio que construiu e que nunca chegou a ser habitada por ele, é verdade?

“Ah Maldita! Era a palavra dele na boca.”

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

“Ele era professor do Liceu D. Manuel, em Lisboa, mas antes esteve em Beja, não sei se ele era lá governador civil, olhe não me lembro bem, mas sei que antes, esteve em Beja. E ele era do Alportel, e, entretanto, ali o avô da Marília deu-lhe ordens para ele fazer além aquelas casas, eram muito amigos e ele vinha passar aqui as férias, passar aqui as férias todas. Passava as tardes além na minha casa, e usava uma latinha, era um decilitro, uma latinha era um decilitro. E dizia: “ Ó maldito traz lá aí uma garrafinha! ”. Era assim de estar ali com três ou quatro amigos, não era assim de andar com muita malta. E então bebiam todos e acabavam de beber a latinha e diziam: ó maldito, manda lá vir aí a tua. E faziam ali o serão e às vezes o descanso. Ele era caçador também e ia caçar por aí. E depois semeava uma hortinha ali. Quem o visse ali ninguém dizia que ele era doutor, ou aí pela estrada, trabalhava além em pedreiro, a fazer além as casas e pronto levava essa vida aí. Tinha dois filhos, vinham para aí no Verão.”

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho.

“Mas ele casou em Lisboa, mas ela não gostava de estar aqui.”

"Gostava muito da aguardentinha."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"Ele era muito amigo do teu avô."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"Ele era médico, o filho dele, em Lisboa e ela era professora no Liceu D. Amélia, era a D. Lucília que casou e morava em Évora. Esteve lá em Lisboa, mas morava em Évora."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho.

"O Doutor Louro, dizia que quando morresse para o porem de pé, que não queria que o deitassem."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"Ele vinha sempre nas férias, assim que tivesse férias lá vinha ele aqui para o Barranco do Velho."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"Não falhava um dia, todas as férias."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho.

"Pois ele tinha duas casas, vivia na térrea e a outra foi ele que construiu, tinha armazém, e uns quartos para uns criados."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"Quem ainda teve lá morando, no castelinho, foram os Faíscas."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"O Joaquim Pedro também chegou lá a morar."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"Ele construiu as duas, primeiro construiu aquela bonita que ali está e depois construiu aquela dos dois pisos, porque era preciso, para servir de arrecadação e outras necessidades, coisas que faziam falta."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"Era o Castelinho."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

No meu trabalho vou propor um Centro Interpretativo e Museográfico. Se esta proposta se pudesse realizar acha que seria bom para o desenvolvimento do Barranco do Velho?

"Pois a gente acha bem, o que aqui faz falta é desenvolvimento, pois a gente diz tudo o que vem é de ganho."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

"Bom, pois isto aqui está morto, mas eu estou convencido, não sei se foi ontem ou anteontem que eu tive essa conversa aí num sítio, já não sei com quem foi. Que isto ainda vai ser desenvolvido. E desenvolvido como? Isto é a propósito, ninguém sabe amanhã, onde é as terras dos Pereirinhas, nem as da Marília, nem as do Antoino, nem as do Zé, nem nada ... ninguém sabe. E o que é que vai acontecer aqui? O que vai acontecer aqui é, o estado ou uma empresa ou uma organização qualquer que se forme aí e que aqui pelo Alportel até Santa Catarina, até Vila Real de Santo António e até Messines e passando aqui por Salir, aqui á beira serra isso vai ser tudo vedado e depois para cima, vai até Almodôvar, ali mais para o pé da Dogueno e da Ribeira do Vascão e por aí a fora, este quadro todo, tudo vedado e depois caça grossa aí e depois como temos aí uma riqueza muito muito grande aí que é as praias algarvias, isso é uma coisa linda, é o melhor destino do mundo e as pessoas gostam. E depois essa caça grossa, eu digo isto, porque ali ao pé de Serpa, há ali uns doutores com umas herdades, e médicos que têm clínicas em Lisboa, isto porque quando a gente compra a cortiça e vai lá comer, que oferecem o almoço, tem lá um restaurante grande que é como daqui à minha casa, com estátuas dos veados e perdizes e outros animais e eles vão aquelas caçadas e pagam fortunas, balúrdios de dinheiro para ir a uma caçada daquelas, a esses países, a esses países. E então, conforme aqueles, por o mundo fora há tantas pessoas que não sabem o que hão de fazer ao dinheiro, tanta coisa, e uma beleza destas aqui com caça, dá dinheiro para eles darem aos habitantes para aí uns 3 mil euros por dia dava para dar aos donos dos terrenos e tornar isto aqui uma grande beleza, e é o que vai acontecer aqui, porque temos as condições todas, e as condições são estas, temos as praias lá em baixo, e depois temos aqui a tal caça grossa, é o que vai acontecer aqui, porque as pessoas vão deixar de saber das terras e é o que vai acontecer aqui."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"Se olhar lá as casas do Ameixial, todas têm pedra na fachada, eu também andei à escola lá no Ameixial lembro-me bem como aquilo era antes da estrada. "

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho

"Ali no entroncamento, o antigo abrigo de montanha, era uma casinha com umas escadas. Houve muitas alterações, olhe foi tudo, tudo tudo (...) porque a casa era no meio do largo. Aí é que foi a origem, aí nem haveria correio. Pois e esta atual, também já está muito diferente do que a Junta Autónoma construiu. Eu não vejo nada igual. Pois quando o Sr. Henrique comprou ali o estabelecimento, fez ali umas obras, mas, até mante-o as coisas mais ou menos como as encontrou. Ainda estão ali as duas portas onde era o correio e o telefone."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"Até tinha uma estalagem também porque naquele tempo a transição era tudo com carros de bestas, isso era o que havia, naquele tempo era só carros de besta. Eu lembro-me quando andava à escola no Ameixial, que eles lá no freiro do ameixial, tinham, enchiam aquilo de trigo, e venderam para Loulé, ali para a fábrica de Loulé e foi tudo carregado com carros de bestas. Aquilo andavam uns cem ou cento e tal carros."

Manuel Gonçalves Guerreiro, 90 anos, natural de Barranco do Velho.

"Então e a cortiça também era com carros de besta."

Marília Dias Ramos, 77 anos, natural de Barranco do Velho

"A minha casa foi toda feita com carros, acartavam toda a pedra, foi toda em pedra."

Maria Rodrigues Lopes, 81 anos, natural de Barranco do Velho

À CONVERSA COM MARIA DA CONCEIÇÃO NATURAL DO BARRANCO DO VELHO

Conhece a origem do nome desta terra?

"Pois diz que sim, o meu pai dizia isso assim, que onde tudo começou foi lá no Judeu, foi a origem de tudo. E que as pessoas mais ricas viviam além no Monte de Baixo. Tanto que a gente vinha á Catraia e ao Entroncamento e ao Jardim, íamos aí a esses sítios todos. Lá em baixo é que era o Barranco do Velho."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

Quais as famílias e figuras mais importantes no Barranco do Velho?

"Havia o Senhor Viegas, que era um lavrador, depois o Sr. Pereirinha, velhote, que era pai do Sr. Manuel Pereira Júnior era o dono da mina sal. Havia lá em baixo uma Senhora que era a tia Dona Emengarda e vivia com uma velhota que era Dona Maria José uma senhora alta muito magrinha eram muito boas pessoas essa senhora quer dizer boas pessoas para os gaiatos e outros que iam pedir. Nesse tempo muita gente pedia, elas davam sempre ou pão e outras coisas. O Senhor Féria negociava cortiça e tinha também muito dinheiro e fazia festas no Monte Baixo pelos Santos populares, uns fogos lindos e grandes e punha a televisão na rua para todos verem vinha pessoal a pé para ver a televisão."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho



A estrada já estava alcatroada na sua altura? Era da mesma largura? Já havia eletricidade? As casas já estavam localizadas ao longo da estrada ou surgiram mais tarde? Que tipo de comércio existia?

"Isso já existia a casa da Marília e a lojinha dela que era de uma Senhora que era a Dona Maria José e o Senhor Joaquim do Peres Sancho não tinham filhos e viviam além os dois, nessa altura parece-me que só esses existiam, essa e a secção, parece-me que sim. A estrada não me lembro se estava alcatroada, mas a do Monte de Baixo era um caminho de terra onde a gente passava, mas aqui em cima a estrada era mais estreita sim."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

"Não. Mas não há muitos anos que apareceu aqui eletricidade, mas na minha altura de mocidade não havia. Quando veio a luz houve uma grande festa ali no armazém da Marília foi toda a gente, os que estavam zangados com outros ficaram amigos outra vez e vice-versa, e tenho recordações e fotografias dessa festa, mas já não sei onde é que isso está."

Havia festas quase todos os domingos, e também para pessoas que estavam assim mal, juntavam se e faziam uma festa para essa pessoa e o dinheiro da festa era para essa pessoa. Eram na casa da Tita num grande armazém que ela tinha, também tinha uma venda e vinha o verão alugava as casas porque vinha muita gente por causa do ar puro e da água férrea que fazia bem à anemia e à tosse convulsa e outras doenças."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

"Sim, o senhor Guerreiro tinha uma loja e tenho impressão que também era mercearia, e iam lá para os copos, apanhavam lá com cada bebedeira que era obra. A Ti Maria Ramos também tinha mercearia, vendiam petróleo e tudo, havia alambiques, o Senhor Pereirinha tinha um lá ao pé do Toino Zé, no Mal Julgado e esse Joaquim do Peres Sancho também fazia medronho e tinha alambique eram uns três alambiques aqui na catraia. Havia um talho, sapateiros, o meu marido, o mestre Chico e o meu sogro e o guerreiro também tinha trazido um sapateiro, trabalhava ali numa janelinha ao pé mercearia e vendia sapatos, no total deviam ser uns quatro sapateiros. Havia o posto de gasolina lá em cima e a estalagem e também a escola vinha uma miúda da boiça todos os dias a pé, de resto, eram tudo daqui do Barranco do Velho. O senhor Viegas Lopes criava vacas e vendia e traziam muito porco para criar aí no meio do mato, e depois quando já estavam criados vendiam também."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

Sabe alguma informação ou história sobre o sítio da Cortelha?

"Pois a pensão foi sempre uma pensão, vendiam presuntos e chouriços, mas foi sempre uma pensão. E era uma casa grande e tinha uma loja ao lado pegado, vendiam lá muita coisa, e estava o pai do Sr. Agostinho César que vendia chapéus e essas coisas. É uma casa já muito antiga, antes da estrada ser construída talvez, já existisse, não tenho muita certeza. Tinham o poço no meio da casa e ainda têm lá o poço, era bonito."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

Relativamente a Estanco Louro: Como era como pessoa? Que atividades e passatempos tinha? Em que épocas é que ele vinha ao Barranco do Velho? Relativamente às suas casas, dizem só vivia na mais pequena e que a de maiores dimensões foi ele próprio que construiu e que nunca chegou a ser habitada por ele, é verdade?

"A gente nessa altura debulhávamos o centeio e o trigo com as bestas, púnhamo-nos ali no meio da eira em cima do trigo ou do centeio e as bestas andavam lá a roda da gente e depois esse senhor ia todos os dias lá á eira onde o meu pai estava e sentava se lá um bocadinho a ver-nos trabalhar, com a espingarda ao ombro, pois a seguir ia à caça das rolas e assim pelas leiras dos trigos, era muito engraçado esse senhor. Ele não estava sempre aqui, mas levava aqui muito tempo eu via o aí quase sempre quando era pequena."

"Vivia na de baixo são umas belas casas essas. Quem viveu lá foram os Faíscas e na outra viveu o Joaquim Pedro mais a Fernanda logo quando se juntaram, e a filha deles nasceu além, mas isso tudo foi depois do Doutor Louro falecer. Era um senhor muito amigo de conversar."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

O que me pode falar sobre a Secção de conservação? Conheceu algum Chefe de Secção?

"A Dona Centeno com o marido, o Senhor Martins e a filha, primeiro, e depois outro Chefe foi o senhor Zé, viveram lá muito tempo. Havia cantoneiros nesse tempo, vinham do Vale Maria Dias e dos Cavalos."

Maria da Conceição, 77 anos, natural do Barranco do Velho

No meu trabalho vou propor um Centro Interpretativo e Museográfico. Se esta proposta se pudesse realizar acha que seria bom para o desenvolvimento do Barranco do Velho?

"Eu acho que é muito bom. Acho que era muito importante aqui para o sítio."

À CONVERSA COM VITOR GONÇALVES NATURAL DO BARRANCO DO VELHO

Conhece a origem do nome desta terra?

"Não conheço a origem do nome "Barranco do Velho", mas, à semelhança de muitos outros lugares, e porque o sítio é muito montanhoso, onde há efetivamente muitos barrancos, há a tendência de associar essa característica geográfica a um "velho" que aqui há muitos anos viveu neste "barranco", provavelmente a poente do atual núcleo populacional, num lugar chamado há muito e ainda hoje de "Judeu"."

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

Quais foram as primeiras casas?

"As primeiras casas não surgiram junto à estrada, mas na parte de baixo, oeste da localidade, que se chama de "Monte baixo". Com o surgimento da atual "Nacional nº2", (EN2), o núcleo urbano foi-se estendendo em seu redor, conforme hoje o conhecemos."

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

Se havia muita população?

"Creio que o Barranco do Velho, conheceu a sua maior ascensão demográfica entre os anos 30 a 60. Durante este período era fácil observar um apreciável número de famílias numerosas, com mais de seis ou sete filhos. Essa realidade



veio posterior e gradualmente desvanecer-se com a emigração, inicialmente para a América Latina, depois para França e finalmente a migração para as cidades e litoral.”

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

Os seus pais transmitiram-lhe algumas histórias sobre o Barranco do Velho? (pessoas e acontecimentos importantes, lendas ou outras histórias) A estrada já estava alcatroada? Era da mesma largura? Já havia eletricidade? Já havia turistas? Se as populações vizinhas vinham ao Barranco do Velho fazer negócios? Que meios de transporte utilizavam? As casas já estavam localizadas ao longo da estrada ou surgiram mais tarde? Que tipo de comércio existia (cortiça, medronho, gado ...)

“Sim. Algumas das coisas mais importantes que fazem parte das nossas memórias foram-nos transmitidas pelos nossos pais. Sobre lendas ou histórias, nada tenho para contribuir, mas sobre pessoas, sei que o Barranco do Velho foi dos sítios onde uma parte importante de “abastados” viveu, muito devido aos proventos que retiravam da cortiça, ainda hoje responsável por uma grande parte dos movimentos financeiros da região.

A estrada já existe há muitos e muitos anos e como qualquer infraestrutura tem o seu passado. Já era importante antes de se conhecer o seu alcatroamento e mais importante se tornou depois disso. No tempo dos meus pais e desde que nasci que a nacional nº 2 se encontra alcatroada. Sei que as casas dos cantoneiros foram construídas nos anos trinta e que a estrada já cá estava. Há medida que foi sofrendo trabalhos de manutenção, a estrada foi sendo melhorada, mas a estrutura original, com pontes e pontões ainda hoje se mantém.

A eletricidade surgiu muito depois, por volta dos anos setenta, sendo que anteriormente nas casas apenas era utilizado o candeeiro a petróleo ou o fogão a lenha e nalguns fogos mais abastados, o fogão a gás.

O turismo, nos moldes que o conhecemos hoje não existia, mas havia uma movimentação de pessoas que para cá vinha para a chamada “mudança de águas”, porque se considerava que o “ar e as águas férreas”, eram bons para a saúde. Por outro lado, era vulgar observar que no final do verão, principalmente durante o mês de setembro, acabada a extração de cortiça e as ceifas, os locais se deslocavam até Quarteira, para uma quinzena de praia. Normalmente essas deslocações eram feitas com o auxílio de burros, mulas ou machos que transportavam as pessoas os bens de primeira necessidade.

O Barranco do Velho sempre foi um ponto de referência, uma encruzilhada, um entroncamento. A estrada nacional nº 2 cruza-se ainda hoje aqui, com a atual estrada municipal 124 e ambas permitem o acesso ao barlavento, sotavento, ao norte e ao sul. Efetivamente até há relativamente poucos anos a estrada nacional nº 2 era a única via de acesso ao Algarve. Neste sentido era vulgar ver populações vizinhas por aqui passarem ou aqui se deslocarem, porque aqui surgiram alguns negócios que se tornaram pontos de referência e de abastecimento dessas populações.

Na verdade, o Barranco do Velho, com o surgimento e posterior desenvolvimento e importância que a estrada adquiriu, fez nascer nas suas margens casas de negócio e entretenimento. Lembro-me por exemplo que aqui existiam pelo menos seis destilarias de medronho, três mercearias, um talho, dois salões para bailes, um restaurante e pousada, uma bomba de gasolina, uma igreja, quatro fontes de abastecimento de água para pessoas e animais, um lavadouro público, uma nave de engorda de animais bovinos, entre outras coisas.”

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

E do vosso tempo quais foram os acontecimentos que foram mais importantes para o Barranco do Velho e para as vossas vidas pessoais? (a conservação da estrada era importante? Quais foram as mais-valias da eletricidade? Comércio/negócios porque desapareceram? Quais as tradições que persistem na região?

“O Barranco do Velho é igual a muitos outros sítios do interior do nosso país. É um sítio ótimo para se viver, mas, a falta de emprego, e o envelhecimento da população tem deixado este lugar com poucos habitantes, e quando isso acontece, vão-se os negócios, vão-se as festas.

As estradas sempre foram um fator importante no desenvolvimento das relações socio económicas e a nacional nº 2, não fugiu à regra. Nos últimos anos temos assistido a uma enorme evolução social, técnica e económica, com os benefícios e prejuízos que isso sempre acarreta. No tempo da minha juventude a estrada funcionava de forma equilibrada, perfeitamente integrada na paisagem sem sofrer atropelos ou maus tratos, mas hoje, devido a fatores que lhe são estranhos, conhece uma vertente turística relevante, mas também funciona como meio viário de escoamento de todo o lixo do sotavento algarvio. Se a estrada falasse, provavelmente gostaria de voltar ao passado, onde os maus cheiros dos excrementos dos animais eram perfume ao pé dos lixiviados urbanos.

No meu tempo, o que mais me marcou neste Barranco do Velho, foi o funcionamento deste núcleo populacional como um todo. A sua harmonia entre o seu núcleo urbano e a paisagem envolvente e o compromisso das gentes, numa perspetiva de entreajuda e de alegre vizinhança. O surgimento da estrada e posteriormente da eletricidade, alterou substancialmente algumas posturas ou hábitos, foi responsável pelo surgimento de novos negócios e vivências, mas essa transformação foi lenta e gradual, nunca tendo posto em causa a tal harmonia.

Como atrás referi, a economia da região assenta fundamentalmente na extração da cortiça e na transformação do medronho. Essas duas fontes de rendimento continuam hoje a funcionar como motores de desenvolvimento económico e são de alguma forma responsáveis pelo surgimento de novos restaurantes, alojamentos locais e fixação de alguns jovens que com pequenas explorações de destilação de medronho têm criado as suas próprias marcas.

Algumas associações locais tem feito um esforço para recuperar tradições ancestrais, com o duplo propósito de mostrar aos mais jovens, tanto a sua génese como a necessidade e a responsabilidade de as manter vivas. Estou a falar das comemorações dos Santos Populares, do enterro do entrudo, da matança de porco tradicional, entre outras.”

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

Quais as famílias e figuras mais importantes do Barranco do Velho?

Relativamente às famílias que desenvolveram o sítio do Barranco do Velho: - A família que mais desenvolveu o Barranco do Velho foi a Família Pereirinha, que edifícios construíram? Viveram cá muito tempo? O que fizeram por esta localidade?

Relativamente a Estanco Louro: - Como era como pessoa? Que atividades e passatempos tinha? Em que épocas é que ele vinha ao Barranco do Velho?

Relativamente às suas casas, dizem que só vivia na mais pequena e que a de maiores dimensões foi ele próprio que construiu e que nunca chegou a ser habitada por ele, é verdade?

“Como atrás já referi, uma das características deste sítio situa-se no tipo de gente que cá vivia. Efetivamente, embora houvesse gente e famílias de todos os níveis sociais, predominavam as famílias abastadas. Conheci meia dúzia delas, mas a mais enigmática, foi sem dúvida a família “Pereirinha”.

Tão notável foi o seu contributo para o desenvolvimento do Barranco do Velho que ainda hoje são visíveis as áreas onde lograram contribuir para o bem comum. Deve-se a eles a capela do BV, construída com os melhores materiais e digna de ser visitada. Junto à capela, hoje utilizada pela paróquia da freguesia, erguem-se dois edifícios de nobre construção, visíveis de todo o lado e com uma visão majestosa sobre a serra. Para além destes incontornáveis imóveis, a família foi responsável pela construção de um lavadouro público e pela cedência de uma casa onde funcionou a escola primária, entre outras louváveis intervenções.

Quanto ao escritor Estanco Louro, pouco conheço, embora ainda hoje seja possível observar o sítio onde se diz ter residido. Certamente também ele apaixonado por esta serra, que lhe deve ter servido de inspiração.”

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

De acordo com algumas consultas minhas, no Arquivo Distrital de Faro, li que durante a construção da estrada nacional nº2 existiram várias obras, tais como a demolição do Abrigo de Montanha pertencente a Salvador do Rosário e Ludovina Guerreiro e a sua construção num local mais abaixo do local original.

Existiu mais algum caso deste género no sítio do Barranco do Velho?

“Essas pesquisas são evidências mais que suficientes para provar que assim foi. Desconheço a existência dessas alterações, mas a construção de vias públicas obedece a regras que obrigam a traçados ideais e isso por sua vez pode obrigá-la a expropriações ou negociações com privados que certamente terão que ser indemnizados. Pelo que me tem sido dito, foi isso que aconteceu, e a compensação foi a construção do antigo “Abrigo de Montanha” ainda hoje um ponto de referência, embora com outro nome. ”

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

Qual a importância que este lugar tem para a Serra do Caldeirão e para a Estrada Nacional nº2, devido a ser um ponto de charneira?

“O local onde está instalado este lugar é precisamente no entroncamento de estradas. Se observamos as placas de informação quilométrica e de direção das localidades encontramos com surpresa o nome de Barranco do Velho estampado em muitas delas e perguntamos porquê, considerando que a relevância desta localidade não se sobrepõe a muitas outras que mais importantes, porém não constam! O passado e o local respondem certamente em parte a esta questão tão pertinente. Os locais são sem dúvida importantes pela sua localização estratégica, mas hoje este local, onde funciona um restaurante e um alojamento local de referência tornou-se incontornável, tanto pela gastronomia, como pela relevância que recentemente a EN 2 adquiriu. A gastronomia situa-se na beira da estrada, tanto no Barranco do Velho como na povoação vizinha, a “Cortelha”, onde é irresistível a degustação de cozinha regional de qualidade. A outra relevância deve-se por um lado à classificação que se deu no troço que vai de S. Brás de Alportel a Almodôvar, mais conhecido por “Estrada património”, com a reposição de todos os elementos que originalmente a constituíam, como

sejam os marcos de cem metros e de quilometro, o arranjo de locais de observação ou de descanso, ou das casas de cantoneiros, mas principalmente à paisagem, ao ar fresco e puro, e às suas curvas que convidam ciclistas e motards a se deitarem nelas a toda a hora. Se juntarmos a isso uma boa mão cheia de circuitos pedestres, ou para bicicletas de montanha ou até mesmo a "Via Algarviana" que por aqui passa, já temos motivos mais que suficientes para ter esperança de que com o bom senso dos governantes não iremos deixar perder este potencial que a natureza e o homem construíram."

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

O que poderia voltar a trazer mais desenvolvimento e dinâmica a esta localidade?

"Como é fácil observar, nesta minha entrevista, destaquei o cariz de um passado enérgico, respeitador da natureza e amistoso entre as pessoas. Referi que no presente se encontram reunidas condições de desenvolvimento que passam pela gastronomia, pelo turismo rural, ou de caráter lúdico- desportivo, entre outros.

Enfim, testemunhei a existência de um passado rico em todas as suas vertentes e de um presente com potencial. Parece que o potencial "natural" é o potencial de antes e de agora. A diferença está na desertificação demográfica.

Considerando estas vertentes de potencial desenvolvimento, bastaria criar polos de exploração económica a elas ligadas, que funcionassem como elos de fixação das pessoas.

Para que isso possa acontecer têm que ser alterados por um lado os mecanismos territoriais, muito castradores das edificações urbanas e dos polos industriais, que hoje afastam os jovens empreendedores, e por outro, teriam os órgãos de decisão locais e nacionais de olhar para este potencial com os olhos que ele merece, mas infelizmente, o Algarve continua a ser apenas "praia", para aqueles que têm nas mãos o poder de decidir. Não podemos desistir... vamos ter esperança."

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

No meu trabalho vou propor um Centro Interpretativo e Museográfico. Se esta proposta se pudesse realizar acha que seria bom para o desenvolvimento do Barranco do Velho?

"Isso é acima de tudo uma grande notícia.

Essa ideia, a concretizar-se, poderia ser o embrião daquilo que acabei de dizer. Na verdade, não basta ter os condimentos para fazer um bom prato, é acima de tudo necessário saber fazê-lo e um centro interpretativo que ajude a compreender o meio envolvente acompanhado por um polo, museológico, que dê a conhecer os usos e costumes locais, bem como o artesanato e os trilhos mais emblemáticos poderiam fazer a nacional dois (EN2) muito feliz. Certamente que essa ideia nunca deixará de ser um ponto de referência e poderá envergonhar muitos políticos que até agora não têm mostrado coragem.... leia-se "Competência", para compreender esta serra e esta estrada."

Vitor Francisco Ferro Gonçalves, 63 anos, natural de Barranco do Velho.

À CONVERSA COM O DR. RUI LOPES, FAMILIAR DE ESTANCO LOURO, NATURAL DE LISBOA

Sabendo que seu Avô, foi uma figura de grande relevância e importância, regional e nacional, considera que esse facto tenha influenciado a vida familiar?

“Sim, porque o meu avô quando foi viver para Lisboa, já penso que com a minha avó, alugaram uma casa em Campo de Ourique, na rua Tomás da Anunciação 143 terceiro, e foi aí que ele viveu com a minha avó, depois a minha mãe e o meu tio nasceram também nessa casa até que o meu avô faleceu em 1953. Portanto, eu dele, nessa altura teria quatro ou cinco anos, recordações não tenho com ele, embora já vivesse quando o meu avô faleceu. E depois a minha avó, a minha mãe e o meu tio, ficaram na mesma casa, e nessa casa nasci eu e nasceu a minha irmã, era normal nessa altura fazer os nascimentos em casa. E, portanto, recordações pessoais do meu avô não tenho, simplesmente o que se manteve como recordação pessoal foi a mobília, o escritório onde ele trabalhava lá nessa mesma casa, pronto e o quarto do meu avô, isso ficou claro. E depois em 1971 a minha avó falece, e fiquei a viver na nossa casa com a minha mãe. Depois o meu tio, depois há aí uma altura que não tenho muita recordação, porque depois o meu tio, que era médico, arrendou a sua própria casa, no Restelo, e, portanto, a partir daí eu passei a ficar no quarto que era do meu tio, o meu tio António, e a minha irmã depois não sei lá onde ficou. Portanto esta é recordação que eu tenho do meu avô, em termos mais pessoais e de sítios onde ele esteve e que estive também, são estas que eu tenho.”

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

Uma vez que não teve um grande relacionamento com o seu avô e de poder criar memórias com ele, penso que a sua família lhe tenha contado algumas histórias relativas á sua pessoa e conquistas, tanto pessoais como profissionais. Pode partilhar comigo algumas?

“Isso é, vamos lá ver, é riquíssimo, mas será possível de resumir. Portanto que eu me lembro, há coisas que me foram ditas, portanto, pela minha mãe e até pelo meu tio. Para já a nossa casa, na rua Tomás da Anunciação era um terceiro andar e tinha vista para a Serra de Monsanto, e tinha uma varanda, uma varanda mais ou menos da dimensão desta sala, ou um pouco mais estreita, para aí com dois metros de comprimento. E então ali via-se muito bem a Serra de Monsanto, o que ao meu avô lhe fazia muito lembrar a ruralidade de Barranco do velho e Alportel. Depois os livros do meu avô, sempre foram muito estimados e guardados e cultivados pela minha mãe e pelo meu tio, e isso era toda a história do meu avô, enquanto profissional porque ele tinha filologia românica e era advogado, e todo esse passado dele, nomeadamente nas relações que ele tinha com a cultura e lisboeta nacional. Porque ele conhecia grande parte das pessoas da Filologia e da Linguística, dessa altura, porque era fácil, quer dizer, estamos nos anos 40, portanto as pessoas que estavam ligadas à cultura a este nível eram relativamente poucas, e a maior parte dessas poucas estavam em Lisboa. Portanto eram pessoas que se conheciam, nomeadamente o Professor Leite Vasconcelos, ora, portanto o meu avô era amigo do Professor Leite Vasconcelos, e é esse tipo de recordações que eu tenho, que sobretudo foram contadas pela minha mãe. E as vezes que o meu avô ia passar as férias, no fundo, ao Barranco do Velho e Alportel e as viagens, que era uma camioneta, em que era dura, dura, dura a viagem de Lisboa até ao Algarve. E a maneira como o meu avô amava a terra onde tinha nascido e de como gostava muito daquela gente, e o meu avô tinha uma grande

família, o meu avô tinha oito irmãos, e ele foi o único que se licenciou, mas era a família dele, portanto eram irmãos e havia toda aquela áurea familiar muito extensa, que ele claro gostava muito de lá estar com os irmãos e depois sobrinhos, pois eles tiveram dezenas de sobrinhos e de netos. Havia um dos irmãos que até faleceu há pouco tempo que era o Ernesto, que na fisionomia, parecia um pouco o António Coelho, como dizia a minha mãe. O Ernesto era negociador de cortiça, o Ernesto Louro."

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

O seu Avô, interessava-se muito pela toponímia dos sítios, as suas histórias e as suas gentes, foi por esse motivo que escolheu o Barranco do Velho para construir a sua casa de férias? Ou já conhecia o sítio? Tinha alguns amigos ou familiares na aldeia?

"Claro que tudo isso não passam de suposições, de coisas legítimas e lógicas, mas de certeza que alguma razão o levou a ter, a construir, não sei se foi ele que construiu, aquela casa no Barranco do Velho em detrimento, de uma casa mais longe de Alportel, portanto foi esse fator de proximidade, de conhecer as pessoas e estar no meio, no coração da naturalidade que era a dele. Ele, já conhecia o Barranco do Velho, ele ia a pé de Alportel, conhecia bem a zona circundante à sua aldeia natal, são uns 8 quilómetros. O meu avô aproveitava muito os conhecimentos da vivência dos sítios onde os trabalhadores, ou pequenos proprietários enfim, onde todos se juntavam, que era nas tabernas, portanto ali mulheres nada, havia total separação sexual, as mulheres estavam em casa a trabalhar, a fazer a comida e as lidas da casa, criar os filhos e os homens reuniam-se nas tabernas para os copos para a conversa, em qualquer taberna isso acontecia. Pois a taberna é um sítio muito rico para se saberem estes dados todos, em termos geográficos, antropológicos, linguísticos, botânicos, físicos, químicos, tudo."

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

O Barranco do Velho era um sítio muito importante para o seu avô, sei por habitantes locais que sempre que tinha férias ou algum tempo livre, era para o Barranco do Velho que ele ia. A família também ia? Gostavam de lá estar?

"Tanto quanto eu me lembro, quem ia mais era a minha avó, agora a minha mãe e o meu tio, eu penso que iam bastante menos, porquê? Porque imagine o meu tio e a minha mãe têm uma diferença de idades de três a quatro anos, quando eles tinham os seus 13 e 14 anos já não curtiam muito Barranco do Velho, já tinham outro tipo de interesses. Embora os desejos, a maneira de viver o dia-a-dia, todos esses gostos, hoje em dia, são totalmente diferentes, e, portanto, hoje em dia um rapaz ou uma rapariga de 14 anos em completamente diferente dos gostos que tinham naquela altura, há 70 anos. Portanto a minha mãe e o meu tio tinham uma vida familiar e tradicional e ancestral e iam com os pais. Como os pais, o meu avô, era uma pessoa digamos, de prestígio, estavam ali bem, simplesmente a partir de uma determinada idade começaram a ter outros desejos e passaram a ir menos. Mas, no entanto, a minha avó, eu penso que ia praticamente sempre com ele."

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

Sei que o terreno, onde estão as casas (ruínas) em que outrora viveu o seu avô, era de um habitante do Barranco do Velho, e que lhe ofereceu o terreno na altura, para ele construir uma casa de férias. Lembra-se de alguma coisa que explique esta relação próxima?

“Oh Ana, eu acho que esta resposta é facilíma, porque vamos lá ver para isto acontecer é preciso haver uma grande amizade e apreço, do dono da terra pelo meu avô. E esse tipo de propriedades, de terrenos, tinham um valor diferente, porque hoje não valem nada. Portanto ali, era no fundo, uma sensação de amizade e reconhecimento e depois no tal contacto verbal. Amizade antiga, hoje em dia há outros tipos de amizade.

E o meu avô tinha alguns terrenos rústicos, propriedades rurais de mínimas dimensões, aquilo era os vinte por trinta, os quinze por dez. Nessa altura valiam as promessas, os contratos verbais, como por exemplo: Eu dou esta caneta à Ana e depois daqui a dez anos, como é que se sabe que a Ana tem a caneta? E que não é do Rui? Quer dizer, onde é que está isso escrito? Onde está a prova de que a caneta é sua? Pois é, nessa altura era por boca.”

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

O que me pode contar sobre aquelas duas casas? Qual era a que o seu avô habitava?

“Na casa branca e térrea, porque a segunda era a dos “Castelinhos”. Era uma casa pequena, a cozinha, uma sala de estar, um quarto e mais nada, e uma pequena varanda, uma casa simples. Era o mais básico e ruralista possível da altura.”

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

E a outra para que servia? Porque tem características arquitetónicas semelhantes a um castelo?

“E, “Os Castelinhos” fez o meu avô na esperança de o meu tio, o Teca, e a minha mãe irem para lá brincar, brincar com os castelinhos, na fortaleza e pronto por isso é que tem aquelas ameias, e ficou a Casa dos Castelinhos. As salas eram muito pequeninas, ao contrário do que são hoje. Portanto havia uma divisão da superfície da casa, em salas, mas numa superfície de 100 m², ali poriam nessa altura umas cinco ou seis divisões, e agora metem-se uma e meia, duas no máximo. Portanto a divisão do espaço era muito diferente, e havia por exemplo, mais tarde até nos anos 50, havia uma sala, que era a sala da costura, onde estava uma criada costureira e onde estava toda a aparelhagem para se coser ou remendar, hoje em dia, isso já não faz sentido, mas nessa altura havia.”

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

Sabendo, que na altura, era muito pequeno tem alguma memória de estar naquele terreno ou nas casas?

“De lá ter ido sim, de lá estar não, que eu saiba num dormi uma vez que seja naquela casa. De lá ter estado sim, mas fui um bocado depois com a minha mãe e o Teca. Porque nós vivíamos em Lisboa, e, portanto, fui lá ver, porque era a casa do meu avô e ver o bom estado em que aquilo estava. Isso foi algumas vezes, embora de Lisboa até lá são quase 300 e tal quilómetros. Mas fui sim, neste sentido de ir lá, algumas vezes, muitas dessas vezes fui com o meu tio, tenho uma fotografia do meu tio lá, nessa casa, e com a minha mãe. Era um bocado a recordação dos pais deles e para mim dos meus avós.”

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

Derivado às minha entrevistas anteriores, soube que o seu avô tinha muitos passatempos enquanto permanecia no Barranco do Velho, tais como ir à caça, cultivar, etc. Os seus vizinhos até diziam que quem o visse na estrada a passar, ninguém dizia que ele era doutor. Que mais passatempos tem conhecimento de que o seu avô gostava?

“Justamente, justamente, o meu avô era caçador, gostava muito de ir á caça, também era uma coisa de convívio, porque ele lá em Lisboa não podia ir á caça. E já agora Ana, vou contar um pormenor que eu acho giro: Eu no Liceu, na Pedro Nunes, tinha um professor que era o Silva Gomes, que era professor de português, e o Silva Gomes era caçador e conhecia o meu avô, para professores de Liceu naquela altura eram poucos, muito poucos no País e em Lisboa, e então das mesmas disciplinas ainda eram menos, logicamente. E o Silva Gomes conhecia o meu avô, pronto eu era aluno de português do Silva Gomes e uma vez ele explicou numa aula, que o passado do verbo “cortar” podia ser “cortado” e ele perguntou se alguém se lembrava de outro termo, sem ser “cortado”, e eu por ter ouvido em casa, disse “corto”, e o Silva Gomes ficou um bocado escandalizado, e disse que estava errado. E eu comecei a pensar, isto é uma coisa local, é uma linguagem local, do Alentejo e algarve, e este gajo que é professor de português podia ter perguntado de onde é que vinha este termo, mas não. No fundo eu estava certo, porque “corto” também é um termo correto, e ele descompôs. E era conhecido do meu avô, porque eram caçadores os dois.

Passear, muito passeio, muito passeio, e lá em Campo de Ourique havia um Jardim principal, em frente à nossa rua Tomás da Anunciação, e ele ia muito para esse jardim, com o meu tio e a minha mãe. Era o sítio, da história que contei com o Leite Vasconcelos, que se cruzavam bastante naquele sítio, e houve um dia que o meu avô o apresentou ao meu tio e à minha mãe: Olhem este é o Professor Leite Vasconcelos, que é um génio! E a minha mãe, coitadinha, muito inocente, perguntou: O que é um génio?

E era isto, o meu avô tinha aqueles sítios normais onde ia, como a barbearia, boutique, farmácia, tabernas em Lisboa, pelo menos ali no Campo de Ourique havia poucas, muito poucas, e pronto o meu avô certamente ia a algumas. Uma coisa que acho interessante, é que o meu avô ia a uma barbearia era o “Sr. Manacês” e quem ia lá também cortar o cabelo era o Fernando Pessoa. Fernando Pessoa que viveu na Rua Coelho da Rocha, por coincidência ao lado da casa

da minha mãe, onde ela morava quando faleceu, coladas. E interessante que frequentavam a mesma barbearia o meu avô e o Fernando Pessoa, não sei se alguma vez se encontraram lá se não, mas era o sítio também onde as pessoas falavam era tabernas, barbearias, boutiques e jardins, pronto eram os sítios de convívio.”

“O gosto que o meu avô tinha de andar a pé e em conhecer pessoas desligadas da família ou ligadas, mas que soubessem dos costumes e das tradições dos sítios, e isto foi muito importante para a realização do Livro de Alportel, os costumes e os conhecimentos, a cultura dos habitantes Barranco do Velho, em termos de botânica, das ervas, das chuvas, do clima, da geologia, do vocabulário, das águas férreas.”

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

O meu interesse por estas ruínas, é meramente académico, no entanto, a minha proposta centra-se em restaurar essas duas ruínas, incluindo um abrigo para caminhantes e ciclistas e também um centro intermodal para os mesmos. Estas duas casas têm ligação, através de um percurso arquitetónico, a uma outra ruína, que será o Centro Interpretativo e Museográfico do Barranco do Velho. Se esta proposta se pudesse realizar acha que seria bom para o desenvolvimento do Barranco do Velho e para perpetuar a memória do seu avô?

“Se é boa para o desenvolvimento do Barranco do Velho não sei, penso que seja e para perpetuar a memória do meu avô acho que sim, cem por cento, como é normal, não é? É o meu avô.

Mas acho muito bonito, muito bonito o trabalho que está a fazer, principalmente porque abrange várias temáticas todas de grande importância.”

Rui Manuel Estanco Junqueira Lopes, Neto do Dr. Manuel Estanco Louro, Professor Catedrático do Departamento de Economia da Universidade de Évora, natural de Lisboa

À CONVERSA COM MANUEL CAVACO NATURAL DE CORTELHA

Sabe a origem do nome desta terra? Quais foram as primeiras casas? Havia muita população?

"Pois eu não sei, a origem aqui da Cortelha, mas havia aqui muita gente e ainda há (...) Eu lembro-me da estrada, sim na minha altura já estava alcatroada, não tinha era a mesma largura. Passavam e paravam aqui muitos camiões, ali na Casa dos Presuntos, que hoje em dia é um restaurante, mas que antes, vendiam presuntos, pois faziam a criação de porcos e era um sítio de paragem para os camionistas."

Manuel Catarina Cavaco, 91 anos, natural da Cortelha

Os seus pais e familiares transmitiram-lhe algumas histórias sobre a Cortelha? A estrada já estava alcatroada? Era da mesma largura? Já havia eletricidade? Já havia turistas? Se as populações vizinhas vinham à Cortelha fazer negócios? Que meios de transporte utilizavam? As casas já estavam localizadas ao longo da estrada ou surgiram mais tarde? Que tipo de comércio existia?

" Ah para aí uns 45 anos é que a luz aqui apareceu, foi uma coisa muito boa que aqui apareceu, pois antes era só candeeiros a petróleo."

" Não existia nada, só ali uma mercearia da Garcinha, ficava além em frente onde mora o Chico Costa, também não existia bomba, a bomba era lá no Barranco do Velho. Mas já havia escola, no meu tempo era, na parte de cima, onde hoje é o restaurante da casa dos presuntos, fazíamos aqui até à 3ª classe e a depois tínhamos que ir para o Ameixial fazer a 4ª classe, só muitos anos depois é que construíram a escola primária."

Manuel Catarina Cavaco, 91 anos, natural da Cortelha



CONVERSA COM MANUEL JOAQUIM CAVACO E ADÉRITO CAVACO NATURAIS DE CORTELHA

Sabe a origem do nome desta terra? Quais foram as primeiras casas? Havia muita população?

"Era chamada a "Cortelha do Pau", como havia aí muitas cortelhas esta chamava-se Cortelha do Pau. Lembro-me bem, de agente brincar de roda da placa, e não era só Cortelha, era Cortelha do Pau."

Manuel Joaquim Cavaco, 86 anos, natural de Cortelha

"A Cortelha cresceu à base de pequenos montes de dois ou três moradores, ou de uma casa só. As pessoas que vinham do Pêro d'Elvas, da Cova e da Cabeça da Vaca. A Ti Ilda e o José Cardoso, lembro-me que eram da Cabeça da Vaca. E do sítio da Cova era o meu bisavô."

Adérito Cavaco, natural de Cortelha

"Está lá a casa ainda na Cova, a ruína, era uma propriedade muito grande, esta aqui na Cortelha onde a gente está, era abrangido por essa propriedade da Cova. Era do meu bisavô e do meu avô, era dessa gente dos Cavacos. Também vieram de Salir, para aqui."

Manuel Joaquim Cavaco, 86 anos, natural de Cortelha



Os seus pais e familiares transmitiram-lhe algumas histórias sobre a Cortelha? A estrada já estava alcatroada? Era da mesma largura? Já havia eletricidade? Já havia turistas? Se as populações vizinhas vinham à Cortelha fazer negócios? Que meios de transporte utilizavam? As casas já estavam localizadas ao longo da estrada ou surgiram mais tarde? Que tipo de comércio existia?

"Lembro-me que quando a estrada foi alcatroada e alargada já era nacional Nº 2, e foi algum tempo a Estrada Nacional Nº 19. Eu comecei a andar á escola ali em baixo, era quando eles andavam cavando aí, devia ter uns 7 anos de idade, por volta de 1941."

" Sabes outro pormenor sobre a Nacional Nº2 e está entre Almodôvar e São Brás de Alportel? Há 2 quilómetros que não existem, tu ao entrares no Algarve quando vens de Almodôvar, mais propriamente no Vale da rosa, pois a estrada foi desviada.

Havia alguns negócios, mas a Casa dos Presuntos era o negócio que mais se destacava. Mas havia outras vendas uma delas era um negócio de farinha da avó do meu pai. Tinha também uma taberna, havia petróleo e o meu avô vendia farinha, portanto as pessoas levavam trigo e trocava-se por farinha, e o meu avô ia se abastecer ao Ameixial ou mandava os filhos em carros de besta buscar 750 quilos de farinha todos os dias."

Adérito Cavaco, natural de Cortelha



O medronho existia a destilaria ali do Ti Joaquim e também a do Ti Angelino era ai que fazíamos as tibornas. O negócio da cortiça, isso é mais recente aqui na aldeia, isso antes as fábricas de São Brás vinham diretamente comprar a cortiça na árvore."

Manuel Joaquim Cavaco, 86 anos, natural de Cortelha

Lembra-se de alguns acontecimentos importantes passados aqui na Cortelha?

" Houve uma altura na década de 60/70, vinham aqui para a Cortelha pessoas doentes para se tratarem com água férrea da Serra do Caldeirão, alugavam aqui muitas casas."

Adérito Cavaco, natural de Cortelha

E Famílias mais ricas ou importantes que se destacaram na aldeia?

" Os pais da Doutora Valentina de Sousa é que eram a família mais rica aqui na Cortelha, era um homenzinho que era o tio dela que era o Ti Brás que era dono da maior terra aqui. Tinham muita agricultura, eles sempre cinco e seis bestas de pessoal para ceifar para ele."

Manuel Joaquim Cavaco, 86 anos, natural de Cortelha

À CONVERSA COM SERAFINA E RAQUEL NATURAIS DE VALE MARIA DIAS

Sabe a origem do nome desta terra? Quais foram as primeiras casas? Havia muita população? A Casa dos Cantoneiros apareceu depois ou antes da existência deste sítio?

" Isto aqui também não era habitado, era pouca casa, depois é que foram aparecendo aqui uma pessoas. Na minha maneira de ver eu não acho que isto se tenha modificado muito, só modificou porque era um montinho com muito poucos habitantes e agora tão mais, veio as queijadeiras alem outro que também agora está lá no lar (...)."

" Pois olha, eu já quando o Bispo veio aqui, primeiro ano que o bispo veio ca, e o Bispo perguntou-me assim: Então oiça lá morava aqui alguma Maria Dias? Olhe, pois podia morar, mas eu não sei, até podia ser. Era hipótese de haver aqui uma Maria Dias, pois o bispo até achou estranho ter posta este nome a Vale Maria Dias."

" Ainda havia muito menos, agora há mais uns quantos. Essa Casa de Cantoneiros já é muito antiga, já cá estava antes destas casas, quando a minha sogra veio para aqui já ela existia. Eu conheci sempre a estrada dessa largura que ta aí, tinha muito movimento, mas agora já tem pouco por causa dessa que apareceu lá do outro lado."

Serafina Cavaco Guerreiro, 80 anos, habitante em Vale Maria Dias.

Os seus pais/familiares transmitiram-lhe algumas histórias sobre o Vale Maria Dias? (pessoas e acontecimentos importantes, lendas ou outras histórias) A estrada já estava alcatroada? Era da mesma largura? Já havia eletricidade? Já havia turistas? Se as populações vizinhas vinham à Cortelha fazer negócios? Que meios de transporte utilizavam? As casas já estavam localizadas ao longo da estrada ou surgiram mais tarde? Que tipo de comércio existia (cortiça, medronho, gado ...)



" Oh à uma remessa de anos que a eletricidade aqui apareceu, mas quando a gente veio do Covão para aqui ainda não havia. Para aí há uns 45 anos (...)"

E no vosso tempo quais foram os acontecimentos que foram mais importantes para o Vale Maria Dias/ Cortelha e para as vossas vidas pessoais? (a conservação da estrada era importante? Quais foram as mais-valias da eletricidade? Comércio/negócios haviam? E porque desapareceram? Quais as tradições que persistem na região?

" Havia uma Vendinha sim, a Elvira tinha uma casa vendia alem de tudo um pouco, uma mercearia. Ela ainda teve muitos anos ali com o comercio, mas depois quando começou a ter uma certa idade deixou, pois também não tinha mais ninguém, pois nunca mais houve nada."

Serafina Cavaco Guerreiro, 80 anos, habitante em Vale Maria Dias.

Quais as famílias e figuras mais importantes em Vale Maria Dias?

" Aqui também não houve ninguém importante, o que é que havia aí! A gente ia a Loulé e S. Brás, e a Salir. Tanta vez que íamos a Salir buscar as compras, tanta vez que íamos de besta até Salir."

Raquel Martins Santos, 82 anos, habitante em Vale Maria Dias.



“ Ali noutro tempo havia o mercado e ainda fui muitas vezes e todos os meses havia o mercado, o Ameixial sempre foi um sítio mais desenvolvido que o Vale maria dias e o Vale da Rosa.”

Serafina Cavaco Guerreiro, 80 anos, habitante em Vale Maria Dias.

Sobre as localidades, onde a estrada passa, como Alportel, Bicas da Serra, Barranco do Velho, Cortelha, Vale da Rosa, Cavalos, Besteiros, Ameixial, Dogueno, Morgadinho e Almodôvar, conhece alguma história ou informação antiga?

“ E o Barranco do Velho também foi um sítio muito desenvolvido, no meu tempo que eu era nova era muito desenvolvido havia muitos lavradores que chamavam muita gente para trabalhar e muitos bailes era todas as semanas chamava muita gente. Era um monte com muita mocidade e muita família, hoje em dia está mais morto que à Cortelha.”

Serafina Cavaco Guerreiro, 80 anos, habitante em Vale Maria Dias.

“ Tinha muita gente sempre aquele café, do António da Feiteira, agora está fechado também, só ali a Pensão do Nuno, pois.”

Raquel Martins Santos, 82 anos, habitante em Vale Maria Dias.

À CONVERSA COM HENRIQUE E VITALINA NATURAIS DE VALE MARIA DIAS

O que foi para si ser motorista? Que significado teve para si, zelar pelas estradas e pela floresta que a envolve? Foi Motorista desde que idade? Foi a sua única profissão?

“ Foi para aí em 1925 ou 1926, eu comecei mais cedo, mas na altura era menor, mas toda a minha família passou pela profissão, foi o meu avô, foi os filhos, foram todos. Os meus irmãos eramos todos motoristas, o meu pai era maquinista, trabalhava com máquinas e nós eu e os meus três irmãos trabalhávamos com os carros, aqueles volvos grandes. E as minhas funções era carregar os materiais para as Secções de Conservação levar também material com por exemplo brita, até à brigada de cantoneiros que estive a trabalhar, eles pediam e nós levávamos, e levava-se alcatrão e tudo. Cheguei a trabalhar neste troço e também nos outros, chegamos a trabalhar no Algarve inteiro até Aljezur.”

Henrique Mendonça, 80 anos, natural de Vale Maria Dias

Consegue me explicar melhor qual era a hierarquia dos cargos que havia? E qual era função de cada um? Sabe-se que cada cantoneiro era responsável por um cantão para tratar e executar todas as tarefas dadas pelo Cabo de Cantoneiro. Qual era a extensão desse cantão? E que tarefas executava?

“ Quando havia os cantões, era preciso sete cantoneiros para cada cantão e havia um cabo que supervisionava o trabalho de cada cantão. E uma casa dos cantoneiros estava sempre localizada entre dois cantões. Estes cantões deviam ter para aí 5 quilómetros cada um”.

Henrique Mendonça, 80 anos, natural de Vale Maria Dias

Aqui nas casas dos cantoneiros viviam dois cantoneiros e as suas respetivas famílias, que mais cargos existiam acima do cantoneiro?

“ Era o cabo do Cantoneiro, mas aqui nas Bicas da Serra, viveu de um lado da Casa dos Cantoneiros, um Cantoneiro e do outro um Cabo de Cantoneiro. O Sr. Júlio lembro-me dele bem, nasceram as filhas aqui na Casa, foi o cantoneiro que mais gostei foi ele, era muito dado, mas eram todos boas pessoas, todos eles. E depois havia os Chefes de conservação que eram aqueles que ordenavam os trabalhos a serem feitos. O cabo de cantoneiros ia á Secção de Conservação todas as manhãs para receber ordens do Chefe. E ainda havia os fiscais, nós os motoristas, os maquinistas e os engenheiros da zona, porque cada zona tinha o seu engenheiro”.

“ Esta estrada nacional, isto vem de Chaves a Faro, pois começa logo a contar desde Chaves até Faro os marcos, onde há os quilómetros e os hectómetros, os hectómetros são os pequeninos e os quilómetros são aqueles grandes que marca aqueles dizeres que lá tem”.

Henrique Mendonça, 80 anos, natural de Vale Maria Dias

Chegou a conhecer algum cantoneiro?

" Sim, pois, eu conheci muitos, conheci o Manuel da Palma que era muito meu amigo, os de Loulé o Alberto e olhe já eu me esqueci dos nomes deles, trabalhei com tantos, mas houve uns que tinha mais amizade".

Henrique Mendonça, 80 anos, natural de Vale Maria Dias

Qual era, normalmente, o horário de trabalho habitual do cantoneiro? Tinha algum dia específico de folga para poder descansar ou estava sempre ao serviço?

" Era das 8h as 17h e ao sábado era até às 12h30 e depois as folgas era o resto do dia do sábado e era o domingo e só se houvesse algum feriado religioso e também alguns dias que o Estado dava de tolerância".

Henrique Mendonça, 80 anos, natural de Vale Maria Dias

Sendo as casas dos cantoneiros bastante isoladas naquelas alturas, como é que as famílias se deslocavam para poder chegar á povoação mais próxima, para obter bens de 1º necessidade?

" Normalmente pegavam na carrinha do Estado e deslocavam-se quando tinham essa necessidade, pois a Casa dos Cantoneiros, era uma casa que estava equipada com tudo o que uma família precisaria, tinha pocilgo para criar porcos, tinha galinheiro para criar galinhas, tinha forno a lenha para fazer pão e até tinha espaço de cultivo para a família poder cultivar as leguminosas que precisava".



Vitalina Martins, 76 anos, natural de Vale Maria Dias

Que objetos/ identificações/ vestimenta eram obrigatórios usar durante o trabalho do cantoneiro?

“ Sim os cantoneiros tinham uma farda e respetiva identificação tal como nós motoristas tínhamos, era fardas diferentes para se poder distinguir os diferentes cargos exercidos”.

Henrique Mendonça, 80 anos, natural de Vale Maria Dias

Aqui nas Bicas da Serra, sabem quando é que estas casas aqui surgiram? Quando foi construída aqui a Casa dos Cantoneiros, já existiam outras casas? Ou surgiram depois?

“ Eu penso que surgiram depois da casa dos Cantoneiros, ou seja, depois de 1937. Havia muito pouca gente aqui, havia aqui ao lado uma taberna antiga, já há tantos anos. Eu parei aí tanta vez para comer uma sandes de presunto, quando a gente ia para Lisboa. Era o Sr. Joaquim que tinha taberna”.

Henrique Mendonça, 80 anos, natural de Vale Maria Dias

FOTOGRAFIAS DA MAQUETA

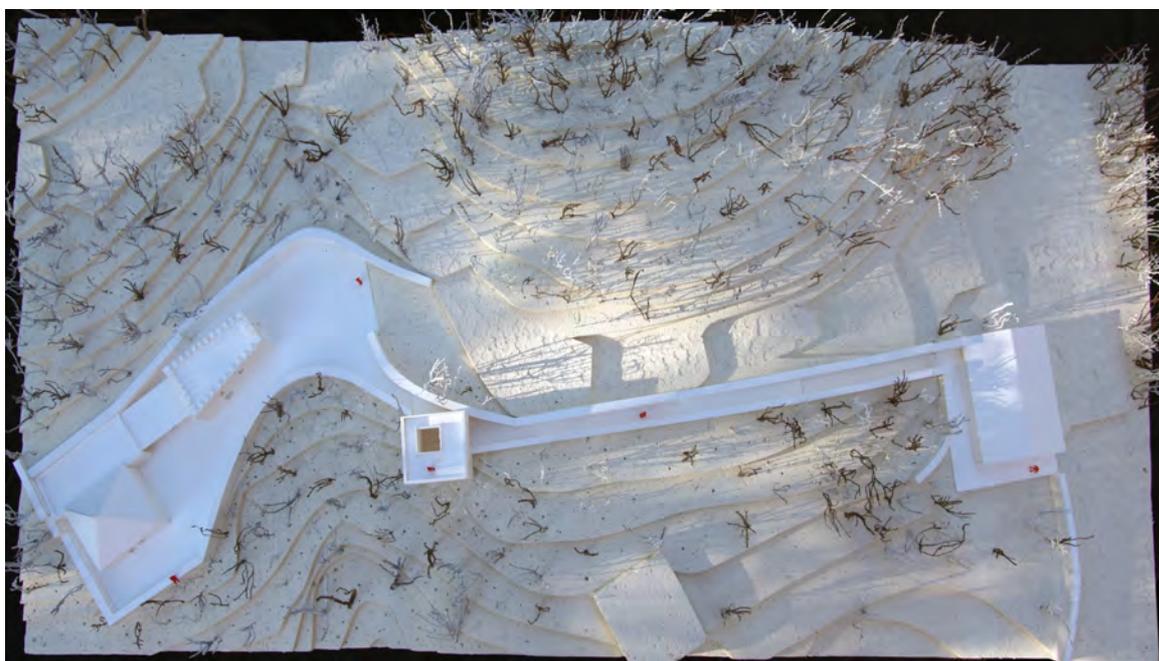


Figura 183 Maqueta vista de cima, executada pela autora

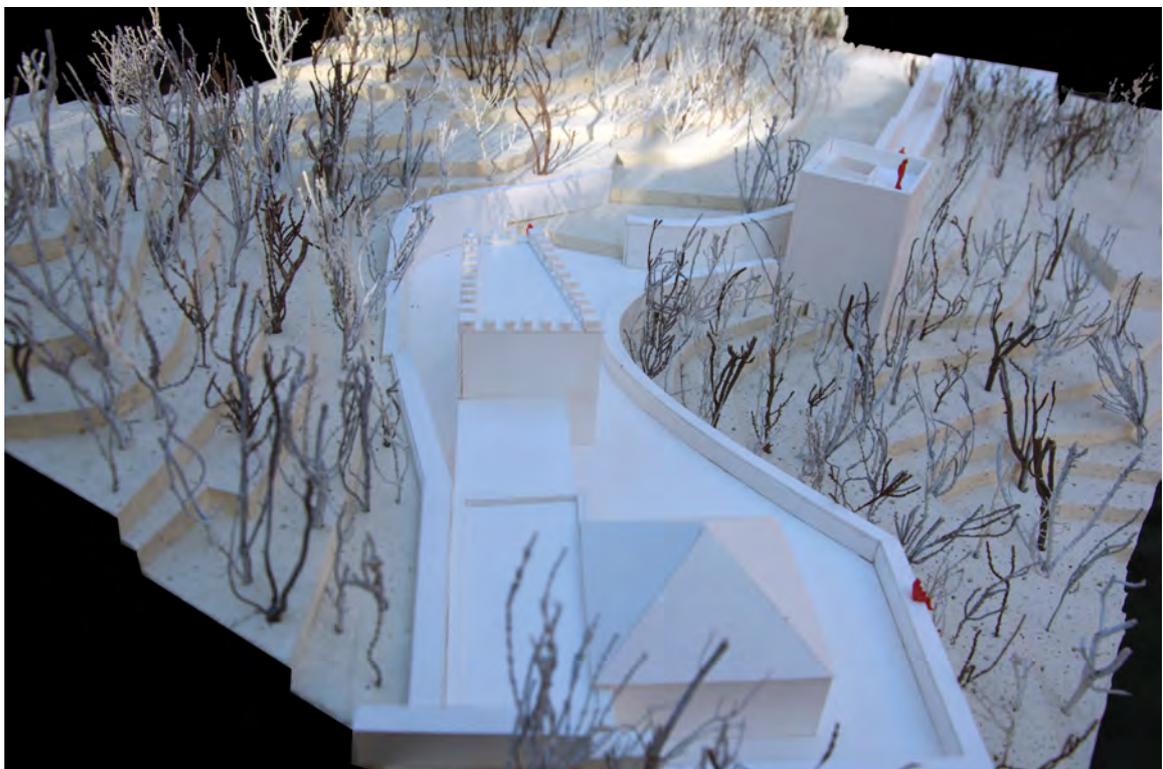


Figura 184 Vista em perspectiva da Maqueta, executada pela autora



Figura 185 Edifícios Abrigo, vistos de cima, executado pela autora



Figura 186 Vista em perspectiva da maquete, Edifícios Abrigo e Torre Panorâmica, executado pela autora



Figura 187 Vista em perspectiva dos Edifícios do Abrigo, executado pela autora

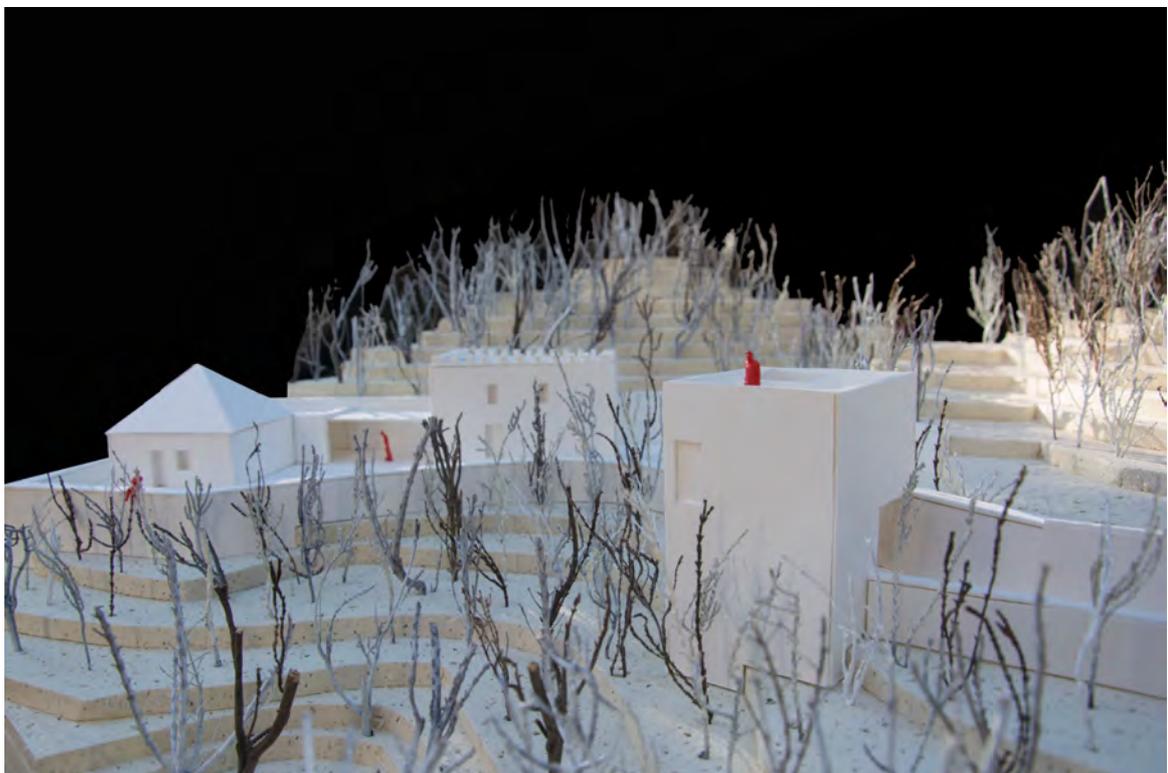


Figura 188 Vista em perspectiva da Maqueta, Edifícios Abrigo e Torre Panorâmica, executado pela autora

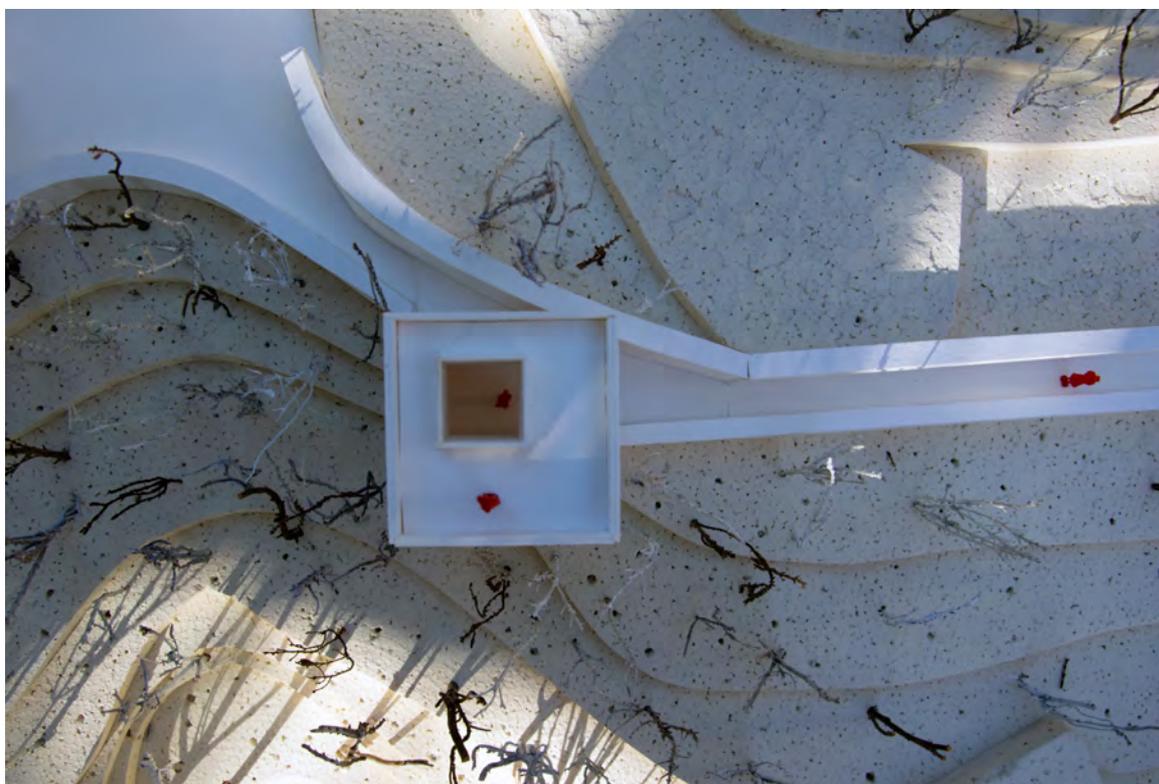


Figura 189 Vista de cima Torre Panorâmica, executado pela autora



Figura 190 Percurso arquitetônico até à Torre Panorâmica, executado pela autora



Figura 191 Percurso arquitetónico até à Torre Panorâmica, executado pela autora



Figura 192 Vista em perspectiva, Edifícios Abrigo e Torre Panorâmica, executado pela autora

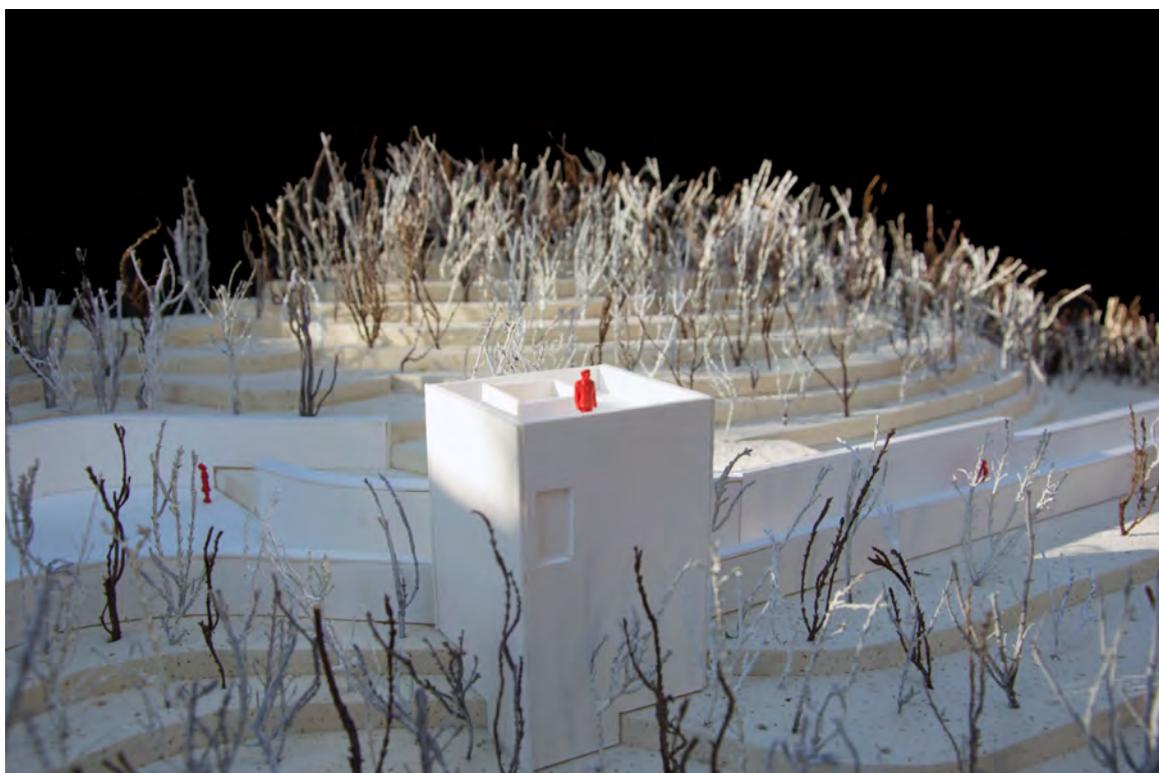


Figura 193 Torre Panorâmica, executado pela autora



Figura 194 Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora



Figura 195 Vista de cima, Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora



Figura 196 Vista em perspectiva, Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora



Figura 197 Vista em perspectiva, Centro Interpretativo e Museográfico e em segundo plano o restante conjunto arquitetônico, executado pela autora



Figura 198 Centro Interpretativo e Museográfico, executado pela autora



Figura 199 Vista em perspectiva, Conjunto arquitetônico, executado pela autora



Figura 200 Conjunto Arquitetônico, executado pela autora

